

Colecção *Via Spiritus* – II Série: Espiritualidade e Corte

- 1 • José Adriano de Freitas Carvalho
– *Poesia e Hagiografia*
- 2 • Diogo Bernardes
– *Várias Rimas ao Bom Jesus*
Edição, introdução e notas de
Maria Lucília Gonçalves Pires
- 3 • *Pais e nobres I – Cartas de instrução
para educação de jovens nobres (Sécs.
XVI-XVIII)*.
Compilação, leitura e edição de José
Adriano de Freitas Carvalho
- José Adriano de Freitas Carvalho
*Pais e nobres II – A Descendência
portuguesa de um texto célebre: A
instrucción de Juan da vega a seu
filho Hernando de Vega (1548)*

Em Preparação

- 4 • Fray Hernando de Talavera, O.S.H.
Avisación a la condesa de Benavente
- 5 • Joana de Vasconcelos e Meneses
*Correspondência para seu marido
(1642-1644)*
- 6 • Francisco López, *Versos devotos em
loor de la Virgem (1573)*



PAIS E NOBRES I CARTAS DE INSTRUÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS NOBRES José Adriano de Freitas Carvalho

PAIS E NOBRES I CARTAS DE INSTRUÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS NOBRES (Séculos XVI-XVIII)

Compilação, leitura e edição de
José Adriano
de Freitas Carvalho

Centro Inter-Universitário
de História da Espiritualidade

A série de publicações agora programada resulta da investigação desenvolvida pelo Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto (CIUHE) no âmbito dos Projectos Espiritualidade e Corte e Poesia e Bíblia, que, núcleos inaugurais de uma pesquisa inovadora, originaram ainda diferentes colóquios, seminários e ensaios publicados em ou em torno da revista *Via Spiritus*.

Inéditas na sua larga maioria, as «cartas de instrução», de acordo com o testemunho de alguém que também as escreveu, relevam de um dever que todo o «bom pai», rei ou nobre – e na falta deste, a mãe ou um parente chegado –, se sentiu na obrigação de cumprir ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII em Portugal – e em Espanha – quando o seu filho herdeiro – mas não só – partia para o serviço real na corte ou nas armas. Tal tradição pôde contar, como modelo, com a *Instrucción* que Juan de Vega, vice-rei de Sicília, deu, em 1548, a seu filho quando o enviou a servir na corte de Carlos V. Editando o texto de algumas escritas por nobres portugueses, tenta-se estudar essas cartas enquanto documentos reveladores, desde o interior do grupo social que os produziu, de uma prática indissociável da ética e estética nobiliárquicas desses tempos. Em apêndice publicam-se as «instruções» que um rei e duas rainhas de Portugal deram a suas filhas nas vésperas de casar.

Colecção Via Spiritus – II Série

PAIS E NOBRES

I

CARTAS DE INSTRUÇÃO PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS NOBRES (SÉCULOS XVI-XVIII)

Compilação, leitura e edição de
José Adriano
de Freitas Carvalho



Centro Inter-Universitário
de História da Espiritualidade

Título

Pais e Nobres

I

Cartas de instrução para educação de jovens nobres

(Sécs. XVI-XVIII)

Volume I

Compilação, leitura e edição

José Adriano de Freitas Carvalho

Edição

Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade

Faculdade de Letras da Univ. do Porto

Via Panorâmica, s/nº

4150-564 Porto

ciuhe@esoterica.pt

Ano: 2009

Execução gráfica

Gráfica Maiadouro

ISBN: 978-972-99670-4-7

Dep. Legal: 293393/09

Edição apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

*Ao Francisco Xavier – e à Luísa,
evidentemente –*

do Pai

TÁBUA DE MATÉRIAS

Siglas 13

Breve lista de cartas de instrução para jovens nobres em Portugal (séculos XVI-XVIII) 15

Códices com a *Instrucción* de Juan de Vega com o comentário e adições de D. Juan de Silva, Conde de Portalegre, existentes em algumas bibliotecas portuguesas..... 17

Instruções, Advertências, Lembranças, Avisos, Conselhos e Documentos de autores portugueses 21

Instruções, advertências, avisos, conselhos, documentos, cartas 33

Juan de Vega – Juan de Silva, Conde de Portalegre 39

Autores Portugueses..... 83

I – Gaspar Gil Severim..... 83

II – Martim de Castro do Rio 87

III – Manuel Severim de Faria..... 93

IV – D. Fernando Coutinho 99

V – D. Francisco Rolim de Moura 113

VI – João de Almeida Soares 145

VII – D. António Álvares da Cunha..... 163

VIII – Miguel da Silva Pereira	173
IX – Caetano de Sousa Pacheco.....	181
X – D. Francisco de Portugal, Marquês de Valença	195
XI – D. Francisco de Portugal e Castro, Marquês de Valença	217
XII – Anónimo – Oficial de Marinha.....	241
XIII – D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho.....	253

Apêndice

Cartas de instrução para três princesas portuguesas nas vésperas de casar	259
I – Manuel I, Rei de Portugal.....	261
II – Catarina de Áustria.....	267
III – Maria Francisca Isabel de Sabóia.....	271

*No ay armas a prova de tiempo, ni cosa a satisfacción
de todos.*

*D. Francisco Rolim de Moura,
«Comento» às «Instruções»
de Juan de Vega*

Agradecendo

Qualquer que venha a ser o seu juízo sobre estas páginas – em que os erros são apenas meus –, não posso deixar de comovida e sinceramente agradecer a tantos colegas e amigos que, ao longo de alguns anos, me ajudaram.

A Alberto Silva, Ana I. Martínez, Ana Paula Q. Sotomayor, Fernando Ávila, Jacobo Sáenz Hermida, João Carlos Serafim, José I. de Sousa e Brito, José Luís Peset, Maria Eugenia Trías, Maria de Lurdes C. Fernandes, Comendador Nuno Canavez, Pablo Andrés, Pedro Cardim a diligência, só comparável à sua boa vontade e amizade, com que, vezes sem conta, me socorreram com empréstimos, mil informações, pesquisas e pressas. E paciência.

Seria contudo, injusto que não sublinhasse a minha gratidão para com meus alguns: António Castillo, que, com nobre ânimo, me ofereceu o primeiro ensejo de expor e discutir algumas linhas da investigação..., Jorge Osório, *vir bonus dicendi peritus*, a sua atenção de toda uma vida..., Luís Fardilha que tantas vezes (talvez até *ad nauseam suam*) me ouviu e forneceu saber e saberes..., Marco Paulo de O. Marques com a sua incansável boa vontade e insuperável perícia «netiana»..., Maria Lucília Pires cuja amizade de sempre e generosidade por pouco não a transformavam – e espero me perdoe – em minha legada *a latere* na Biblioteca Nacional... e a levaram a prontificar-se a ler-me e a

corrigir-me com suma indulgência..., Nieves Baranda que, mestra com provas dadas na matéria, aceitou ser benevolentíssima leitora do rascunho inicial deste ensaio..., Pedro Cátedra com a sua sempre pronta atenção para me ouvir e, com ciência e sapiência, ensinar, convidar e regalar com finezas de luxo e de bom gosto..., Victor Infantes que, sobre o seu muito saber, ainda quis mostrar, com precioso manuscrito, como háo-de enlaçar-se a amizade e magnificiência..., e Zulmira C. dos Santos que, além do saber conversar e discutir, aplaudiu, desde a primeira hora, a integração deste trabalho no âmbito do Projecto «Espiritualidade e corte em Portugal» que coordena, e fidalgamente apoiou.

E ainda a Ana Costa e Isabel de Castro, futuras doutoras nestes saberes, o apoio na correcção das provas tipográficas e na elaboração dos índices.

Siglas

ADB. – Arquivo Distrital de Braga, Braga

AHP. – *Arquivo Histórico Português*

AM-DS. – Andréa Mansuy-Dinis Silva, *Portrait d'un homme d'État: D. Rodrigo de Sousa Coutinho, comte de Linhares, 1755-1812 – I– Les années de formation, 1755-1796*, Lisbonne - Paris, 2002

ANNTT. – Arquivo Nacional – Torre do Tombo (Lisboa)

BA. – Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa

BL. – British Library

BGUC. – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra

BM. – Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, Lisboa, 1731 (-1759)

BNL. – Biblioteca de Portugal, Lisboa

BNM. – Biblioteca de España, Madrid

BPE. – Biblioteca Pública de Évora, Évora

BPMP. – Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto

CC. – *Ex libris* Casa do Côto, Sobrado de Paiva

FB. – Fernando Bouza, *Imagen y propaganda. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II*, Madrid, 1998

Inocência. – Inocência Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, Lisboa, 1859 (-1972)

JS, *Ameal* – José dos Santos, *Catálogo da notável e preciosa*

livraria que foi do illustre bibliófilo conimbricense Conde do Ameal, Porto, 1924

PB. – Gabriel Pérez del Barrio Ángulo, *Secretario y consejero de señores y ministros*, Madrid, Francisco García Arroyo, Imprenta del Rey, 1645

PSM. – Pedro de Santa Maria, *Tratado da boa criação e policia christam em que os pajs devem criar seus filhos*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1634

RB. – Real Biblioteca, Madrid

< Antes de.

**BREVE LISTA DE CARTAS DE
INSTRUÇÃO PARA JOVENS
NOBRES EM PORTUGAL
(SÉCULOS XVI-XVIII)**

Códices com a *Instrucción* de Juan de Vega com o comentário e adições de D. Juan de Silva, Conde de Portalegre, existentes em algumas bibliotecas portuguesas

1

Instrucção que o Conde de Portalegre Dom João da Silva deu a seu filho Dom Diogo que depois foy neste Reyno mordomo-mor quando vindo para Portugal o deixou no corte de Castella. Adindo a Instrucção que Joam da Veiga deu a seu filho quando o mandou a Seçília e a Flandes na occazião que Phelippe 2º de Castella foy a Itália a visitar o seu pay, o Emperador, e aquelles Estados

BNL., Cód. 1551, fl. 105r-114r.

2

Instrucción de Juan de Vega a su hijo con las addiciones del conde de Portalegre, dexando todo a su hijo Don Diego, quando se auzentó de la Corte de Madrid para Portugal

BNL., Cód. 6206, fl. 106r-117v.

3

Instrucção que D. Joam da Silva conde de Portalegre partindose de Madrid pera este Reyno por mandado de elRey D. Phelippe 2º deixou a seu filho D. Diogo da Silva que nella ficava. São alguns destes concelhos de Joam da Vega que deu

a hum seu filho. Vão pello mesmo Conde aqui comentados e outros por elle acrescentados

BNL., Cód. 2632, fl. 310v-321r.

4

Documentos, y advertencias de Joan de Veja, embajador de Roma, presidente de Castilla, virrey de Navarra, y Siçilia, del consejo destado, a su hijo, enviándole la corte: comentados por el conde de Portalegre, D. Juan de Silva

BA., Cód. 49-II-64, fl. 1r-50r

5

Instrução que D. João da Silva Conde de Portalegre partindosse de Madrid para este Reino mandado de ellRey D. Phelippe 2º deixou a seu filho D. Diogo da Silva que nella ficava são alguns destes conselhos de João da Vega que deo a hum seo filho. Vão pello mesmo Conde aqui comentados, e outros por elle acrescentados.

BA., Cód. 50-V-27, fl. 110v-121v.

6

Instrucción que Don Juan de Silva Conde de Portalegre, partiéndose da Corte para este Reyno mandado delRey Phelipe segundo, dexó a su hijo Don Diego de Silva que en ella quedava, algunos destes consejos son de Juan de Vega, que los dio a un hijo suyo, van por el mismo Conde aqui comentados y otros por él añadidos.

BA., Cód. 51-VI-39, fl- 192r-221r.

7

Instrução que deixou o Conde de Portalegre Dom João da Silva a seu filho Dom Diogo que agora he conde quando veio para Portugal.

BA., Cód. 51-VI-2. fl. 63r-71v.

8

Instrução que D. João da Silva Conde de Portalegre partindosse de Madrid para este Reyno, mandado de el Rey

D. Phelippe 2º deixou a seu filho D. Diogo da Silva que nella ficava. São alguns destes concelhos de João da Vega que deo a hum seu filho. Vão pello mesmo Conde aqui comentados, e outros por elle acrezentados.

BA., Cód. 51-II-25, nº 41, fl. 125r-137v.

9

Instrução, que D. João da Sylva, Conde de Portalegre, partindo de Madrid para este Reino por mandado de ElRei D. Felipe 2º, deixou a seu filho D. Diogo da Sylva que nelle ficava. São alguns destes conselhos de João de Vega, que deu a hum seu filho, vão pello mesmo Conde aqui comentados, e outros por elle acressentados.

BA., Cód. 51-II-34, nº 46, fl. 215r-228v.

10

Instrucción de lo que debe saver y como ade obrar el que quisiere ser perfecto cortesano del conde de Portalegre a su hijo con otra instrucción que Juan de Bega dió también a su hijo quando le embió a la corte del Emperador

BA., 54-X-6 (25), fl 37r-44r = 1r-8r moderna

11

Instrucción de Don Juan de Sylva Conde de Portalegre, quando embió a Don Diego su hijo a la Corte. Añadiendo otra que Juan de Vega dió a Hernando de Vega su hijo embiándole a Flandes

BGUC., Ms. 324, fl. 71-83.

12

Instrução que deu João de Veiga a seu filho quando o mandou a Flandes comentada por Dom João da Silva Conde de Portalegre quando a deu a seu filho deixandoo na corte e acressentada por elle

BPE., Cód. CVI/1-21, 1ª série, fl. 1r-6v.

Incompleto

13

Instrucción que don Joan da Silva Conde de Portalegre quando vino a este Reino embiado por el Rey Philippe

*2º deixo a su hijo don Diego de Silva que en la corte quedava.
Son algunas reglas della de Joan de Vega que dio a un hijo
suio con otras del mismo conde annadidas*

BPE., Cód. CVII/2-21, fl. 33r-40r.

14

*Los documentos preçeptos ynstrucción y avisos que Juan de
Bega presidente de Castilla dio a Hernando de Bega su hijo
comentados por don Juan de Silba Conde de Portalegre birrey
de Portugal añadiendo otros que dio a don Diego de Silba su
hijo ynviándole a la corte del Rey Phelipe segundo*

CC., s.fl.

Incompleto

**Instruções, Advertências, Lembranças, Avisos,
Conselhos e Documentos de autores
portugueses**

1

1598

Gaspar Gil Severim

a) *Instrução que Gaspar Gil Severim mandou a seu filho Francisco de Faria embarcandose no anno de 98 na armada das Ilhas*

BM., II, 354;

BNL., Cód. 6368, fl. 33v-35r;

b) *Carta do mesmo para o Sr. Francisco de Faria seu filho*

BNL., Cód. 4291, fl. 17v-19v e 10r.

2

1606

Martim de Castro do Rio

a) *Carta de instrução de Martim de Castro do Rio a seus filhos a primeira vêz que se embarcarão anno de 606*

BNL., Cód. 13307, fl. 72r-73v;

b) *Instrução que Martin de Castro dos Rios deu a dous filhos a primeira vês que se embarcarão na armada*

BM., III, 434.

BNL., Cód. 1551, fl. 249v-250r;

c) *Instrução de hum grande cortezão português dada a dous filhos seus, na primeira armada em que se embarcarão*

PSM., 208r-209r.

d) *Conselhos ou instrução de Martin de Castro dos Rios, a dous filhos seus, na primeira armada em que se embarcarão*

ANTT, Ms. 844, fl. 443r-448r.

3

1623

Manuel Severim de Faria

Advertências a D. Francisco Manuel meu sobrinho indo para a Índia a 3 de Março de 1623

BM., III, 373.

BNL., Cód. 917, fl. 93r-95v.

4

1624

Fernando Coutinho

a) *Lembranças que o Marichal Dom Fernando Coutinho deu por escrito a seus filhos Dom Álvaro e Dom Francisco partindo elles para a jornada da Baya*

BNL., Cód. 1551, fl. 250v-252r;

b) *Advertenzias que el Mariscal Don Fernando Coutiño dio por escrito a su hixo D. Álvaro, partiendo él y su hermano Don Francisco en el año de 1624 de su casa para embarcarse en la Armada que iba en socorro de la Bahía de todos los Santos (Reigada, 26 de septiembre de 1624)*

BNM., Ms. 9087, fl. 151r-156r.

5

1628

Francisco Rolim de Moura,

a) *Comentários de Juan de Vega explicados por...*, Lisboa,
Pedro Craesbeeck, 1628

BM., II, 245;

b) *Instrucciones e reglas de Juan de Vega con el comento
de Dom Francisco Rolim, Sr. de las villas de Azambuja,
Montalgil e Marmelar*

BA., Cor. 1742, 51-II-42, fl. 57r-70v;

c) *Documentos que Juan de Vega deo a hum filho seu
indo servir o Imperador, os quaes comentou D. Francisco
Rolim de Moura*

BGUC., Ms. 342, fl. 176r-199v;

d) *Documentos que Joam de Vega deu a hum seu filho
indo servir ao Imperador*

BGUC., Ms. 507, fl. 101r-104v;

Incompleto

e) *Aforismos a seu filho D. Manuel Childe Rolim de
Moura*

BM., II, 245.

6

< 1664

João de Almeida Soares

*Advertências, e documentos políticos que deu hum tio a
seu sobrinho*

BM., II, 582;

BNL., Cód. 1678, fl. 53r-83r.

7

< 1674

Álvaro Pires de Castro

Instrucção a seu filho natural Fr. Martinho de Castro, religioso de S. Jerónimo

BM., IV, 13.

8

< 1681

António Álvares da Cunha

Instrucção dada por D. António Álvares da Cunha a seu filho D. Lourenço, quando este passou aos Estados da Índia

BGUC., Ms. 496, fl. 131r-142v.

9

< 1693?

Miguel da Silva Pereira

Conselhos que o Desembargador Miguel da Silva Pereira deu a seu sobrinho indo novato para Coimbra

BGUC, Ms. 214, fl. 139r-149v

10

1735

Francisco de Portugal

Instrucção que deu a seu filho o Excellentíssimo Conde de Vimioso quando foy à campanha do Alentejo no anno de 1735

BM., II, 235

11

1735

Caetano de Sousa Pacheco [D. Caetano de Gouveia, C.R.]

Instrucção que hum antigo official deu a seu filho quando o mandou assentar praça no presente anno de 1735

Lisboa, Officina de António Correa de Lemos, 1735

BM., I, 556

BNL., Res. 2939 // 3P.

12

1741

José Miguel João de Portugal

Instrução que o Conde de Vimioso, Dom Joseph Miguel João de Portugal dá a seu filho D. Francisco Joseph Miguel, fundada nas acções moraes, politicas e militares dos condes de Vimioso, seus ascendentes

Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1741

BM., II, 879

BNL, HG 6276 V; SA 2201P; SA 2205P;

BPMP., Z-6-48.

CC.

13

1744

José Miguel João de Portugal

Instrução que o Conde de Vimioso, Dom Joseph Miguel João de Portugal dá a seu filho segundo D. Manuel Joseph de Portugal fundada nas acções christans, moraes e politicas dos Ecclesiásticos que teve a sua família

Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1744

BM., II, 879

JS, *Ameal*, nº 1829.

BNL., SA 1339P

BPMP., Z-6-48

14

1745

Francisco de Portugal

Instrução que o Marquez de Valença, D. Francisco de Portugal dá a seu filho primogénito, D. Joseph de Portugal, Conde de Vimioso

Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1745

Inocência, III, 29; IX, 358

BNL, SA 2206P; HF 22135P

CC.

15

1745

Francisco Portugal

Instrução que o Marquez de Valença, D. Francisco de Portugal dá a seu filho segundo D. Miguel Lúcio de Portugal e Castro, Cónego da Santa Igreja de Lisboa

Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1745

BM., IV, 141

Inocência, III, 29; IX, 358

CC.

16

1746

Francisco de Portugal

Instrução que o Marquez de Valença dá a seu filho primogénito D. Joseph Miguel Joam de Portugal, Conde de Vimioso

Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, 1746

Inocência, III, 29; IX, 358.

JS, *Ameal*, nº 1829

BNL., SA 2213P; SA 950P.

17

1746

Francisco de Portugal

Instrução que o Marquez de Valença dá a seu filho segundo D. Miguel Lúcio de Portugal e Castro, Cónego da Santa Igreja de Lisboa

Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, 1746

Inocência, III, 29; IX, 358

BNL., 2212P; SA 950P

CC.

18

< 1747

Jacinto da Silva de Miranda

*Documentos para se praticar o uso dos cinco sentidos para
instrução de seu filho*

BM., IV, 160.

19

< 1748

Nuno da Cunha da Costa

Advertências políticas para instrução de seus filhos

BM., III, 504.

20

1761

Anónimo – Oficial de Marinha

*Instruçam particular que hum official do mar dá a seu
filho para melhor se conduzir a bordo de huma nao de Guerra,
em que se embarca por soldado. Lisboa anno de 1761*

ADB, Ms. nº 10º, fl. 42-58.

21

1777

Francisco Inocência de Sousa Coutinho

*Carta a [seu filho] D. Rodrigo de Sousa Coutinho [indo
para a corte], Madrid, 20.3.1777*

AM-DS, 322-323.

APÊNDICE

Siglas

AHP. – *Arquivo Histórico Portuguez*

CB. – Aníbal Fernandes Thomas, *Cartas bibliographicas* (2º Série), Coimbra, 1877

JSH. – Jacobo Sáenz Hermida, *Recibimiento que se hizo en Salamanca a la princesa doña Maria de Portugal, viniendo a casarse con el Príncipe don Felipe II. Coligido por el maestro Vargas, de expreso mandato del Príncipe nuestro Señor*, Salamanca, 2001.

PAC. – *Relações de Pêro Alcáçova Carneiro, Conde da Idanha, do tempo em que ele e seu pai, António Carneiro serviram de secretários (1515 a 1568)*, Revistas e anotadas por Ernesto Campos de Andrada, Lisboa, 1937.

1

1521

Manuel I

Instruções de D. Manuel, rei de Portugal, a sua filha D. Beatriz, duquesa de Saboya

CB., 15-23.

2

Catarina de Áustria

Lembranças que a Rainha, nossa Senhora, deu à Princesa, sua filha, escritas de sua mão, quando se partiu para Castela

PAC., 305-308.

BL., Additional Mss., nº 20805, fl. 167r-172r

AHP., I, 131-137; 177-181

JSH, 104-108.

3

1682

Maria Francisca Isabel de Sabóia

a) *Conseils de la Reine à l'Infante*

BNL., Cód. 9860, nº 6 (s.p.).

Incompleto

b) Documentos ou conselhos dados pela Rainha de Portugal, D. Maria Francisca Izabel de Sabóia, a sua filha, a Infanta D. Izabel, quando estava para casar com o Duque de Sabóia, seu primo

BGUC., Ms. 502, fl. 5r-11r.

c) Documentos da Rainha D. Maria Francisca Izabel de Sabóia, que deu a Infante D. Izabel sua filha quando houve de casálla com o Duque de Sabóia seu primo

BGUC., Ms. 504, fl. 162r-1655r.

**INSTRUÇÕES, ADVERTÊNCIAS,
AVISOS, CONSELHOS,
DOCUMENTOS, CARTAS**

Os textos que se editam

1 – A *Instrucción* de Juan de Vega, segundo o manuscrito *Ex libris* Casa do Côto [CC] que contém o seu texto acompanhado dos comentários de D. Juan de Silva, conde de Portalegre;

2 – A referida *Instrucción*, igualmente acompanhada dos mesmos comentários, seguida dos «documentos» ou «advertências» que o conde de Portalegre lhe juntou, conforme o ms. 324 da BGUC. Apesar da repetição parcial dos textos, pensamos assim oferecer a possibilidade de ler integralmente tanto a única cópia que conhecemos do que poderá ser a lição mais próxima do original da *Instrucción* de Juan de Vega, como o texto completo de D. Juan de Silva. Tal, por sua vez, permitirá ao leitor controlar variantes e citações dos mesmos quer dos autores que ao longo de dois séculos a eles recorreram, quer as do nosso ensaio;

3 – As duas versões da «instrução» de D. Fernando Coutinho – *Lembranças* (texto em português) ou *Advertencias* (texto em espanhol) –, pois, além da língua, o texto espanhol apresenta informações complementares de relevo ausentes do português;

4 – Todos os outros textos conhecidos de *Instruções* de autores portugueses, oferecendo, quando há mais do que uma lição, a que consideramos ser preferível, acompanhada, em nota, das respectivas variantes;

5 – Em apêndice, como havemos de justificar, a *Instrução* de Manuel I, as *Lembranças* de Catarina de Áustria e os *Documentos* de Maria Francisca Isabel de Sabóia a suas filhas por altura dos respectivos casamentos.

Critérios de edição

– Desenvolvemos todas as abreviaturas, incluindo o sinal de nasalidade [-], excepto em casos como hũa/ũa, algũa, etc.;

– Quer em português quer em castelhano, mantivemos todas as alternâncias gráficas: cuenta/quenta; ha /a; advertiendo/advirtiendo, devéis/devéys, sejaes/sejais, semelhante/semexante, dejar/dexar, veces/beçes, voso/vosso, así/assí/así, nam/não, etc.;

– Trancrevemos o [i] e o [u] intervocálicos por [j] e [v], respectivamente;

– Eliminámos o [rr] e o [ss] iniciais em casos como rrei, Rroma, sseus, sse, etc. quer em textos portugueses quer em castelhanos;

– Acentuámos no texto, mas não nas variantes anotadas, segundo a norma moderna;

– Procurámos regularizar, com a coerência possível, o uso de maiúsculas e minúsculas de acordo com a norma actual em casos como Missa/missa, dios/Dios, Rey/rey, Estrangeiros/estrangeiros, etc.;

– Assinalámos com (?) as faltas de texto cuja leitura não foi possível;

– Quando julgado absolutamente necessário, pontuámos de acordo com as normas actuais, optando pelo ponto final [.] em lugar de ponto e vírgula [;], usual, ainda que não sistematicamente, nos manuscritos, e suprimindo alguma das abundantes vírgulas [,] de manuscritos e impressos.

– Salvo em algum caso devidamente assinalado em nota, não registámos palavras ou frases riscadas.

– Na transcrição dos textos impressos, corrigimos, sem aviso, os raros erros de impressão e nos manuscritos alguma falta de letra – em um plural, por exemplo – e algum despiste de numeração de capítulos;

JUAN DE VEGA

JUAN DE SILVA, CONDE DE PORTALEGRE

Los documentos preceptos y instrucciones y avisos que Juan de Bega presidente de Castilla dio a Hernando de Bega su hijo comentados por don Juan de Silba, conde de Portalegre, birrey de Portugal añadiendo otros que dio a don Diego de Silba su hijo yuviándolo a la corte del Rey Felipe segundo.

[CC]

Queriendo advertiros de las cosas con que principalmente havéis de tener cuenta en la corte para proceder como hombre de bien, apartándoos de todas las que pueden impedir esto, me a parecido el mejor medio ordenaros que leáis consideradamente la instrucción ynfraescrita que Juan de Bega dio a Hernando de Bega su hijo mayor, yuviándolo de Sicilia a servir al Emperador en Flandes, el año de quarenta y nueve, quando el rey nuestro señor siendo príncipe, fue de España a visitar a su padre, y aquellos Estados. Y porque sepáis que esta doctrina es de buen maestro, advertid que Juan de Bega fue un cavallero que por el brio y valor que tuvo se hizo lugar en Castilla entre los hombres de mayor estado siendo hijo de otro muy savio cavallero del Consejo del rey Don Fernando, y del Emperador, todavia pasó muy adelante en cargos, porque fue Birrey de Navarra, y Embaxador de Roma, y Capitán General y Birrey de Sicilia, y Presidente del Consejo Real, y con este officio acabó la vida antes de ser muy viejo, haviendo caminado por todos estos grados sucesivamente, sin haver sido privado del rey, ni de su padre, que es lo que más havéis de estimar, y desear que os acontezca, porque como la gracia y familiaridad de los príncipes pende de sola su boluntad, no ay derecho a pretenderla por merecimientos puros, o se alcança a casso, o por caminos torcidos.

También advertid que Juan de Bega no pretendió hazer de su hijo un perfecto cortesano, ni dar las reglas para ello, como el Conde Baltasar Castellón; su intento fue avisarle de los estropieços más comunes que se ofrecen en la corte, para que un cavallero de generosos pensamientos consiga

el fin que pretendiere que es pretender de haçerse estimar del príncipe a quien sirve, y los señores y cavalleros con quien concurre y de los demás, que suele ser lo que menos ymporta.

Con estos presupuestos y lo que se notará al fin de cada capítulo, entenderéis bastantemente la instrucción de Juan de Bega; y aunque la doctrina que contiene sea un poco anticipada para buestra edad, espero en Dios que madrugaráis a entenderla, y a ponerla por obra que es lo que haze al casso¹.

Instrucción de Juan de Vega para su hijo

1

Lo primero que se os encarga es guardar muy bien esta instrucción y entenderla, leyéndola muchas vezes para ver lo que haçéis de lo contenido en ella, o en lo que faltáis, para procurar cumplirlo.

El Conde

Assí se hande leer los buenos consejos, conformándolos cada uno con sus acciones, si los lee para balerse dellos.

2

Havéis de tener costumbre de oír missa cada día, y vien oýda, y confessaros tres veçes en el año y de reçar algunas buenas oraciones, y visitar las casas de religión que huviere por las partes donde fuéredes, tratando vien a los religiosos,

¹ Na lição, muito divergente, desta carta-introdutória, no ms. que pertenceu ao conde de Gondomar (RB., ms. II- 2807, fl. 163r-178v), suprimindo *que es lo que haze al caso*, acrescenta-se: *Lo uno y lo outro os facilitarán las anotaciones que lleva al fin de cada capítulo. En Madrid, a 20 de octubre de 1592*; e no ms. *Ex libris* Escrigas Galán (Madrid), de origem portuguesa, publicada por Fernando Bouza, oferece-se a mesma lição, ainda que com falta do ano, falta que o seu editor dá entre [].

y ayudándolos con lo que se pudiere. Esto se ha de haçer de manera, que no parezca que haçe profesión de reçar, ni santero, ni con ninguna afectación, de lo qual os havéis de guardar en todas las cosas generalmente.

Puso las obligaciones del alma en el primer lugar, que es el suyo; y aunque las confesiones parece justo que sean más frequentes, como vos lo acostubráis, no es de creer que lo dejó de entender así Juan de Bega, sino que siendo los consejos de los padres como preceptos, se abstubó prudentemente de cargar mayor obligación a su hijo, de aquella que pareçiera mal no cumplir en cosa que se a de haçer tan sin respeto humano, como la frequentación de los sacramentos.

3

Havéis de trabaxar mucho por deçir berdad en todo, y ganar opinión de berdadero, que es lo prinçipal en que se cobra reputación. De manera que en poco, ni en mucho no ofrescáis cosa, ni digáis palabra sino para cumplirla.

Ésta es una regla que havéis de guardar tan inviolablemente, que estéis persuadido que por el primer acto que contra él hiçiéredes perderéis quanta reputación huviéredes ganado en vuestra vida, aunque cumpláis en todas las demás obligaciones.

4

Y porque ay algunos en la corte, que por haçerse graciosos quentan quentos que no son verdad, y hablan demasiado, os havéis de guardar destos; y aunque veáis que la gente se ríe con ellos, y los señores los admiten, y algunas bezes los honrran, no se a de tener deseo de aquel estado, porque los mismos que se uelgan, y parece que tienen quenta con ellos, los tienen en poco en lo sustançial y secreto; y a los que son personas asentadas, y no curan de aquellas graçias los estiman en más, aunque no parezca que tienen con ellos tanta quenta.

Está muy bien advertido lo que ordena este capítulo, que se resume en persuadir que los cavalleros se abstengan de granxejar, y mober rissa, y de imitar a los que lo hacen; y porque sospecho de buestro humor que no daréis en este ynconveniente, no os cargo en ello la mano.

5

Tacha señalada en burlas, ni en beras, no avéis de decir de nadie, aunque se sepa, ni la beáis decir a otro. Tan poco havéis de decir a nadie lástima, ni cosa que le pesse, bien que en cosas de poca calidad, como que se pone uno mal a cavallo, o que se puso vien o mal la capa, o la gorra, y otras desta manera, no es ynconveniente burlar dello, antes es pesadumbre dexarlo de hacer, quando se ofrese, guardando en todo que sea berdad; y buestra naturaleza y condición, no se entonando, ni desentonando más o menos de lo que trae consigo buestra misma condición natural, porque el arte propia regulada con lo que está dicho, es mejor que ninguna otra que se tome, no siendo natural.

Contiene este capítulo tres advertimientos sustanciales, que piden todavía buen yngenio y juicio, para ponerlos en plática. El primero en no lastimar a nadie, es más fácil y más precioso. El segundo de no tomar esto tan en grueso, y que abléis siempre de beras, y entender qual es la materia de burlas que no son pesadas, tiene más dificultad, aunque se ponen buenos exemplos para que sepáis de que cosas podéis burlar; pero falta lo más que es aberiguar hasta donde se puede llegar con las burlas: la regla es considerar la condición de la persona con quien burláredes, y llegar asta donde juzgáredes que sufrirá sin correrse y de aquí no passéis un dedo, porque luego es grossería. El tercero documento de no fingiros, y seguir en esta materia buestra propia condición y naturaleza, es muy acertado para no dar en la afectación, que es el caso más peligroso de todos, de que al principio de esta instrucción se advierte que havéis de huyr en quantas cosas se hacen o se dicen de veras o de burlas.

Porque ay algunos que haçen profesión de descontentarse de todo, otros de brabos, otros de graçiosos, otros de sabios, de enamorados, de diligentes, y otros de que no se les da nada de las cossas, el cavallero moço no ha de haçer profesión de nada, que es muy pesada cossa, ni mostrar que se persuade que sabe nada, sino que trabaxe de acertar con lo mejor, de manera que se aga con discrepçión y industria, y muchas beçes es bueno que se encubra el arte, y se muestre que se haçe ello mismo como cossa natural; y sobre todo adbierta el hombre moço que no se a de contentar de nada hasta que tenga autoridad y edad para reprender lo malo y aprobar lo bueno, y de lo demás no mostrar descontentamiento, ni tomar pesadumbre ninguna, aunque lo malo nunca se a de dexar de mostrar que se entiende que no es bueno, y se aborrezze con el devido término.

En este capítulo se acusan los que toman arte propria y particular, y es muy neçessaria prebención, porque es cosa muy usada en la corte haçer estas sectas para señalarse los que quieren haçer guía de los otros, y porque este barranco es muy peligroso, se espaçifican tanto los caminos que ban a él, de los quales os debéis guardar más que otro, porque los portugueses corren más peligro que nación alguna de çelebrar singularidades, pero porque también lo sería condenar a bulto los que han caminado por estas sendas menos usadas, pues por ellas se han salvado grandes cortesanos, advertid que seguirlos no será seguro, reprováros y dexarlos de conservar será de hombre de mal gusto. El otro punto de no calificar las cossas, ni sentenciarlas definitivamente, es exçelente documento para moços, y todavía le guardo yo.

No os havéis de haçer pezado al trabajo, asi del cuerpo como del espíritu, dexando de dormir quando fuere menester y comiendo mal y bebiendo peor, teniendo mala possada, y otras cosas desta calidad, que suçeden en la paz y en la guerra, ni tan poco mostraros para lo que a bos mismo toca

y a buestra comodidad, que es cossa que parece muy mal a los moços, aunque con los otros quando vinieren a vuestra possada, o los topáredes en otras partes, siempre los debéis regalar como pudiéredes, mas, en fin havéis de trabajar y no cansaros, porque nunca balió nada el que cansó de trabajar.

Más os a de costar esto a bos, que al hijo de Juan de Bega, porque después que se escribió esta ynstrucción, an crecido las maliçias de manera, que los que entonces juzgaba menos afeminados pareçieran agora rústicos. Yo me satisfago con que no deis ocación a que os cuenten entre los más curiosos, ni regalados. Contentaos de tener vuestro aposento bien adereçado y limpio, aunque no esté perfumado; haçed que os den vien de comer, y os sirban con diligencia, mas no estudiéys en eso, ni en tener las alajas tan cabales, o tan sobradas que agáis correspondencia o consonancia de escriptorios y vasos de ramilettes, sino que en esto, como en todo, os apartéis del extremo, guardando el decoro de cavallero, porque esta curiosidad de ordenar así el aposento, es más propio de clérigos o letrados. En el adereço de las armas, y de los cavallos, usad quanta largueza y curiosidad quisiéredes, porque como son cossas que no pueden convenir a mugeres, ni a personas de ropa larga, no ay peligro de exceder en ellas. Y tened finalmente por muy cierta la regla de que los moços que reusan el travajo, no pueden yr adelante.

8

Havéis de guardaros mucho de ser porfiado, determinaos a no porfiar con nadie, y de no jurar ninguna manera de juramento, ni de los que haçen algunos por relixió, que diçen por mi alma, o por mi conçiencia, que son juramentos mugeriles. No digáis más que si o no, que esto basta.

Estas dos reglas son tan neçessarias que el que rompe la primera es tenido por ynnorante y por pesado, y el que no guarda la segunda, ofende a Dios, y a su honrra, y las más bezes causa el efecto contrario de lo que pretende jurando, porque sin duda son menos creýdos los que juran, que los que afirman las cossas sençillamente.

9

Havéis de tener gran cuydado, y aun encomendallo a Dios, de no reñir con nadie, ni tomaros con ninguno a palabras, porque es una cossa de grande ynconveniente, y en que se puede perder mucho, y quando se gana, gánase muy poco. Y los que se preçian de andar en estos puntos, son hombres tenidos en poca estima, y así conviene proçeder de manera, que no aya caussa de caer en este ynconveniente.

Con gran raçón aconseja que se encomiende esto a Dios, y así lo hazed entre las oraciones que reçáredes, porque el mundo a hecho la honra de bidrio, fácil de romperse, y dificultosísimo de reparar.

10

Havéis de trabajar en buscar ocasiones para haçer plaçeres y buenas obras a todos, especialmente a buestros amigos, y a los que son hombres de vien, tratándolos con buena crianza y amor, aunque la cortesía no a de ser generalmente igual a todos, porque viene a haçerse descortesía, si al que no la mereze se le haçe tanto como al que la mereze. La buena gracia y acoximiento ha de ser general, y los términos de las cortesías medidos, según fueren las personas, dándoles algo de más, que no de menos, mas no ha de ser tampoco superfluydad en esta parte.

Diçe muy bien que no se ha de contentar el cavallero de abraçar las ocasiones de haçer buenos oficios y buenas obras, sino que las busque. Y la regla de la cortesía, es muy avisada, de no encoxerla, ni derramarla, y que quando se llegue a medir se peque antes alargándola que no acortándola. Y porque no se puede venir esto a más particularidad, os encargo que siempre que se ofrezca duda, busquéis el consejo de algún hombre prudente, y plático para resolveros; y haviéndolo de haçer por buestra cabeza hagáis reflexión sobre las reglas deste capítulo.

11

Y porque ay dos maneras de estados, a quien es justo tener respecto, en especial los moços, se dirán aquí. El uno es, los que por estado, o gran sangre, como se berá un hijo, o nieto de un gran señor, se les deve haçer cortesía. Y el otro es, que por su virtud y obras lo merezcan, como es un soldado, que siendo de vaja suerte, aya venido a ser valeroso en la guerra, y tener algún cargo de calidad, maese de campo de ynfantería, o de gente de a cavallo, o coronel, o cossa de esta manera, o religioso o persona justa y entera; estos se deven estimar, y respetar mucho.

Muy bien adbertido está, que se debe respetar a la sangre, y estado antiguo, y a las virtudes y merecimientos frescos, así por las armas, como por la vida repta y penitente. Pudiéranse meter hallá los eminentes en Letras, mas no hera Juan de Vega amigo de letrados. Bos los conversad y respectad, así a ellos, como al más baxo artífice exçelente en su arte, proporcionando la cortesía según el sujeto.

12

Los cavallos y otra qualquier cossa que vinieren a pedir prestado para burlas o para beras, daréis de buena gana, y en especial a los amigos, y aun ofreçerlo de manera que en esta parte no se muestre estrechura, porque es vaxeza; y escusaos todo lo possible de pedir prestado a nadie ninguna cossa.

Es muy vien que prestéis los cavallos y las alajas, y los dineros con semblante alegre, y otras veçes los ofrescáis a los que huvieren menester y no los piden; y no os mostréis muy quexoso de los que tardan en bolver lo que llevaron, ni de los que lo tornan menos vien tratado, y aunque os duela encu-bridlo, porque havéis de uyr de todo lo que puede dar yndicio de coraçon angosto; y con esto ayuntad el último de no pedir prestado a nadie.

13

Havéis de tener cuydado de no hazer desorden ninguna en el gasto, y ni bivir de manera que se pueda haçer con lo que tuviéredes, y no seáis de los que andan muy vigarrados, ni muy bordados, sino fuere en día de alguna fiesta, porque nunca hombre que se aya bordado, ni bigarrado demasiadamente, a valido mucho, mas ase de traer el bestido igualado, y nuevo.

Importa mucho regular el gasto con la haçienda, y haçerla luçir con la yndustria; y en lo de los bestidos es muy cierto lo que aquí se dize, que los hombres de gran balor pocas beçes atienden a esto con mucha prolixidad; y porque es la cossa de todas más sujeta a uso, no os avéis de apartar del de manera que seáys muy notado. Ni seáis muy trajoso, como llaman en Portugal a los que hazen autores de las envençiones, antes me parece muy vien lo que aconsexa Juan de Bega, lo qual no se entiende en las fiestas que entráredes, y entrad en todas, y en los cassamientos de palacio y semexantes oçassiones.

14

Jugar no se a de haçer en ninguna manera, y quando se huviere de haçer, ha de ser teniendo más edad, y no por oficio, sino en ocasión de alguna fiesta, o que quisiesse jugar elrey: entonçes mirad mucho de hacerlo vien y sin mostrar que tenéis en nada el perder, ni el ganar.

Vien os alargara las ocasiones del juego a más exemplos de los que aquí se ponen, como sería quando se deshaze la conber-saçión porque falta alguno, o alguna junta de señores principales, que se rifan xoyas, o cosas de menos valor, o residiendo en buestros lugares para entreteneros, mas havéissos de tomar el pulso, y si os pareçiere que esto será ocasión para aficionaros de manera que continuéis el juego, y bais a las cassas donde se juega ordinariamente, y entréis en buelta, conviene romper con todo, y parezer antes grosero, que abenturaros a poder ser taur fundado; y haviendo de usar de la libertad que aquí se

os da, a de ser con dos condiçiones: de pagar puntualmente, y cobrar con menos puntualidad.

15

No se a de comer en la possada de propósito, porque comer en la corte los moços en su cassa solos, es deslustre, y para haçer mesa no ay caudal, porque es menester mucho, y así avéis de comer unas veçes con unos y otras con otros, como serán con el Duque de Alba, si está en la corte, o con Monsiur de Gravela, y alguna vez con otro señor alguno. Mas a de ser el comer en la posada por como desgracia, y no por cosa ordinaria.

Lo que en este capítulo se amonesta, no se ussa, mas usándose, es muy buena regla la que en este pone para los cavalleros que no están heredados, y así toca un poco más a vuestros hermanos. Vos parece que lo podéis tomar al revés, comiendo más de ordinario en la possada, y algunas vezes fuera. Y adbertid que no ynviaba Juan de Bega a su hijo a casa del Duque de Alba por amistad estrecha que tuviesse con él, sino porque de más de lo que podía aprender del Duque, la compañía que allí se juntaba hera la más granada de la corte; y a Granvela le ynviava por la privanza que tenía con el Emperador, porque los grandes hombres, y los grandes privados son los que avéis de sudar para conserbarlos, si os atrevéis a conseguillo sin darlos pesadumbre.

16

A palacio havéis de yr cada día, y quando el Emperador cabalgare o el Príncipe, saver las oras en que se podrá entrar y acudir a ellas puntualmente.

Esto está muy vien adbertido, porque no parece que lo podía alterar el tiempo como otras cosas, con todo no lo olvidéis, porque los estilos passados, como unas veçes se caen, otras se renuevan.

17

A los hombres de negocios y autoridad que fuéredes a visitar, havéis de estar muy poco con ellos por no embarçarlos, travajando por yr a oras que no esten ocupados.

Acordaos siempre deste adbertimiento, porque peor es enfadar uno destos, que al restante de la corte.

18

Quando huviere damas en la corte, havéis de ir adonde estuvieren, y conbersarlas con toda buena manera. Y porque algunos piensan que con las mugeres no se an de hablar sino gentilezas y dulçuras, y por esto se embaraçan algunas veçes de llegarlas a hablar y conbersar, se a de adbertir que con ellas quanto más prinçipales son, se a de hablar lo mismo que con los hombres, como será: Cómo dormistes esta noche, o llegaste cansada, o qué os parece desta tierra, o destas casas, y cosas semexantes.

No ay reglas que conprehendan este trato de las damas, mas muy buenas son estas dos de conbersarlas, si ellas quieren, y de no obligaros a dezirlas lindezas, ni torçidos, porque estos contrapuestos más sirben en la villa, y en las redes de las monjas, que en palacio; berdad es que Juan de Bega puso los exemplos más caseros que yo quisiera, y assí me parece que no preguntéis cómo dormistes sino a la que supiéredes que ha dormido mal, y aun porqué perdió el sueño.

19

Tamvién os havéis de guardar mucho de deçir luego que estáis enamorado, y de entrar desatinadamente en esta materia, porque es cosa de hombres tontos, ni tampoco entrar de rondón a tratar con las damas, sino poco a poco, y con advertençia, y de manera que no agáis algún desdén, porque esta materia es sutil, y en que se muestran mucho los hombres.

Es mucha berdad que este negocio es tan sutil, que no se puede prevenir, ni encaminar; y assí se resuelve Juan de Vega

en sólo aconsejar que proçeda con gran tiento, encareçiendo el peligro, y de mi podéis aprender aún menos que esto.

20

Los que ban nuebos a la corte, hállanse en muchas cosas embaraçados, porque unos los reçiben secamente, otros no se llegan a ellos, y en palacio no tienen aquella entrada que querrían, y ben a otros, que a lo que en sí juzgan, no son tanto como ellos, passalles adelante. Todo esto se ha de passar sin fatiga, ni corrimiento, y considerar que con el tiempo se entiende todo, y se remedia.

Lo que ensina este capítulo es muy provechosso, y muy çierto, no lo perdáis de vista, aunque tenéis menos peligro que Hernando de Vega, en este passo, que es el más estrecho de la corte, por criaros en ella, que es una gran ventaxa que llevan los que an serbvido de pages en la niñez de los príncipes, a los que entran ya con espada y capa, que llaman en buestra tierra acreçentados.

21

Y porque es mal general no ber hombre en su misma caussa lo que en la de los otros, y ser injusto juez, y querer antes que le conozcan, ni aya hecho cossa de alguna manera, presumir mucho, y parecer que no es nada lo que los otros an hecho, y que por ser hijo de su padre, o por no sé qué, le ande traer en palmas, y no le a de passar nadie adelante, esto no ha de ser así, sino que si uno es viexo, y hombre de autoridad, aunque no sea de mucha calidad, y estado, no se ha de tener por mal que passe adelante. Y si otro es hombre honrrado y virtuoso, como está dicho, lo mismo; y si otro passare por tener más favor, haver paçiencia, y no estar puesto en estos puntos, sino trabajar de ser tan hombre de vien, que por la misma virtud se balga y merezca, que ésta es la autoridad y honrra que nunca se pierde, y las otras se pueden perder cada ora.

La suma de todo esto es que la berdad sea sólida, y que no os toque la ynvidia de palacio, donde los menos escapan della;

y si no bencéis este animal, siendo portugués, y cortesano, todo se os ará fácil, y para ésto vale el ser confiado en el sentido que se toma en Portugal que es presumir no os menospreçie nadie, ni se os adelante por defectos buestros, y que no estáis más obligado que a ponerlos de buen ayre a la puerta de la Fortuna, como deçia Garcilasso, y del resto aga Dios lo que fuere servido.

22

Y porque los que no tiene experiençia de los reyes, ni de los príncipes, les pareserá que no miran en nada, porque no los hablan, o porque no entran familiarmente donde están, no tiene cuenta con ellos, no se ha de caer en este engaño, porque los reyes naturalmente son grandes artífices de tener cuenta con toda la gente, y aunque parezea que no lo hazen, miran desde el çapato a la cabeza, y si ban o no van a palaçio, y otro qualquier meneo, o cossa que agan, y ansí se a de haçer cuenta de no faltar a lo que está dicho, como si el Emperador no mirasse, ni tuviesse cuenta con otra cossa, y de no desconfiar de que no mire o hable, ni de ber que lo haçe con otros, porque los príncipes hablan con algunos que no tienen por açeptos, o en mayor grado que a los que no hablan, y muchas veçes atraviesan con uno por dissimular que no están tristes o saturnos, otras beçes hablan a otro una palabra, porque le tienen por liviano, y les parece que con aquello le contentan, otras beçes, porque ay hombres chisteros y parladores, y éstos algunas veçes quieren que los despierten, y tocan a éstos la taravilla, porque comienzen la plática, de manera que se a de yr siempre por lo sustancial y firme, que es haçer toda aquella diligençia que conviene, sin faltar en nada, y obras de virtud, y de que os hablen o no hablen no se os dé mucho, porque ello viene a su tiempo, y quando el hombre no piensa.

Mucho podéis aprender deste capítulo de los humores ordinarios de los príncipes, y de que no os devéis assegurar de haçer cosa que no querriades que supiesen, por pensar que

no lo advierten, aunque sean menudas, ni desconfiaros, como arriba se toca, porque atraviese el rey con alguno, y no con vos, pues son muchos los respectos de poca ymportancia, porque suelen hacerlo, y dexarlo de hacer.

23

En la guerra se a de mirar en los principios de yr con mucho miramiento, porque aunque aya muy buen corazón en los que van nuevamente, haen a las beças algunos desdenes, que no les dan buen ayre, como es armarse mucho, como si dixésemos ponerse grebas, bufa, el armadura de cabeza antes de tiempo, alborotarse de las almas, o yr muy diligentes a cosa de poca ymportancia, y así otras desta manera. Bastará pues por la primera entrada traer la coraça con sus escarçelas, y unos medios cujotes quando mucho, y poner la armadura de la cabeça quando la tuvieren puesta todos, salvo si el Emperador o capitán del esquadron las mandare poner, porque en tal casso se a de obedecer.

Este capítulo, y los que faltan, se gastan en advertencias para la guerra, y así como en los passados no pretendió derechamente Juan de Bega enseñar los preceptos de cortesanos a su hijo, sino solo a proceder con tiento y autoridad, así en esto no tratava de hacerlo soldado, sino de que no aga deslumbramientos quando acompañare al rey en la guerra. Y notad muy bien todas estas cosas que son muy a propósito para no deslumbraros en aquellas ocasiones.

24

A las armas se a de salir presto, y no darse tanta priessa que parezca que se desatina, y el que no tuvieren cargo, ha de yr a palacio, o a la tienda de Capitán General, si el Emperador no está en el ejército, y el que le tuviere irá a aquella parte donde los que gobiernan lo huvieren dado.

Esto se ha de hacer así a la letra, advertiendo que de todos los cavalleros criados del rey, y habentureros se hace un esquadron, donde el rey se halla en persona, quando se entiende que a

de venir a romper con sus enemigos, esto suele gobernar un gran señor, o los mayordomos, porque se compone de la cassa; y a este propósito se endereza lo que Juan de Bega apunta, porque esto a de ser nuestro propio lugar, pero si fuéredes amigo del Capitán General, y aun del General de la Cavallería, y pidiéredes licencia particular para andar con uno de ellos, podéis aprender más, y tener mejor vida, y más desobligada.

25

En qualquier cossa que os halláredes en la guerra, como será entrar a haçer alguna facción en tierra de enemigos, os havéis de regir por lo que ordenar el que manda en ella, y no poner os en puntos con él, sino obedezérle y respetarle en todo, sea quién fuere.

En faboreçer a los cabos que os gobernaren, os havéis de señalar, y con esto aréis que parezca que soys de mayor calidad que los otros, y que aquella buestra umildad tiene misterio, y así berná a servir de exemplo.

26

Y porque en la guerra muchas beçes en las facciones que se haçen, o están para haçer, ay muchos que quieren hablar, y gobernar diciendo: Por aquí havíamos de ir, o por acá havemos de venir, o esto se aga, o esto se dexede haçer, adbertid que el que no tiene cargo a de dexar este cuydado al que le tiene, y no hablar si no se le pregunta, porque aliende de ser cossa ympertinente, es señal de flaqueza hablar en tiempo de la neçessidad, sino ir de buen semblante y alegre rostro, y prompto para lo que es menester haçer, y callando.

No entremeteros a gobernar, quando no os toca, ni interpretar las ordenes mal ni vien, y caminar de buen semblante al peligro, es lo que debéis haçer. Y por deçir en pocas palabras todo lo que toca a esta materia, havéis de adbertir que los hombres de poca suerte, valerosos por las armas, suelen caluniar a los cavalleros, mostrando que no tienen partes para

exerçitarlas, y porque ellos las tienen mejores, y aun son más paçientes al trabajo y menos temerosos del peligro, suceden en vuestro oficio. Desta murmuración no os havéis de dar por entendido, y havéisla de vencer con estar tan fácil y tan prompto al trabajo, que madruguéis y trasnochéis más que el muy diligente, y con poneros a la frente en los peligros, en los quales havéis de ser el primero, sin desordenaros, ni haçer desatinos, y proçediendo assi, les mostraréis en pocos días que nacistes para mandarlos, y os obedecerán sin cargo. Havéis de tratar muy cortesmente a los soldados, y darles lo que tuviéredes, guardando en todo que no parezca que los cohecháis por estar pendiente de su aprovación.

27

Y porque tamvién en la guerra vienen grandes neçesidades algunas veçes, como es faltar la vitualla, tomar los enemigos los bagajes, tener malísimo alojamiento, haçerse las cosas con disfavor, mal tiempo, lodos, ase de mirar de no andar cansado, ni triste, porque es mucho de hombres bajos, sino antes quantas más neçesidades y pérdidas huviere, se a de andar más alegre, y más sin condolimiento de nada, sino mostrar en esta parte en rebés de lo que otros, y no sólamente no fatigaros con el semejante estado, antes holgar que venga aquella ocasión para que se entienda que la tenéis en poco.

También importa mucho mostrar esta tolerancia para superar dificultades, y animar en ellas a los otros, deshaçiéndolas, y encareciendo los medios que puede haver para bençerlas.

28

Con lo adbertido me parece bastante para buestra ynstrucción y gobierno y ansí acavo suplicando a la Divina Magestad que es la que berdaderamente ensina, os ampare, encamine, alumbre y tenga de su mano guiando en todo buestros deseos y açiones a su santo serviçio y agrado para vien bivar y morir y para alcanzar mi bendición y finalmente la gloria, lo qual todo os conçeda como obediente y umilde yijo. Ettz.

Instrucción de Don Juan de Sylva Conde de Portalegre, quando embió a Don Diego su hijo a la corte. Añadiendo otra que Juan de Vega dio a Hernando de Vega embiándole a Flandes.

[BGUC., ms. 324, fl. 71r-83r]

Don Diego:

Queriendo advertiros de las cosas con que principalmente havéis de tener cuenta en la corte para proceder como hombre de bien, apartándoos de todas las que pueden impedir esto, me ha parecido el mejor medio ordenaros que leáis consideradamente la instrucción infraescrita que Juan de Vega dio a Hernando de Vega su hijo mayor, embiándole de Sicilia a servir al Emperador en Flandes, el año de 49, quando el ElRey nuestro señor siendo príncipe, fue de España a visitar a su padre, y aquellos Estados. Y porque sepáis que esta doctrina es de buen maestro, advertid que Juan de Vega fue un cavallero ² del Consejo delRey Don Fernando, y del Emperador, todavia passó muy adelante en cargos, porque fue Virrey de Navarra, y Embaxador de Roma, y Capitán General y Virrey de Sicilia, y Presidente del Consejo Real, y con este officio acabó la vida antes de ser muy viejo, habiendo caminado por todos estos grados sucessivamente, sin haver sido privado delRey, ni de su padre, que es lo que más havéis de estimar, y desear que os acontezca, porque como la gracia y familiaridad de los príncipes pende de sola su voluntad, no ay derecho a pretenderla por merecimientos puros, o se alcança a caso, o por caminos torcidos.

² Há nesta cópia uma falta de texto que convém assinalar, pois de outro modo resulta que Juan de Vega pertenceu ao Conselho de Fernando Católico, o que só ocorreu com o seu pai: «... *que por el brio, y valor que tuvo, se hizo lugar en Castilla entre los hombres de mayor estado, y siendo hijo de outro muy sabio cavallero...*» (PB, 285r).

También advertid que Juan de Vega no pretendió hazer de su hijo un perfecto cortesano, ni dar las reglas para ello, como el Conde Balthasar Castellón; su intento fue avisarle de los estropieços más comunes que se ofrecen en la corte, para que un cavallero de generosos pensamientos consiga el fin que deve pretender de hazerse estimar del príncipe a quien sirve, y los demás, que suele ser lo que menos importa.

Con estos presupuestos y lo que se notará al fin de cada capítulo, entenderéis bastantemente la instrucción de Juan de Vega; y aunque la doctrina que contiene sea un poco anticipada para vuestra edad, espero en Dios que madrugareis a entenderla, y a ponerla por obra que es lo que haze al caso³.

Instrucción de Juan de Vega para su hijo

1

Lo primero que se os encarga es guardar muy bien esta instrucción y entenderla, leyéndola muchas veces para ver lo que hazéis de lo contenido en ella, o en lo que faltáis, para procurar cumplirlo.

El Conde

Assí se hande leer los buenos consejos, conformándolos cada uno con sus acciones, si los lee para valerse dellos.

2

Havéis de tener la costumbre de oír missa cada día, y bien oýda, y confesaros tres vezes en el año y de rezar algunas buenas oraciones, y visitar las casas de religión que huviere por las partes donde fuéredes, tratando bien a los religiosos, y ayudándolos con lo que se pudiere. Esto se ha de hazer de manera, que no parezca que haze profesión de rezar, ni santero, ni con ninguna afectación, de lo qual os avéis de guardar en todas las cosas generalmente.

³ V. nota nº 1.

Puso las obligaciones del alma en el primer lugar, que es el suyo; y aunque las confesiones parece justo que sean más frecuentes, como vos lo acostumbráis, no es de creer que lo dexó de entender assi Juan de Vega, sino que siendo los consejos de los padres como preceptos, se abstuyó prudentemente de cargar mayor obligación a su hijo, de aquella que parecía mal no cumplir en cosa que se ha de hazer tan sin respeto humano, como la frequentación de los sacramentos.

3

Avéis de trabajar mucho por decir verdad en todo, y ganar opinión de verdadero, que es lo principal en que se cobra reputación. De manera que en poco, ni en mucho no ofrescais cosa, ni digáis palabra sino para cumplirla

Ésta es una regla que havéis de guardar tan inviolablemente, que estéis persuadido que por el primer acto que contra él hiziereis perderéis quanta reputación huviéredes ganado en vuestra vida, aunque cumpláis en todas las demás obligaciones.

4

Y porque ay algunos en la corte, que por hazerse gratiosos cuentan cuentos que no son verdad, y hablan demasiado, os havéis de guardar destos; y aunque veáis que la gente se ríe con ellos, y los señores los admiten, y algunas vezes los honran, no se ha de tener desseo de aquel estado, porque los mismos que huelgan, y parece que tienen cuenta con ellos, los tienen en poco en lo sustancial y secreto; y a los que son personas atentadas, y no curan de aquellas gracias los estiman en más, aunque no parezca que tienen con ellos tanta cuenta.

*Está muy bien advertido lo que ordena este capítulo, que se resume en persuadir que los cavalleros se abstengan de gra-
cejar, y mover risa, y de imitar a los que lo hazen; y porque
sospecho de vuestro humor que no daréis en este inconveniente,
no os cargo en esto la mano.*

Tacha señalada en burlas, ni en veras, no havéis de dezir de nadie, aunque se sepa, ni la veáis dezir a otro. Tan poco havéis de dezir a nadie lástima, ni cosa que le pese: bien que en cosas de poco cuidado, como que se pone uno mal a cavallo, o que se puso bien o mal la capa, o la gorra, y otras desta manera, no es inconveniente burlar dello, antes es pesadumbre dexarlo de hazer, quando se ofrece, guardando en todo que sea verdad; y vuestra naturaleza y condición, no se entonando, ni desentonando más o menos de lo que trae consigo vuestra misma condición natural, porque el arte propria regulada con lo que está dicho, es mejor que ninguna otra que se tome, no siendo natural.

Contiene este capítulo tres advertimientos sustanciales, que piden todavía buen ingenio y juicio, para ponerlos en plática. El primero en no lastimar a nadie, es fácil y más precioso. El segundo de no tomar esto tan en grueso, y que habléis siempre de veras, y entender qual es la materia de burlas que no son pesadas, tiene más dificultad, aunque se ponen buenos exemplos para que sepáis de que cosas podéis burlar; pero falta lo más que es averiguar hasta donde se puede llegar con las burlas: la regla es considerar la condición de la persona con quien burláredes, y llegar hasta donde juzgáredes que sufrirá. El tercero documento de no fingiros, y seguir en esta materia vuestra propria condición y naturaleza, es muy acertado para no dar en la afectación, que es el caso más peligroso de todos, de que al principio de esta instrucción se advierte que havéis de huyr en quantas cosas se hazen o se dizen de veras o de burlas.

Porque ay algunos que hazen profesión de descontentarse de todo, otros de bravos, otros de graciosos, otros de sabios, de enamorados, de diligentes, y otros de que no se les da nada de las cosas. El cavallero moço no ha de hazer profesión de nada, que es muy pesada cosa, ni mostrar que se persuade que sabe hazer nada, sino que trabaje de

acertar con lo mejor, de manera que se haga con discreción y industria, y muchas vezes es bueno que se encubra el arte, y se muestre que se haze ello mismo como cosa natural; y sobre todo advierta el hombre moço que no se ha de contentar de nada hasta que tenga autoridad y edad para reprehender lo malo y aprobar lo bueno, y de lo demás no mostrar descontentamiento, ni tomar pesadumbre ninguna, aunque lo malo nunca se ha de dexar de mostrar que se entiende que no es bueno, y que se aborrece con el devido término.

En este capítulo se acusan los que toman arte propria y particular, y es muy necessaria prevención, porque es cosa muy usada en la corte hazer estas sectas para señalarse los que quieren hazer guía de los otros, y porque este barranco es muy peligroso, se especifican tanto los caminos que van a él, de los cuales os devéis guardar más que otro, porque los portugueses corren más peligro que nación alguna de celebrar singularidades, pero porque también lo sería condenar a bulto los que han caminado por estas sendas menos usadas, pues por ellas se han salvado grandes cortesanos. Advertid que seguirlos no será seguro, reprobarlos y dexarlos de conservar será de hombre de mal gusto. El otro punto de no calificar las cosas, ni sentenciarlas definitivamente, es excelente documento para moços, y todavía lo guardo yo.

7

No os havéis de hazer pezado al trabajo, assi del cuerpo como del espíritu, dexando de dormir quando fuere menester y comiendo mal y bebiendo peor, teniendo mala posada, y otras cosas desta calidad, que suceden en la paz y en la guerra, ni tan poco mostraros para lo que a vos mismo toca y a vuestra comodidad, que es cosa que parece muy mal a los moços, aunque con los otros quando vinieren a vuestra posada, o los topáredes en otras partes, siempre los devéis regalar como pudiéredes, mas, en fin havéis de trabajar y no cansaros, porque nunca valió nada el que cansó de trabajarse.

Más os ha de costar esto a vos, que al hijo de Juan de Vega, porque después que se escribió esta instrucción, han crecido las delicias de manera, que los que entonces juzgaba menos afeminados parecieran ahora rústicos. Yo me satisfago con que no deis ocasión a que os cuenten entre los más curiosos, ni regalados. Contentaos de tener vuestro aposento bien adereçado y limpio, aunque no esté perfumado; hazed que os den bien de comer, y os sirvan con diligencia, mas no estudiéis en esso, ni en tener las alajas tan cabales, o tan sobradas que hagáis correspondencia o consonancia de escritorios y vasos de ramilletes, sino que en esto, como en todo, os apartéis del extremo, guardando el decoro de cavallero, porque esta curiosidad de ordenar así el aposento, es más propio de clérigos o letrados. En el adereço de las armas, y de los cavallos, usad quanta larguesa y curiosidad quisiéredes, porque como son cosas que no pueden convenir a mugeres, ni a personas de ropa larga, no hay peligro de exceder en ellas. Y tened finalmente por muy cierta la regla de que los moços que rehuzan el trabajo, no pueden ir adelante.

8

Havéis de guardaros mucho de ser porfiado, determinaos a no porfiar con nadie, y de no jurar ninguna manera de juramento, ni de los que hazen algunos por religión, que dicen por mi alma, o por mi conciencia, que son juramentos mugeriles. No digáis más que si o no, que esto basta.

Estas dos reglas son tan necessarias que el que rompe la primera es tenido por ignorante y por pesado, y el que no guarda la segunda, ofende a Dios, y a su honra, y las más vezes causa el efeto contrario de lo que pretende jurando, porque sin duda son menos creýdos los que juran, que los que afirman las cosas sensillamente.

9

Havéis de tener gran cuidado, y aun encomendallo a Dios, de no reñir con nadie, ni tomaros con ninguno a

palabras, porque es una cosa de grande inconveniente, y en que se puede perder mucho, y quando se gana, gánase muy poco. Y los que se precian de andar en estos puntos, son hombres tenidos en poca estima, y assí conviene proceder de manera, que no aya causa de caer en este inconveniente.

Con gran razón aconseja que se encomiende esto a Dios, y assí lo hazed entre las oraciones que resáredes, porque el mundo ha hecho la honra de vidro, fácil a romper, y dificultosíssima de reparar.

10

Havéis de trabajar en buscar ocasiones para hazer placeres y buenas obras a todos, especialmente a vuestros amigos, y a los que son hombres de bien, tratándolos con buena criança y amor, aunque la cortesía no ha de ser generalmente igual a todos, porque viene a hazerse descortesía, si al que no la merece se le haze tanto como al que la merece; la buena gracia y acogimiento ha de ser general, y los términos de las cortesías medidos, según fueren las personas, dándoles algo de más, que no de menos, mas no ha de ser tampoco superfluidad en esta parte.

Dize muy bien que no se ha de contentar el cavallero de abraçar las ocasiones de hazer buenos oficios y buenas obras, sino que las busque. Y la regla de la cortesía, es muy avisada, de no encogerla, ni derramarla, y quando se llegue a medir se peque antes alargándola que no acortándola. Y porque no se puede venir esto a más particularidad, os encargo que siempre que se ofrezca duda, busquéis el consejo de algún hombre prudente, y plático para resolveros; y haviéndolo de hazer por vuestra cabeça hagáis reflexión sobre las reglas deste capítulo.

11

Y porque ay dos maneras de estados, a quien es justo tener respeto, en especial los moços, se dirán aquí. El uno

es, los que por estado, o gran sangre, como será un hijo, o nieto de un gran señor, se les deve hazer cortesía. Y el otro es, que por su virtud y obras lo merezcan, como es un soldado, que siendo de baxa suerte, aya venido a ser valeroso en la guerra, y tener algún cargo de calidad, maesse de campo de infantería, o de gente de a cavallo, o coronel, o cosa desta manera, o algún religioso o persona justa y entera; estos se deven estimar, y respetar mucho.

Muy bien advertido está, que se deve respetar a la sangre, y estado antiguo, y a las virtudes y merecimientos frescos, así por las armas, como por la vida recta y penitente. Pudiéranse meter allá los eminentes en Letras, mas no era Juan de Vega amigo de letrados. Vos los conversad y respetad, así a ellos, como al más baxo artífice excelente en su arte, proporcionando la cortesía según el sujeto.

12

Los cavallos y otra qualquier cosa que vinieren a pedir prestado para burlas o para veras, daréis de buena gana, y en especial a los amigos, y aun ofrecerlo de manera que en esta parte no se muestre estrechura, porque es baxeza; y escusaos todo lo possible de pedir prestado a nadie ninguna cosa.

Es muy bien que prestéis los cavallos y las alajas, y los dineros con semblante alegre, y otras vezes lo ofrescáis a los que huvieren menester y no los pidén; y no os mostréis muy quexoso de los que tardan en bolver lo que llevaron, ni de los que lo tornan menos bien tratado, y aunque os duela encubridlo, porque havéis de huyr de todo lo que puede dar indicio de coraçon angosto; y con esto ajuntad el otro de no pedir prestado a nadie.

13

Havéis de tener cuidado de no hazer desorden ninguna en el gasto, y vivir de manera que se pueda hazer con lo que tuviéredes, y no seáis de los que andan muy vigarra-dos, ni muy bordados, sino fuere en día de alguna fiesta,

porque nunca hombre que se aya bordado, ni vigarrado demasidamente, ha valido mucho, mas hase de traer el vestido igualado, y nuevo.

Importa mucho regular el gasto con la hazienda, y hazerla luzir con la industria; y en lo de los vestidos es muy cierto lo que aquí se dize, que los hombres de gran valor pocas vezes atienden a esto con mucha proluxidad; y porque es la cosa de todos más sujeta a uso, no os havéis de apartar del de manera que seáis muy notado. Ni seáis muy trajoso, como llaman en Portugal a los que hazen autores de las invenciones, antes me parece muy bien lo que aconseja Juan de Vega, lo qual no se entiende en las fiestas que entráredes, y entrad en todas, y en los casamientos de palacio y semejantes ocasiones.

14

Jugar no se ha de hazer en ninguna manera, y quando se huviere de hazer, ha de ser teniendo más edad, y no por oficio, sino en ocasión de alguna fiesta, o que quisiese jugar elrey: entonces mirad mucho de hacerlo bien y sin mostrar que tenéis en nada el perder, ni el ganar.

Bien os alargara las ocasiones del juego a más exemplos de los que aquí se ponen, como sería quando se deshaze la conversación porque falta uno, o alguna junta de señores principales, que se rifan joyas, o cosas de menos valor, o residiendo en vuestros lugares para entreteneros, mas avéisos de tomar el pulso, y si os pareciere que esto será ocasión para aficionaros de manera que continuéis el juego, y vais a las casas donde se juega ordinariamente, y entréis en buelta, conviene romper con todo, y parecer antes grosero, que aventuraros a poder ser tahir fundado; y aviendo de usar de la libertad que aquí se os da, ha de ser con dos condiciones: de pagar puntualmente, y cobrar con menos puntualidad.

15

No se ha de comer en la posada de propósito, porque comer en la corte los moços en su casa solos, es deslustrar,

y para hazer meza no ay caudal, porque es menester mucho, y assí havéis de comer unas vezes con unos y otras con otros, como serán con el Duque de Alba, si está en la corte, o con Monsiur de Granvela, y alguna vez con otro señor alguno. Mas ha de ser el comer en la posada como desgracia, y no por cosa ordinaria.

Lo que en este capítulo se amonesta, no se usa, mas usándose, es muy buena regla la que pone para los cavalleros que no están heredados, y assí toca un poco más a vuestros hermanos. Vos parece que lo podéis tomar al revés, comiendo más de ordinario en la posada, y algunas vezes fuera. Y advertid que no embiaba Juan de Vega a su hijo a casa del Duque de Alba por amistad estrecha que tuviesse con él, sino porque de más de lo que podía aprender del Duque, la compañía que allí se juntaba era la más granada de la corte; y a Granvela le embiava por la privança que tenía con el Emperador, porque los grandes hombres, y los grandes privados son los que havéis de sudar para conversarlos, si os atrevéis a conseguirlo sin darles pesadumbre.

16

A palacio havéis de ir cada día, y quando el Emperador cavalgare o el Príncipe, y saber las horas en que se podrá entrar y acudir a ellas puntualmente.

Esto está muy bien advertido, porque no parece que lo podía alterar el tiempo como otras cosas, con todo no lo olvidéis, porque los estilos passados, como unas vezes se caen, otras se renuevan.

17

A los hombres de negocios y authoridad que fuéredes a visitar, havéis de estar muy poco con ellos por no embarazarlos, trabajando por ir a horas que no esten ocupados.

Acordaos siempre deste advertimiento, porque peor es enfadar uno destos, que al restante de la corte.

Quando huviere damas en la corte, havéis de ir adonde estuvieren, y conversarlas con toda buena manera. Y porque algunos piensan que con las mugeres no se ha de hablar sino gentilezas y dulçuras, y por esto se embaraçan algunas vezes de llegarlas a hablar y conversar, se ha de advertir que con ellas quanto más principales son, se ha de hablar lo mismo que con los hombres, como será: Cómo dormistes esta noche, o llegaste cansada, o qué os parece desta tierra, o destas casas, y cosas semejantes.

No ay reglas que comprehendan este trato de las damas, mas muy buenas son estas dos de conversarlas, si ellas quieren, y de no obligaros a dezirlas lindezas, ni torcidos, porque estos contrapuestos más sirven en la villa, y en las redes de las monjas, que en palacio; verdad es que Juan de Vega puso los exemplos más cazeros que yo quisiera, y assí me parece que no preguntéis cómo dormistes sino a la que supiéredes que ha dormido mal, y aun porqué perdió el sueño.

También os havéis de guardar mucho de dezir luego que estáis enamorado, y de entrar desatinadamente en esta materia, porque es cosa de hombres tontos, ni tampoco entrar de rondón a tratar con las damas, sino poco a poco, y con advertencia, y de manera que no hagáis algún desdén, porque esta materia es sutil, y en que se muestran mucho los hombres.

Es mucha verdad que este negocio es tan sutil, que no se puede prevenir, ni examinar; y assí se resuelve Juan de Vega en sólo aconsejar que proceda con gran tiento, encareciendo el peligro, y de mi podéis aprender aún menos que esto.

Los que van nuevos a la corte, hállanse en muchas cosas embaraçados, porque unos los reciben secamente, otros no se llegan a ellos, y en palacio no tienen aquella entrada

que querrían, y ven a otros, que a lo que en sí juzgan, no son tanto como ellos, passalles adelante. Todo esto se ha de passar sin fatiga, ni corrimiento, y considerar que con el tiempo se entiende todo, y se remedia.

Lo que ensina este capítulo es muy provechoso, y muy cierto, no lo perdáis de vista, aunque tenéis menos peligro que Hernando de Vega, en este passo, que es el más estrecho de la corte, por criaros en ella, que es una gran ventaja que llevan los que han servido de pages en la niñez de los príncipes, a los que entran ya con espada y capa, que llaman en vuestra tierra acrecentados.

21

Y porque es mal general no ver hombre en su misma causa lo que en la de los otros, y ser injusto juez, y querer antes que le conozcan, ni aya hecho cosa de alguna memoria, presumir mucho, y parecer que no es nada lo que los otros han hecho, y que por ser hijo de su padre, o por no sé qué, le hande traer en palmas, y no le ha de passar nadie adelante, esto no ha de ser assí, sino que si uno es viejo, y hombre de autoridad, aunque no sea de mucha calidad, y estado, no se ha de tener por mal que passe adelante. Y si otro es hombre honrado y virtuoso, como está dicho, lo mismo; y si otro passare por tener más favor, haver paciencia, y no estar puesto en estos puntos, sino trabajar de ser tan hombre de bien, que por la misma virtud se valga y merezca, que ésta es la autoridad y honra que nunca se pierde, y las otras se pueden perder cada hora.

La suma de todo esto es, que la verdad sea sólida, y que no os toque la embidia de palacio, donde los menos escapan della; y si no vencéis este animal, siendo portuguéz, y cortesano, todo se os hará fácil, y para ésto vale el ser confiado en el sentido que se toma en Portugal que es presumir no os menosprecie nadie, ni se os adelante por defetos vuestros, que no estáis más obligado que a ponerlos de buen ayre a la puerta de la Fortuna, como dezia Garcilasso, y del resto haga Dios lo que fuere servido.

Y porque los que no tiene experiencia de los reyes, ni de los príncipes, les parecerá que no miran en nada, porque no los hablan, o porque no entran familiarmente donde están, no tiene cuenta con ellos, no se ha de caer en este engaño, porque los reyes naturalmente son grandes artífices de tener cuenta con toda la gente, y aunque parezca que no lo hazen, miran desde el çapato a la cabeza, y si van o no van a palacio, y otro qualquier meneo, o cosa que hagan, y assí se ha de hazer cuenta de no faltar a lo que está dicho, como si el Emperador no mirasse, ni tuviesse cuenta con otra cosa, y de no desconfiar de que no mire o hable, ni de ver que lo haze con otros, porque los príncipes hablan con algunos que no tienen por aceptos, o en mayor grado que a los que no hablan, y muchas vezes atraviessan con uno por dissimular que no están tristes o taciturnos, otras vezes hablan a otro una palabra, porque le tienen por liviano, y les parece que con aquello le contentan, otras vezes, porque ay hombres chisteros y parladores, y éstos algunas vezes quieren que los despierten, y tocan a éstos la tarabilla, porque comiencen la plática, de manera que se ha de ir siempre por lo sustancial y firme, que es hazer toda aquella diligencia que conviene, sin faltar en nada, y obras de virtud, y de que os hablen o no hablen no se os dé mucho, porque ello viene a su tiempo, y quando el hombre no piensa.

Mucho podéis aprender deste capítulo de los humores ordinarios de los príncipes, y de que no os devéis assegurar de hazer cosa que no querriades que supiesen, por pensar que no lo advierten, aunque sean menudas, ni desconfiaros, como arriba se toca, porque atraviessse elrey con alguno, y no con vos, pues son muchos los respetos de poca importancia, porque suelen hazerlo, y dexarlo de hazer.

En la guerra se ha de mirar en los principios de ir con mucho miramiento, porque aunque aya muy buen

coraçón en los que van nuevamente, hazen a las vezes algunos desdenes, que no les dan buen ayre, como es armarse mucho, como si dixésemos ponerse grevas, bufa, el armadura de cabeça antes de tiempo, alborotarse de las armas, o ir muy diligentes a cosa de poca sustancia, y assí otras desta manera. Bastará pues por la primera entrada traer la coraçã con sus escarcelas, y unos medios cujotes quando mucho, y poner la armadura de la cabeça quando la tuvieren puesta todos, salvo si el Emperador o capitán del esquadron las mandare poner, porque en tal caso se ha de obedecer.

Este capítulo, y los que faltan, se gastan en advertencias para la guerra, y assí como en los passados no pretendió de-rechamente Juan de Vega enseñar los precetos de cortesanos a su hijo, sino solo a proceder con tiento y autoridad, assi en esto no tratava de hazerle soldado, sino de que no haga deslumbramientos quando acompañare al rey en la guerra. Y notad muy bien todas estas cosas que son muy a propósito para no deslumbraros en aquellas ocasiones.

24

A las armas se ha de salir presto, y no darse tanta prissa que parezca que se desatina, y el que no tuviere cargo ha de ir a palacio, o a la tienda de Capitán General, si el Emperador no está en el ejército, y el que le tuviere irá a aquella parte donde los que gobiernan lo huvieren dado.

Esto se ha de hazer assí a la letra, advirtiendo que de todos los cavalleros criados del rey, y aventureros se haze un esquadron, donde elrey se halla en persona, quando se entiende que ha de venir a romper con sus enemigos, esto suele governar un gran señor, o los mayordomos, porque se compone de la casa; y a este propósito se endereza lo que Juan de Vega apunta, porque esto ha de ser nuestro proprio lugar, pero si fuéredes amigo del Capitán General, y aun del General de la Cavallería, y pidiéredes licencia particular para andar con uno de ellos, podéis aprender más, y tener mejor vida, y más desobligada.

25

En qualquier cosa que os halláredes en la guerra, como será entrar a hazer alguna facción en tierra de enemigos, os havéis de regir por lo que ordenar el que manda en ella, y no poneros en puntos con él, sino obedecerle y respetarle en todo, sea quién fuere.

En favorecer a los cabos que os governaren, os havéis de señalar, y con esto haréis que parezca que sois de mayor calidad que los otros, y que aquella vuestra humildad tiene misterio, y así vendrá a servir de exemplo.

26

Y porque en la guerra muchas vezes en las facciones que se hazen, o están para hazer, ay muchos que quieren hablar, y gobernar diziendo: Por aquí havíamos de ir, o por acá havemos de venir, o esto se haga, o esto se dexé de hazer, advertid que el que no tiene cargo ha de dexar este cuidado al que le tiene, y no hablar sino se le pregunta, porque aliende de ser cosa impertinente, es señal de flaqueza hablar en tiempo de la necessidad, sino ir de buen semblante y alegre rostro, y prompto para lo que es menester hazer, y callando.

No entremeteros a gobernar, quando no os toca, ni interpretar las ordenes mal ni bien, y caminar de buen semblante al peligro, es lo que devéis hazer. Y por dezir en pocas palabras todo lo que toca a esta materia, havéis de advertir que los hombres de poca suerte, valerosos por las armas, suelen calumniar a los cavalleros, mostrando que no tienen partes para exercitarlas, y porque ellos las tienen mejores, y aun son más pacientes al trabajo y menos temerosos del peligro, suceden en vuestro oficio. Desta murmuración no os havéis de dar por entendido, y avéisla de vencer con estar tan fácil y tan prompto al trabajo, que madrugaréis y trasnocharéis más que el más diligente, y con poneros a la frente en los peligros, en los quales havéis de ser el primero, sin desordenaros, ni hazer desatinos, y procediendo assi, les mostraréis en pocos días que nacistes

para mandarlos, y os obedecerán sin cargo. Havéis de tratar muy cortesmente a los soldados, y darles lo que tuviéredes, guardando en todo que no parezca que los cohecháis, y estar pendiente de su aprobación.

27

Y porque también en la guerra vienen grandes necesidades algunas veces, como es faltar la vitualla, tomar los enemigos los bagajes, tener malísimo alojamiento, hazerse las cosas con disfavor, mal tiempo, lodos, hase de mirar de no andar cansado, ni triste, porque es mucho de hombres baxos, sino antes quantas más necessidades y pérdidas huviere, se ha de andar más alegre, y más sin condolimiento de nada, sino mostrar en esta parte al rebés de lo que otros, y no sólomente no fatigaros con semejante stado, antes holgar que venga aquella ocasión para que se entienda que la tenéis en poco.

También importa mucho mostrar esta tolerancia para superar dificultades, y animar en ellas a los otros, deshaziéndolas, y encareciendo los medios que pueda haver para vencerlas.

Aquí acaba Juan de Vega, yo passaré un poco adelante⁴

28

Lo que puede parecer que falta a esta instrucción quiero yo añadir, reduziéndolo a dos intentos. El uno es de las Letras que devéis aprender, y el otro de los exercicios que también piden maestro, y notad que Juan de Vega no lo omitió por descuido, sino porque si esta doctrina su hijo la sabia, era escusada, y si la ignorava, era passado el tiempo de poderla aprender.

⁴ Na citada cópia que pertenceu ao conde de Gondomar, acrescenta-se: *como ofreçi al principio*, o mesmo se dando no cód. 54-X-6 (25) da BA e m.ms. *Ex libris* Escrigas Galán publicado por Fernando Bouza

29

Y porque no voy agora buscando lo mejor, sino lo necesario, advertid que no podéis escusar de aprender la lengua latina, a lo menos de manera que entendáis, y leáis expeditamente los mejores autores en prosa, y en verso, aunque sean los más oscuros, que son los que escribieron quando comenzó a declinar la pureza de la lengua, porque entre los de esta classe ay algunos excelentes, y aunque os estaría bien saberla escribir y hablar, si no llegáredes allá, con lo que arriba digo me contento.

30

No querría que pensádes que la falta desto sería sólo falta de Letras, sino que hagáis cuenta que os vendría a faltar el medio de entender lo que rezáis, y aun de hablar propriamente vuestra lengua portuguesa o castellana, porque han admitido ya muchos vocablos latinos puros, y también mudados, que el que no sabe latín los pronuncia mal.

31

Si no passáredes desta raya, claro es que no os inclinaréis a estudiar algunas de las ciencias que os estuviera muy bien saber; y assí os obligo a que aprendáis algo de Mathematicas, como sería bien entender la Esfera y Cosmografía, por no ignorar el repartimiento de los apozentos de la casa que habitáis mientras vivís. También importa mucho entender algunos libros de Euclides, y algo de Arismética, porque lo uno y lo otro despierta el entendimiento para comprehender la disposición y sitios de las tierras, y los esquadrones, alojamientos, y fortificaciones, y la Arquitectura, cosas todas de importancia para no estar obligado a callar en materias que estáis obligado a saber.

32

Con esto os aconsejo que trabajéis de inclinaros a entender, leyendo libros latinos de historias principalmente, y de doctrina moral, y también de poesía, y tened por cierto que me havéis de agradecer el consejo si lo tomáredes.

33

Si los poetas os deleitaren, no os dexéis persuadir dellos a hazer versos castellanos o coplas, que es tentación que vence a muchos, porque la poesía vulgar no sufre mediocridad, y pocos hombres ay de tan clara vista a quien sus conceptos razonables no parezcan finos.

34

De los historiadores, aunque sean mejores otros, es Cornelio Tácito el más útil para los que andan en la corte, porque os la hará conocer disfraçada en qualquier hábito; y de los poetas Horacio, si le entendiéssedes bien, os aprovechará más que todos. Esto me ocurre para poderos advertir acerca de las Letras, presuponiendo que os contentaréis con lo forçoso. Pero quando tuviéredes inclinación a tomarlas de veras, podríades estudiar algo de Griego, y de Philosophía, que para todo tenéis tiempo, y estimaréis mucho después haverlo gastado en esto, mas no os descuidéis, aunque llegásedes a saber mucho destas cosas, a hazer caso dello, ni a mostrar que tratáis con libros, porque peor es parecer letrado, que dexarlo de ser.

35

Quanto a los ejercicios corporales, quatro son los más importantes y necesarios: hazeros buen hombre de a cavallo de ambas sillas, començando por la gineta, jugar las armas diestramente, tirar el arcabuz y la ballesta, dançar con soltura. Estos podéis aprender juntos, sin que os impidan el estudio.

36

Para el andar a cavallo importa mucho la buena postura, y aire natural, que mal se puede aprender; esto creo que no os faltará. No estraguéis con afectación ninguna de rostro, ni de cuerpo, ni braço, y no os será menester más para hazer lo de la gineta mejor que muchos, y esto basta.

37

A la brida también se requiere esta manera senzilla, y no afectada, estando sobre el cavallo como estariades en pie,

con los pies fronteros y derechos. Para esgrimir tendréis buen maestro: este exercicio pide brio, y gallardía e presteza. Todo se puede aprender, aunque quanto tuviéredes dello naturalmente, tanto ahorraráis de tiempo y de dificultad.

38

El dançar aprovecha para estar y caminar de buen ayre, y hazer reverencias sin desgracia y assí viene a ser más necesario de lo que parece; y también lo es en qualquier tiempo que huviere damas: en éste no os descuidéis de aprenderlo con curiosidad.

39

Dexé sobre aviso para lo último el tirar el arcabuz y la ballesta, por dezir una palabra de la caça. Quanto al tirar no ay que os advertir, sino que lo uséis y seáis muy curioso en traer bien adereçada la escopeta, porque es compañía peligrosa si se trata con descuido. También os haréis diestro del arcabuz de cuerda, y de cargar y disparar a prissa y con destreza.

40

Quanto a la caça también quiero disculpar a Juan de Vega de haverlo omitido, porque la corte no da lugar a los moços para exercitarla; pero porque suele aficionar a muchos con tanta demasía que los haze selváticos, y daña la hazienda poco menos que el juego, y por otra parte tomándola moderadamente, es útil y virtuoso exercicio, os aconsejo que toméis un medio en ser amigo del campo, y de ballestar, con que cacéis con buen tiempo, y durmáis en poblado; y quanto a la bolatería, no me passéis en la corte de gavilán, ni en la aldea de azor, porque la fábrica de los halcones no se puede sustentar, y no ballestéis en sotos vedados de señores, sin muy expressa licencia y gusto suyo, y con mucha moderación.

41

Bien se podría dezir un poco de la residencia de la corte, y de las pretensiones que en ella pudiérades tener, porque ay

pocas personas, cuyos passados por padre y madre, ayan continuado tanto tiempo sin intermisión el servicio de los reyes de Castilla y de Portugal.

42

La residencia de la corte en la niñez es muy provechosa, y assí lo será en la mocedad, haziendoos el príncipe merced de servirse de vos; no haviendo lugar esto, no me parecen bien los cavalleros moços de vuestra calidad en Madrid ociosos, mas no podré negaros que sentiré mucho que en vos venga a romper el hilo del servicio continuado por más de 200 años de vuestros passados en Castilla, y en Portugal, sin interpolación de personas, ni de tiempo, que es una especialiad que toparán pocos en ella.

43

Llegado a la edad de poder ser empleado en el servicio del príncipe, os aconsejaría que os inclinásedes a servir antes en la guerra con gran sueldo, pretendiendo ser General de la Cavallería, o Coronel de la Infantería Española, o servir sin cargo.

44

No sirviendo actualmente en la guerra, os quiero desaficionar de las embaxadas, porque no podéis pretender más que una, que es la de Roma, la qual comunica con todas en los inconvenientes, y tiene otros propios mayores que los generales; y de más desto pide aquel oficio mayores partes naturales y adquiridas de prudencia, destreza, y sutileza de ingenio, que ninguno de los otros, y más quiero veros adonde tengáis antes peligro de errar, que de ser enganado.

45

Los gobiernos de las provincias de fuera y dentro de España son más a propósito, porque no piden tanto ingenio como valor, y rectitud, que son mejores de haver, porque no pertenecen tanto al entendimiento, como a la voluntad, y al

buen natural. Quiero exceptar los cargos de la India, que por ser provechosos, son los más peligrosos.

46

Las plaças del Consejo y presidencias tocan más a la vejez, y para entonces se presuppone que no havréis menester consejo tan anticipante, pedidle a Dios si os tocare en suerte.

47

Para en caso que la ambición os vaya engolfando, os pido mucho que la refrenéis en todas vuestras pretensiones, siguiéndolas con moderación y autoridad, porque la honra quando venga no llegue enlodada; y con esta condición os quiero hazer un epílogo de los cargos más principales que dentro y fuera de la corte podríades pretender en toda vuestra vida, advirtiéndooos que no me acomodo siempre a estimarlos por el precio que les pone el vulgo, mas no dexaré de apuntar las causas en que lo fundo.

48

Son los cargos que proveen los príncipes de dos géneros, es a saber de paz y de guerra: los de guerra reciben otra división, de tierra o de mar; los de paz incluyen muchas más especialidades, porque son dentro o fuera de la corte. Los de dentro tienen también dos suertes, unos pertenecen a la Casa Real, y otros a los negocios, los de fuera se pueden assí mismo partir en gobiernos, o embaxadas. Caminando por estos passos diré de cada uno lo que me ocurre.

49

Porque las Armas preceden a todos, me inclino a persuadirlos que, llegado a edad de poder ser empleado en el servicio, sigáis la milicia de tierra, procurando entrar en ella con gran sueldo, que esto conviene mucho, y aspirando a merecer los principales cargos inmediatos al supremo, como son General de la Cavallería, o Coronel de Infantería Española, y quando habiéndolo merecido al parecer de otros se despintaren por escaseza de fortuna, o por accidentes de la corte, retiraoos a

vuestra casa en buena sazón, como lo sería al fin de alguna jornada, porque no llevan otra ventaja a sus hermanos los que nacen primero, sino poderse levantar comenzado el juego, si les dize mal.

50

No dexo de conocer la grandeza de los cargos de la mar, y que disponen la via de alcançar uno tan grande como el que ahora tiene Juan Andrea Doria, el mayor del Mar Océano; pero téngolos por aparejados más que los de la tierra, a pisar la raya de la conciencia, y a consentir un poco de las indignidades de la mercancía. Si por aquí camináredes, no os entretengáis largo tiempo, no llegando a tener algún estandarte de galeras en España, o en Itália.

51

En los cargos de la paz, advertid que los de palacio tienen una ventaja a los demás, aunque parecen menos graves, y es que no impiden, antes preparan y facilitan los medios de alcançar los mayores, así porque tienen los príncipes más conocimiento los que tratan delante, como porque la emulación suele allanar las montañas, y ay mil exemplos de hombres cuya grandeza fabricaron sus enemigos por derribarlos. Contados son y sabidos los oficios que en palacio podeís pretender conforme a vuestra calidad, y la consideración de haver tenido de vuestros antecessores el mayor del reyno de Portugal.

52

Los de fuera de palacio son las presidencias, y todos les dan el primer lugar, como en efeto lo merecen, pero nunca las tuve amor, a unas por unos respetos, y a otras por otros, y a todas por ser oficios muy ocupados de horas contadas, gastadas en materia tan cierta y uniforme; la grandeza y la variedad quitan el fastidio de los negocios, y refrescan la sangre y el brio de aquellos que los tratan. Ésta es la ventaja que llevan a todas las materias las de Guerra y Estado y la causa por que las plaças deste consejo son justamente las primeras y las más caras de merecer.

Tienen otra desgracia para mí las presidencias que convienen a eclesiásticos y a letrados, y son estas profesiones tan diferentes de la vuestra, que no me puedo acomodar a los oficios que están entre una y otra. La presidencia de Italia me parece la mejor, porque alcanza lexos, y a grandes ministros, y no es tan ocupada. La de Indias es grande oficio para tratar materias universales, y de mayor cantidad. Tiene la de Órdenes dos grandes sobrehuessos, uno es la competencia de jurisdicción, quedando siempre debaxo de otra, la pesadumbre de las informaciones, desenterrando lástimas. La de Hazienda es muy trabajosa, sujeta a murmuraciones, llena de escrúpulos, dificultades, y desconfianças, si bien ofrece ocasión al presidente para tener más mano con su amo que otra ninguna. La del Consejo Real me parece la peor, estimándola por el mayor cargo de Justicia que ay en la Christiandad. Mas como los oficios demandan jurisdicción y autoridad proporcionada a su tamaño, sin la qual no se pueden bien exercitar, nunca dará a un Presidente de Castilla la que justamente ha de merecer, y éste es un grande impedimento para cumplir tan sustancial obligación. Advertid que hablo como quien escoge, que hablando como quien aconseja qualquiera que os viniessen a tocar en suerte, devéis agradecer a Dios, y estimarla como es razón.

Otros cargos ay de fuera de la corte, que son embaxadas y gobiernos: las embaxadas unas son ordinarias y de asiento, y otras de comisión. Las de asiento se tassan por la grandeza de los príncipes a quien se embían, y las de comisión por la calidad de los negocios que se han de tratar, mas de esta segunda suerte os podéis aficionar, porque tienen de gusto platicar cosas grandes y en tierras estrañas. Tienen de provecho venir a conocer intrinsecamente las provincias. Tienen de autoridad ser las materias importantes y extraordinarias. A este género pertenecen las de los concilios generales, las de pazes y ligas, casamientos de príncipes, obediencias de pontífices, parabienes, pésames, y otras semejantes.

55

Las de asiento aborrezco en extremo, porque tratan menudencias y se zelan de sospechas, y hazen los hombres más curiosos, y menos senzillos de lo que desseo que vos fuéssedes, quanto más que la de Roma, que sola podriades pretender, es ocasionada a hazer sudar en la Semana Sancta, a quien se desseare confessar bien, porque como en la materia de Estado entran todas, y ElRey nuestro señor tiene tantos, y entre ellos ay feudos de la Iglesia, están muy en la mano las ocasiones de encuentros con el papa, que son trabajosísimos, porque si le acometéis como a príncipe, que también lo es temporal, rebuelve como Vicario de Christo, y ataos las manos; y aunque estas calidades se pueden distinguir, y tienen límites señalados de la razón, y del derecho, no dexa de ser la senda muy angosta, tanto, que para ir por medio havéis de caminar por maroma, y assí es lo más seguro apartaros destas ocasiones, porque la veneración al papa, y la lealtad al rey no se hande medir al justo, sino passar con ellos adelante un gran trecho de la obligación.

56

Los gobiernos de las provincias, y especialmente las de Italia, de la India Oriental, y de las Occidentales, que tienen la mar en medio, y otras propiedades de mucha grandeza, son los mejores cargos a mi juyso, porque no demandan tanta sutileza de ingenio, como de valor y rectitud, que son mejores de haver, siendo calidades que no pertenecen al entendimiento, sino a la moderación de los afectos; y assí con sólo refrenarlos, ser vigilante y entero en la Justicia, governaréis bien, y viviréis con descanso y autoridad, absteniéndooos todavía de apretar los tributos con exceso, por ganar gracias en la corte, que es inconveniente en que han caído grandes hombres, y causado daños gravísimos.

57

Corriérame de advertiros que sedís desinteresado, y libre de todo género de codicia, y templado en comer y beber, porque

dize Cornelio Tácito: Que hablar desto a un hombre honrado, es injuria de las virtudes.

58

Si procediéredes assí no tendréis que temer una invasión de fuera, faltándoos lo necessario para la defensa; mas ya esta causa es menos vuestra, y al rey toca socorreros, de modo que haziendo de vuestra parte lo possible, con gran solitud, deliberado de aventurar mil vezes la vida, por no perder un palmo de tierra, podéis esperar que os ayudará Dios a defenderla, y conservar la honra como quiera que suceda.

59

Para subir a estos puestos, el camino del atajo es el de la negociación, más llano es el de los merecimientos, pero rodease mucho por él. Tomaría que fuéssedes por medio entre la solitud indigna y baxa de los demás, y la entereza y altivez de Juan de Vega, que nunca se rindió a Cobos, y aunque todavia se salvó, salvóse como el ladrón por modo raro y peligroso de imitar. Procurad de merecer las cosas, y fundaos en esto, mas no disgustéis los privados, sino sufridlos, y dissimulad con ellos, y grangeadlos con decoro y destreza, no tanto por alcançar los cargos, como para dexarlos propicios quando saliereis a servir, y sino lo quedan no valgáis, porque no ay valor en el mundo, ni arte que pueda contrastar a espaldas bueltas las dificultades del oficio, y el odio de privados.

60

No se sirviendo el rey de vos en la mocedad, no la gastéis aquí, sino en vuestra tierra, prompto y apercebido para poner la vida en las ocasiones que ocurrieren, y aprovechad vuestra hacienda para emplearla también en esto, siendo necessario.

Ultimamente os torno a encargar la lección assidua destos apuntamientos, con ánimo de digerirlos en vuestra propria inclinación, para poder obrar sin dificultad lo que contienen. Y hagaos Dios tan buen cavallero como yo desseo, y lo han sido muchos de vuestro linaje. Etc.

AUTORES PORTUGUESES

I

GASPAR GIL SEVERIM

Instrução que Gaspar Gil Severim mandou a seu filho Francisco de Faria embarcando-se o anno de 98 na armada das Ilhas

[BNL., Cód. 6368, fl. 33v- 35r]

Pois os adajos velhos tem lugar de segundos Evangelhos, estimai este por mais útil e verdadeiro, que os concelhos se hão de tomar das pessoas que vos querem bem, e não das que vós quereis bem.

E pois eu tenho o primeiro lugar dos que vos amão recebi de mim estes avisos neste primeiro momento de vossa vida e douvolos por escrito, porque a continuação de os ler vos fique em hábito e o ganho de os obrar em prémio. Estimai este presente como verdadeira herança minha, porque só isto he meu e tudo o mais que levais são bens da Fortuna.

Primeiramente, pois comessais a servir vosso rey se queréis não errar em seu serviço, começai na observância das leis de Deos, fazendo com muitos actos deste desejo hum hábito nas obras de seu amor e na memória outro de temor, e obrando com este fundamento acertareis em tudo o que fizerdes.

As horas de levantar da cama sejão antes as rigorosas que as reprêhensíveis, e o primeiro exercício seja falar com Deos e depois tratai de vós e dos homens, porque ho começo bem hé penhor de acabar melhor.

Na conversação agazalhai os menores com cortezia e conversaios com respecto e com iguaes sede mais fácil que grave, com os maiores sede fácil, grave e comedido, porque assi vos fareis grato e conservareis amigos, e adquirireis reputação. Na prática tratai as matérias e não as defendais por escusar o aperfiar que hé mostra de pouco entendimento e fim de muitas desventuras.

Fallai sempre a verdade, e não jureis nunca se quereis que vos creão; nunca certifiqueis o que não souberdes mais certo e se for em prejuízo de ausente, ou o defendei ou vos callai, porque hé regra infalível que fallando bem dos ausentes vos fareis grato a todos; aos presentes, porque vos ouvem e aos ausentes pello que ouvem de vós.

Jugai pouco e de pouco, mais per passar tempo que por officio e não mostreis com palavras nem meneos sentimento do ganho ou perda, porque por estes extremos se descobre a qualidade do ânimo.

Sede liberal e não guilhote, porque no primeiro se ganha honra e no segundo reputação de nécio.

Usai de poucas graças em secreto e nenhūas em público, porque os termos da confiança não são iguaes em todos e as repostas são perigosas e a zombaria dessautoriza seu dono.

Nas zombarias alheas se forem pesadas antes vos mostrai desentendido que desconfiado, porque muitas vezes está nisto o remédio da vida e da honra.

Nos trabalhos corporais sede o primeiro, porque no soldado nobre todo o rigor hé honra e a brandura vitupério.

Em actos de guerra tomai o melhor lugar que hé o mais arriscado, porque posto que a consideração em todas as obras ganhe honra nesta a perde.

O vosso capitão amai e servi e conversai no particular com facilidade, e em público com respeito.

Em sua ausência o respeitai como presente, não só fallando bem delle mas não consintais que se falle mal.

Nos seus passatempos públicos, acompanhaio se vos chamar, em seus trabalhos sem serdes chamado, sede sempre com elle, porque nos lugares de gosto vai pouco que seja a eleição sua, mas nos de honra hé vossa.

Todas as vezes que o capitão comer em público, o acompanhai e se em secreto quando elle tirar por vós, porque não fique a confiança em despejo.

Na mesa não sejaes o primeiro no encetar dos pratos, não comais com intenção e esquecimento, fallai pouco à mesa, e manso e não por assenos, nem deveis tratar de matérias pesadas nem tristes, porque nos actos públicos todos os extremos são viciosos.

E sede certo que exercitandovos nestas moralidades alcançareis os indivíduos de cada preceito destes que são muitos e de muita utilidade, porque em fim sem virtude não há soldado honrado nem fidalgo por honrado que seja.

Finis.

II

MARTIM DE CASTRO DO RIO

Carta de instrução de Martim de Crasto do Rio a seus filhos a primeira vês que se embarcarão anno de 606¹.

[Oferecemos o texto do Cód. 13.303 da BNL., fl. 72r-73v (BNLa), apontando as variantes em relação ao texto do Cód. 1551 da BNL., fl. 249v-250r (BNLb) e da lição impressa em PSM].

Pois os adajos velhos tem lugar de segundos evangelhos, estimai este por mais sutil² e verdadeiro³, que os concelhos se hão de tomar das pessoas que nos querem⁴ bem e não de quem⁵ vós quereis bem⁶. E pois⁷ tenho o primeiro lugar dos que vos amão recebi de mim este⁸ primeiro⁹ aviso¹⁰ neste primeiro movimento de vossa vida¹¹.¹²

Primeiramente, pois comesais a servir a vosso rey se quereis não errar em seu serviço, comesai na observância de lei de Deos fazendo com muitos actos deste desejo hum ábito nalma de seu amor e na memória outro de¹³

¹ BNLb *Instrução que Martim de Crasto dos Rios deu a dous filhos a primeira vês que se embarcarão na Armada*; PSM *Instrução de hum grande cortesão português, dada a dous filhos seus, na primeira armada em que se embarcarão*

² BNLb, PSM *muy util*

³ BNLb *proveitozo*; PSM *proveitoso*

⁴ BNLb *queirão*

⁵ BNLb acrescenta *os*

⁶ BNLb omite *bem*

⁷ PSM acrescenta *eu*

⁸ BNLb, PSM *estes*

⁹ BNLb, PSM omitem *primeiro*

¹⁰ BNLb, PSM *avisos*

¹¹ BNLb *vossas vidas*

¹² BNLb acrescenta *e douvolo por escrito porque a continuação de o lerdes vos fique em habito, e o ganho das obras em premio. Estimai este presente como verdadeira herança minha, porque só isto he meu. Tudo o mais que levais são bem da fortuna que assim como os dá os leva*; PSM acrescenta *e douvolos por escrito porque a continuação de os ler vos fique em habito, e o ganho das obras em premio. Estimai este presente como verdadeira herança minha, porque só isto he meu. Tudo o mais que levais são bem da fortuna*

¹³ BNLba acrescenta *seu*

temor e obrando com este fundamento asertareis em tudo o que fizerdes¹⁴.

As oras de levantar da cama sejam antes as rigorozas que as¹⁵ reprehensíveis¹⁶ e o primeiro exercício seja falar com Deos e depois tratar de vós e dos homens, porque¹⁷ comesar bem he penhor de acabar melhor¹⁸.

Na conversação agazalhai os menores com cortezia e conversayos¹⁹ com respeito; e com os iguais sede mais fácil²⁰, que grave²¹, ²² com os mayores sede fácil²³, grave²⁴ e comedido²⁵, porque asim vos fareis grato²⁶ ²⁷, conversáveis²⁸ amigos²⁹, acquireis reputação.

Na prática tratai as matérias, ³⁰ não as defendais por escuzar porfias que he mostra de pouco entendimento e fim de muitas dezaventuras³¹. Falai sempre verdade e³² não jureis nunca, se quereis que vos creyaão. Nunca sertifiqueis senão o que souberes muito ³³ certo e se for em prejuízo de auzente ou o defendei ou vos calai, porque hé regra infalível que falando bem dos auzentes vos fareis

¹⁴ BNLb, PSM omitem *o que fizerdes*

¹⁵ BNLb omite *as*

¹⁶ BNLb acrescenta *por começar bem e acabar mal*

¹⁷ PSM *por*

¹⁸ BNLb omite *e o primeiro exercício seja falar com Deos e depois tratar de vós e dos homens, porque comesar bem em penhor de acabar melhor*

¹⁹ BNLb *conversareis*

²⁰ BNLb *facis*

²¹ BNLb *graves*

²² BNLb acrescenta *e*

²³ BNLb *facis*; PSM *faciles*

²⁴ BNLb, PSM *graves*

²⁵ BNLb, PSM *comedidos*

²⁶ BNLb, PSM *gratos*

²⁷ BNLb acrescenta *com vossos amigos*

²⁸ BNLb omite *conversáveis*; PSM *conservareis*

²⁹ BNLb omite *amigos*

³⁰ BNLb acrescenta *mas*; PSM acrescenta *e*

³¹ BNLb *desventuras*

³² BNLb acrescenta *e*

³³ BNLb acrescenta *de*

grato³⁴ a todos³⁵ ³⁶, aos presentes³⁷ porque³⁸ vos ouvem, aos auzentes pelo que ouvem de vós³⁹.

Jugai pouquo e⁴⁰ mais por pasatempo que por officio, não mostreis com palavras nem menos com obras sentimento de ganho nem de perda⁴¹, porque nestes extremos se descobre a calidade do ânimo e sede liberaes, mas não vos enganem que⁴² no primeiro se ganha honrra e no segundo reputação.

Uzai de poucas graças em secreto e de nenhũa⁴³ em público, porque os termos⁴⁴ da confiança não são iguais e todas as repostas são perigosas e a zombaria dezautoriza seu dono.

Nas zombarias alheas se forem pesadas antes vos mostray dezentendidos que desconfiados, porque muitas vezes está nisto o remédio da vida e honrra.

Nos trabalhos corporaes sede os primeiros, porque no⁴⁵ soldado nobre todo o rigor hé honrra e a brandura vitupério⁴⁶. Em os actos de guerra tomai o melhor lugar que hé o mais ⁴⁷ arriscado, porque posto que a consideração⁴⁸ em todas as obras ganha honrra nesta a perde.

A vosso capitão amai, servi, ⁴⁹ conversai no particular com facilidade, no público com respeito e em sua auzencia

³⁴ BNLb, PSM *gratos*

³⁵ BNLb omite *todos*

³⁶ PSM acrescenta *os presentes*

³⁷ PSM omite *aos presentes*

³⁸ BNLb *que*

³⁹ BNLb *de vós ouvem*

⁴⁰ BNLb omite *e*

⁴¹ BNLb *sentimento da perda nem do ganho gosto*

⁴² BNLb *porque*

⁴³ BNLb *nenhumas*; PSM *nenhũas*

⁴⁴ BNLb, PSM *extremos*

⁴⁵ BNLb *ao*

⁴⁶ BNLb, PSM omitem *e brandura vitupério*

⁴⁷ BNLb acrescenta *perigoso e*

⁴⁸ BNLb *obediência* [o copista tinha copiado *condição*, mas emendou *alias obediencia*]

⁴⁹ BNLb, PSM acrescentam *e*

o respeitai como presente não só falando bem dele, mas não consintais^{50 51} se fale mal ⁵².

Nos seus⁵³ pasatempos ⁵⁴ públicos acompanhayo⁵⁵ se vos chamar, em seus trabalhos sem serdes chamados. Sede sempre com elle, porque nos luguares de gosto vai pouco que seja a eleição sua, mas nos⁵⁶ de honrra hé⁵⁷ voça.

Todas as vezes que o capitão comer em público acompanhayo e em secreto quando elle chamar⁵⁸ por vós, porque não fique a confiança em desprezo, e⁵⁹ na meza não sejais dos primeiros no ensetar⁶⁰ dos pratos, não comais com atenção⁶¹ e esquecimento, falai pouco à meza⁶² e manço^{63 64} e não por asenos ⁶⁵ nem tristes, porque^{66 67} nos actos públicos todos os extremos são viciozos.

Fim.

⁵⁰ BNLb *consentindo*

⁵¹ BNLb acrescenta *que delle*

⁵² PSM acrescenta *delle*

⁵³ BNLb, PSM omitem *seus*

⁵⁴ BNLb, PSM acrescentam *seus*

⁵⁵ BNLb *o acompanhai*

⁵⁶ BNLb *no*

⁵⁷ BNLb *ha de ser*

⁵⁸ BNLb, PSM *tirar*

⁵⁹ BNLb omite *e*

⁶⁰ BNLb *ensertar*

⁶¹ BNLb, PSM *intenção*

⁶² BNLb omite *à meza*

⁶³ BNLb *mansos*

⁶⁴ BNLb *e corteses*

⁶⁵ BNLb, PSM acrescenta *nem deveis tratar matérias pezadas, nem tristes*

⁶⁶ BNLb omite *porque*

⁶⁷ BNLb acrescenta *E adivirte que*

III

MANUEL SEVERIM DE FARIA

Advertências a Dom Francisco Manuel meu sobrinho indo para a Índia a 3 de Março de 623.

[BNL, Cód. 7643, fl. 93r-,95v]

Se quizerdes acertar em todas vossas acções haveis de procurar melhorarvos per ser cada dia lendo pelas manhãs esta lembrança, e fazendo propósito de a cumprir e assim em pouco tempo vos ficarão estes actos em hábitos com que brevemente vos tornareis muito aproveitado.

A primeira cousa que deveis fazer em vos levantando será pôr logo o pensamento em Deos, e dar-,lhe graças por quem elle hé, e pellas muitas mercês que vos tem feito em a especial, convem a saber, porque vos criou sendo vós antes nada; porque vos remio com sua sagrada paxão pera poderdes entrar no Ceo; porque vos escolheo para sua Igreja, deixando tantos fora della; porque vos deo dezejo da vossa salvação havendo tantos que vivem della esquecidos; porque vos não condenou tanto que o offendestes, como fez a outros muitos que estão nas penas eternas; porque vos deu entendimento, e vos não fez sem juízo, como muitos outros; porque vos fez bem nascido e não como outros que nascerão sem honra; porque vos deu com que vos sustentásseis, fazendo a muitos pobres e miseráveis; porque vos deu saúde, fazendo tantos aleijados e cegos; porque vos deu aquelle dia de vida, negando a tantos que fallecerão o dia de antes. Pedilhe que todas estas mercês sejam pera maior glória sua e maior bem de vossa alma e que vos dê graça pera naquelle dia o não offendais em cousa algũa e fazei disso firme propósito.

O levantar da cama seja sempre cedo, porque com isso vos sobejará tempo pera todas as cousas, e evitareis ocasiões viciosas.

Podendo ouvir missa ou ver a Deos será esta a primeira acção, porque com tam bom princípio tereis o restante do dia próspero.

Antes que sayaes de caza, considerai pera onde ides e com quem haveis de fallar, e ide precatado pera o que vos pode succeder.

Procurai sempre conversar os milhores fidalgos, e milhor acostumados e assi mesmo os doutos, e os religiosos, porque ordinariamente cada hum aprende os costumes daquelle que conversa, e segundo os bons ou maus amigos se ganha ou perde reputação pera com os outros homens.

Na conversação numqua zombeis de outrem, porque a zombaria tem reposta, e fica muitas vezes em deshonra de seu dono.

Quando fallardes dizei simplesmente o que entenderdes, numqua porficeis, porque com isso se escusão grandes males.

Numqua digais mal de outrem, e quando outros o disserem, ou vos calai, ou se for de vosso amigo procurai de o desculpar, porque com isso ganhareis crédito com os presentes, e com os auzentes.

Fallai sempre verdade, e trataya rigorosamente em tudo aquillo que vos entregarem na mão, porque quem isto faz leva consigo a mais rica e honrada propriedade que pode ter.

No comer e beber sede muy temperado, principalmente quando o fizerdes em público, e sendo convidado não sejais o primeiro em ensetar os pratos, mas em tudo mostrai moderação, e bom respeito, nem comais, e bebais, senão com pessoas de boa reputação.

Jugai poucas vezes, e de pouco, e numqua a jogo de sorte; e não mostreis com palavras ou meneyos que sentis a perda, ou ganho; entendei que se guardardes estes preceitos vivereis sempre rico, e honrado, e fora de muitas desaventuras que no jogo ordinariamente acontecem.

Vivei honestamente se quereis vida e saúde. Porque na Índia com este vicio chegão facilmente os homens a ficar inhábéis, e muitas vezes perdem o juízo e vida, com os venenos que as molheres lá usão e deste desconcerto nascem de ordinário todas as brigas e desgraças principalmente quando se trata de molheres cazadas, ou que estão pera cazar. Por tanto sede nesta matéria muito senhor de vós, e com esta virtude procurai (?) e sereis advertido que vos não pervertam do vosso propósito amigos viciosos.

Nas brigas pretendei sempre ter a razão de vossa parte, e numqua lanceis mão à espada senão obrigado da justa defensão de vossa honra, vida, ou fazenda.

O vosso capitão conversai no público com respeito e em sua ausência o respeitai como presente, não somente fallando bem d'elle, mas não consentindo que dele se falle mal. Nos seus passatemplos públicos o acompanhai se vos chamar, mas em seus trabalhos vos achai com elle ainda que vos não chame, porque nos gostos vai pouco que seja a eleição sua, e nos cazos da honra hé vossa.

Na milícia sede obedientíssimo a vosso capitão, e nas ocasiões de pelega tomai sempre o lugar mais arriscado, porque esse hé o de mor estima e honra.

Nos trabalhos esperai sempre bem, e entendei que tudo ordena Deos pera mor serviço seu, e assi conformandovos com a sua vontade os passareis mais levemente e se vos tornarão em felicidades.

Em todos os cazos que vos succederem ponde sempre diante Deus, e numqua quebreis com elle por mor da amizade dos homens, antes rompei com tudo por não ir contra o amor de Deos,¹ porque deste modo tereis sempre a vitória certa.

Pera remédio de todos os males frequentai as mais vezes que puderdes os santos sacramentos, e ao menos não passeis numqua mês sem vos confesar.

Todas as noites infallivelmente antes que durmais, vos lembrai que pode ser aquella a última de vossa vida, e repeti logo a memória das graças já referidas pela manhã e considerai que aquelle dia vos foi dado pera vossa salvação; e discorrendo pelo que nelle fizestes de bem, ou de mal, vede se o gastastes em proveito da alma, ou em dano della, e do que achardes que fizestes bem, dai a Deos graças, e

¹ É possível que, embora perfeitamente legível, a expressão: *por amor de Deos*, esteja riscada e substituída entrelinhas por outra: *por não ir contra* [ilegível], de sentido seguramente idêntico. Por isso, optámos pela lição inicial.

proponde de continuar, e melhorar no dia seguinte; e do que mal fizestes, vos peze grandemente por serem offensas feitas contra hum Deos tam bom e de quem tantos beneficios recebestes; e pedilhe perdão de tudo, e proponde de vos emendar no dia seguinte, e não o offenderdes mais em cousa algũa e pedi a vosso Anjo Custódio e santos a que tendes devação vos favoreção pera que assim o cumprirdes.

IV

D. FERNANDO COUTINHO

Lembranças que o Marichal Dom Fernando Couttinho deu por escrito a seus filhos Dom Álvaro e Dom Francisco partindo elles para a jornada da Baya.

[BNL., Cód. 1551, fl. 249v-,252r]

Filho, como a idade e criação da Beira podem escuresser em vós algũa parte do muito que vosso sangue, e boa natureza me assegurão, me pareceo fazervos agora que saís à lus, e a mostrarvos ao mundo por filho de vosso pay, e netto de vossos avós algũas lembranças. E assi a primeira he:

Que em tudo ponhais sempre a Deus diante dos olhos, e de todas as couzas amandoo, e temendoo como a senhor supremo do Ceo, e da terra que vos criou, e de nada vos fes, que vos remio com seu sangue, que vos fes cristão do grémio de sua Igreja Cathollica, que vos deu avós de tanta qualidade, e que posto que vossa may a não tivesse igual volla deu honrada virtuosa e christãa velha, e de que não deveis, nem podeis desprezarvos; que vos deu entendimento, pessoa, disposição, e outras partes que lustrandoas cõ bons procedimentos vos podeis gloriar dellas, e assy o que deveis sempre de trazer no sentido he este Senhor e a propagação de sua santa fee para por ella dardes hũa e muitas vezes a vida; a elle encomenday vossas necessidades, a elle recorrei em vossas pressas, a elle day as graças de vossos bons sucessos, nelle ponde as esperanças de todas vossas couzas que eu vos fico que fazendoo assy vos não desampare e que em tudo vos ajude.

Sede muito cuidadosos, e caridosos cõ os pobres, parti cõ elles o que tiverdes, porque Deus parta com vosco; nenhum mandeis desconsolado para que Deus vos console.

Nenhuma couza se vos pessa por elle, por suas preciozissimas chagas e por sua May Santíssima que não concedais, para que assy elle vos não negue as que lhe pedirdes e ella volas alcance.

Todos os dias que puderdes ouvi missa cõ grande devoção ao Santíssimo Sacramento, e em todos vos encomendai muito a Deus com oraçoens particulares e a sanctos vossos

advogados, porque não vos esquecendo vós delles se lembrarão elles de vós; e assy vos encomendo o rezardes todos os dias o Officio de N. Senhora ou o seu Rosário.

Sede muito modesto em vossas palavras, e obras fugi todo o possível a juramentos, porque he hũa das couzas de que Deus mais se offende, e assy amiassa no Eccleziástico com pragas e castigos aos que o uzão.

Confessayvos muitas vezes e não entreis em recontro, ou peleija se não confessado, e posto bem com Deus para que elle vos ajude, ou para que quando morrais hirdes em bom estado.

O segundo lugar haveis sempre de dar ao serviço do vosso Rey e ao bem de vossa pátria, não duvidando por hum e outro aventurar a vida, porque a hum o deveis por obrigação, e a outro por natureza, e assim sendo hum vos honrará, e encherá de mercês e pello outro alcansareis nome illustre, como muitos alcansaram por serviços feitos às suas pátrias.

O terceyro day a honra, e lembrança de quem sois; trazey sempre por espelho a memória de vossa ascendência, a qualidade de vossos avós, seu sangue, nobreza, e vallor, e os quilates de merecimento por onde os Coutinhos, vossos progenitores, alcansarão o nome que tem, e sempre tiveram; o parentesco que tendes com a Casa Real desta Monarquia, e com todas as mais da christandade e com a Ex.ma de Bargaça, o a que estas couzas vos obrigão, e assy não errareis nunca, e vos servirá esta memória de estímulo para aspirares a couzas altas, como servio ao grande Alexandre a dos feitos de Pirro, e de Achilles para vir a alcansar com os seus a monarchia do mundo. E aqui cabe bem o que os lacedemónios escrivião na orla dos retratos dos seus illustres para incitarem os mossos a sua imitação: *eritis sicut isti si feceris sicut illy*.

Não se vos ponha por diante imaginar deffeito em vossa illigitimidade mais que para o purgardes com obras illustres, porque como vos pus na empreza de meresseser se nella tivestes algũa quebra, essa hão de suprir vosso vallor, e honrados prosedimentos.

Quando esta imaginação vos der pena sirvavos de esporas para fazeres mais por vos avantejar lembrandovos quam honrados bastardos teve o mundo e quantos por seu valor, e obras alcansaram fama, estados e reinos, e monarchias, e no número destes tiverão lugar entre os primeiros dous sétimos avôs vossos: elRey D. João o primeiro de Portugal e o Condestable sancto D. Nuno Álvares Pereira, exemplo cada qual delles do vallor do universo. E muitos dos referidos não tiverão milhores pais que vós, nem forão ornados de milhores partes naturais para se avantejarem, e illustrarem ao mundo com suas obras.

Sahis ao teatro do mundo. Agora vos hé nescessário reprezentar a millhor figura, porque no predicamento da que entrardes reprezentando haveis de ficar sempre.

Vossas obras haveis de ter por máy, e assy procuray ter millhor máy que pay, porque essas vos hão de confirmar no crédito de meu filho, por ellas haveis de ser julgado de todos, e todos hão de ter os olhos nellas para vos julgarem, pello que convém serem ellas tais que de todos sejais bem julgado.

Chegaivos sempre aos grandes e velhos, escolhendo a companhia dos melhores, mas em forma que não desprezeis aos piquenos, nem fujais delles; antes os favoressey, e amparay tudo quanto for em vós.

Sede cortês, porque a cortezia he a que mais obriga, e o cõ que mais se cativão coraçoens, e vontades dos honrados, e o cõ que mais se moderão as más inclinações dos que o não são.

Obedecey a vossos cappitâis mais, e millhor, que o mais umilde soldado dando nisso, e no rigor da melicia exemplo aos outros porque assy alcansareis nome de soldado, e cumprireis com vossa obrigação inteiramente.

Fugi de perfias quanto em vós for, que só servem de discordias; antes vos deixay vencer dellas, que serdelo da cóllera e obrigarvos a paixão, e desatinos que não há mais fermoza couza, nem vencimento mais honrado que deixar-se hum homem de bem vencer de hum porfiozo, mas isto com lemitação quando elles não querem fazer a sua boa por arrogância, mas por rezão.

Day sempre o primeiro lugar aos mais velhos, e fallay pouco diante delles mostrandolhe submissão, e com os que por arrogância vollo quizerem tomar sustentay sempre o que he vosso.

Sede muito confiado e nunca vos pareça que se vos dis couza por desprezo, salvo quando for tão manifesto, que se não possa desimular, porque então deitareis o resto.

Não se enxergue em vós ponto de covardia e muito menos de soberba, porque nenhū esforçado o hé; e assy ide vallente, mas não sejais temerário que sempre o meyo hé o melhor, com tudo antes me venhão novas de serdes morto que de que sois cobarde; mas isto não sirva para vos arremesardes aos perigos sem tento, e com temeridade.

Em todas as couzas segui, e procuray os concelhos dos mais exprementados; do Senhor Ruy Barreto de Moura e Meneses fazey sempre grande cazo e lhe obedecey como a mym próprio porque sendo assy acertareis em tudo, e me dareis nisso grande consollação; e eu sey delle vos fará, e me fará mercê de em tudo vos impor em modo, que em nada erreis, e que alcanseis hum grande nome; sempre o segui, e lhe guarday o respeito e as espaldas, como a vosso cappitam e o deffendey, ajuday, e acompanhay como a senhor, amigo, e camarada.

Com os soldados conversay, e vos domesticay, mas com cortezia e com vos guardardes o respeito guardandolho também a elles, porque volo não percão, e dos que forem arriscados, e pouco considerados vos desviay por vos não obrigardes a descomposturas.

Fugi de terdes dúvidas e differenças, mas quando chegardes a ellas com vossos iguais, ou quasi iguais hide com muito tento, e antecipaivos em forma que não fiqueis mal; e primeiro tiray a espada da baínha, que da boca a língoa com que obrigueis, nem que aguardeis que vos obriguem, porque hũa ferida tem satisfação, e hũa afronta nenhuma.

Não jugeis por nenhum modo jogos de parar nem semelhantes, porque delles não resultão senão paixoens, brigas, ódios, e quebra de amizades; e mais a vós que sois

colérico; para vos desfadardes bastão hūas cargas, hūa polha, huns piques, e outros jogos desta qualidade; e fugi quanto puderdes de jugar mãons. O que no jogo ficardes devendo não aguardeis a que volo peção, e o que vos ficarem devendo não vos lembre para o pedirdes, que estas duas couzas são occazião de grandes dúvidas, e a derradeira de grande discrédito.

Reffreyay muito a cóllera porque he couza muy fea em pessoas illustres salvo quando pelejão.

Nos estillos procuray acertar antes dando de mais, que tirando as prehemências a quem as tiver para o que perguntareis, e vos aconselhareis com quem o entender e não vos pareça que o pedirdes conselho hé mostra de saber pouco, porque antes hé hum dos atrebutos dos discretos.

A voso irmão vos encomendo, e pois hé menino, e vay debaixo de vosso amparo, não lhe faça eu falta; sede vos seu pay doutrinandoo, e castigandoo como vosso filho, e favorecendoo, e animandoo como irmão, que criastes conhecendo que o amor, e conformidade entre irmãos he hum dos doens de mais preço; e a elle encomendo siga também estas lembranças, que vos faço, e lhe mando pela minha benção, que vos tenha por pay, e vos obedeça como a tal, e guarde vossos preceitos, e admoestaçoens como dados por mym mesmo.

Tratay muito bem vossos criados pois vos acompanhão tão longe; sofreilhe algum descuido, porque de quantas couzas elles nos sofrem bem hé que lhe soframos nós algūas; e a elles encomendo muito não falem em vosso serviço e que vos assistão com muito primor, respeito, e limpeza, e que havendo peleijas vos acompanhem, sigão ajudem, e deffendão como delles confio, e como eu lhe saberey conhecer, e gratifficar.

Chegando a Ilha Graçioza tratay aquelles vassallos com authoridade e cortezia informandovos do meu ouvidor (que em particular vos encomendo) das quallidades de cada hum para assy lhe dares o tratamento, e perdi antes por cortês, que por altivo, porque com o primeiro adquirireis

vontades, e com o segundo as desterrareis de vós que hé grande perda.

Pella minha benção vos encomendo, e pella minha vida vos peço que por nenhum modo sayais de noute fora por Lisboa, porque hé muito perigoso, e agora o há de estar muito mais, além do que damna no crédito, do que tomay exemplo em mym a quem glórias a Deus não poderão com verdade meus parentes émulos achacar outros excessos e vede o damno que disso me rezultou.

Encontrandovos cõ algũa justiça não vos descomponhais com ella antes vos mostray em tudo muito brando, porque cõ nada obrigação as pessoas de quallidade a Deus & a seu rey tanto como cõ respeitarem, e obedesserem as justiças.

O mais que aqui deixo de vos lembrar deixo ao vosso entendimento e confio que em tudo seguireis meus preceitos, e lembranças, e que assy se lembrará Deus de vós, e vos trará diante de meus olhos com honra, vida, pas, e saúde, e se haverá Sua Magestade por tam bem servido de vós nesta jornada que vos haja por capas e meressedor das honras e mercês que vos fizer.

Encomendovos meu filho muito que leais muitas vezes estas lembranças, e as leais a vosso irmão.

Areigada a 26 de Setembro de 1624.

O Marichal D. Fernando Couttinho

D. Fernando Couttinho

Advertenzias que el Mariscal Don Fernando Coutiño dio por escrito a su hixo D. Álvaro partiendo él y su hermano D. Francisco en el año de 1624 de su casa para embarcarse en la armada que iba en socorro de la Bahía de todos los Santos. Es muy notable.

[BNM.,Ms. 9087, fl 151r-,155r]

Hixo, como la hedad y crianza... pueden escurecer en Vos alguna parte de lo mucho que vuestra sangre y buena naturaleza me aseguran, me pareció haceros ahora que salis a luz y a mostraros al mundo por hixo de vuestro padre y nieto de vuestros abuelos algunos recuerdos y assí el primero es que en todo pongais siempre a Dios delante de los oxos y de todas las cosas, amándole, venerándole y temiéndole como a Señor supremo de cielo y tierra que os crió y de nada os hizo, que os redimió con su sangre, que os hizo christiano, de el gremio de su Iglesia Católica, que os dio abuelos de tanta calidad, que aunque vuestra madre no la tuviese igual os la dio honrada, virtuosa christiana vieja y de quien no devéys ni podéys desdeñaros, que os dio persona, entendimiento, disposición y otras partes que ilustrándolas con buenas obras y procedimientos os podéis gloriar de ellas. Y así lo que havéis de tener siempre presente es a este Señor y la propagación de su santa fee, para por ella dar honra y muchas veces la vida, a él encomendad vuestras necesidades, y a él recurrid en vuestros ahogos y a él dad gracias por vuestros buenos sucessos, y en él poned las esperanzas de todas vuestras cosas, que yo espero que haciéndolo así no os desamparará y que os ayudará en todo.

Sed muy caritativo con los pobres, partid con ellos lo que tuviéredes, para que Dios parta con vos, a ninguno embiéis desconsolado, para que Dios os consuele.

Nada se os pida por él, por sus preciosas llagas y por su gloriosa Madre, que no lo concedáis, porque él no os niegue lo que le pidiéredes y ella os lo alcance.

Todos los días que pudiéredes oíd misa con gran devoción y reverencia al Santísimo Sacramento, en todo os encomendad a Dios con oraciones particulares y a los santos vuestros abogados, para que no olvidándoos de ellos, se acuerden ellos de vos, y también os encargo recéys todos los días el oficio de nuestra Señora o su Rosario.

Sed muy modesto en vuestras palabras y obras, huid todo lo posible el juramento, porque una de las cosas que Dios más se ofende y así amenaza en el Ecclesiástico a los que le usan, con plagas y castigos.

Confesados muchas vezes y no entréis en pelea sino confesado y puesto bien con Dios para que os ayude, o para quando mueráis ir en buen estado.

El segundo lugar havéis de dar siempre al servicio de vuestro rey y al bien de vuestra patria, no dudando por uno y otro de aventurar la vida, porque al uno lo devéis por obligación y al otro por naturaleza, y así os honrará y llenará de mercedes el uno y el otro, os adquirirá nombre ilustre como muchos alcanzaron por servicios hechos a sus patrias.

El tercero dad a la honra y memoria de quien soys, traed siempre por espexo la memoria de vuestra ascendencia, la calidad de vuestros abuelos, su sangre, nobleza y valor y los quilates de merecimientos por los quales vuestros progenitores alcanzaron el nombre que tienen y siempre tuvieron, el parentesco que tenéis con la Casa Real de esta monarquía y con todas más de la Christiandad, y con la Excelentísima de Braganza, lo que estas cosas os obligan y así no erraréis nunca, y os servirá esta memoria de estímulo para aspirar a cosas altas, como sirvió al grande Alexandro la de los hechos de Pirro y de Achiles para alcanzar con los suyos la monarquía de el mundo, y aquí os acuerdo yo que los Lacedemonios escribieron en la orla de los retratos de sus naturales ilustres para incitar a los mozos a su imitación: *Eritis sicut isti, si fueritis sicut illi.*

No se os ponga por delante imaginar defecto en vuestra illegitimidad, mas que para purgarlo con obras ilustres, porque como os puse en la empresa que trujisteis

el primer día que jugasteys cañas, si alguna quiebra en ella tuviéredes, la ha de suplir vuestro valor y vuestros honrados procedimientos.

Quando esta imaginación os diera pena, sirvaos de espuelas que os hagan aventaxar más, acordaos de quan honrados bastardos tuvo el mundo y quantos por su valor y obras alcanzaron fama y estado, reynos y monarquías y en el número de éstos tuvieron lugar en tal los primeros dos séptimos abuelos vuestros, el rey Don Juan el primero de Portugal y el Condestable santo Don Nuño Álvarez Pe-reyra, exemplo cada qual de ellos de el valor de el Universo, y muchos de los referidos no tuvieron mexores padres naturales para aventaxarse y ilustrar el mundo con sus obras.

Salis al theatro de él, aora os es necessario representar el mexor personaxe, porque con el papel que entráredes havéys de quedar siempre.

Vuestras obras havéys de reputar por madre y assí procurad tener mexor madre que padre, porque ellas os han de confirmar en el crédito de mi hijo, por ellas havéys de ser juzgado de todos y todos han de poner los oxos en ellas para os juzgar, por lo qual conviene que sean tales que de todos seáys bien juzgado.

Procurad ser más amado que temido, mostrad el esfuerzo y arrogancia con enemigos poderosos y con los amigos y humildes blandura y mansedumbre imitando en esto a Dios que a los soberbios derriba y a los humildes ensalza.

Llegaos siempre a los Grandes y viexos escoxiendo la compañía de los mexores, pero de suerte que no despreciéys a los pequeños, ni huiáys de ellos, antes bien los favoreced y amparad.

Sed muy cortés, porque la cortesía es lo que más obliga y con lo que más se cautiva los corazones y voluntad de los honrados y con que más se moderon las malas inclinaciones de los que no lo son.

Obedeced a vuestros capitanes más y mexor que el más humilde soldado, dando en esto y en el rigor de la milicia exemplo a los otros, porque assí alcanzaréys nombre de soldado y cumplireys con vuestra obligación enteramente.

Huyd de porfias quanto pudiéredeis que solo sirven de discordia, antes os dexad vencer de ellas que no de la cólera y obligaros la pasión a desatinos, que no hay cosa más hermosa, ni venzimiento más honrado que dexarse un hombre de bien vencer de un porfiado, pero esto con limitación que ellos no querrán...¹

Dad siempre el mejor lugar a los más viejos y hablad poco delante de ellos mostrándoles sumisión y con los que por arrogancia os le quisieren tomar sustentad siempre el vuestro.

Sed muy confiado y nunca os parezca se hace con vos nada por desprecio, salvo quando fuere tan manifesto que no se pueda disimular, porque entonce hechareys el resto.

No entre en vos punto de cobardía y mucho menos de soberbia, porque ningún esforzado lo es, y así sed valiente, pero no temerario, que siempre lo mexor es mexor, con todo antes me vengan nuevas de ser muerto, que de que fuisteis cobarde, pero esto no sirva de animaros a peligros sin tiento y con temeridad.

En todas las cosas seguid y procurad los consexos de los más viexos y experimentados y del señor Ruy Barreto de Moura y Meneses, vuestro capitán, haced siempre grande caso y le obedecereys como a mí proprio, y porque siendo assí acertaréys en todo, me daréys en ello gran consuelo y io sé de él os hará y me hará merced que en todo os aconsejará que en nada erréys, y alcanzaréis un gran nombre, siempre le seguid y tened respecto como a vuestro capitán y lo defended y ayudad y acompañad como a señor amigo y camarada vuestro.

Con los soldados conversad y os domesticad pero con cortesia y guardandoos el respecto, guardándosele también a ellos, porque no os le pierdan y de los que fueren ariscados

¹ Assim no original. Falta o texto que pode ver-se na versão portuguesa.

y poco considerados os desviad, para que no os obliguen a descomposturas.

Huid de tener dudas y diferencias pero quando llegades a ellas con votos iguales o casi iguales id con mucho tiento y anticipaos en forma que no quedéys mal, y primero sacad la espada de la bayna que de la boca la lengua, con que obligaréis ni que guardéis a que os obliguen, porque una herida tiene satisfacción y una afrenta no.

No juguéis por ningún caso juegos al parar ni semejantes, porque de ellos resultan pasiones, porfías, odios y quiebras de amistad y más a vos que sois colérico; para entreteneros os basta unas cargadas, una polla, un triunfo y otros juegos de esta calidad, y huid lo posible de jugar de manos. Lo que el juego quedares a dever no aguardéys a que os lo pidan, y lo que os quedaren a dever a vos, no se os acuerde el pedirlo, que estas dos cosas son ocasión de grandes empeños y la primera de gran descrédito.

En los estilos procurad acertar antes dando que quitando las preminencias a quien las tuviere, para lo qual preguntaréis y principalmente con el Senhor Ruy Barreto y con Manuel de Acosta como vuestro criado tan honrado y confidente y no os parezca que el pedir consexo es muestra de saver poco, porque antes es uno de los atributos de los doctos.

A vuestro hermano os encomiendo y pues es muchacho y va debaxo de vuestro amparo no le haga yo falta, sed vos su padre doctrinándole y castigándole como a hixo y favoreciéndole y animándole como a hermano que criastes, conociendo que el amor y conformidad entre hermanos es uno de los dotes de más precio y a él encargo siga también estos recuerdos que os hago y le mando por mi bendición que os tenga por padre y os obedezca como a tal y guarde vuestros preceptos y amonestaciones como dados por mi mismo.

Tratad muy bien a vuestros criados, pues os acompañan tan lexos, sufridles algun descuido, porque de quantas cosas ellos nos sufren, bien es que les suframos algunas, y a ellos encargo mucho no falten en vuestro servicio con

mucho primor, respeto y limpieza, y que habiendo pelea os acompañen, sigan, ayuden y defiendan como dellos lo fio y como yo les sabré reconozet y gratificar.

Llegando a la isla de Graciosa tratad aquellos vasallos con authoridad y cortesía, informándoos de mi oydor (que en particular os encomiendo) de las calidades de cada uno para darle el tratamiento y perded antes por cortés que por altivo, porque con lo primero granxearéis voluntades y con lo segundo las desterraréis de vos, que es gran pérdida.

Por mi bendición os encomiendo y por mi vida os ruego que ningún caso salgáis de noche por Lisboa, porque es muy peligrosa y aora lo será mucho más, demás de lo que daña al crédito y tomad exemplo de mí a quien, gloria a Dios, no pudieron con verdad mis parientes y émulos achacar otros excessos y ved el daño que de ello me resultó.

Encontrándoos con alguna Justicia no os descompongais con ella, antes os mostrad en todo muy blando, porque con nada obligan las personas de calidad a Dios y a su rey tanto como con respetar y obedezet la justicia.

Lo demás que aquí dexo de acordaros quede a vuestro entendimiento y confío que en todo siguiréis mis preceptos y recuerdos por que también se acordará Dios de vos y os bolverá a mis oxos con honra, vida, paz y salud y se tendrá Su Magestad por tan bien servido de vos en esta jornada que vos aya por capaz y merecedor de las honras y mercedes que os hiciere. Encomiándoos, hixo, mucho que leays muchas vezes estos recuerdos y los leáys a vuestro hermano.

En Reigada a 26 de Septiembre de 1624.

El Mariscal.

V

D. FRANCISCO ROLIM DE MOURA

Critérios editoriais particulares da edição deste texto, além dos aplicados a todos os que publicamos:

– Registamos todas as variantes gráficas, lexicais, morfológicas e / ou sintáticas;

– Corrigimos, tendo em conta BA, CC, PB e FB, alguns erros evidentes ou falhas de cópia do género *cuentan cuentan* por *cuentan cuentos*, que, de acordo com o grau de evidência, assinalamos em nota ou colocamos, sem mais, no texto entre [];

– Mantivemos todos os lusismos gráficos e morfológicos.

*Documentos que João de Vega deo a hum filho seu indo servir ao Imperador, os quaes comentou D. Francisco Rolim de Moura.*¹

[Oferecemos o texto dos comentários de D. Francisco Rolim de Moura às *Instrucciones* de Juan de Vega com base no texto do Cód. 342 da BGUC, assinalando as variantes em relação ao texto de BA (Cor. 17 42; 51- II- 42), do ms. CC, da edição de PB, e ao do cód. *Ex libris* Escrigas Galán (Madrid), segundo a lição publicada por FB].

1

Juan de Vega²

Lo primero que se os encarga, es guardar muy bien esta instrucción,³ leyéndola muchas vezes⁴, y⁵ entenderla⁶, para ver lo que hazéis de lo contenido en ella y en lo qué faltáis para procurar cumprirla⁷.

¹ BA acrescenta *Dom Francisco*

Aunque Juan de Vega caminasse por el llano en la plática de sus instrucciones, como el conde dize tratando dellas, parece que la theórica destas reglas no mereçia olvidarçe, a lo menos como forma de tan excelentes imágenes y verdadero original destes retratos. Bien se echa de ver, sin que se diga, la façelidad con que el conde descubriera los cimientos deste edificio si tratara de su traça como de acomodarnos a la obra con los procedimientos apuntados por ser persona de tanta experiênçia, valor e entendimiento. Queda, pues, desculpada mi pluma en esta empresa de que saldrá a lo menos el haverla acometido y quedará satisfecho mi intento con saberçe que no ay armas a prova de tiempo ni cosa a satisfacción de todos.

² BA acrescenta *1ª regla*.

A cópia de BA, para além desta primeira indicação, não numera o restante texto de Juan de Vega, limitando-se a assinalar com «Juan de Vega» o início de cada «documento».

³ CC, PB, FB acrescentam *y entenderla*

⁴ CC omite *muchas vezes*

⁵ BA omite *y*

⁶ BA *entendiendola...*

⁷ CC, PB *cumplirlo*; FB *cumplillo*

D. Francisco⁸

Repíte con razón el leerla, y entenderla, porque algunos ay que leyendo le hacen por entretenerse, haviéndose de tomar como trabajo, que harto grande lo es ocupar el entendimiento, y faltando en la lección este requisisto, es tratar un cuerpo sin alma⁹, y aun perder el tiempo, que es pérdida irreparable.

2

Aveis de tener cuenta con¹⁰ la costumbre de oír missa cada día,¹¹ y confessaros tres vezes en el anno, y de rezar algunas buenas¹² oraciones, y visitar las casas de religión que huviere por las partes por do fuéredes, tratando bien a los religiosos, y ayudándoles con lo que¹³ pudiere ser¹⁴; esto sea de manera que no paresca¹⁵ ficción¹⁶ de rezador¹⁷ ni santero, ni con ninguna affectación, de la qual os havéis de guardar mucho en todas las cosas generalmente.

Comento

No podía faltar en hacer desto gran recomendación, pues tratava de mostrarnos a proceder ordenadamente, cuya sustancia tiene en Dios su verdadero principio, que la virtud es una evidencia en los mortales de su immortalidad. En lo de las confesiones entendo que puso límite a las que de público davan lustre en razón de christiano, sin nota de santero, y las demás, que deven ser muchas, suppuso como obras de secreto, que tienen mayor merecimiento y huyen a la murmuración de los extremos.

⁸ A cópia da BA assinala com «D. Francisco» o início do comentário de cada «documento» de Juan de Vega.

⁹ BA *anima*

¹⁰ BA omite *cuenta con*; CC, PB omiten *cuenta con la*

¹¹ CC, PB, FB acrescentam *y bien oida*

¹² BA omite *buenas*

¹³ CC, PB acrescentan *se*

¹⁴ CC, PB omitem *ser*

¹⁵ CC, PB acrescentam *se haze*

¹⁶ CC, PB *profesion*

¹⁷ CC *de reçar*; PB *de rezar*

3

Haveis de trabajar mucho de decir verdad ¹⁸ y ganar opinión de verdadero, ¹⁹ en que se cobra mucha ²⁰ reputación, de manera que ni en mucho ni en poco ²¹ offrescáis cosa ni digáis palabra sino para cumplirla.

Comento

Bien junta²² igualando lo esencial con la reputación en este caso, siendo así que en tantos otros diffieren, y la causa deve ser de ²³ no se dar en el mundo mayor mal que la confusión²⁴, la verdad no recibiendo engaño de ajenas apparencias, es puramente acto voluntario, y de aquí nasce perder en la falta de uno el precio de todos, pues de uno que se vea pervertido de necesidad su causa se pervertió.

4

Y porque ay algunos en la corte que por hacerse graciosos cuentan ²⁵ cuentos ²⁶ que no son verdad y hablan demasiado, havéis de guardaros desto, y aunque que veáis que la gente se rie con ellos, y los señores los admiten y ²⁷ algunas veces los honran, no se ha de tener ningún ²⁸ deseo de aquel estado, porque los mismos que huelgan y parece que tienen cuenta con ellos, los tienen ²⁹ en lo substancial y secreto en poco ³⁰; y a los que son personas assentadas ³¹

¹⁸ BA, CC, PB, FB acrescentam *en todo*

¹⁹ CC, PB, FB acrescentam *que es lo principal*

²⁰ CC, PB, FB omitem *mucha*

²¹ CC, PB *en poco, ni en mucho*

²² BA *apunta*

²³ BA acrescenta *que*

²⁴ BA omite *de no se dar en el mundo mayor mal que la confusión*

²⁵ FB *inventan*

²⁶ Original *cuentam*

²⁷ CC, FB acrescentam *aun*

²⁸ CC, PB omitem *ningún*; FB *algún*

²⁹ CC, PB acrescentam *en poco*

³⁰ CC, PB omitem *en poco*

³¹ BA, PB *attentadas*

y no curan de aquellas gracias los tienen en más, aunque no parezca que tienen con ellos tanta cuenta.

Comento

Entendia Juan de Vega quanto diffiere cortesano de parlero, y como los hombres acuden más a sus gustos que a las conveniencias ajenas; importa huir de ser bien acogido a trueque de mal reputado, que las gracias son como la fruta que se usa como apetito y el proceder atinado es piedra de virtud que se conoce y guarda para los casos de importancia, aunque no se traiga en la medalla de la gorra. En lo de quentos dudosos no hay que hablar.

5

Tacha señalada^{32 33} no havéis de dizir de nadie aunque la³⁴ sepáis³⁵ y que^{36 37} veáis dezir a otros; tampoco havéis de dezir a nadie lástima ni cosa que le pese, bien que en cosas³⁸ de poca qualidad, como si se pone un mal a cavallo,³⁹ si trae mala gorra⁴⁰ y otras desta manera, no es inconveniente burlar dellos, antes es pesadumbre dexarlo de hazer quando se offrece, guardando en⁴¹ todo que sea verdad, y vuestra condición propia y⁴² naturaleza⁴³ no os [en]tonando o⁴⁴

³² FB *Las chançonetadas*

³³ CC acrescenta *en burlas, ni en beras*; PB, FB acrescentam *en burlas, ni en veras*

³⁴ CC, PB omitem *la*; FB *las*

³⁵ CC, PB *se sepa*

³⁶ CC, PB omitem *y que*

³⁷ CC, PB acrescentam *ni la*; FB acrescenta *ni las*

³⁸ FB *en cosa*

³⁹ CC, PB acrescentam *o que se puso bien, o mal la capa, o la gorra*; FB acrescenta *o que se puso vien, o mal la capa, o la gorra*

⁴⁰ CC, PB, FB omitem *si trae mala gorra*

⁴¹ FB *con*

⁴² FB *o*

⁴³ CC *y buestra naturaleza y condicion*; PB *y vuestra naturaleza y condicion*

⁴⁴ FB omite *o*

desentonando más ⁴⁵ que lo que trae consigo vuestro propio natural⁴⁶, porque esta⁴⁷ arte propia igualada⁴⁸ con lo que está dicho es mayor⁴⁹ que ninguna otra que se tome⁵⁰, no siendo natural⁵¹ el arte propia⁵².

Comento

Los advertimentos deste capítulo son muy substanciales por la facilidad con que se pueden cumplir, y lo mucho que se platica⁵³ aprovecharía de ordinario, que son las conversaciones quinto elemento de corte y dellas accidente inseparable dar nuevas, poner tachas o passar en burlas. Y quanto lo primero, el no dezir tacha agena, es poner silencio a las propias, pues hargüye de falta particular al que las dize y despierta los ánimos a que se las busquen; en lo segundo no se adquiere más que ser medianero de disgustos y la causa de que informamos jamás queda bien recibida de la naturaleza que serán con los hombres el medio de sus pesares, y el imitar ajenas artes sería pensar que el arte puede disponer en todo generalmente⁵⁴; la regla de qué y hasta donde se puede llegar con las burlas es tratarlas en los términos de su nombre, no llegándolas a aquel punto que se puedan llamar veras.

6

Porque ay algunos que hazen profesión de desconcertarse⁵⁵ de todo⁵⁶, otros de bravos, otros de graciosos, otros

⁴⁵ CC, PB, FB acrescentam o menos

⁴⁶ CC *buestra misma condicion natural*; PB, FB *vuestra misma condicion natural*

⁴⁷ CC, PB *el*

⁴⁸ CC, PB, FB *regulada*

⁴⁹ CC, PB, FB *mejor*

⁵⁰ FB *tomó*

⁵¹ FB *naturalmente*

⁵² CC, PB *omitem el arte propia*

⁵³ BA *su plática*

⁵⁴ BA *omite el imitar ajenas artes sería pensar que el arte puede disponer en todo generalmente*

⁵⁵ BA, PB, FB *descontentarse*; CC *descontentarse*

⁵⁶ CC, PB, FB *todos*

de sabios, otros⁵⁷ de enamorados, otros⁵⁸ de diligentes, ⁵⁹ otros de ⁶⁰ no se le dar⁶¹ de nadie^{62 63}, el cavallero moço no ha de hazer profesión de nada, que es muy pesada cosa, ni mostrar que⁶⁴ se persuade que sabe nada, sino trabajar⁶⁵ de acertar en⁶⁶ lo mejor, de manera que aunque se haga con discreción y por⁶⁷ industria, que muchas vezes es buena⁶⁸ ⁶⁹, se encubra el arte, y ⁷⁰ muestre que ello se haze ⁷¹ como cosa natural. Y sobre todo advierta el hombre moço que no se ha de descontentar⁷² de nadie⁷³ hasta que tenga authority para reprehender lo malo y aprobar lo bueno. Y de lo demás no mostrar descontentamento⁷⁴ ni tomar pesadumbre ninguna, aunque lo malo no⁷⁵ se ha de dexar de mostrar que se entiende que no es bueno y que⁷⁶ se aborrece, con el devido término⁷⁷ y templanza⁷⁸.

Comento

Aquí se prohíbe la profesión, a mi juicio universalmente, por ser cosa muy cerca de algun extremo que de su naturaleza

⁵⁷ CC, PB omitem *otros*

⁵⁸ CC, PB omitem *otros*

⁵⁹ CC, PB acrescentam y

⁶⁰ CC, PB acrescentam *que*

⁶¹ CC, PB *da*

⁶² BA, CC, PB, FB *nada*

⁶³ CC, PB acrescentam *de las cosas*; FB acrescenta *por las cosas*

⁶⁴ BA omite *que*

⁶⁵ CC, PB *trabaje*

⁶⁶ CC, PB, FB *con*

⁶⁷ CC, PB omitem *por*

⁶⁸ CC, PB *bueno*

⁶⁹ CC, PB acrescentam *que*

⁷⁰ CC, PB, FB acrescentam *se*

⁷¹ CC, PB, FB acrescentam *ello mismo*

⁷² CC, PB *contentar*

⁷³ BA, PB, FB *nada*

⁷⁴ FB omite *Y de lo demás no mostrar descontentamento*

⁷⁵ CC, PB *nunca*

⁷⁶ CC omite *que*

⁷⁷ FB omite *y que se aborrece, con el devido término*

⁷⁸ CC, PB omitem y *templanza*; FB y *tiene plática*

es cameleón de vicios, y en corte tacha muy grande, pues se vive a gusto de tantos, y siendo lo que se professa bueno en la substancia, no lo permite la embidia, mirando de ordinario su molestia, y siendo malo, tampoco lo consente la razón procurar una mediana fortuna, como el vestido, que yo aprovaría a la medida del sujeto que no muy largo, siguiendo, en lo substancial, lo más acertado y puro, y al curso de la vida no tomar camino solo.

7

No havéis de hazer pesado al trabajo, asi del cuerpo como del espíritu, dexando de dormir quando fuere necesario⁷⁹, comiendo mal y beviendo peor, teniendo mala posada y otras malas⁸⁰ cosas desta qualidad⁸¹, ni tampoco mostraros regalado⁸² por⁸³ lo que toca⁸⁴ a vos mesmo⁸⁵ y vuestra comodidad, que es cosa que está⁸⁶ muy mal a los moços, aunque con los otros quando vinieren a vuestra posada o los topáredes en otras partes, siempre los devéis regalar⁸⁷, y no cansaros, porque nunca valió nada el que se⁸⁸ cansó⁸⁹ de trabajar⁹⁰.

Comento

En las adversidades se prueba la virtud del cuerpo y ánima, y así quiso nuestro texto advertirnos el no rehusar trabajo, mostrando que la siencia de corte no tiene su raíz en los conceptos y

⁷⁹ BA, CC, PB, FB *menester*

⁸⁰ BA, CC, PB, FB *omitem malas*

⁸¹ CC, PB *acrescentam que suçeden en la paz y en la guerra*

⁸² CC, PB *omitem regalado*

⁸³ CC, PB, FB *para*

⁸⁴ CC, PB, FB *omitem toca*

⁸⁵ CC, PB, FB *acrescentam toca*

⁸⁶ CC *parese*; PB *parece*

⁸⁷ CC, PB *acrescentam como pudieredes mas en fin haveis de travajar*;
FB *acrescenta como pudiéredes. Mas al fin havéis de travajar*

⁸⁸ CC, PB *omitem se*

⁸⁹ BA *cança*; FB *cansa*

⁹⁰ PB *trabajarse*

respuestas si no son acompañadas de valor y constancia. En la vida ordinaria reprueba los regalos en tal orden que parezcan una de las cosas que más cuidado lleva al que se trata con ellos, pero en todo tiempo y lugar, a su respeto, sería buena la buena orden del servicio y lo de los huéspedes, como a la descubierta se hazen⁹¹, ⁹²demonstración de gusto, sea lo más regalado que pudiere.

8

Havéisos⁹³ de guardar⁹⁴ mucho de ser porfiado, determinando⁹⁵ de⁹⁶ no porfiar con nadie, y ansí mismo⁹⁷ de no jurar ninguna manera de juramento, ni de los que hazen algunos por religión, y⁹⁸ dizen⁹⁹ por mi alma, ¹⁰⁰por mi vida¹⁰¹, que son juramentos mugeriles. No digáis más que sí o no, que esto basta.

Comento

Con infinita razón condena los porfiados, cuyo vicio carece de desculpa por carecer de provecho; y es claro que el que contradice o no entiende o no quiere dolencia¹⁰² de la jurisdicción del tiempo o de una buena razón, y no de muchas razones o de muchos gritos por ser la fuerça que con ellos se haze, pero sin basis, que a sí mismo sirve de ruina¹⁰³. En las

⁹¹ BA *haçe*

⁹² BA *acrescenta en*

⁹³ CC *Haveis*; PB *Aveis*

⁹⁴ CC, PB *guardaros*

⁹⁵ CC, PB *determinaos*; FB *determinándoos*

⁹⁶ CC, PB *a*

⁹⁷ CC, PB *omitem ansí mismo*

⁹⁸ BA *omite y* CC, PB, FB *que*

⁹⁹ BA *diziendo*

¹⁰⁰ CC, PB *acrescentam o por mi conçiencia*; FB *acrescenta y por mi conçiencia*

¹⁰¹ CC, PB, FB *omitem por mi vida*

¹⁰² BA *dolencias*

¹⁰³ BA *omite por ser la fuerça que con ellos se haze, pero sin basis, que a sí mismo sirve de ruina*

*injurias*¹⁰⁴ *quítese la costumbre que la voluntad no las aprueba en ningún sujeto.*

9

Havéis de tener gran cuidado y miramento¹⁰⁵, y aun encomendarlo a Dios, de no reñir con nadie ni tomaros con ninguno a palavas, porque es una cosa de gran inconveniente y en que se pierde¹⁰⁶ mucho ¹⁰⁷, y los que se precian de andar en los puntos son hombres tenidos en poca estima y así conviene proceder de manera que no aya causa de caer en este inconveniente.

Comento

*Házese memoria de no tomarse a palavas con nadie, mostrándonos que de suyo suelen herir sin reparo, y aun de no dexar sin violenta cura las heridas; y el precepto*¹⁰⁸ *de las riñas*¹⁰⁹ *se ha de entender*^{110 111} *escusándolas quanto fuere possible; y quando vengan de lance forçoso sean con la espada, que tocando solo al cuerpo no da lugar al mayor inconveniente. Y aunque éste sea el modo de riesgo más aparente, adviértase que a vezes es el mayor peligro imaginarse puesto en él*¹¹².

¹⁰⁴ BA *jurás*

¹⁰⁵ CC, PB omite y *miramento*

¹⁰⁶ CC, PB, FB *puede perder*

¹⁰⁷ CC, PB *acrescentam y quando se gana ganase muy poco*

¹⁰⁸ BA *precio*

¹⁰⁹ BA *acrescenta seya*

¹¹⁰ BA omite *se ha de entender*

¹¹¹ BA *acrescenta no procurarlas in ninguna manera*

¹¹² BA omite *Y aunque éste sea el modo de riesgo más aparente, adviértase que a vezes es el mayor peligro imaginarse puesto en él*

Havéis de trabajar por¹¹³ ¹¹⁴ ocasiones de hazer plazer¹¹⁵ y buenas obras a todos, en especial¹¹⁶ ¹¹⁷ a los que son hombres de bien, tratándolos con buena criança y amor, aunque la cortesía no ha de ser ¹¹⁸ igual¹¹⁹ ¹²⁰ a todos, porque desta manera¹²¹ viene a hazerse descortesía, si al que la merece se haze tanta como al que no la merece. La buena criança¹²² y acogimiento ha de ser general, ¹²³ los términos de la cortesía medidos, según fueren las personas, dándoles algo de¹²⁴ más y¹²⁵ no de menos, mas no haziendo¹²⁶ tampoco superfluidad en esta parte.

Comento

La virtud de la liberalidad se ha de usar como efecto del ánimo y no al justo del merecimiento de quien recibe; más o menos es solo lo que se deve medir con los sujetos en que obra, y la cortesía que es don precioso, y del mismo género aunque de diferente especie, deve entrar en la misma regla que en su tanto y en su respeto no ay cosa do no aya grandeza, y aquí se deve entender que sea antes algo de más que de menos.

¹¹³ CC, PB *en*; FB *de*

¹¹⁴ CC, PB, FB *acrescentam buscar*

¹¹⁵ FB *hazeros plazentero*

¹¹⁶ CC, PB *especialmente*

¹¹⁷ CC *acrescenta a buestros amigos y*; PB *acrescenta a vuestros amigos y*

¹¹⁸ CC, PB, FB *acrescentam generalmente*

¹¹⁹ BA *igualmente*

¹²⁰ BA *acrescenta general*

¹²¹ CC, PB *omitem desta manera*

¹²² CC, PB *gracia*

¹²³ CC, PB *acrescentam y*

¹²⁴ CC *omite de*

¹²⁵ CC, PB, FB *que*

¹²⁶ CC, PB *no ha de ser*; FB *hazer*

Y porque ay dos maneras de estados a quien es justo tener gran¹²⁷ respeto, en especial los moços, se dirán aquí: el uno es el¹²⁸ que por estado o gran sangre, como sería un hijo¹²⁹ de un gran señor, se le¹³⁰ deve hazer cortesía; el otro es que por virtud y obras lo merece¹³¹, como¹³² diríamos¹³³ de¹³⁴ un soldado que siendo¹³⁵ de baxa suerte aya venido a ser valeroso en la guerra y tener algún cargo de qualidad, como sería¹³⁶ Maese¹³⁷ de Campo¹³⁸, o algún religioso y persona justa y entera. Éstos se deven estimar¹³⁹ y respetar mucho¹⁴⁰.

Comento

Las diferencias de méritos tiene bien explicado nuestro cortesano, paréceme que devía procurarse en los públicos el trato de los grandes y de los que valen por algo de lo dicho en particular. No digo, pero, que se les deva huir en ninguna parte, porque es mayor culpa, si bien menor afrenta, ser vencido en cortesía que en valor, y tratándolos misticamente muéstrase en ello correspondencia de sujeto, y en los públicos pensarían algunos que los tales no os buscavan a respeto desto, sino de la sangre que a ellos les falta.

¹²⁷ CC, PB, FB omitem *gran*

¹²⁸ PB *los*

¹²⁹ CC, PB acrescentam *o nieto*; FB acrescenta *o un nieto*

¹³⁰ CC, PB, FB *les*

¹³¹ CC, PB *merescan*; FB *merescan*

¹³² CC, PB acrescentam *es*

¹³³ CC, PB omitem *diriamos*

¹³⁴ FB *si*

¹³⁵ FB omite *que siendo*

¹³⁶ CC, PB omitem *como sería*

¹³⁷ BA, FB *Maestro*

¹³⁸ CC acrescenta *de infanteria, o de gente de a cavallo, o Coronel, o cosa desta manera*; PB acrescenta *de infanteria, o de gente de a cavallo, o Coronel, o cosa desta manera*; FB acrescenta *de artillería, o de gente de cavallo, o Coronel, o gente desta manera*

¹³⁹ FB acrescenta *mucho*

¹⁴⁰ FB omite *mucho*

12

Los cavallos y otra qualquiera cosa que vinieren a pedir prestado¹⁴¹ para burlas o¹⁴² para veras, daréis de buena gana, en¹⁴³ especial a los amigos, y aun offercérselo¹⁴⁴ de manera que en esta parte no se muestre estrechez¹⁴⁵, porque es baxeza, y escusaos todo lo possible de pedir prestado a nadie ninguna cosa.

Comento

El prestar a todos lo que se pide y aun offercérselo a los amigos sin que lo pidan está muy bien advertido, pues también es un cierto atributo de liberalidad, pero con la mira siempre de que ésta se pierde por demasiada largueza¹⁴⁶; y en lo de pedir prestado se deve tener mucha quenta, y sea en ocasiones do la honra fuere necesitada, que usar aquí de la hazienda de los amigos es virtud, y en los apetitos es vicio.

13

Havéis de tener cuidado de no hazer desorden ninguna en el gasto¹⁴⁷, sino¹⁴⁸ vivir de manera que se pueda hazer con lo que tuviéredes, y no seáis de los que andan muy bigorradados ni muy bordados sino fuere en alguna fiesta, porque nunca hombre que se haya bordado ni bigorradado demasidamente ha valido mucho, mas hase de haber¹⁴⁹ el vestido limpio¹⁵⁰ ¹⁵¹, igualado, y nuevo.

¹⁴¹ FB *prestados*

¹⁴² BA *ni*

¹⁴³ PB *omite en*

¹⁴⁴ CC, PB *ofreçerlo*; FB *offerecerlo*

¹⁴⁵ CC, PB *estrechura*

¹⁴⁶ BA *omite pero con la mira siempre de que ésta se pierde por demasiada largueza*

¹⁴⁷ BA *gusto*

¹⁴⁸ PB *y*

¹⁴⁹ CC, PB, FB *traer*

¹⁵⁰ CC, PB, FB *omitem limpio*

¹⁵¹ BA, FB *acrescentam bien concertado*

Comento

El abstenernos de gastar demasiado es cosa de tanta importancia que por no acertarse se viene a dar en algunos inconvenientes defendidos en esta instrucción, y así parece que tacitamente se ha de entender el texto no en respeto de la hazienda ni de su estimación, sino de las faltas que se siguen faltando ella. Y en los bordados y galas es lo limpio muy comedido, muy bien juzgado y muy conforme a todos los estados y professions de la corte¹⁵², y lo demás continuado son superfluidades que denotan los límites del entendimiento, pareciendo que ni más lexos ni más interiormente nos queda que esperar de sus acciones. Y es, al fin, cosa en que más se muestra el artificio y afeite tan vedado de nuestro autor.

14

Jugar no se ha de hazer en ninguna manera, y quando se huviere de hazer ha de ser teniendo más edad, y no por officio, sino en¹⁵³ alguna¹⁵⁴ ocasión de¹⁵⁵ fiesta o que quisiere jugar el rey, y entonces mirar mucho de hazerlo bien y sin mostrar que tenéis en nada el perder y¹⁵⁶ el ganar.

Comento

La regla quedaría entendida jugando en aquellas ocasiones a do el dexar de hazerlo sería faltar en algo, cuyos exemplos tenemos en nuestro cortesano, pero ser tabur y conocido por tal, ora sea en poco ora sea en mucho, es una puerta de grandes inconvenientes y por do pocos han dexado de entrar sin perder authoridad y de salir sin molestia, y no pongo diferencia en la cantidad de lo que se juega, que todo es un officio, un trabajo y una misma mecánica. Demás desto sabemos que viene a adquirirse con modos illicitos lo que illicitamente se consume¹⁵⁷.

¹⁵² BA [*de la corte*]

¹⁵³ FB *por*

¹⁵⁴ BA, CC, PB, FB omitem *alguna*

¹⁵⁵ BA, CC, PB, FB *acrescentam alguna*

¹⁵⁶ CC, PB, FB *ni*

¹⁵⁷ BA omite *Demás desto sabemos que viene a adquirirse con modos*

15

No se ha de comer en la posada de propósito, porque comer en la corte los moços en su casa solos es deslustre¹⁵⁸ y para hazer mesa no ay caudal, porque es menester mucho; y assi havéis de comer unas vezes con unos, otras con otros, como será con el duque de Alva, si está en la corte, con el Monseñor¹⁵⁹ Granvela, y alguna vez con otro señor alguno, mas ¹⁶⁰ ha de ser ¹⁶¹ comer en la posada como por desastre¹⁶² y no por cosa ordinaria.

Comento

En este aviso parece que se devía advertir no igualar a todos los cortezanos, antes tocar más a los moços, y en los otros me parece que se devian ser convidados, y tener huésped de muchas vezes, pero más las de dar de comer en casa que de hazerlo en las agenas, porque se note esta acción como de cortezano y no de mercader, dando al uso y al ánimo sus lugares, porque vencer con él apretadamente es tomar un señorío resistido de todos¹⁶³.

16

A palacio havéis de ir cada día y quando el Emperador cavalgare o¹⁶⁴ el Príncipe, ¹⁶⁵ siempre havéis de trabajar

illicitos lo que illicitamente se consume

¹⁵⁸ PB *deslustrarse*

¹⁵⁹ CC, PB *Monsiur*

¹⁶⁰ CC *acrescenta no;*

¹⁶¹ PB *acrescenta el*

¹⁶² CC, PB *desgracia*

¹⁶³ BA omite *dando al uso y al ánimo sus lugares, porque vencer com él apretadamente es tomar un señorío resistido de todos*

¹⁶⁴ BA *y*

¹⁶⁵ PB *acrescenta y*

por¹⁶⁶ ¹⁶⁷entender¹⁶⁸ las horas a que se podrá entrar al Emperador o al Príncipe¹⁶⁹, e ir a aquellas¹⁷⁰ ¹⁷¹.

Comento

Siendo la satisfacción del príncipe el fin a que caminamos, no es cosa acertada perder ocasiones de mostrar zello, y como no podemos juzgar perfectamente las de que más se satisface, es menester no faltar a ninguna, que en las cosas es gran parte el ser bien hechas, y en lo de servir es el todo¹⁷², pero con advertencia que hasta las virtudes en los extremos se aniegan.

17

A los hombres de negocio¹⁷³ y authoridad que fuéredes a visitar, havéis de estar muy poco con ellos por no embarçarlos, y¹⁷⁴ trabajar de¹⁷⁵ ir a horas que no estén ocupados.

Comento

La importunidad es una cosa muy aborrecida y con las personages muy arriesgada, cuyos lugares o edad no permite embarços, y así sería el yerro mayor quando tenga menos disculpa, en este caso a do se visita quasi siempre por negocio o cumplimiento, que son cosas abreviadas. Y aun generalmente no se deve tomar mucho tiempo a nadie, pues no tenemos regla con que se mida hasta donde le llegaría el gusto deste entretenimiento, y de ordinario se le olvida a los más levantados de

¹⁶⁶ CC, PB omitem *siempre havéis de trabajar por*

¹⁶⁷ FB *de*

¹⁶⁸ CC *saver*; PB *saber*

¹⁶⁹ PB omite *al Emperador o al Príncipe*

¹⁷⁰ CC, PB, FB omitem *e ir aquellas*

¹⁷¹ CC, PB *acrescentam y acudir a ellas puntualmente*

¹⁷² BA omite *pero con advertencia que hasta las virtudes en los extremos se aniegan*

¹⁷³ CC, PB, FB *negocios*

¹⁷⁴ CC, PB omitem *y*

¹⁷⁵ CC, PB *por*

*fortuna que tienen los officios de los superiores planetas solo para el uso y servicio de los mortales*¹⁷⁶.

18

Quando huviere damas en la corte havéis de ir donde estuvieren y conversarlas en toda buena manera. Y porque algunos piensan¹⁷⁷ que con las mugeres no se ha de¹⁷⁸ hablar sino gentilezas y dulçuras y por esto se embaraçan algunas vezes y dexan¹⁷⁹ de llegarlas a hablar¹⁸⁰, se ha de advertir que con ellas, especialmente¹⁸¹ quanto más principales son¹⁸², se ha de hablar lo mismo que con los hombres, como será dezir¹⁸³ cómo dormistes esta noche, o llegaste cansada, o qué os parece desta tierra o desta casa¹⁸⁴, o¹⁸⁵ cosas desta qualidad¹⁸⁶ ¹⁸⁷.

Comento

*En lo de conversar con las damas no es menester mucha recomendación, que de suyo se vienen estos cuidados. En la plática sería difficultoso dar exemplos o reglas ajustadas a sus principios y respuestas y así se deve hablar con ellas lo mismo que con los cortesanos, pero con respeto de damas, pues quien tiene sobrada licencia deve querer mucho menos*¹⁸⁸, y con tanto que no sea en cosas de estado o de guerra. En esto queda

¹⁷⁶ BA omite y de ordinario se le olvida a los más levantados de fortuna que tienen los officios de los superiores planetas solo para el uso y servicio de los mortales

¹⁷⁷ FB piensan

¹⁷⁸ CC, FB han de

¹⁷⁹ CC, PB, FB omiten y dexan

¹⁸⁰ CC acrescenta y conbersar; PB acrescenta y conversar

¹⁸¹ BA en especial CC, PB omiten especialmente; FB en especial

¹⁸² BA, FB omiten son

¹⁸³ CC, PB, FB omiten dezir

¹⁸⁴ CC, PB destas casas

¹⁸⁵ PB, FB y

¹⁸⁶ CC, PB omiten desta calidad

¹⁸⁷ CC acrescenta cosa semejante; PB acrescenta cosas semejantes

¹⁸⁸ BA omite pues quien tiene sobrada licencia deve querer mucho menos

comprehendido el término deste trato según la substancia, que los accidentes no se pueden sugetar a reglas ni quitarlos del natural de cada uno.

19

También os havéis¹⁸⁹ de guardar¹⁹⁰ de dezir luego que estáis enamorado y de entrar desatentadamente¹⁹¹ en la¹⁹² materia, porque es cosa de hombres tontos, ni tan poco entrar de rondón a tratar¹⁹³ con las¹⁹⁴ damas¹⁹⁵ sino poco a poco con advirtencia, y de manera que no hagais algún desdén¹⁹⁶, porque esta materia es sutil y en que se muestran mucho los hombres.

Comento

Hazer conversación desto al primer lance es tan malo como dejar de mostrárzelo en las ocasiones quando pueda tener lugar, amando el servicio de todas como lo mejor de la vida, e de otra suerte sería arriesgar¹⁹⁷ el crédito, porque como las palabras no son testigos, mas confidentes de lo que hallan materia dispuesta en quien las oye, es menester presentar antes della la fiança de las obras, que excede a todo lo crédito humano.

20

Los que van nuevos a la corte hállanse¹⁹⁸ muchas vezes¹⁹⁹ embaraçados, porque unos los reciben secamente, otros no se llegan a ellos y en palacio no tienen aquella

¹⁸⁹ FB *devéis*

¹⁹⁰ CC, PB *acrescentam mucho*

¹⁹¹ BA, CC, PB, FB *desatinadamente*

¹⁹² CC, PB *esta*

¹⁹³ BA *omite a tratar*

¹⁹⁴ FB *omite las*

¹⁹⁵ FB *ellas*

¹⁹⁶ BA *desorden*

¹⁹⁷ BA *arriscar*

¹⁹⁸ CC, PB, FB *acrescentam en*

¹⁹⁹ CC, PB, FB *cosas*

entrada que querían²⁰⁰ y ven ²⁰¹ otros, que, en lo que en si juzgan, no son tanto como ellos, passarles adelante. Por todo esto se ha de passar sin fatiga ni corrimiento, y considerar que con el tiempo se entende todo e se remedia.

Comento

Bien nos muestra esta advertencia de nuestro author el conocimiento que tiene de las heridas de corte, pero como de ordinario las recibe el que menos las merece, anima con la esperança de las verdades del tiempo, y haze de la virtud propria essencia incorruptible y que de necesidad ha de llegar a su punto, que suelen comprarse los bienes a precio de trabajos, pero cómo y cuándo es la dificultad a que quiere prevenirnos, animándonos a ver y sufrir sinrazones aprovadas de tantos.

21

Y porque es mal general no ver hombre en su misma causa lo que ve en la de los otros y ser injusto juez y querer antes que lo conoscan, ni aya hecho cosa de alguna memoria²⁰², presumir mucho y parecerle²⁰³ que no es nada lo que los otros han²⁰⁴ hecho, ²⁰⁵ y por no sé qué le han de traer en ²⁰⁶ palmas y no le ha de passar nadie²⁰⁷ adelante, esto no ha de ser así, sino que si uno es viejo y hombre de auhoridad, aunque no sea²⁰⁸ de mucha qualidad y estado, no se ha de tener a²⁰⁹ mal que passe adelante, y si otro es virtuoso y honrado, como está dicho, lo mismo; y si otro

²⁰⁰ CC, PB *querrían*

²⁰¹ BA, CC, PB *acrescentam a*

²⁰² CC *manera*

²⁰³ BA *parecerles*; CC, PB *parecer*

²⁰⁴ FB *tienen*

²⁰⁵ CC, PB *acrescentam y que por ser hijo de su padre*

²⁰⁶ BA *acrescenta las*

²⁰⁷ BA *nada*

²⁰⁸ FB *sean*

²⁰⁹ CC, PB *por*

passare por tener más favor, tener²¹⁰ paciencia y no²¹¹ estar puesto en estos puntos, sino trabajar de ser tan hombre de bien que por la misma virtud se valga y se merezca, porque es la ²¹² honra que nunca se pierde y las otras se pueden perder a cada hora.

Comento

Mucho importa lo apuntado, en especial de no juzgarse presumiendo más, ni aun tanto como meresca, a lo menos en las demostraciones exteriores (en lo interior lo admito, si desta opinión usaren como de norte e aguya a las demás acciones), porque en esto de tener en nada las cosas de los otros es camino por do más presto se llega a ser dellos odiados; y él que lo es advierta que no tiene parte buena, porque lo fino no se le nota, lo mediano se previerte y murmura, lo malo nunca se olvida. La embidia de los que en la corte pasan adelante se ha de tener quando sea por bien obrar, igualando con ella la confiança, que imitándolos los alcançaremos. Y esto sin dexar camino bueno aunque por ello se vea ser el rodeo muy largo, advirtiendo que ni el consejo prudente ni el remedio sagaz pueden siempre reformar la disposición de la suerte²¹³.

22

Y porque a los que no tienen experiencia de los reyes ni de los príncipes les parece²¹⁴ que no miran en nada, y porque no los hablan o porque no entran facilmente²¹⁵ donde están, no tienen²¹⁶ ²¹⁷ cuenta con ellos, no se ha de caer²¹⁸ en este engaño, porque los reyes naturalmente son grandes

²¹⁰ CC, FB *haver*; PB *aver*

²¹¹ FB omite *no*

²¹² CC *acrescenta auttoridad y*; PB, FB *acrescentam autoridad y*

²¹³ BA omite *advirtiendo que ni el consejo prudente ni el remedio sagaz pueden siempre reformar la disposición de la suerte*

²¹⁴ CC *pareserá*; PB *parecerá*

²¹⁵ CC, PB *familiarmente*

²¹⁶ CC, PB *tiene*; FB omite *facilmente donde están, no tienen*

²¹⁷ FB *acrescenta en*

²¹⁸ FB *saber*

artífices de tener cuenta con toda gente, y aunque parezca²¹⁹ que no lo hazen, miran desde el çapato al sombrero²²⁰, y si van o no van a palacio y²²¹ otro qualquier meneyo o cosa que hagan, y ansí se ha de ha de hazer cuenta de no faltar a lo que está dicho, como si el Emperador no mirasse²²² otra cosa, y²²³ no desconfiar de que no mire o hable, ni de ver que lo hiziesse²²⁴ con otros, porque los príncipes hablan con algunos que no tienen por acetos²²⁵ o en mayor grado que a los que no hablan, y muchas vezes atraviessan²²⁶ con uno por²²⁷ dissimular que no están tristes o taciturnos²²⁸, otras vezes hablan a otros una palavra porque le tienen por liviano y²²⁹ parece que con aquello le contentan, otras vezes, porque ay hombres chismeros²³⁰ y parladores y los reyes algunas vezes quieren que los despierten y tocan a estos la taravilla, porque comiecen la plática, de manera que se ha de ir siempre por lo substancial y firme y²³¹ ²³² hacer toda aquella diligencia que conviene sin faltar²³³ en nada y obras²³⁴ de virtud. Y de que os hablen o no os hablen, no se os dé mucho, porque ello se²³⁵ viene a su tiempo y quando hombre no se²³⁶ acata²³⁷.

²¹⁹ CC *parese*

²²⁰ BA, PB, FB *cabeça*; CC *caveza*

²²¹ FB *ni*

²²² CC *acrescenta ni tuviese cuenta con*; PB *acrescenta ni tuviesse cuenta con*

²²³ CC, PB *acrescentam de*

²²⁴ BA *hace*; CC *haçe*; PB, FB *haze*

²²⁵ FB *exeptos*

²²⁶ BA *atraveção*

²²⁷ BA *acrescenta no mostrar e*

²²⁸ CC *saturnos*

²²⁹ BA, CC, PB, FB *acrescentam les*

²³⁰ CC, PB *chisteros*

²³¹ CC, PB *omitem y*

²³² CC, PB *acrescenta que es*

²³³ FB *omite sin faltar*

²³⁴ FB *otras*

²³⁵ CC, PB *omitem se*

²³⁶ CC, PB *omitem se*

²³⁷ BA *capta*; CC, PB *piensa*; FB *cata*

Comento

Lo poco que los hombres tratan a los príncipes²³⁸, los haze, quando los miran, notar todas sus acciones, aunque parezca el contrario, y así conviene hacer cada uno quenta desta verdad, advirtiendo que son los ojos de los reyes el fiscal verdadero de las costumbres de corte. Y en lo de atravesar con otros burlando o de veras, no ay que tener pesadumbre, que las razones de Juan de Vega nos muestran lo que conviene. Y aun no podemos negar que ni siempre buscamos lo mejor para entretenernos, así no queda de que formar desconfianza, ni podemos pedir de justicia lo que es materia de gracia, ni quitar los ojos de lo acertado. Y lo demás, quando de suyo no venga, ganarseha el merecerlo en las opiniones de todos²³⁹, que nunca la fortuna fue sciencia²⁴⁰.

23

En la guerra se ha de mirar, a²⁴¹ los principios²⁴², ir con mucho miramiento, porque aunque ay²⁴³ ²⁴⁴ buen coraçón en los que van nuevamente, hazen²⁴⁵ ²⁴⁶ algunos desdenes que no les dan buen ayre, como es armarse mucho²⁴⁷, como si dixéramos²⁴⁸, poner²⁴⁹ grevas, bifa²⁵⁰, el armadura de la²⁵¹ cabeça antes de tiempo, alborotarse de las armas²⁵² o ir muy diligente a cosa de poca importancia²⁵³, y así otras

²³⁸ BA *los Principes tratan con los hombres*

²³⁹ BA *hombres*

²⁴⁰ BA omite *que nunca la fortuna fue sciencia*

²⁴¹ BA, CC, PB, FB *en*

²⁴² FB *Príncipes*

²⁴³ BA *haya*; CC, PB, FB *aya*

²⁴⁴ CC, PB omitem *muy*

²⁴⁵ FB *házense*

²⁴⁶ CC *acrescenta a las beçes*; PB *acrescenta a las vezes*

²⁴⁷ FB omite *como es armarse mucho*

²⁴⁸ CC *dijesemos*; PB *dixesemos*; FB *dixésemos*

²⁴⁹ CC, PB *ponerse*

²⁵⁰ CC, PB *bufa*

²⁵¹ BA, CC, PB, FB omitem *la*

²⁵² CC *almas*

²⁵³ PB *sustancia*

cosas desta manera. Bastará, pues, para la primera entrada traher la coraça²⁵⁴ en sus escarceles²⁵⁵ y unos medios quichotes²⁵⁶ quando mucho, y no²⁵⁷ poner la armadura de²⁵⁸ cabeça sino²⁵⁹ quando las huvieren²⁶⁰ puestas todos, salvo si el Emperador o el capitán del esquadron las mandasse²⁶¹ poner, que en tal caso se ha de obedecer.

Comento

Parece que en figura nos enseña este documento lo mucho que²⁶² deve procurarse²⁶³ mostrar quietud de ánimo, que como las más vezes consiste en la templança la virtud de las obras, en ésta²⁶⁴ es más que en todas do se imagina el miedo como una corrupción de la constancia a que se resiste con su contrario, ni se piense jamás que ay entre las balas lugar de menos peligro, porque muchos, huyendo de su suerte, toparon con ella²⁶⁵; y en recomendar las primeras demonstraciones nos dexa el texto²⁶⁶ bien provado lo poco que se usa de discursos generalmente y el desenfrenado término con que se pone en mejor lugar la opinión [que]²⁶⁷ la justicia, que destos misterios lleva su doctrina infinitos, y déxalos la pluma, por irse a la plática y no parecer más amiga de acudir a lo gustoso que a lo necesario.

²⁵⁴ FB *caroça*

²⁵⁵ BA *arçaçeles*

²⁵⁶ CC, PB *cujotes*

²⁵⁷ CC, PB *omitem no*

²⁵⁸ CC, PB *acrescenta la*

²⁵⁹ CC, PB *omitem sino*

²⁶⁰ CC, PB, FB *tuvieren*

²⁶¹ BA, CC, PB, FB *mandare*

²⁶² BA *acrescenta se*

²⁶³ BA *procurar*

²⁶⁴ BA *estas*

²⁶⁵ BA *omite ni se piense jamás que ay entre las balas lugar de menos peligro, porque, muchos, huyendo de su suerte, toparon con ella*

²⁶⁶ BA *Juan de Vega*

²⁶⁷ BA *que*

A las armas se ha de salir presto y no darse tanta priesa²⁶⁸ que parezca que²⁶⁹ desatinan²⁷⁰, y el que no tuviere cargo ha de ir a palacio o a la tienda del capitán general si el Emperador no está en el ejército; y el que lo tuviere, irá a aquella parte don[de] los que gobiernan le²⁷¹ tuvieren²⁷² ordenado²⁷³.

Comento

También aquí se reffere la quietud; lo de acudir a sus lugares cada uno es gran parte en estas cosas, si con ello ay término y modo de que no pueda notarse alguno exceso²⁷⁴; empero lo de acudir a la tienda del Emperador o capitán general se deve entender en el que no fuere sirviendo debaxo de las listas reales, que en este caso merecesse menos y trabajasse con menos lustre; y el que fuere sirviendo assentada la plaça solo deve acudir a su bandera o donde se le huviere ordenado²⁷⁵.

En qualquiera cosa que os halláredes en la guerra, como será entrar a²⁷⁶ hazer alguna facción en tierra de inimigos, os havéis de regir por lo que ordenare el que manda²⁷⁷

²⁶⁸ PB *prissa*

²⁶⁹ FB omite *que*

²⁷⁰ BA, CC, PB *desatina*; FB *desatino*

²⁷¹ CC *les*; FB *lo*

²⁷² CC *uvieren*; PB *huvieren*

²⁷³ CC, PB *dado*

²⁷⁴ BA *acrescenta del proceder ordinario, y este modo es lo mas conveniente*

²⁷⁵ BA omite *empero lo de acudir a la tienda del Emperador o capitán general se deve entender en el que no fuere sirviendo debaxo de las listas reales, que en este caso merecesse menos y trabajasse con menos lustre; y el que fuere sirviendo assentada la plaça solo deve acudir a su bandera o donde se le huviere ordenado*

²⁷⁶ CC omite *a*

²⁷⁷ CC, PB *acrescentam en ella*

aquella facción²⁷⁸, y no poner²⁷⁹ en²⁸⁰ puntos con él, sino obedecerle y respetarle en todo, sea quien fuere.

Comento

La obediencia a los mayores es el medio de las grandes empresas, y los exemplos de las personas graves son más importantes en ésto que su valor, que ello²⁸¹ es de cada uno en particular y el obedecer²⁸² es de provecho al valor de todos, y pónese, obedeciendo, un temor lícito al que no igualare aquella obediencia, el qual siendo con moderación, detiene los ánimos, con el continuo y áspero despierta siempre la vengança²⁸³.

26

Y porque en la guerra²⁸⁴ muchas vezes en las facciones que se hacen o están para hazer, ay muchos que quieren hablar y gobernar diciendo por aqui havíamos de ir, y por acá havíamos²⁸⁵ de venir, o esto se ha de [hazer]²⁸⁶ o esto se dexa²⁸⁷ de hazer²⁸⁸, advertid que el que no tiene cargo ha de dexar estos cuidados²⁸⁹ al que lo tiene y no hablar si no²⁹⁰ le preguntan²⁹¹, porque demás²⁹² de dezir²⁹³ cosa impertinente, es señal de flaqueza hablar en el tiempo de la necessidad,

²⁷⁸ CC, PB omitem *aquella facción*

²⁷⁹ BA, CC, PB, FB *no os poner*

²⁸⁰ FB *a*

²⁸¹ BA *acrescenta lo*

²⁸² BA *el outro*

²⁸³ BA omite y *pónese, obedeciendo, un temor lícito al que no igualare aquella obediencia, el qual siendo con moderación, detiene los ánimos, con el continuo y áspero despierta siempre la vengança*

²⁸⁴ BA *las guerras*

²⁸⁵ CC *havemos*; PB *avemos*

²⁸⁶ BA, CC, PB *se haga*

²⁸⁷ BA *deve*

²⁸⁸ FB omite *o esto se ha de hazer, o ésto se dexa de hazer*

²⁸⁹ BA, CC, PB, FB *este cuidado*

²⁹⁰ BA, CC, PB, FB *acrescentam se*

²⁹¹ BA, CC, PB, FB *pregunta*

²⁹² BA *allende*; CC, PB, FB *aliende*;

²⁹³ BA, CC, PB, FB *ser*

sino ir de buen semblante y alegre el²⁹⁴ rostro y prompto para lo que es menester hacerse²⁹⁵, y callando²⁹⁶.

Comento

Es gran muestra de temor muchas razones, estando las cosas para averiguarse con las armas, como también el desacordado silencio. Buen ayre y encubrir los accidentes que a todos son naturales y así resistirles con más o menos constancia, llamamos más o menos valor, a cuya razón no tienen los brutos renombre²⁹⁷ de valerosos, que faltándoles²⁹⁸ ²⁹⁹ discurso de los peligros no obran con la virtud de superarlos, que es del esfuerço la verdadera essencia.

27

Y porque³⁰⁰ en la guerra vienen grandes necessidades algunas vezes, como es faltar la vitualla, tomar los inimigos las³⁰¹ bagajes, tener malíssimo alojamiento, hazer³⁰² las cosas con disfavor del³⁰³ ³⁰⁴ tiempo, caminando por³⁰⁵ pantanos³⁰⁶, ha de se mirar por no andar cansado ni triste, porque es mucho de hombres baxos, sino antes quantas más necessidades y pérdidas huviere se ha de andar más alegre y más sin condolomiento de nada, sino mostrarse³⁰⁷

²⁹⁴ CC, PB omitem *el*

²⁹⁵ BA, CC *haçer*; PB, FB *fazer*

²⁹⁶ FB *callar*

²⁹⁷ BA *nombre*

²⁹⁸ BA *faltando*

²⁹⁹ BA *acrescenta el*

³⁰⁰ CC *acrescenta tanvien*; PB *acrescenta tambien*

³⁰¹ BA, CC, PB, FB *los*

³⁰² BA *hacerçe*; CC *haçerse*; PB *hazerse*

³⁰³ BA, CC, PB, FB omitem *del*

³⁰⁴ BA, CC, PB, FB *acrescentam mal*

³⁰⁵ BA, CC, PB, FB omitem *caminando por*

³⁰⁶ BA, CC, PB, FB *lodos*

³⁰⁷ BA, CC, PB, FB *mostrar*

en este particular³⁰⁸ al revés de lo que otros suelen^{309 310}, y no solamente³¹¹ fatigaros con el semejante estado de tiempo³¹², antes holgar que venga aquella ocasión para que se entienda que la tenéis en poco.³¹³

Comento

Los trabajos obran en el espíritu como la vejez en el cuerpo, a cuyo respeto no podía olvidar Juan de Vega, nuestro maestro, el caminar sobreaviso en estos successos de campaña y es harto bien considerado contrastarse de buen ayre a la fortuna que, a lo menos, quando más no se quede ganando que no se dar el ánimo por vencido, sería³¹⁴ hazer cada uno de su parte lo possible. Pero deve entenderse siempre la poca pesadumbre de los³¹⁵ aprietos en respeto de cada uno y no de lo que se ve padecer a otros, que sería crueldad y no virtud.

Aphorismos de los comentarios

- 1 – Ocupaciones del entendimiento, trabajo grande.
- 2 – La virtud es una evidencia en los mortales de su immortalidad.
- 3 – Perder el tiempo, pérdida irreparable.

³⁰⁸ BA, CC, PB, FB *esta parte*

³⁰⁹ CC, PB *omitem suelen*

³¹⁰ BA, FB *acrescentam mostrar*

³¹¹ BA, CC, PB *acrescentam no*

³¹² CC, PB *omitem de tiempo*

³¹³ CC *acrescenta 28 – Con lo adbertido me parece bastante para buestra ynstruçion y gobierno y ansi acavo suplicando a la divina magestad que es la que berdaderamente ensina os anpare, encamine, alumbre y tenga de su mano guiando en todo buestros deseos y acciones a su santo serviçio y agrado para vien bivar y morir y para alcanzar mi bendiccion y finalmente la gloria lo qual todo os conçeda como obediente y humilde y ijo. ettc.*

³¹⁴ BA *será*

³¹⁵ BA *destes*

4 – Lección de que no se saca fruto es tratar un cuerpo sin alma.

5 – El proceder atinado tiene en Dios su principio.

6 – Imitar ajenas artes sería parecer que el arte puede disponer en todo generalmente.

7 – Las obras de secreto tienen mayor merecimiento por huir de parecer fingidas y de quererse alabadas. No lo dice todo el texto.

8 – La fortuna ha de ser como el vestido: antes a la medida del sujeto que no muy larga.

9 – La verdad quanto a su ejercicio es acto voluntario y por eso independiente de todo successo.

10 – El entendimiento sosegado es piedra de virtud que se guarda y estima, aunque no se trayga en la medalla de la gorra.

11 – A veces es el mayor peligro imaginarse puesto en él.

12 – Conversaciones quinto elemento de corte.

13 – El no dezir tacha ajenas es poner silencio en las propias.

14 – Los extremos, camaleones de vicios.

15 – Es mayor culpa, si bien menos afrenta, ser vencido en cortesía que en valor.

16 – Obras virtuosas, molestia de la embidia, pero en este tiempo son más embidiados los dichosos que los beneméritos. Esto añade la pluma.

17 – La liberalidad se pierde por demasiada largueza.

18 – Ciencia de corte no tiene su raíz en conceptos y respuestas.

19 – Viene a adquirirse con modos ilícitos lo que ilícitamente se consume.

20 – Trabajos, prueba de la virtud del ánimo y del cuerpo.

21 – Los vicios que carecen de provecho, carecen de disculpa.

22 – Heridas de palabras no tienen cura sin violencia.

23 – Las virtudes en los extremos se niegan.

24 – Quien tiene sobrada licencia, deve querer menos.

- 25 – Suelen comprarse los bienes a precio de trabajos.
- 26 – Usar de la hacienda de los amigos en las necesidades de la honra es virtud, en los apetitos, vicio.
- 27 – Juego, puerta por do pocos entraron sin perder autoridad, ni salieron sin molestia, y tiene demás ser ancha al individuo y estrecha a la estimación. Todo ésto no es aforismo, pero experiencia de agenas heridas.
- 28 – Del servir el bien es el servicio.
- 29 – Los accidentes no se sugetan a reglas.
- 30 – Ni el consejo prudente ni el remedio sagaz pueden siempre refrenar la disposición de la suerte.
- 31 – Nunca la fortuna fue sciencia.
- 32 – Las palavras, testigos de tanto crédito quanto hallan de disposición en los sugetos que las oyen.
- 33 – Muchos huyendo de su suerte, toparon con ella.
- 34 – Temor moderado detiene los ánimos y el continuo y áspero despierta vengança.
- 35 – La fiança de las obras excede a todo crédito humano.
- 36 – Las heridas de corte se dan a quien menos las merece.
- 37 – Es buena la presumpción interior, si sirve de guía a las acciones.
- 38 – Los odiados no tienen parte buena.
- 39 – Los ojos de los reyes, verdadero fiscal de las costumbres de corte.
- 40 – Miedo, corrupción de la constancia.
- 41 – La opinión tiene mejor lugar que la justicia.
- 42 – Obediencia, mejor que valor en los actos militares, entiéndese en las personas que pueden dar exemplo.
- 43 – Muchas razones o mucho silencio, muestras de gran temor.
- 44 – Ay miedo natural a todos los racionales como obra del discurso.
- 45 – Trabajos, vejez del espíritu, como los años del cuerpo.³¹⁶
- Fim.

³¹⁶ BA dá a seguinte lição:

Aphorismos de las declaraciones

1 – No ay armas a prueba de tiempo, ni cosa a gusto de todos.

2 – O cupaciones del entenimiento trabajo grande.

3 – Perder el tiempo perda yreparable.

4 – Lision de que no se saca fruto es tratar hum cuerpo sin annima.

5 – El proceder atinado tiene en Dios su prencipio.

6 – Las obras de secreto tienen mas merecimiento por uiren de parecer fingidas y de querer ser alabadas no lo dise todo el texto.

7 – La verdad acto voluntario y por esto imdependent de todo o sucesso (Entiendase bien su esençia e quedará bien entendido el aphorismo).

8 – El entendimiento sosegado es piedra de virtud que se guarda e estima aunque no se traiga en la medalla de la gorra.

9 – Conversacion quinto elemento de corte.

10 – El no decir tacha agena es poner silençio a las propias.

11 – Los extremos camaliones de viçios.

12 – Obras virtuosas molestia de la imbidia (Pero en este tiempo son mas embidiados los dichosos que los benemeritos esto añade la pluma).

13 – Siencia de corte no tiene su raiz en conceptos y repuestas.

14 – Los trabajos prueba de la virtud del animo y del cuerpo.

15 – Los vicios que carecen de provecho careçen de disculpa.

16 – Heridas de palabras no tienen cura sin violencia.

17 – La virtud de la liberalidad es mas arrespecto del annimo donde naçe que del merecimiento de quien recibe.

18 – Cortesia genero de leberalidad mas de outra speçe.

19 – Usar de la haçienda de los amigos en las necessidades de la honrra, es virtud, y en los appetitos viçio.

20 – Juego puerta do poucos hão deixado de entrar sin perder autoridad y de salir sin molestia y aun tiene de mas ser ancha al individuo y estrecha a la autoridad (Todo esto no es aphorismo sino experiençia tomada en agenas feridas).

21 – Del servir lo mejor es lo serviçio.

22 – Los asidentes no se sugetan a reglas.

23 – Las palabras testigo de tanto credito quanto hallan de disposiçion en el sugeto que las hoye.

24 – La frança de las hobras exçede a todo o credito umano.

25 – Las eridas de corte se dan en quien menos las meresse.

26 – Es buena la presunçion interior si sirve como de guia a las acciones.

27 – Los odiados no tienen puerta buena (la razon dice el texto).

28 – Los ojos de los reyes verdadero fiscal de las costumbres de la corte.

-
- 29 – *Miedo corruçion de la constançia.*
30 – *La openion tiene mejor lugar que la justicia.*
31 – *Obediençia mejor que el valor em los actos militares entienedeçe em las personas que pueden dar exemplo.*
32 – *Muchas razones ou mucho cilençio muestras de temor grande.*
33 – *Miedo natural a todos los racionales como obra de discurso.*
34 – *Trabajos vejes del espirito como los annos del cuerpo.*

VI

JOÃO DE ALMEIDA SOARES

Instrucção e documentos que deu hum tio a seu sobrinho

[BNL., Cód. 1676, fl.53-83]

Sobrinho, já que occupais o lugar de filho, quero eu não faltar as obrigações de pay. Não hé a despeza que faço, a que espero agradeçaes, mas a criação e instrucções que aqui vos dou. Os bens não são muitos, e que se o forão, melhor herança hé sempre a perfeição que o cabedal, que o ser homem domina a Fortuna e o ser rico sujeitase a ella. Suponde que sahio a governarvos, e que entraís nas confuzões deste mundo, porque sem saber não podeis fazer nada. Ide por onde vos encaminha este papel.

1

Primeiramente não me acompanheis, nem converseis com pessoa tão inferior a vós que dais nota, porque a companhia informa a amizade e esta hé entre iguaes, e ficais buscando a de que hé melhor fugires, nem tão superior que cuide que vos honra, e se intenda que vos quereis honrar, que hé desluzir com arrimo, o que sem elle lustrará.

2

Não moreis defronte nem junto a nenhuma botica por ser o centro da mermuração, o registo das vidas alheias, o passatempo dos ociozos, e a empresa dos testemunhos e ama das mentiras, o óculo que vê de longe os merecimentos e de perto as faltas, o argumento dos pais e a certeza dos avós, a balança do que gastais e inqueredor donde o haveis, o que foste e o que sois, e quando hum homem livra as deixão pulando, e depois de o tomarem na sua pustila quantos vagamundos há que dizem sois e dizem que não sois.

3

Se poderes não cazar hé grande favor do Céu, porque ainda que o ser mártir hé grande merecimento, consta que muitos infraquecerão à vista do martírio sendo momentâ-

neo, e os tormentos deste são eternidades, remédio de seus males o mal maior. Elegeo Jacob por merecimento servir catorze annos, e isto pela fermoza e mudesta Raquel, e vós haveis de sofrer catorzadas a huma voluntária e descomposta em cuja conquista ou haveis de perder a honra soffrido, ou a vida briozo, porque no descuido se perde ella, e no cuidado vos perdeis vós, se a estimais damnase, e se a desprezais vingase.

4

Mas quando seja a vossa sorte, ou o vosso azar, tomar estado, em ninhum modo seja com mulher que esteja, ou estivesse em recolhimento ou mosteiro, porque mais vale ensinalla que ensinarvos, que nella o nome hé só de recolhida, e em sua caza o recolhimento. As rezoins desta rezão hé melhor esquecêllas que falállas, e inferno na terra experimentállas.

5

Não seja velha, nem menina, porque esta não hé mulher, e aquella deixou de o ser. Nem humilde, nem fidalga, porque vileza não permite milhoras e fidalguia inculca desprezos. Com viúva em nenhum cazo, ainda que nella concorra dote e idade, que nunca tive por bem ser segundo nem par em Portugal senão em França, e o ser mercieiro do defunto hé para dezemparados, a quem os ais das lembranças passadas fazem como remoques, obediências presentes, e ser assim marido hé entrar no jugo com penção de cotovelos alheios.

6

A que por desgraça tiver ventura com vosco, tirarlhe as occaziões que hé o que podeis fazer, porque ou muito poucas ou nenhuma as perdem, pois não há regra certa para esta casta de género. E como em gado ruim não há que escolher, ou fechar os olhos ou abrillos bem.

7

A ser por amor, ou por dote, o successo aprova a eleição que em cada que pode haver desconto no amor faltando o dote, ou no dote faltando a afeição. Mas tratai vós de fazenda que a virtude do matrimónio tratará do amor. Não vos fiando de promessas, e muito menos de escripturas, que as dicta a consciência. Seja a escriptura integra, e a promessa recibo, porque se então repararem mal, pagaram ao dipois, e hé chamar pellos barqueiros a tempo que vos possão acudir.

8

Se tiveres filhos nunca os crieis fora da cidade, que se opõe a natureza à força da criação, e são diamantes brutos quando cá se não lavrão. Huma dá o que tem que hé ser o sangue, e a forma; a outra faz o que pode e não hé pouco, que hé emendar a forma, o sangue e o ser. A experiência me escuzará a prova que o mais illustre creado no monte, onde o que vê são gados, o que converça rústicos, falla balando, e dezatando viste imprime o que vê, e o que uza admite, e até as medidas do Soberano Artífice serão mudo desfarçe. O sangue dirias que hé muito para que possa emendálo, mas hé a rezão tal, que vem a ser confusão nova: ahi não há mais sangue que hum só, da fonte de Adam, até o mar do dia do Juízo; e este, segundo os caminhos fez ribeiros, regatos, lagoas: a ágoa hé a mesma. Segundo a comodidade donde vem faz as vantagens da vinda quanto ao lugar, mas não quanto à substância e entidade, e suposto que hé hum só ficará mais líquido com os exames da boa criação, que com as fecundias de fértil natureza, e só vem a ser com a criação, porque ninguém hé aonde não há que ser. E como nos povos, cidades, e cortes faz a diferença huns a quem obedecem outros, bem se segue o que eu vos advirto.

9

E dando-lhes estado a todo o propózito: frades, porque sendo o objecto dos homens, e o fim a que se dirigem todos os cançassos da vida com riscos d'alma e honra, o

sustento, elles o levão de cudilho, sem o herdarem, nem ganharem. Com o Céu têm partido vencido, com a terra alcançado; se são bons religiosos, repetados por santos; se maos e inquietos, prelados nas suas religiões. E, finalmente, o maior mal entre elles hé negarem-lhe huma licença, ou darem-lhe outra caza na qual acham cella, cama, e meza por que os homens vão a Índia.

10

Não digo clérigos, porque não chega a todos a ventura de cónegos, e se são ricos hé lástima, porque a sua vida hé perdição, e se pobres mizéria, e a maior que se pode conciderar, porque a riqueza traz esquecimento de Deos, e vigilância nos vícios, a pobreza desprezo nos homens, e estrago no grangeo.

11

Se filhas, dar em primeiro lugar graças a Deos por tão grande castigo, que sendo mal o ter mulher, hé castigo o parir filhas. Com toda a experiência, não acho regra, que vos dê, e o que me lembra do que hei passado com as alheias, me faz titubiar falando das próprias. Isto conhecerão os que fizerão da devoção remédio, e da vocação constrangimento, metendoas freiras, appellando para ferros e encarcerandolhe a humanidade, onde obra a violência o que o voto não pode, e regendo o bem do mal. Se são formozas conquistão-nas, se feas entregando-se a prezunção, faz em humas o que a desconfiança faz nas outras, e tudo hé mau. O mundo compoem-se da propagação, mas abreviai vós os termos, que não faltará quem multiplique os actos.

12

Nisto de lerem, vos não sei aconselhar, porque se não sabem, buscam quem saiba e vay-se empenhando a fama, se sabem ficallhe fácil o que sempre dezejão. Mas pois o mundo tem introduzido nas que são nobres não faltarem prendas, vos advirto muita vigilância nos mestres, muito

cuidado na entrada dos parentes, muito receio na comunicação dos frades, porque sem ser confessor me consta que destas três castas de gente sahe a perdição da honra das donzelas.

13

Nos amigos vos ide acautelando, sabendo que amicus não tem plural, e muito poucos lhe acharão singular. Conhecidos sim, amigos não. Muita fazenda hé a que agora vos falta, elles forão os que com ella esperdiçarão meu crédito, e os que me dezião mal dos que gastavão bem, té que a magoa me mudou a natureza, e fiquei aprovando o que antes abominva, louvando ao miserável que não faz ingratos, pois nenhum faz bem, e como seja menos a jactância da liberalidade que a penna da ingratidão, de mais ventagem fica o que nunca deu, que o que mal se pagou.

14

Se fores letrado, não sejas presumido, que as sciencias por si se inculcão, e o preço hão-de darlho os outros; nem fácil, porque nem a natureza offenda a arte, nem a lhaneza a estimação.

15

Se julgador, em nenhum cazo soberbo, porque além de ser guarnição, em todos cahe mal, dareis a entender que o cargo vos faz, e quem com officio faz mudança para nenhum hé, nem têlo em pouco, nem a vós em muito, que o ser medíocre faz o sugeito cabal. Os despachos não corrão pelos creados, que arrastrão o (crédito?) dos amos mais limpos.

16

Se pertenderes, não sejas discuidado, nem impertinente, porque hum mostra izenção, que o ministro não quer, o outro cauza enfado, que o molesta, sendo que alguns alcançarão por teimosos o que não levarião por incapazes, pondo na instância o que faltou no merecimento. Reme-

tei às cortezias, e mezas o que faltar nas adherências, e valias, que hé doença em todos a idolatria, mas não vos fique o exemplo. Se puderes comprar o que houveres de pedir, melhor hé.

17

Se eclesiástico, e chegares a pregador, duas coizas estudai primeiro: as acções que haveis de fazer e as palavras que haveis de calar, porque vejo muitos que primeiro que lanssem a primeira, são taes os momos, as carrancas, os concertos, os desconcertos, e as vizages que quando chegão a benzerse, se podião os ouvintes benzerse delles. E para não seres vulgar que tudo acha na Escriptura, deixai para os outros a escada de Jacob, o sacrificio de Abraham, o Filho Pródigo, o gigante de David, e as lentilhas de Ezaú, que nesse mar soberano das Devinas Letras achareis, se estudares, de que tireis fructo, e recreação fugindo de muitas graças, e de serem tudo tristezas. Não estudeis palavras, que hé pior na memória o crédito, nem vos fieis do natural, que hé risco conhecido, e a todo o perpózito confiança não demaziada que os extremos são odiosos.

18

Se vos inclinares às armas, não andareis bem, porque hé eleição para fidalgos, ou dezemparados em que não entraes, que huns buscão o remédio nos perigos, outros tem nos perigos o remédio, huns têm na qualidade a fortuna, outros na necessidade o merecimento; aquelles nascendo merecerão, estes servindo delinquirão, segredo incógnito, que não penetrou a experiência, e o disse o Poeta: Chamailhe fado mao, fortuna escura, sendo só providência de Deos pura.

19

Contudo como os progressos da vida não estão muitas vezes na nossa mão, podereis ter esta, na qual vos encomendo não sejais covarde, nem temerário, porque hum traz com sigo vileza, o outro ignorância, de hum nasce desprezo, de outro perigo. Primeiro que pejeis justificaivos, que

infunde valor à razão, e andai luzido que hé cabedal deste comércio, porque além de ser natural das galas crearem brios, o hé nos homens o terem-lhe respeito.

20

Se dezesperado fôreis médico, alegre para os doentes, sezudo para os de caça, que muitos perderão por galantes o que não poderão ganhar por letrados, sempre hé bom saber, ainda que nesta arte hé confundir que os livros dão as regras, mas as lemitações as naturezas. Inda que cá se não pede conta das vidas, háde vir a pedillas o Auctor dellas, posto que pode tanto que hé matéria grave não fazer costume das mortes, quando huma só pedia grande reparo. Não inculpeis boticários, que hé tomar sobre vós o damno da sua ignorância, ou malícia. Sede acomodado porque a arte hé mistifório da caridade e interesse. E recolhendo dos que morrem, mandai por cada hum dizer huma missa pelo escrúpulo de poderes ser cauza de se lhe encurtar a vida.

21

Para três sortes de gente vos armai de paciência: para os que se embridão sahindo do pó da terra e não tendo de gente mais que hum inspiraculum vitae se põe à barba com vosco, não se contentando com vos igualarem, e para os que não chegando a escudeiros, se fazem fidalgos, e para os que sendo a mesma paz, morrem por valentes. Já sabeis que a palavra morrem neste sentido quer dizer = dezeção, morrerem não, porque nunca se arriscão.

22

Invocai a Job nestes três encontros, que há mister muito de capaz quem vir ante si hum vilão com hum pao nos dentes, merecendo-o atravessado, fallando com luvas, podendoas trazer na cara, pelo não verem chafalhando do que poderá servir, a cavallo podendo hir diante, confiando na nobreza da maior facilidade por se ver vestido, sem pensar levando-o pensado, sem vestir.

23

Não se há mister menos para o pobre honrado, cujo pay contra vontade do avô, apelou a escudeiro, e elle o fora. Querer hum ser grande fidalgo, trazendo gerações que desmentem o mesmo Adam, e sangue que a natureza em nenhuma veias creou, e se para fazer isto bem for necessário que a mãe seja má, como aos fidalgos nada macula, a fará in civitate peccatrix, não vendo estes pobres que a quantos relatão estas quixotarias estão marterizando com o cutello da mentira, e depois delles apurar o sofrimento, ficam-se até ali averiguando devedores perenes.

24

Aos da vallengia uzai de traça calando-vos, que se lhe duvidais do que contão, então de novo vos molestão; mas também se os atendeis, imaginão que os credes, e a pena que muito mal se derige vem a ser o remédio mudar-lh o perpózoito.

25

Aos clérigos tratai com veneração, e ainda que algum vos descomponha, compondevos, que pelo que tem de devino, vos não afronta o que obra como humano, e para elle são dous erros, para vós nenhum, que o louvor em vós fica aggravado, nelle, crede que o hé; não repareis no que faz, que não hé cortezia, mas parecerá obrigaçam.

26

Aos frades estimai sempre, mas não os leveis a caza, porque não se arrisquem na occasião, e vos não percais com elles, a não perderem.

27

Aos santos servi com todo o affecto, dispêndio, e veneração, mas não sejais official de suas confrarias, porque tenho visto muitos tão devotos na continuação dellas, que vendo-os antes limitados, e mal vestidos, os vi, quando confrades, alentados, presumidos, e a cavallo, vendoos

antes a pé, e o vulgo como hé mau, não quer ter isto por grangearia devina, senão por negociação humana.

28

Falando nas magestades sempre com respeito, nos fidalgos, com advertência, nos ministros com lizonja, porque o primeiro hé obrigação, o segundo conveniência, o terceiro necessidade. Na magestade hé dívida, no fidalgo temor, no ministro dependência, e como quem vive há mister a todos, estes são vida, e conveniência na conservação.

29

Não vos metais nunca em razões de Estado, nem em matérias da Santa Inquizição, porque aquellas pertencem ao rei, estoutras a Nosso Senhor, e como são esferas em que não cabeis, vem a ser sciência o ver, e obedecer, e o contrário ignorância, e risco.

30

Para a lição dos livros não vos dou regra, porque hé inclinação, mas no que cabe o conselho sempre os devinos, e de autores religiosos, que hé matéria prima; quanto aos profanos as corónicas dos reinos, perdoando ao coronista, perdoar as faltas como vassalo de geração.

E bom hé ler tudo, porque o ter notícias imprime ventagens, que ninguém vio tanto que não tivesse mais que ver, e ler.

31

O jogar, não passe de dezenfado, nem a porfia da razão, porque o jogo não háde ser officio, mas entretenimento, nem o porfiar teima, senão respeito.

32

Não jureis nunca, que hé desconfiar de vós mesmo; háde terse por verdade o que vós deseres pelo que vós dizeres, e não pelos santos que invocais, que será offendelos, e offendervos, a elles pondo o respeito devino na fraqueza

humana, a vós vendo chamais padrinho do desafio do crédito.

33

Se tiveres demandas, e vos não for possível atrahir muitas vontades, tratai só do escrivam, porque tem tanta força a fé que quando boa, salva a alma, e quando má, o corpo. Não digo que a todos a dêem má, mas digo que todos a dão boa, digo, que poucos a dão boa; e nem a diligência do advogado, nem a afeição dos seus, nem a temeridade das testemunhas vos háde dar a sentença, senão a cor, o geito, a queda, o tempo, e o favor do escrivam.

34

Não vos fieis de criados, nem lhe sejais devedor, porque poucos honrados, e todos inimigos, se o interesse os sugeita, a malícia os domina. Segredo em nenhum cazo, que então são vossos amos. O trato seja bom, a facilidade nenhuma, que como hé gente que toma o peor, faz do favor confiança com que esperdiça a nobreza.

35

Não presumais fora do que mereceis, que sereis o inimigo de vós mesmo, dezenterrando os avós, por quem talvês não rezaste, e descobrindo com a presumção o que nelles encobrio o tempo, ficando por este modo sendo menos do que sois, quando, se tiveres outro génio, fôreis mais do que sereis; contentaivos com o ser honrado, que conservando este, sois igual a todos. Na cortezia o primeiro sempre, que hé grande mercancia adquirir os ânimos com dispêndio de hum chapeo, que tem queda com a vontade a bizzarria cortês, como guerra apregoada a soberba com o primor.

36

Tende crédito com os mercadores, e nunca lho deis ao que disserem, não porque não fallem verdade, mas por seu cabedal ser a mentira. Prezai-vos de não dever ainda que

falte o possuir, que logra grandes fortunas quem hé falto de accreidores. E regulando pelo gasto a renda, sereis o mais rico, e o menos cuidadozo, que como as faltas nascem das demazias, não havendo estas hé certa a conservação.

37

Ainda que no fallar tenhais descuido, no escrever tende reparo, que hum pode esquecer, enganarse, mas o outro convence e sempre consta, que muitos perecerão pelo que havião escrito, e outros livrarão bem, sendo que havião falado mal.

38

Não deis de propóxito novas, e se as deres sejam poucas, e a cazo, que ainda que boas hé contra a authoridade, e se más, hé certa a ruína, porque vos fazem author do que nem fizeste papel, e as crescenças mudão o sentido, e fazem descrédito.

39

Se prezo (que a tudo está sujeito quem vive) armaivos de paciência, sofrimento e dinheiro, advertindo que não basta huma só destas coizas, porque o sofrer sem dar, hé dar matéria a sofrer, e o dar sem sofrer hé multiplicar as offeras, por poupar a paciência, e o peor hé que nem ambas bastão, que estes, e os mais descontos da cadea, o que val a liberdade mostrão. Hé a prizão hum espantalho de amigos, huma arca de Noé sem justos, huma galé cuberta, de que hé piloto o carcereiro, se bem mais humano, porque aceita a bolça, e finalmente hé huma contradição ao ser do homem, que dahí tomou hum decreto articular em huma acção aonde o contrato dezia que era honrado: padre que o não hé, porque foi prezo respeitando ao que padece e ao que sofre, porque a honra acomodase muito mal com a sugestão de servo, e sem ser rey, haveis de ter guarda, e sem aprenderes a astrólogo, o haveis de ser para tomares a altura do gosto do carcereiro, buscando o Norte de seu semblante para rires, se ri, e chorares, se chorar. Segundo a

maldição de Adam, que elle lá por comer foi cativo, e vós sendo cativo haveis de dar de comer, tendo três attributos: prudência, paciência, e cabedal.

40

Não façais verços, ainda que tenhais talento, que sem proza não prestão, e com ella são risco. Se louvais, avassalaisvos, se reprehendeis, malquestaisvos, se são maos, são vossos, se bons, furtados, e basta o predicamento de que sendo a obra rica, sempre o factor hé pobre, se merecem calunnia nesta vida lha pagão, e se louvor para a morte lho deixão. Salamão e David forão ricos poetas, porque cantavão a Deos, Homero, e Camões pobres murmuradores, porque cantavão aos homens, para lá não mereceis. Fica melhor entendêllos que compôlos.

41

Não nomeeis a ninguém por menos do que tiver, nem por mais do que merece, que hum será descortezia, e o outro lizonja, e quem hé discreto não admite nenhuma; antes falando como deveis conhecerão que não adulais, e como vos háde crer, que começais a enganar? Não façais de Senhora Excelência, de Mercê Senhora, de Bacharel Doutor, de Escrivam Secretário, de Soldado Capitam, que hé dinheiro que usurpais no que não tem o que lhe pondes. A urbanidade não hé mentir, hé hum agrado cortez, que consiste no modo, na acção, e não nos encómios suppostos.

42

Sede agradecido, que hé degenerar de nobre o ser ingrato; quem nega tão fácil satisfação ao benefício, como hé reconhecêlo, argue vileza, e quem se lembra do que recebeu já paga o que devia, e hé accredor de mais. Se a ingratidão no Céu perdeo os anjos, como na Terra poderá ganhar os homens? Se bem a verdade hé que isto se aprende, mas seja reparo contra a inclinação.

43

Em tudo servir a el.rey, mas não com officio de contas, que he fazervos reo antes de delinquir, e ter por accredor quem hé maior que vós sois; nenhuma conta são boas, senão as por que rezais, e como não terão réplica as que Deos tomar hão-de enfadarvos. Os prós deste officio são os precalços dos outros, e o alvará da lembrança a memória do Limoeiro, onde acabarão os que mais florentes o tiverão, que o receber por adições, e o entregar por somas, ainda que não gastando hé dificultozo. Tem o dinheiro a traça do Diabo, que facelita a passagem, e faz esquecer o fim.

44

Fazei o que poderes por não ser tutor por mais abundante que o órfão seja, que já vi muitos fazer deligência pelos instrumentos de sua destruição, e virem a ser órfãos e dezemparados de sua fazenda própria, porque gastando com elles o seu e o alheio vierão para lhes pagar o seu que desprenderão meúdo com intervalo do tempo, e veio a fazer hum groço, que em huma hora adelgaça, e não pode a memória ainda que ajude a mizéria, dizer tanto no gasto que mais não gastasse o seu uso; e sem delinquir vos vedes reo de parte que creaste, do juiz a quem não offendeste, e do escrivam que nunca viste, do promotor, dos partidores, do protector, tendo huma alçada sem matar ninguém, e huma confiscaçam sem ser judeo.

45

Ser fiador não hé para dezejar, mas há ocasiões em que hé obrigação, e como na vida todos hão mister hé successo recíproco, a que se não háde fugir, nem oferecer. Mas não fiqueis por mais de a metade do que possuíres, porque a ruína vos não destitua; e fazer partilhas com o amigo, sem seu pay o grangear, hé o que pode fazer quem não faz milagres.

46

Isto de testamenteiro tinha por melhor ser legatário, por não ser chamado da alma do defunto, nem perseguido dos

Escrivães dos Rezíduos, que fazendo ambos sua obrigação, e sem faltares à vossa, hé tal a qualidade intrincada daquelle procedimento que com o teres bom, nunca ficareis bom.

47

Nunca mandeis encomendas a ultramar, que ainda que bem succeda, hé viver de esperanças, e estas sempre mentem, e a cobrança com o entereçe vem a ser muito menos do que entretanto podereis receber com segurança, e sem risco.

48

Nunca deis o que houveres mister, que hé necessidade duplex havendo de pedir; a liberalidade háde ser do que sobra, e não do que basta, porque ainda a esmola que tão justificada hé na Nova Ley não se dá do necessário; será perfeição, mas não necessidade, porque a Caridade começa em vóz, e dar o próprio para pedir o alheio hé tirar a vergonha a outrem e pôla em mim, não agradando a Deos e talvez para comprar hum ingrato.

49

Se vezitares doente, não seja ao cahir, nem depois de levantado, que hum hé para os da caza, o outro para os de longe; sede breve na vezita, e alegre na prática facelitando o achaque, que chama pela saúde, e dezejo da vida; e hé mui bom lambedor a lizonja da melhora.

50

Se anojados (tropeço em que muito cahem), ponde-lhe a alma no Céu, e o sentimento na prudência, e mudando o intento por divertir o triste, passai a algum motivo honesto que entre tanto espaço faça guarnição no comprimento que será melhor com poucas palavras pelo pouco que das muitas se fia.

51

Perguntai no que não entenderes, não voteis no que não professares, que hum hé prudência, e o outro ignorância.

Errar por presumir, não perguntando por desconfiar, será falta em vós, e prejuízo no próximo, como acerto sabendo o que sem perguntar não alcancáreis; meter no que outro faz, sem saber porque o faz, hé jubilar o juízo por geral quando não só o vosso, mas de todos, hé tão particular, que fura para quem souber, hum pouco do que melhor estudou.

52

Com os pobres sede afável que são soldados pagos da conquista do Céu, e vós depósito do que vos pedem; mas quando lhe não deis esmola, trataios bem preferindo sempre os segos e aos aleijados, depois os velhos, porque athé na esmola háde haver eleição, quando não abrange a todos, se bem a devoção hé a melhor regra. Mas se não deres aos que pedem para huma missa, aos que vem de terra de mouros, às que tem os maridos prezos, não entreis em escrúpulos, porque eu nunca os tive, nem os cri.

53

O testamento fazeio com saúde, mas conciderando que vos falta a vida, porque a consciência não esperta senão no fim, como candeia, reformando-o com embargos à chancellaria cada seis mezes, porque nelles pode haver mudança no disposto, e crecença ou deminuição nos bens, e ainda na vontade, e vem a ser grande o interesse para a matéria de que nos compomos, porque lograr o meu quem eu não quero, já em profecia me atormenta, e se no outro mundo ouvera depuimento, houvera a alma de confesálo assim, e possuílo quem (dezia?).

54

Não façais bem a homem que cuida que tudo se lhe deve, nem cazo de mulher que diz não se lhe dá, porque a elle o faz indigno a soberba, e a ella liberta a dezinvolvura, e ambos offendem a honra com a auzência do juízo: hum cuidando, outra tendoa em nada.

55

Nunca digais tanto bem de huma pessoa, que vos não fique lugar para dizeres mal della quando o merecer, que os homens só Deos os conhece, e a occazião os mostra. Nem vos fieis dos que parecem bons, porque há muitos que o são, porque não podem ser maos, nem de homem que fallar como mulher, nem de mulher que fallar como homem. Muito cabedal, que aonde a natureza se encontra háde haver adversos e feitos naturais dão mui pouco que esperar, e algumas vezes bem que temer.

56

Dois conhecidos, ou dous obrigados haveis de tratar sempre de ter: hum desembargador, e hum fidalgo, e não seja aposentado o desembargador, nem o fidalgo encantuado, porque hum na inquietação vos segura, o outro vos livra. O modo de os grangear se o não souberes, elles o dirão.

57

Não vos fieis de homem que sempre ri, nem de mulher que sempre chora, porque hum preverte a natureza, e o outro engana com ella, que o coração não ri sem cauza, nem chora sem motivo, e hora hé figura pintada, que o engano debuxou na realidade sem alma, e na apparencia sem rosto.

58

Conversação de freiras em nenhum cazo, que nenhum fazem de quem as trata e só tratão de lhe tirar o que tem. Eu não digo, que todas o fazem, mas que são poucas as que o não intentão, o que tudo pagão com boas pallavras, mas nunca aparecem obras, e o que por fim vos vem a ficar são embaraços na consciência, dezembaraços na bolça, e peor de que se vos dera huma alçada em caza, e a cabeça com multiplicados pezos, bem a pezar do vosso sofrimento, porque o freirático tem a natureza de cabrito, que háde morrer chiquito, ou chegar a ser cabrão.

VII

D. ANTÓNIO ÁLVARES DA CUNHA

Instrução de D. António Álvares da Cunha a seu filho D. Joam Lourenço passando aos Estados da Índia.

[BGUC., ms. 496, fl. 132r-142v]

Filho, já que tomaes a rezoluçam de passar à Índia, couza tam honroza entre os nossos passados, e hoje por peccados de Portugal tam esquecida, e que vos nam leva a surcar tantos mares outra necessidade mais que recuperar a honra que em alguns descaminhos da mocidade se experdiçou, entre as saudades com que fico, lembrado das obrigaçoens paternas, me pareceo fazer-vos estes documentos, para que seguindo-os tenhaes desculpa se errades com os preceitos de quem vos deu o ser e vos ama como pay.

O temor de Deos he a primeira direcçam para os acertos, porque nelle está recopillado tudo: quem teme a Deos nam pode fazer couza mal feita, hé o freio mais suave para dominar o ânimo mais fezoz, obedecer aos peceitos divinos hé a melhor norma para se conservar a vida temporal e se ganhar a eterna. Neste só ponto, considerado bem, se enserra tudo quanto vos posso dizer.

Depois do temor da Ley Deos haveis de obedecer às do vosso príncipe, a quem deveis de amar com aquelle affecto que obriga a natureza de portuguez, até se derramar a última gotta de sangue, lembrando-vos os versos do nosso métrico Séneca: Com que maons e com que rostro por vós e por Deos morremos.

Quem ama ao seu príncipe, obedece às suas Justiças, as quaes haveis de respeitar com toda a veneração, porque de contrário seguir-se-vos-hia ou castigo da desobediência ou o descómmodo dos desterrros a que se condena quem falta a esta tam precisa obrigaçam.

A honra hé preceptor das açoens do homem e ainda que só quem teme a Deos hé honrado, com tudo no mundo parece há coizas de honra que se apartão do temor de Deos; quem penetrar bem este segundo conhecerá que tudo se inclue no primeiro, pede a honra vingança, aconselha Deos perdão. Quanta maior generozidade hé perdoar que vingar? Eis aqui a honra exaltada e o preceito obedecido.

O ser soldado não hé ser licenciozo, antes a modéstia grangea ao soldado maior estimaçam, porque não há couza mais aborrecida que a desenvoltura, na qual perde hum homem o ser que tem, e se faz igual àquelles com os quaes não nasceu igual.

A profissão de soldado hé a mais apertada religião em que pode entrar hum homem que por suas qualidades deve dar boa conta de si, porque hé obrigado a ser bom entre muitos exemplos maus e assim só deve attender que por meios illícitos se não pode chegar àquella glória militar a que todos aspirão e se muitos chegarão, milhor he ficar limpo nos primeiros degraus que deixar com nódoas toda a escada por onde subis.

O Scila e Caríbidis em que naufragão todos aquelles que surcam os pélagos militares são mulheres e jogo e para a parte para onde fazeis jornada com maior tempestade se navega; em hum e outro perigo vos temo muito por alguma inclinaçam natural em que vos conheço. O que experimentaste na traquillidade da pátria onde tinheis sequer o leme do respeito de vossos pays vos sirva de astrolábio para saber a altura em que vos haveis de pôr, pois por topar neses rizcos deixaes a terra donde nascestes e hides a ser perigrino às terras estranhas. Seja o piloto para fugir destes perigos o conhecimento delles, que a lascívia vos háde tirar a saúde, levar a fazenda e arriscar a alma e o jogo arriscar a vida, destruir a fazenda e arriscar, digo, perder a alma. Destes dous males pior hé este que aquelle, porque àquelle muitas vezes emenda a falta de saúde e a subejidam dos annos e este como tropeça na ambiçam acrescentase na sobejidam dos annos e nam se modera na falta de saúde, antes se costuma dizer que entretenimento diverte o achaque.

De tres coizas muito essenciaes necessita quem joga: sciência para jogar, de paciência para perder e de fazenda para pagar. Na primeira se descobre o juizo, na segunda o ânimo, na terceira o cabedal e por hum meio tão vil como o jogo hé imprudência fazer manifesto a todos o meu juizo, o meu ânimo e o meu cabedal. Lá disse o nosso Sáa «que o

jogo a todos iguala». Se assim hé, como háde querer hum homem honrado que se escreva com iguaes characteres em quarenta e oito cartas o nobre e o plebeo, o liberal e o avarento, o sábio e o néscio, o valente e o fraco, quando neste mesmo livro lemos diferentes documentos, pois nas suas mesmas figuras humas valem mais e outras menos, com o que vem a fazer o jogo nos tafúeis aquilo que não consente no mesmo jogo.

Nos vossos annos nam duvido tem violento imperio o adulterino filho da Deusa da Formozura e com mais força na vossa profissam, pois do Deus da Guerra nasceo este incêndio dos coraçãoes humanos. Se vos puderes vencer nestes affectos fareis huma obra tam meritória que vos asegurará o maior bem e se o nam puderes fazer quero só de vós que vos não deixeis levar todo de tam violenta força, pois para exemplo tendes a verdade de hum Sançam com Dalila e a fábula de hum Hércules com Eole. Aquelle, corrompendo-lhe o amor o segredo, fez dos cabellos cordas para as prizoens, e este, distrahindo-lhe o affecto, o valor trocou pella roca a massa. Esta infâmia e aquella ruina das maiores forças e do maior ânimo seja a carta donde asenteis de novo os baixos em que se despedaçam os galioens mais fortes, desviando delles a proa, seguindo o rumo da razam quando soprar o vento dos appetites. Nam, com tudo, vos obrigo que seguindo este norte sejaes anacoreta; debaixo da virtude se pode usar de toda a cortezania: servir as damas, galante a deffendellas, cavalheiro a socorrellas liberal, hé obrigação de todo o homem que tiver o nome de honrado.

Todos os extremos sam viciozos e assim nam haveis de ser nem miserável nem pródigo, liberal, sim. Haveis de dar e poupar o voso, de modo que tenhaes sempre que dar, porque hé tal a nossa natureza que hum benefício háde ser lembrança de outro benefício. Sempre vos haveis de lembrar do que vos fizeram para agradecimento e nunca do que fizestes, se vos lembrades como acredor do bem que fizestes e que bem recebestes, se vos esqueceres como ingrato do bem que recebestes. A primeira couza que deve procurar quem toma hum offício hé ser perito nelle, assim

com todo o cuidado vos haveis de aplicar a tudo aquillo que toca ao officio de soldado, aprendendo do piloto a ordem da navegaçam, tomando o sol, cartearo, conhecendo os rumos às derrotas medindo pelos tempos as sangraduras, e do mestre a marcaçam da nau, os nomes de todas as cordas e roldanas e do exercício de cada huma, conhecendo de cada official o que toca a seu cargo.

Levaes por companheiros os religiosos da Companhia e Theatinos dos quaes podeis alcançar notícia de muitas coizas, principalmente do exercício das virtudes são nossos mestres, aconselhar com elles tanto nas matérias de consciência como nas de erudiçoens.

Nas conversaçoes tratar, com a maior modéstia que puder ser, de que diante de vós se nam diga mal de outrem e, se o nam puderes fazer, desviaivos delles, nam sendo coiza que a todo o risco hajais de defender e muito menos de vossos maiores, porque ainda que vos engane com capa de algum zelo, nam vos toca emendar ninguém, quanto mais aquelles que os príncipes e Deos quizeram para vos emendar a vós.

Na vossa boca se nam ouça outra coiza mais que louvores de todos, que em quanto nam occupaes posto que vos obrigue a reprehender, hé discripsam louvar, pois quem diz mal ouve mal.

Sede afável com todos, conhecendo, porém, cada qual, porque se na vossa estimaçam tiverem todos o mesmo grau julgaram muito pouco de vosso entendimento e nam tratareis se nam com aquelles de quem os milhores nam querem ser companheiros.

De todo hé bom ser amigo, mas particular nunca chegueis ao plural dos gregos. De hum hé necessidade, de dois pode ser afeiçam. De três hé imprudência, porque nam se pode achar no mundo três homens que sejam verdadeiros amigos, aconselhovos que tenhaes hum até dous amigos, porque nam quis Deos dar tanto a hum homem que por si só pudesse acertar em tudo, até aquelles mesmos santos illuminados por elle quis que tivessem com quem communicassem suas revelaçoens, mas a nenhum maiz que a hum.

Sigillo do segredo que vos communicarem seja em vós inviolável e o vosso communicai-o só àquelle que vos háde ou aconselhar nelle ou remediar. Violar o segredo alheio hé culpa com restituçam, porque vós nam podeis fazer coiza algũa do que he vosso, quebrantar o vosso hé necessidade em querer que outrem faça o que vós nam podeiz fazer.

Obediência, sofrimento e perseverança sam os degrauz por onde se sobe a todos os lugares tanto da milícia como da república. Quem sabe obedecer capacitase para saber mandar, quem pode sofrer consegue o que tal vez nam podia alcançar, quem se resolve a perseverar chegalhe tudo quanto imaginava pertender, obedecer aos maiores hé preceito a que se nam deve faltar, sofrer sem razoens de tempo hé razam que se deve seguir, perseverar no lícito caminho que leva hé constância que se deve procurar e tudo sam virtudes de grande estima, porque a obediência hé humildade, a razam prudência e a constância fortaleza. E porque vos seja mais suave, nunca mesaes o voso merecimento pela fortuna alheia, andai vós para chegar sem inveja dos que chegaram ou correndo ou voando, porque as carreiras sam cansaços e os vãos penas.

Nas occazioens de risco sede o primeiro que appareças diante dos vossos generaes, nas de proveito o último. Naquellas perdei antes por carta de mais, nestas nem com a de menos queiraes perder.

Nessas partes, corrompido com o vício aquelle valor dos primeiros portuguezes seguindo com a communicçam as cavilaçoens dos asiáticos, uzasse muito huma couza que chamam asaltadas, o nome diz o que sam: só a cobardia inventou este modo de vingança. Ponde em vossas acçoens tal cuidado que as nam possaes reçar e no vosso coraçam tal brio que nunca as chegareis a executar.

Não façaes lizonja aos que mandam hoje com dizer mal dos que mandaram ontem, porque o mesmo reçarám de vós amanhã e hé vil modo de obezéquio por exaltar quem vos manda, dizer mal de quem vos mandou e nam vem sem manchas o louvor que ha de luzir com vitupérios.

Medi as palavras pelas pessoas com quem fallaes; diante dos velhos nam vos escape huma palavra jocoza e dos novos

hũa deshonestas, o respeito àquelle vos faça moderado, o exemplo a estes cautos. O ser mau hé defeito a que nos leva a fragilidade, querer parecer mau hé culpa a que nos condemna a malícia.

E se as palavras se hamde medir pelas pessoas com quem fallaes, muito mais o deveis fazer nas acçoens e assim diante dos fidalgos velhos nam vos senteis sem que elles tenham tomado os milhores lugares e no assento nam uzeis da liberdade que nos trouxe com tanto damno da nossa gravidade a communicaçam dos estrangeiros; por nenhum cazo lanceis a perna para sima de hũa da outra, nem pela traveça da cadeira, nem façaes outras acçoens que deauthorizam a vossa inteireza. Com os mossos por nenhum cazo brincareis de maons que na desconfiança dos portuguezes livrar-vos-heis de muitas occazioens que vos podiam precipitar.

Nunca conteis histórias que nam pareçam verosímeis, ainda que sejam verdadeiras, porque todo aquelle tempo que se tardar em saber a verdade ficaes opinado por mentirozo.

Se os velhos consentirem a vossa companhia gastai com elles o mais do tempo, porque dos taes grangeareis o concelho para obraes e a inculca para o que pertenderes; quem vive muito sabe muito e a Christo Senhor Nosso cuja sabedoria era incapaz de se augmentar, diz o Evangelho que se acrescentava e era pelos annos que vivia.

Fugi com todo o cuidado de más companhias, porque, ainda que sejais muito bom, vireis a ser mau e, se nam o foreis, parecêloheis que hé igual a sello e nos extremos antes vos quero hipócrita que dissoluto, que como o mundo julga pelas apparencias a hipocrizia danavos a vós, mas pode aproveitar a alguém e a dissoluçam danavos a vós e a todos, por ser mais fácil seguir o mal que se manifesta mal do que o mal que se disfarça com o bom.

Na eleiçam de vossos criados tende grande cuidado que sejam limpos de sangue e de bons costumes, porque por elles vos hão de julgar a vós, pois he certo que ninguem pode gostar daquelles aos quaes se não assemelha; aos taes

tratai como senhor, amai como companheiro e acomodai como amigo; com o cómodo têlosheis promptos, com o amor, fiéis e com o mando, obedientes.

Se a Providência vos der os bens a que a nossa ignorância chama da Fortuna, uzai delles nam como dados por huma cega, mas por quem dispoem o governo do Universo, porque quem volos deu, volos pode tirar; ao grangeálos attendei primeiro à vossa consciência que a vossa comodidade. Ser pobre, obrando bem, hé muito melhor que ser rico obrando mal e lembre-vos o provérbio do discreto Conde de Vimiozo que «quem perde a honra pelo negócio, perde o negócio mais a honra».

Se chegáreis a occupar os lugares pelos meios de vossos merecimentos, levaeis meio caminho andado para acertar, mas se vos levarem ou a falta de pessoas ou a amizade dos que mandam, hé necessário accautelar, porque muitos se danaram mandando e nenhum se melhorou e como vos aconselhei a obediência e justiça sendo súbdito, assim vos encomendo que a façaes respeitar se foreis superior, porque sem ella não pode haver acerto em nenhum governo.

Se estiver na vossa mam, nam haja culpa sem castigo nem virtude sem prémio e, havendo de faltar alguma, antes seja o castigo do que satisfaçam, porque na condiçam dos homens mais vezes a melhora a esperança da recompensa do que o temor da condemnaçam. Com a virtude premeada muitas vezes condemna aos maus a culpa e com o mando obedientes.

Lembrevos que vos leva à Índia nam o buscar a vida que vos faltava na terra onde nascestes. Soiz erdeiro da caza de vossos pays (se nam muito abundante, bastante-mente acomodada para poder passar com os da vossa esfera). A fazer serviço ao vosso príncipe, à vossa pátria e a grangear representaçam, hé o que vos leva. Tratai de pôr os olhos em quantos de vosso appellido esmaltaram com o seu sangue as praias que agora haveis de pizar: em qualquer delles achareis maiores documentos do que aqui vos pode dar o dezejo que tenho de vossos acertos e todos estes mandamentos se enserram nos dous primeiros com

que comecei este papel: Deus e honra, com esta adiantareis
a vossa caza e com aquelle asegurareis a vossa salvaçam.
Deos vos guarde.

VIII

MIGUEL DA SILVA PEREIRA

Conselhos que o Dezembargador Miguel da Silva Pereira deu a seu sobrinho hindo novato para Coimbra

[BGUC., ms. 214, fl. 139r-147r]

Filho, sahis da casa de vossos pays para viver a vosso arbítrio em hũa terra mais ocasionada à perdisão que hum mar cheio de cachopos pode ter, e o meu amor me obriga a debuxarvos este roteiro, e se o seguires, como de vós espero, confio em Deos que acabareis a viagem que agora comessais tão prosperamente como pertendeis.

Primeiramente vos encomendo o que hé primeiro que tudo, a devosão ao Santíssimo Sacramento, e à Virgem Nossa Senhora; se tiveres fixos os olhos da alma nesta divina e fermosa estrella do mar navegareis seguro, porque ella vos guiará não só ao porto da salvação, que hé o que mais importa, mas também a todas as dignidades desta vida.

Sede muito amigo, e devoto das almas santas do Purgatório, porque são tão fiéis amigas, e tão proveitosa a sua amizade, como vós sabeis que eu tenho experimentado.

Chegaivos a Deos Nosso Senhor pelo meio dos sacramentos as mais vezes que pudéreis, e crede que o mais infalível e certo para alcansáreis todos os bens hé meresêlos a Deos, em quem se não podem achar as ingraticoens, e injustiças que nos homens chega a haver.

Pelo caminho acontecerá que encontreis outros que pasão a mesma jornada. Haveivos com todos com toda a cortezia, fugindo facilidades; não hé o mesmo não ser fácil, que ser soberbo.

Se de aqui partires com algum amigo com quem tenhais confiansa, e se se vos ajuntarem na estrada outros com que a não tenhais, nem vos convenha, haveivos com os amigos como com os estranhos, por vos não ser necessario havervos com os estranhos como com os amigos.

Nas estalagens [1] vos² deveis haver com moderasão,

¹ O original traz aqui *não*

² Correção nossa

mas sem miséria, e havendo de inclinar a hum dos extremos, seja antes ao da liberalidade; oferesei de boa vontade o que levores, e daivos por tão obrigado de que volo aceitem como de que os outros vos não offeresão o que levarem.

Pela estrada não vos prohibo o ser alegre, e desenfadado, não quizera que paresais descomposto; pulhas são só para arrieiros, e não para homens honrados, de cuja boca não háde sair palavra descomposta, ou descomedida.

Nas estalagens, e lugares por onde pasareis, não falais, digais, ou consintais quanto vos for possível que se diga, ou fasa cousa que escandalize, porque dessas graças succedem muitas vezes desventuras, que depois não têm outro remédio que sofrelas, ou arriscar a perder.

Chegado que sejais a Coimbra tanto que vos matriculares, vesitareis ao reitor, que hé razão que vos conhesa por filho de vosso pai, e aos lentes que hão de ser vossos mestres, aos quaes tratareis com todo o respeito, e venerasão.

Como hoje não há votos nos provimentos das cadeiras, não há ocasião de parcialidades; fugir dellas hé o que convem; melhor hé não ter nenhum inimigo, que ter muitos amigos; também vos direi que falais, digo, fujais da distincão de pátrias (sou de Lisboa ou do Alemtejo), os doutos e bem procedidos em toda a parte se achão naturaes.

No que toca aos estudos, vos encomendo muito a continuação dos Geraes, e nelles a atensão aos mestres. Vaise aos Geraes a ouvir e a escrever, e não a conversar; o falar naquele lugar, e tempo hé pouca cortezia para os mestres, e perturbasão para os condiscípulos.

Nunca vos aconteza fazer paredes, que hé obra de officiaes mecânicos; se chegáreis antes que ella se fasa, entrai logo para o Geral, e ficareis livre de a ajudáreis a fazer; se a acháreis feita, não vos metais nella, desviaivos, e sem escândalo do mestre, nem dos estudantes, esperareis o que succede; não a quebreis de nenhum modo entrando para o Geral primeiro; isto se reduz a dous números: nem fazêla nem quebrála.

Hé Coimbra corte de entendimento, por este se logra ali a estimasão; hum official mecânico tem por honra ser

ou o melhor ou dos melhores do seu officio; pela bondade de Deos não sois decepado, applicaivos ao estudo, e vede que a isso vos obriga o seres hum homem honrado, e a considerasão de que vosso pai não hé rico, e que gasta com vosco o que não hé só vosso, mas de vossos irmãos, aos quaes podereis (se aproveitáreis o tempo) ajudar, e ser útil, e tam bom irmão, como vedes que eu fui para vosso pai e para vossos tios.

Se chegáreis (como eu espero em Deos) a ser tão grande estudante, como foi vosso pai, e vosso tio que Deos tem, não vos desvanesais, reconhecei que hé mercê de Deos, cujos favores nos devem fazer agradecidos, e não soberbos; tomai o conselho de S. Paulo: Modestia vestra nota erit omnibus.

A Instituta hé o fundamento de todo o Direito Civil, e quem melhor a souber, melhor o saberá; estudaia com cuidado e vos contentai por agora com a saber assim como está escrita, com a entender assim como os mestres a explicarem; não vos embaraseis com Piccardo, Mesingerio e outros instituários neste 1º anno, que mais vos servirão de vos confundir, do que vos ensinar; o que duvidareis, preguntai ao mestre, e quando no que lhe ouvireis tivéreis algũa dúvida lha proponde como quem quer aprender, e não como quem quer argumentar; esta mesma regra vos dou para quando falareis em Direito com os mais provectos.

Em Coimbra se deputam ordinariamente três horas para o estudo das 6 até às 9 da noute; e não se tem em boa conta os estudantes que nestas horas se achão fora de suas cazas; da vossa vos não aconteza sahir de noute de nenhum modo, e por nenhũa couza, ainda que outros a isso vos convidem, porque vós estais obrigado a dar conta de vós, e não dos outros, nem em nossa caza temos hora perigoza, nem fora della segura.

Chegamos ao paso mais perigozo, em que hé necessário maior advertência e cautela. A continuação das jornadas, e escolas grangea com os homens hum conhecimento, a que erradamente se dá o nome de amizade; boa regra hé

a de Diógenes ilustre mestre da melhor Filozofia: Amicus unus, inimicus nullus.

Mas porque no mundo já se não conhese que couza seja amizade, não vos assignarei regras para fazer amigos, ainda que reconheso em hum grande cortezão que grangeálos hé fortuna, conserválos indústria, e têlos riqueza; só vos apontarei algũas que bem observadas vos livrem de teres inimigos.

Tratai todos com muita cortezia conforme a seu estado; hé esta hum rico tesouro que tem três qualidades que em nenhum outro podem acharse: custa pouco, val muito, dura sempre.

Procurai que os amigos que fizéreis sejam homens bem nacidos, e de bom procedimento; tal háde ser o fructo que haveis esperar colher das árvores qual foi a sua espécie, e natureza: assim como a saúde se arrisca na vezinhansa, e trato dos doentes, assim perigão os costumes pelo risco de contágio na comunicação dos mal acostumados; todo o bem esperai dos bem nacidos, e bem procedidos; entre iguaes não pode haver soberba, nem desprezo; desviaivos dos que se chamão fidalgos em Portugal, e igualmente dos mal nacidos; mas em quaesquer amai e respeitai muito a honra e virtude.

Não se ousa da vossa boca couza que não seja verdade, a esta estais obrigado como christão, e como honrado; a hũa e outra obrigação falta quem mente; adverti que assim como devemos desviarnos de pecados veneaes, não porque estes por muitos que sejam posão fazer hum mortal, mas porque nos dispõem para cometermos os mortaes, assim devemos guardarnos de mentir em matérias leves, por nos não facilitarnos a faltar à verdade nas mais graves; entre mentir e ser infame não há distância, e nem diferença.

Não vos suceda em nenhum cazo, tempo, ou lugar dizer mal de ninguém. Excelente hé a regra de Portugal velho:

Honra ao bom para que honre,

E ao mão para que te não deshonre.

Fallar em defeitos de qualidade ou costumes, hé a mais perigosa acção que podem fazer ainda os que na reconvenção tenham menos perigo. Ordinariamente os que cahem nesta culpa, a pagão na mesma moeda. Bem dizem os nossos velhos:

Quem diz o que quer, ouve o que não quer.

Nascem os homens como Deos he servido, e não como elles quererião; o nascer bem ou mal nada mais hé que a fortuna má ou boa; culpa será não emendar cada hum a desgraça de nascer mal com a nobreza de proceder bem. Os homens se reduzem a três espécies ou classes: ou são amigos, ou inimigos, ou neutraes. Dizer mal dos amigos hé infâmia, dos inimigos vileza, dos neutraes perigosa crueldade, pois se arrisca hum homem a mentir em dano de quem não reconhece, nem lhe merece. Não vos digo que estais obrigado a fingir em ninguém as qualidades, e virtudes que não tenha, porque isso hé mentir, o que em nenhum cazo se deve fazer; mas digovos que estais obrigado a dizer bem dos que o mereção e se sucedese preguntarsevos pela qualidade de algum ou os seus costumes, quando se vos não oferesa dizer o que lhe estiver a bem, vós descarregais bastantemente sem ofensa da verdade, nem de quem vos pergunta, e nem o de que se vos pergunta, dizendo em F. não conheso cousa lhe posa estar mal, tenho por muito honrado, e bem procedido, e nunca me importou fazerlhe habilitações N. E quando tiveres ocazião e fundamento para dizer bem, não sejais escaso, nem também sejais encarecido, porque basta dizer o que se crea, e não o que se duvide.

Na conversação hé necessário hir com tento, e advertência quando se fale ou dos presentes, ou dos auzentes; dos auzentes não convém falar senão para dizer bem, além de que pode estar na conversação pessoa a quem doa o mal que do auzente se disser; e não escapará de grossaria, quando não chegue a ser empenho; dos presentes, ainda que se diga couza muito leve (como não escolhêsteis boa cor do vestido, não consertásteis bem a vosa caza), convém

advertir a confiança que se tem com essa pessoa, e o que levemente pode sofrer a sua condisão, e por forrar destas atensões necessárias, ainda que paresão muito escrupulosas, nunca digais couza que de algum modo possa magoar, porque ninguém está obrigado a sofrer a quem não lhe dá de comer, e ninguém tem à sua conta a emenda senão dos que tem à sua conta. Neste particular vos dou duas regras: a 1^a. fazei o que entenderéis, e não entendais com o que os outros fizéreis; a 2^a. nunca tomeis à vossa conta aquilo de que nem a Deos, nem ao mundo haveis de dar.

Fugi de grasas, e bons ditos, porque isso hé ser xocarreiro; hum dito bom e cortezão não o reprovo, mas permitovos que o digais com duas condições: a 1^a que de nenhum modo magoe, a 3^a, nem descubertamente nem por remoque, a 2^a que o não celebreis vós nem o festejeis, isso farão os ouvintes se lhe acharem grasa.

De nenhum modo jureis para afirmar o que disséreis, presai vos muito de que a vossa verdade não haja mister fiador. Quanto vos encomendo a verdade, tanto vo encarrego o segredo; livrai vos quanto pudéreis de vos encarregar de segredos alheios, porque se podem romper sem culpa vossa, e suspeitarse que vós os rompesteis. Os vossos não fieis de ninguém, salvo por necessidade; se vós não sabeis, ou não podeis guardar o vosso segredo, quem esperais que volo guarde? Séneca disse que tão grande vicio hé dizer tudo a todos, como não dizer nada a ninguém, mas que o 1^o era vício mais nobre, o 2^o mais seguro.

Hides a Coimbra a aprender, e não a ensinar; digovos isto para dizervos que vos não metais a dar conselhos a ninguém sem volos pedir, e quando vos pesão conselho, o dai facilmente, como entenderéis, advertindo que vos não haveis de mostrar escandalizado, ou sentido de que o vosso parecer se não aceite, háde ser conselho, e nam preceito.

Poderá acontecer que algũa vês vos convidem para comer fora de vossa caza (quizera eu que nunca isto vos sucedera); tomai na meza o lugar que vos derem, e não oferesais lugar a outrem, porque essa destribuição corre só por conta do dono da mesa.

Se não for bem servida a meza, ou porque não sejam boas as iguarias, ou porque não venhão em boa ordem, não só vos digo que o não digais, mas que nem deis a entender que assim volo parese; terrível grossaria he disgustar a quem vos faz mercê de convidarvos; louvai tudo mas com moderação, porque não parea affectado o mesmo louvor.

No discurso da meza observai três couzas: asseio, temperança e sofrimento; asseio não fazendo, nem dizendo couza que possa fazer asco, como limpar os dentes com a faca, escarrar, ou asoar sem necessidade, ou falar couzas imundas; não comais tão devagar que paresais boy que remoe, nem tão depressa que parea tendes inda que comer em outra parte.

Temperança não comendo tanto que paresais alarve, nem tam pouco que paresais melindroso. Convém proporcionar a capacidade, porque durando muito a meza vos não obrigueis a ficar mantenedor da conversação.

Sufrimento, se pedindo agoa, ou o que vos for necessário se vos não der logo; não vos metais a procurador dos convidados pedindolhe que tragão isto ou aquilo, esse cuidado hé de quem dá meza.

Vosso pai vos dá a porção que pode, e maior que a com que eu lá, e elle passámos comodamente; a quem estuda não convem faltas, nem sobras; as 1^a inquietão, as 2^a estragão. Tendes o que vos basta, importa que o desgoverno não fasa que vos falte. Deos vos livre de pedires emprestado, e de que também volo pessão.

Não vos falo em jogo, e freiras, porque a nenhum destes visios vos vejo inclinado; bastantemente vos avizo com dizervos que são visios, e ambos perigosos; outros divertimentos há em que podeis buscar alivio nas horas que vos sobejarem do estudo; muito vos encomendo a amizade dos religiosos graves, de quem todo o bem se aprende.

Eu me contento com que o pouco que neste papel vos digo, convertais em costume, e em natureza; assim o queira Deos e vos faça tal, qual elle quer que vós sejais.

Fim.

IX

CAETANO DE SOUSA PACHECO

*Instrução que hum antigo official deu a seu filho quando
o mandou assentar praça no presente anno de 1735*

[Lisboa, Officina de António Correa de Lemos, 1735]

Meu filho: Na idade em que já vos achais, bem podeis conhecer, que eu não tenho faltado em vos dar desde a vossa infância na educação digna do vosso nascimento; e dou muitas graças ao Ceo por vos haver dotado de huma docilidade, e de hum génio capaz de receber as minhas instrucções, e a doutrina de vossos mestres.

Mas não basta começar bem, hé necessário perseverar até o fim, para conseguir a coroa, de que só hé benemérita a virtude, principalmente na vida de soldado em que agora entraes, em a qual vos hé muito necessário vigiar sempre sobre vós mesmo, e portar-vos de maneira, que possais alcançar a verdadeira glória, a que unicamente deveis aspirar.

Como as largas experiências, que no discurso de muitos annos adquiri no serviço, me fizerão observar muitas cousas, o conhecimento das quaes vos será da mayor importância, por isso determino de volas expor, dando-vos instruçoens com as quaes vos possais governar sabiamente em todas as occupações, em que sereis empregado. Recebey-as com gosto, gravay-as no vosso espirito, e ponde-as em prática em todas as occasioens, em sinal de agradecimento à ternura com que vos amo, e de submissão, em que sois obrigado a executar os documentos de vosso pay.

Em primeiro lugar vos digo, que nunca vos augmentareis pelas armas, se do primeiro dia, em que assentardes praça, não cuidardes em subir aos primeiros postos. Haveis de gravar fixamente na vossa idea a esperança de ser algum dia general dos exércitos delrey, e conservar esta tão illustre ambição, mas no mesmo tempo vos haveis de lembrar de a sustentar com a virtude, e com acções, que vos possam fazer digno de hum tão grande posto; nenhuma cousa seria para vós mais injuriosa, que pertender elevar-vos sobre os outros, sem fazer por vos distinguir, e tirar-vos do commum.

Para levantardes o grande edificio da vossa reputação, e da vossa glória, hé necessário que ponhais por fundamento a virtude da Religião, a qual só pode ser a verdadeira, e única baze da vossa fortuna; e assim em lugar de entenderdes, como entendem muitos ímpios, que esta tão excellente virtude hé imprópria de hum soldado, deveis persuadir-vos, que nunca sereis verdadeiramente valerozo, nem homem de honra, se não tiverdes esta virtude, que hé entre todas as christãas, a mais necessária. Ninguém se deve envergonhar de ser homem de bem, para mostrar que hé soldado, ou cessar de ser christão, quando entra a servir o seu príncipe. Porém, como esta matéria vos hé tão importante, vola quero expor mais diffusamente.

A virtude da Religião, não hé outra cousa mais que huma reverente homenagem, e hum obsequiozo culto, que todos somos obrigados a dar a Deos, como nosso primeiro príncipe e árbitro soberano de todas as cousas, prostando-nos diante da sua suprema, e infinita grandeza, e reconhecendo o nada de nosso ser. Os príncipes, e os grandes do mundo não são delle menos dependentes, que os pobres, e humildes; e por isso igualmente obrigados a humilhar-se diante desta magestade suprema, que tem hum absoluto domínio sobre todas as suas creaturas.

Por meyo desta humilde submissão, e deste religioso culto se eleva hum soldado sobre si mesmo, e se faz capaz de executar as mayores, e mais diffíceis emprezas, e isto no mesmo tempo em que se reconhece menos apto para as emprender; porque fazendo huma sincera confissão da fraqueza própria, se faz mais digno da poderosa protecção do Deos dos Exércitos, que não lhe negará a sua assistência em todas as mais perigozas occasioens, se elle com huma firme, e ardente confiança, a implorar, como fez a immortal heroína de Bethulia, quando emprendeu livrar a sua pátria da extrema necessidade, a que se achava reduzida. Tudo devemos esperar da infinita bondade de hum Deos, que nos convida a pedir-lhe tudo o que necessitamos, segurando-nos no mesmo tempo, que sempre será pronto para deferir às nossas súplicas.

Que deve temer hum soldado, a quem anima, e fortalece huma piedade sólida, e huma verdadeira religião? Deve temer a difficuldade de hum assalto, os perigos de hũa batalha, os trabalhos de hum ataque, os golpes das espadas, e o fogo das armas inimigas? Nada disto temer, porque se deve considerar debaixo da protecção do Altíssimo; antes no meyo dos mayores perigos conservará sempre todo o acordo, e toda a constância sem alguma sombra de temor, como succedia a S. Luíz Rey de França, quando se vio em huma furiosa tempestade no mayor perigo de perder a vida, porque sem perder a tranquillidade do espírito, com o mesmo socego, com que o pudera fazer em huma igreja de Pariz, orava diante do Santíssimo Sacramento, que estava exposto no navio; porque a sua piedade, e religião lhe persuadião com toda a certeza, que aquelle Senhor, que tem hum absoluto império sobre os elementos, fazia cessar a tempestade, quando mais lhe agradasse.

Não pode haver mayor erro que entender, que pode o homem por si mesmo, com as próprias forças adquirir esta firmeza de espírito, este valor intrépido, e esta constância imperturbável; o que unicamente nos pode vir de Deos, da confiança que nelle devemos ter, e da perfeita submissão aos seus decretos; e a virtude da religião hé, a que só nos pode dar esta mesma confiança, submissão aos decretos divinos. Della procede como de origem a tranquillidade de espírito, e juntamente o valor destimido, com que o soldado se arroja às mayores, e mais diffíceis emprezas pela honra, e serviço do seu príncipe, como se estivesse armado de armas impenetráveis, caminha com heróica ousadia, para onde o chama a sua obrigação, despreza os perigos, e a mesma morte; em fim, executa com glória tudo, o que se pode esperar de hum soldado verdadeiramente valerozo.

E succederá o mesmo a hum daquelles ímpios, que não têm nem piedade, nem religião? A hum daquelles soldados, que se persuadem, que a guerra deve ser a escola, e o theatro de todos os vícios? Não lhe succederá o mesmo, porque lhe falta a constância, e o valor necessários para se portar, como deve, nas occasioens arriscadas. A sua mesma

consciência que lhe faz ver a Deos irado contra elle pelas muitas offensas, que lhe tem feito, o enche, não só de perturbação, mas de temor, porque lhe mostrará não só o perigo da vida temporal, mas o da eterna.

Eu bem sey, que contra esta doutrina tão certa, e tão infallível, se me pode oppor o exemplo de muitos, que não tendo nem piedade, nem religião, têm conseguido na guerra pelas suas acções huma glória que enche o mundo de admiração; porém com tudo, sustentarey que estes taes não têm verdadeiro valor, porque lhe faltão os meyo, e o fim que formão o carácter de hum homem valerozo; elles não têm outro fim nas suas acções mais, que o bom successo dellas, o que pela mayor parte depende do cego capricho da Fortuna, e não de hum sólido valor: quem pejeja, ou pela vaidade da glória, ou movido pelo espírito da vingança, ou ainda pelo temor do oppróbrio, e da confusão que lhe causaria o ser tido por fraco, hé indigno do illustre e glorioso nome de soldado, o qual só pode merecer quem for verdadeiramente valerozo, e o verdadeiro valor não pode proceder senão da virtude.

Mas se a virtude da Religião anima, e sustenta tão nobremente o valor nas batalhas, e nos combates, ainda o fortalece com mayor, e mais imperturbável firmeza, no último e mais arriscado de todos, que hé o combate da morte. Neste momento formidável, ainda aos mais destimidos, se faz ver toda a efficácia, e todo o poder de tão excellente virtude, pois por meyo de huma firmíssima esperança, que faz ter na misericórdia do Senhor, não só dissipa o temor que se pode ter daquella terrível inimiga, mas dá novas forças, e aumenta o valor para entrar com ella em batalha.

Pelo contrário a sorte dos ímpios hé incomparavelmente diversa naquella hora formidável. Que horror, que confusão não experimentão nesta tão temerosa passagem? Desamparados de todo o auxílio, sem consolação, e quasi sem esperança, começam em vida a padecer o castigo, a que depois da morte serão condenados. Se considerão na vida passada, se lhes mostra na enorme multidão dos

seus delitos a sentença da sua condenação; se querem implorar o soccorro da religião como os háde socorrer, se nunca a tiverão? Se fazem votos aos santos, para que sejam seus advogados diante de Deos, como os háode ajudar, se em toda a vida os desprezarão? E assim neste miserável estado em que os remorsos da sua consciência os atormentavão crudelissimamente, acabão a vida com a morte dos réprobos.

A differença entre a morte dos bons, e a dos maus em nenhuma parte se conhece com tão clara evidência, como na guerra. Hum soldado que cuida em viver christãamente, e em satisfazer com pontualidade a todas as obrigaçoens do seu estado, ainda que morra no campo de huma batalha cuberto de feridas, e despedaçado, neste desamparo, que não se pode considerar mayor, acaba a vida com huma tranquillidade não só heróica, mas christãa, porque morre na paz do Senhor; e hum ímpio acaba com huma morte em tudo semelhante à sua vida, e morrendo como morreo Juliano Apóstata, cheyo de furiosa raiva, vomitando blasfémias contra o Ceo, vai aumentar o número dos condenados.

Para confirmação do que vos tenho dito, vos vou referir a santa morte de hum dos mais illustres, e mais famosos capitaens, que tem visto o mundo. Este foy o grande Carlos V do nome, Duque de Lorena, Generalíssimo das Armas do Império, cujo alto nascimento se vio gloriosamente excedido pelas incomparáveis virtudes christãs e militares. Partio este herói christão de Insprusk, capital do Condado do Tirol, aonde tinha a sua corte, para Viena, e chegou a Veltz, pequena cidade da Áustria Superior, se sentio assaltado de huma violenta esquinência, estando ouvindo missa às 4 horas da manhã na igreja dos padres capuchinhos daquella cidade, e conhecendo pela violência da enfermidade, que se vinha chegando a sua última hora, se dispoz para o mais terrível de todos os combates: recolheu-se a caza do Conde de Montreguier, donde alojava, pedindo primeiro ao padre guardião lhe mandasse hum confessor, com o qual se confessou geralmente; o

que pôde fazer mais facilmente, porque havia muitos annos, que todas as semanas frequentava o Sacramento da Penitência, furtando este pouco de tempo à multidão das occupações, de que se via opprimido, para o empregar em negócio tão importante, qual hé o da salvação. Acabada a confissão, pedio o Santíssimo Sacramento por viático, o qual não pôde já receber, por se achar de todo tomada e impedida a garganta; mas recebeu o da Extremaunção com inexplicável piedade. Todos os que assistião a este espectáculo dolorozo, e compassivo, não podião conter as lágrymas, retumbavão todas as antecâmaras do palácio com a confusão dos gemidos, e soluços; só o Duque de Lorena, que tantas vezes havia visto a formidável imagem da morte em tantos assédios, e combates, e que se lhe havia feito tão familiar pela contínua meditação, que nella fazia, estava firme e constante, esperando o seu terrível golpe; porque este hé o fruto precioso, que se tira de huma perfeita submissão às disposições da Providência Divina, e que só nasce de huma consciência pura.

Já com palavras, que mal se deixavão perceber, manda que fossem chamar oito religiosos capuchinhos, aos quaes pedio começassem o Offício de Defuntos, o qual acabado, fez sinal que trouxessem papel e tinta, e escreveo duas cartas de própria mão, huma à rainha de Polónia, sua esposa, outra ao Emperador; na da rainha, depois de lhe exprimir em poucas palavras a mayor ternura, a exhortava a huma perfeita resignação com a vontade de Deos, recomendou-lhe os príncipes seus filhos, e os seus domésticos, elle pedio mandasse dizer pela sua alma hum grande número de missas. Ao Emperador escreveo na língua latina estas palavras: *Sacrae Cesariae Majestati commendat se, et ultimum valet dicit Carolus Dux Lotharingiae*. Ao mesmo passo que diminuião as suas forças, se augmentava a fortaleza do seu espirito, pedio lhe rezassem o Offício da agonia, e lhe lessem em voz alta alguns Psalmos, que elle tinha a devoção de rezar; e com huma imagem de Christo crucificado na mão, da qual não apartava os olhos, e cujas santíssimas chagas beijava muitas vezes, entregou, com

humana constância mais de christão que de heróe a sua alma nas mãos do seu creador, o qual, como piamente devemos crer, lhe deo a herança dos escolhidos em prémio de tantos trabalhos heróicos, que havia padecido pela glória do seu santo nome, e pela defensão da sua Igreja.

Eis aqui qual foy a morte do magnânimo, e valerozo Carlos de Lorena, como escreve o Padre Agostinho Calmet no terceiro tomo da sua História Ecclesiástica e Civil de Lorena. Outros a referem com circunstâncias ainda mais heróicas, porém este autor deve ser preferido por mais autêntico. Este grande capitão, que soube honrar a alta qualidade de príncipe christão com o esplendor de tantas virtudes, depois de viver tão christãmente na campanha, como na corte, pôz fim à sua carreira com humana morte tão digna de inveja em 18 de Abril de 1690, e isto com humana enfermidade violenta, e de poucas horas, tempo na verdade muito breve, para quem não vivesse preparado, mas bastante para este sábio, e prudente general, que todos os dias se dispunha a morrer.

Viva pois gravada no vosso espirito esta doutrina tão útil, e tão importante; sejam as vossas palavras, e as vossas acções os fiéis testemunhos do vosso coração. Primeiramente não haveis de tomar na bocca o santíssimo nome de Deos senão para o louvar, e para o engrandecer. Na Ley Antiga só ao summo sacerdote era permitido pronunciar o nome do Senhor, e hoje não só os soldados da mais ínfima plebe militar, mas ainda muitos officiaes tomão este grande nome na bocca com juramentos, e imprecações sacrílegas; e assim vos recomendo muito ponhais o mayor cuidado não só em dar a mayor veneração a tão santo nome, mas também em inspirar aos outros com o vosso exemplo. A mesma veneração, e respeito deveis ter às cousas sagradas, e aos lugares santos, e a todos os mystérios da religião christã.

Nas igrejas não queirais ser notado de pouco modesto, e que a vossa postura seja pouco decente. Não deveis entrar nos templos senão unicamente para fazer oração, e louvar a Deos. Lembraivos que a divina majestade deste

Ser Soberano, diante de quem tremem os anjos, assiste com especialidade nos templos; e estando na igreja deveis considerar, que estais na presença do Deos dos Exércitos, que tem na sua mão a vossa fortuna da mesma sorte que a de todas as creaturas. Esta tão piadosa refelexão vos não deixará nunca faltar à vossa mayor, e mais precisa obrigação, inspirando-vos affectos de huma verdadeira humildade, e submissão para assistir, como deveis, na caza do Senhor.

Nunca falleis dos santos senão com summo respeito, e veneração; imploray devotamente o seu patrocínio, e principalmente o da Virgem N^a Senhora, para vos alcançar de Deos a sua assistência.

Ao estudo, e prática da religião, e mais virtudes christans, deveis unir huma infatigável applicação ao manejo das armas, e aprender tudo, o que hé necessário para fazer a guerra, sem esta exacta applicação hé impossível ser bom soldado. Buscay sempre a companhia dos melhores, e mais hábeis officiaes, porque assim vos instruireis em tudo o que sois obrigado a saber; e para que todos vos estimem, e vos recebão com agrado, lhe deveis primeiro ganhar a vontade, e o coração com a vossa modéstia, e cortezia.

Aos generaes haveis de tratar com summo respeito, e submissão, aos que vos forem iguaes, e aos inferiores com grande affabilidade. Estes são os meyoys mais seguros para adquirir o amor dos grandes, e dos pequenos, e para vos fazer estimado de todos em geral. Nunca vos mostreis irado, senão contra os inimigos de vosso príncipe, ou contra os que intentarem offender a vossa honra, a qual tendes obrigação de conservar, e defender com a própria vida.

Com a mesma exacção e cuidado haveis de assistir, e cortejar aos generaes, e principalmente os deveis acompanhar, quando forem vizitar os postos, examinar o terreno para meterem o exército em batalha, ou para fazer marchar as tropas, ou quando forem reconhecer alguma praça ou campo dos inimigos, porque esta hé a melhor escola para aprender a arte da guerra, e o officio de mandar. Esta assistência aos generaes hé a que mais vos recomendo, porque nos muitos annos que tenho servido, observey, que

muitos moços nobres, e ainda alguns fidalgos, tinhão por melhor passar o tempo no jogo, e em outros divertimentos pouco honestos, que gastállo tão utilmente, do que depois se seguirão alguns erros irremediáveis.

Nunca mostreis alguma repugnância em obedecer a qualquer pessoa de inferior condição à vossa, tanto que tenha authoridade para vos mandar. Executay com a mayor pontualidade, tudo o que se vos ordenar da parte delrey, ou dos seus generaes, obedecendo cegamente às suas ordens, assim nas praças como no exército. Fazey hum particular estudo das leys e ordenanças militares, não só para as observardes pontualmente, como tendes obrigação, mas para nunca vos verdes embraraçado sobre o que deveis obrar.

Não podeis gastar mais utilmente o tempo, que tiverdes desocupado, que na lição dos bons livros, e principalmente os de história; porque além do gosto, que tereis de saber de grandes acontecimentos, que tem havido no mundo desde o seu princípio, e de tudo o mais digno de memória, que se tem passado há milhares de annos, também nelles encontrareis exemplos dos grandes homens, que florecerão em cada século, para que tratando de os imitar, vos possais fazer digno de huma glória semelhante, à que elles alcançarão pela grandeza das sua acções. Este foy certamente o fim, porque os mais famosos heróes da Antiguidade se applicarão com tanto cuidado à lição dos livros. Nos livros aprenderão as máximas mais sólidas da guerra, para vencerem aos seus inimigos; como succedeo a Lúculo, que nos livros aprendeo a vencer Metrídates, o mais formidável inimigo da República Romana; e sem vos fallar em hum grande número de famosos capitaens, que se applicarão com grande utilidade à lição, vos direi somente que Carlos V Duque de Lorena, o qual, como já vos disse, foy hum dos mayores capitaens que tem havido no mundo, gastava na lição dos livros todo o tempo que lhe deixavão livre as suas grandes occupações.

Não vos posso exprimir, qual será a grandeza do meu sentimento, se vós esquecido da minha doutrina, e do que deveis ao vosso nascimento, tiverdes a desgraça de vos

entregardes àquelles excessos, e desordens, que são os fataes rochedos, em que muitos soldados e officiaes fazem hum formidável naufrágio.

Fallo-vos daquelles excessos, e daquellas desordens em que tantos consomem a fazenda, perdem a saúde, e inhabilitando-se para o serviço, também muitas vezes perdem a honra. Lembrai-vos do que tendes lido na história romana, e vereis que as delícias de Cápua privarão a Aníbal da mayor glória, com que podia coroar as suas passadas vitórias, a qual era a conquista de Roma, que depois conquistou Carthago; não succedeo assim ao famoso rei da Suécia Carlos XII, o qual pelas suas incomparáveis façanhas mereceo ser chamado o Alexandre do Norte. Depois que determinou pôr-se na testa de seus exércitos, escolheo para exemplares das suas acções aos dois mayores heróes da Antiguidade, Cézar, e Alexandre, imitando-os em tudo, menos nos vícios, que se lhes atribuem, ao que acrescentou huma summa moderação no trato da sua pessoa, no vestir pouco se distinguia de hum soldado ordinário, não só era parco na comida, mas nunca bebeo vinho, maravilha até aquelle tempo nunca vista no Norte; porque como conheceo que o excesso desta bebida tem sido a causa de grandes desgraças na guerra, por isso quiz, com se privar della, dar hum nunca visto exemplo aos seus soldados. Porém aonde mais brilhou a grandeza do seu espírito militar foy, quando, inundando o reino de Polónia com huma torrente de vitórias, teve ânimo, e valor para fugir a hum inimigo, que pertendeo sugeitá-lo ao seu império, e se já estava costumado a vencer, e triunfar de outros corações também heróicos; o que succedeo quando elrey Augusto de Polónia, com motivo de lhe propor alguns acordos de pacificação, lhe enviou por embaixatriz huma dama da sua corte, em a qual a fermosura, e a discrição se admiravão singularmente unidas. Não pôde ella nunca conseguir audiência do invencível Carlos; encontrou-o hum dia no passeio, sahio da carroça para lhe fallar, porém elle sem attender, nem aos privilégios da fermosura, nem aos do carácter, voltando o cavallo, seguio outro caminho; sentio

a embaixatriz este desprezo, que não esperava, mas ao mesmo tempo não pôde deixar de louvar as suas virtudes em huma excellente poesia francesa, em a qual introduzia aos deuses, louvando-o, e acabava dizendo: *Que nem Bacco, nem Venus, tinhão nelle que louvar*. Quantos heróes haveria no mundo, se a todos os que seguem a guerra, se pudesse dar o mesmo louvor!

A sabedoria divina aconselha, *que se háde fallar pouco, e ouvir muito*. Este tão útil e tão admirável conselho deveis abraçar, e seguir sempre, fallando pouco nas conversações em que vos achardes, cuidando em que venha a propósito o que disserdes. Ouvi com muita attenção aos que fallão breve, tratay de os imitar, porque assim vos livrareis não só de ser tido por teimozo, e impertinente, mas evitareis muitos empenhos, em os quaes muitas vezes hé necessário arriscar a vida. Fallay sempre a verdade, e nunca da vossa bocca se ouça, nem huma leve mentira, porque todos os homens de honra têm summa abominação aos que mentem. Nunca falleis de vós mesmo exagerando as vossas acções, ou as de vossos ascendentes; tratay de os imitar, mostrando-vos herdeiro de suas virtudes.

A ninguém trateis com rigor injusto, nem vos succeda maltratar os vossos patroens assim nas marchas, como nos quartéis, dando-lhe algum motivo, para que se queixem de vós aos vossos officiaes, porque isto hé indigno de hum soldado honrado, e só próprio dos que servem sem nunca conhecerem que cousa seja honra.

Quando fordes official executay com a mayor pontualidade, e exacção todas as obrigaçoens do vosso posto, tendo hum grande cuidado da vossa companhia, ou do vosso regimento. Nunca vos utilizeis do que hé dos soldados, antes deveis concorrer com o que puderdes não só para o seu asseyo, mas ainda para o seu sustento; e muito principalmente haveis de cuidar dos enfermos, e feridos não perdoando nunca nem a cuidado, nem a despeza; porque além de assim o pedir a caridade christãa, a mesma justiça vos impoem esta obrigação, pois se os vossos soldados se expozerão a perder a vida para defender a vossa, e para

conservar a vossa reputação, hé muito justo, que não os desampareis, antes achem em vós todo o soccorro, e todo o alívio das misérias, que padecem.

Nunca jogueis senão por divertimento, mas quando jogardes seja com generosidade, e sem algum engano, porque hé huma das mayores infâmias, o usar de enganos no jogo. Nem vos exponhais a perder em huma occasião todo o dinheiro com que vos achardes; eu conheci alguns officiaes, os quaes por haverem perdido ao jogo em hum só dia todo o dinheiro que tinham para fazer a campanha, se virão depois em grande embaraço, valendo-se tal vez de alguns meyos bem indignos do seu carácter.

Não procureis distinguir-vos pela abundância, ou delicadeza da meza, ou pela magnificência da equipagem; porém, ponde grande cuidado que huma, e outra seja decente, regulando sempre as vossas despezas pelas vossas rendas; não pode haver mayor loucura, que gastar por vaidade mais do que se deve, e se pode gastar. As leys da prudência ensinão que se deve reservar alguma cousa para os casos extraordinários, que tão frequentemente se experimentão na guerra. Os vossos criados sejam poucos, mas bem escolhidos, e que saibão guardar o decoro da vossa caza; a grandeza do senhor não se conhece tanto pela multidão, quanto pela ordem, e bons costumes da família.

Só em grande necessidade haveis de pedir emprestado, porém, quando vos valerdes dos vossos amigos, satisfazey com a mayor pontualidade, porque assim conservareis o vosso crédito, e reputação, e achareis sempre quem vos soccorra. Se emprestardes, fazey-o de boa vontade, e nunca publiqueis este beneficio, porque publicando-o, diminuis a obrigação, em que vos está quem de vós se valeu; os espíritos verdadeiramente generozos logo se esquecem dos beneficios que fizerão, para que os logre com mayor gosto, quem os recebeu. Deveis ser inviolável nas vossas promessas, e não faltar nunca à vossa palavra, assim a amigos, como a inimigos.

Se tiverdes a fortuna de executar no serviço delrey alguma acção digna de louvor, deixai-a louvar aos outros,

e nunca falleys nella, senão com grande modéstia, porque haveis de saber, que muitos dos mais famosos capitaens que tem havido no mundo, adquirirão mayor glória, e mayor estimação pela modéstia, com que fallavão das suas vitórias, que pelo valor, e ciência militar, com que as alcançarão. Como o amor próprio costuma cegar aos homens, e lhes fazer crer, que só as suas acções merecem ser louvadas, e engrandecidas, e lhes causa pena ouvir louvar as dos outros, por isso vos hé muito necessário observar huma grande modéstia a respeito de vós mesmo, para assim mostrardes, que antes de vencer aos inimigos, já tínheis triunfado de hum vício tão indigno de hum homem de honra.

Se os generaes vos mandarem entrar no paíz inimigo, nem por isso deveis fazer todos os danos, que puderdes executar, senão com ordem expressa dos que vos mandarem, porque nunca hé permitido a hum particular opprimir de sua própria authoridade aos povos, ainda que inimigos. A cólera, e a vingança são paixões que não devem ter entrada em hum coração nobre, antes pelo contrário lhe deveis fazer todo o bem que puderdes, sem faltar ao serviço de vosso príncipe, porque desta sorte chegareis a huma geral estimação.

Estes são, meu filho, os meyoys certos para serdes hum homem de honra, soldado valerozo, e bom official. Estes os caminhos, que mais seguramente, vos hão de conduzir ao templo da immortalidade, abraçay-os, e segui-os, porque assim conseguireis a glória de servir com honra a vossa pátria, e vos fareis digno dos prémios, que só merece a virtude.

Finis

X

D. FRANCISCO DE PORTUGAL,
MARQUÊS DE VALENÇA

Instrucção que o Marquez de Valença dá a seu filho primogénito D. Joseph Miguel Joam de Portugal, Conde de Vimioso

[Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1745]

Lembroume, meu filho, para vos fazer esta instrucção, que entre alguns homens, de que duvidão os santos Padres, se se salvarão, ou perderão, hé hum delles o Propheta Heli, governador do povo de Deos, e que a causa da dúvida na sua salvação foy não reprehender a seus filhos, como merecia o seu mau procedimento. E ainda que pela divina bondade o vosso não necessita desta cautella, hé tal a inconstância das cousas humanas, que a penas podem os pais esperar dos bons princípios os gloriosos fins da virtude dos filhos.

Amar a Deos hé o primeiro, e o mayor de todos os preceitos, que elle poz às suas creaturas, e o mais fácil de guardar, porque não tem contra si, antes a seu favor, a natureza. Que cousa mais natural, que amar o filho ao pay, o obrigado ao bemfeitor, o vassalo ao rei, o enfermo ao médico, e o pobre ao liberal? Com tudo, ainda que seja fácil este preceito, e natural esta observância, sempre nos devemos acautellar da nossa fragilidade, lembrandonos que Adão, creado em graça e vivendo no Paraíso, tentado por huma serpente, e em hum só preceito, peccou como se a sua natureza fora corrupta e como se as suas paixoens fossem rebeldes ao império da razão.

Para se evitarem todos os perigos que cercam e combatem a nossa natureza, vos aconselho a devoção à Mãe de Deos: fazeilhe algum obséquio nos dias que lhe são dedicados pela Igreja. Será bom que no sábbado visiteis algum templo da Senhora, deis alguma esmola, rezeis as Horas ou o Rosário de joelhos, pratiqueis alguma virtude e refreéis alguma paixão. Recommendovos que ouçais missa todos os dias e que comeceis pelo que toca ao espírito, e não ao corpo, pelo que pertence à eternidade, e não ao tempo. O vosso Anjo da Guarda e o santo do vosso nome devem andar muito na vossa memória, tanto para os invocares nos apertos, como para lhes agradeceres os benefícios.

Para não seres soberbo meditaí estas reflexoens. A alma antes de Deos a crear era nada, o corpo antes de Deos o formar era barro, informado com o espírito ficou homem, separado do corpo ficou cadáver. Nasce o homem chorando sendo risível e na infância, sendo racional, não tem uso de razão, vem ao mundo desarmado, o que não succede aos animaes. Os primeiros passos que dá não são de homem, senão de bruto, porque não anda, engatinha, quando possui a innocência, não merece, quando tem entendimento, acha contra elle a vontade. Dizeime agora, se pode a soberba admitirse ou desculparse. Para atropelar este vício não hé necessário trazer à memória quem foy o seu auctor, que foy o primeiro que precipitou os anjos, e que não achou perdão na misericórdia infinita.

Merece igual ódio e mayor cuidado a culpa da sensualidade, porque o inimigo commum se aproveita de todas as suas artes e de todo o nosso descuido para triunfar da continência. Representanos este infame sofista que este peccado não hé escandaloso nos olhos dos homens, assi porque há poucos que cultivem o jardim da pureza, como porque fazer huma vida angélica neste mundo parece que hé empreza sobre a condição dos mortaes. Fortifica este discurso a tragédia de David profeta, de Salamão sábio e de Sansão invencível. E passando da verdade às fábulas, Hércules, que no berço despedaçou monstros, homem se rendeo a hum monstro de formosura, que era Jole. Polifemo amou a Galatea, parecendo que não cabia a belleza e suavidade do amor na dureza do seu ânimo e na deformidade do seu aspecto. Júpiter por satisfazer ao seu appetite não reparou em escolher para mulher a sua mesma irmã Juno, nem se envergonhou de se transformar em hum animal tão grosseiro e serviçal para roubar a Europa. Mas todos estes exemplos me obrigão a dizervos que vos não fieis em bons propósitos, nem na autoridade de pessoa, nem nos annos mais maduros, nem nas obrigaçoens do respeito e amizade, e o que hé mais nem nos hábitos de virtude, nem na memória viva dos castigos. S. Pedro protestou que havia de morrer por seu divino Mestre, e forão

três as suas negações. Salamão prevaricou não no verdor, mas na madureza da idade. O mesmo Salamão temeo tão pouco os castigos por conta do adultério de seu pay, que commeteo a mayor culpa em que podem cahir os homens. David nem se lembrou de que era rey para não dar hum tão mão exemplo, nem de que Urias era tão amigo da pátria para não lhe tirar a vida juntamente com a honra.

A ira, a vingança e a inveja são vícios indignos não só de quem professa a religião verdadeira, mas as falsas. Não abominão os oradores sagrados, mais que os profanos, estas três fúrias do inferno. Não quero que empregueis a vista na cópia mal debuxada, senão no original bem pintado da ira. Lede o tratado que fez Séneca sobre este affecto, e vereis que hum homem o não fica sendo arrastado desta ferina paixão. Da vingança não vos posso dizer cathólico mais do que disserão os gentios. Não consulteis para a vossa doutrina os homens pacíficos, senão os guerreiros. Não hé melhor mestre da clemência hum Tito, e hum Trajano, que hum Alexandre, e hum César. Podese ser violento sem ser vingativo, mas não se pode ser vingativo sem ser tyranno. Hé mais desculpável tirar muitas vidas na guerra que huma só vida por vingança. A inveja mais nasce do baixo conceito de si que do grande, que forma dos outros, porque ninguém inveja o que tem, senão o que lhe falta, nem as cousas humildes, senão as vantajosas. As outras culpas recebem o castigo da mão alheya, esta recebeo da própria. À soberba se attribue o primeiro peccado, e à inveja o primeiro homicídio. Falta a paciência para considerar a Saul sempre invejoso de David fiel, e a David sempre invejado de Saul ingrato. E qual foy o motivo desta inveja? Huma cantiga, em que ficou o valor do vassalo mais celebrado que o do rei. Muitas vezes são ridículos os inventos da inveja. Desejou Calígula extinguir as obras de Homero dizendo porque razão lhe não havia de ser permittido o mesmo, que foy Platão desterrar os poetas da sua República. Não executou este desterro, mas pronunciou este desatino, e hé tão delicado o procedimento dos príncipes que hé o mesmo para a injúria da sua posteridade intentar as injustiças, que cometêllas.

A liberalidade hé attributo de quem nasceo illustre, mas anda esta virtude tão mal entendida entre os homens de distinção que me vejo obrigado a dizervos que hé tamanha desgraça ser avaro que ser pródigo. O avaro tudo enthesoura, o pródigo tudo dissipa; porém o avaro se emendar o seu génio pode ser liberal, o pródigo se regular a sua inclinação não pode ser generoso, porque há vícios para cuja emenda basta o desejo, e há culpas para cujo arrependimento não basta a vontade. Bem sey que os avaros são aborrecidos de todos, e os pródigo mal quistos da sua família, mas faltar a esta nas occasioens necessárias hé mais impiedade que defeito. Hé certo que dar hé melhor que receber, mas dar excessivamente não só hé caminho para receber, mas hé precepício para pedir. Dizem alguns que a etymologia de Deos hé dar, mas Deos por mais que dê nunca esgota a opulência dos seus tesouros. A grandeza dos homens tem limites de que não pode passar. Por esta causa hé preciso moderar as dádivas para não suspender os benefícios. Alexandre e César empobrecião huns para enriquecerem outros, e são mais os pobres que fazia a sua cubiça, que os ricos que fazia a sua beneficência. Quanto mais que ser liberal hé livrar aos homens da miséria que experimentão, não hé acrescentar aos homens o luxo em que vivem. Diz o provérbio: Quem dá logo, dá duas vezes, e Séneca diz que quem fez tarde o favor, muito tempo o não quiz fazer. Por este princípio não basta a vontade de dar sem a promptidão de conceder, para alcançar o glorioso título de liberal. Assim o entenderão e praticarão os imperadores Tito e Trajano, e os reys D. João o II, e D. Manuel e com notória vantagem a estes príncipes generosos ElRey D. João o V, modelo e exemplar da real magnificência.

Contra a gula parece darvos alguns documentos. Primeiramente os homens começarão a sustentarse da fruta das árvores, e com este delicado sustento estendião as vidas além de séculos, e em quanto o dilúvio universal não castigou também a sustância dos fructos da terra, não usarão os homens das carnes e dos peixes para seu mantimento, e então começarão a encurtarse as vidas quando

se cuidou mais em sustentar os corpos. Quantos annos não houve pão na mesa não só dos pobres, mas dos ricos? A quantos o que hé hoje grosseiro pasto dos animaes mais immundos, foy saborosa comida dos homens mais deliciosos? A parcimónia não só hé conservadora da vida e restauradora da saúde que se perdeo, mas coadjutora de muitas virtudes. De Hippócrates se conta que resistira a hum contágio que matou muitos homens, porque era parco na mesa, e que Galeno dilatara muito a vida, porque observara a mesma sobriedade. Que melhor exemplo para vos persuadir que os Padres do Ermo, que alimentandose de hervas e raízes chegavão com vigor e robustez a mais de cem annos, quando David já confessava nos oitenta dor e trabalho! Aquelles dous Apícios romanos, que com as suas artes de cosinha fizerão mais mortes no mundo do que Calígula e Nero, merecião ter mais inimigos do que tem mesmo inventor da pólvora, pois este formidável misto não hé culpado em mais estragos do que o veneno da intemperança. Não faltará quem diga que a mesa dos príncipes e dos fidalgos não deve ser como o refeitório dos frades, e que os romanos, mestres do mundo e da temperança tinhão mais iguarias nos seus banquetes do que praticão hoje as outras naçoens. Não sey se se pode dizer isto com muita verdade. Os exemplos da república estão mais a favor da minha opinião. Examinemse as mesas dos dous Catoens, Censorino e Uticense e poderá ser que se ache nellas mais a parcimónia que a demasia dos pratos. Já Cícero disse que se havia de tomar aquella porção de alimento que conduzisse para refazer as forças, e não opprimillas. O que sey hé que nas religioens há mais homens velhos que nas casas illustres, porque o seu alimento nem hé vário, nem copioso. Contra o uso do vinho só vos direy que Alexandre depois que o bebeu, hé que matou amigos, filósofos, generaes, acompanhando esta tyrannia e ingratião de aççoens, que só na total falta de júizo as commettera hum príncipe que teve por pay Filippe e por mestre Aristóteles.

A matéria das amizades tenho pela mais importante das políticas que aqui se tratão, e não sey se devia dizer das

moraes que aqui se recommendão. O amigo hé outro eu. E como ficais vós se esse amigo não for virtuoso? O amigo até os altares. E como podereis executar huma injustiça, se elle vos metter nesse empenho? Cada hum ama o seu semelhante, se vós amares o indigno hé sinal que sois vicioso. O provérbio parece que tem baixeza, mas hé muito alta e profunda a sua doutrina: Dizeme com quem andas, dirtehei as manhas que tens. Andais com o caçador, haveis de parecello, ainda que não tenhais no vosso cabide huma espingarda. Andais com o erudito, haveis de parecello, ainda que não tenhais hum livro na vossa estante. Não tendes que fazer: pela escolha, e companhia dos amigos se há de medir a vossa reputação. Não haveis de ser o que sois no conceito dos homens, haveis de ser o que pareceis nas suas línguas. Olhay: o amigo ou hé verdadeiro ou hé falso. Se verdadeiro, hé o mayor bem de quem o logra; se falso, hé o mayor mal de quem o communica. Quanto mais que o verdadeiro pode passar a falso pela variedade da nossa natureza, o falso não pode passar a verdadeiro por aquelle axioma, que em todo o tempo amou o que foy amigo. Os fiéis e verdadeiros amigos são os pays, que vos opprimem, são os mestres, que vos castigão, são os confessores, que vos reprehendem, são os velhos, que vos ensinão, são os livros, que como mortos vos desenganão. Para que são amigos se lhe não haveis de entregar o coração, se lhe não haveis de fiar segredos, se os haveis de tratar com reserva, se haveis de temer que sua amizade se possa converter em ódio? Meu filho, não sabeis avaliar o que hé hum contrário que foy amigo: hé hum ladrão doméstico, que sabe os cantos da casa dos vossos desejos para que nenhum pensamento vosso seja occulto à sua notícia. Mas hé grande bem o dos amigos leaes. Aonde está esse tesouro, na superfície ou no centro da terra, para que nos aproveitemos das suas riquezas? Mas eu dou que haja esse bem, e que alguns o tenham possuído: esse bem hé como os outros para a mudança, e não como os outros para a perda. Quando perdestes hum amigo, perdestes o amor que lhe entregastes, os segredos que lhe descobristes,

as esperanças que tivestes na sua fidelidade, o soccorro que esperastes do seu zelo, as ideas que depositastes nos seus ouvidos, e finalmente o remédio de supprir esse bem perdido com o equivalente à sua importância. Pois, não hé melhor não buscar as cousas para as perder com tanto detrimento, que procurállas empenhadamente para as não conservar, e para as sentir por toda a vida?

Não vos coube em sorte o exercício das Armas, senão o estudo das Letras. Contentaivos, porque nem as repúblicas se podem perpetuar sem soldados na campanha, nem sem eruditos nos tribunaes. Hé problema mui difficultoso de resolver qual destas profissoens hé mais proveitosa aos interesses da pátria. A verdade hé que o corpo humano tão enfermo fica pelos achaques do coração que pelos da cabeça, e tão defeituoso faltandolhe o braço direito como o esquerdo. Já houve hum grande capitão que disse que Cícero fizera mais sentado no senado que muitos soldados expondo as vidas no theatro da guerra. Quem seguiu animosamente aos romanos quando Catilina lhas queria tirar, senão Cícero eloquente e não belicoso? Isto se prova até com o uso dos generaes antigos que primeiro fazião huma oração aos soldados, que entrassem nas batalhas. Quanto mais que as mesmas Armas têm grande dependência das Letras. Discorrey por toda a antiguidade e vereis muy poucos heróes militares destituídos de erudição e sabedoria. Alexandre foy filósofo, e tão ambicioso desta ciência que o não foy mais da conquista do mundo, nem dos louvores de Achilles, com que Homero o fez celebrado na posteridade. Júlio César tal pureza tivera elle nos costumes como observou no estylo dos seus Commentários, e antes desta polida obra no uso das suas elegantes oraçoens. Deixo já as mais doutrinas que aprendeo na primeira idade, como vos dirá Suetónio. Pompeo, genro e competidor de César, não foy dotado de menos ciência, como nos persuade seu fiel amigo Cícero, em vários lugares e principalmente quando o recommendou ao senado para general do exército daquella república. Scipião não se contentava com ser douto, senão vivia na companhia dos sábios, por esta causa trazia

comsigo a Ennio, hum poeta, que parecia companheiro impróprio para hum capitão. Aqui me lembra dizervos para vos não desconsolares de entrar nas academias e não nas barracas, que se não houvera Homeros e Virgílios não haveria notícia dos Achilles e dos Eneas. Mas porque me não digais que hé melhor ser heróe que sábio, vos declaro que o sábio também hé heróe, se procura meyos de conseguir esta memorável honra. David foy sábio e guerreiro, Salamão foy sábio e pacífico, e seu filho fora santo como o pay ou se não duvidara da sua salvação. Eu não sey qual seria mais admirado dos homens, se David victorioso em tantas batalhas, se Salamão prudente em tantas respostas. Além de que a arte militar tem o desconto, que hé fazer os homens famosos pela ruína de outros homens. O sangue derramado, ainda que não seja como o de Abel por Caim, parece que sempre tem clamores contra as mãos de quem o derramou. Em fim considerai as de David prohibidas da fábrica do templo de Deos por serem banhadas em sangue, ainda que dos inimigos do mesmo Senhor dos exércitos.

Applicai todos os meyos, sujeitaivos a todos os trabalhos para não seres ignorante. Disse discretamente vosso tio o Marquez de Alegrete, que a muita ignorância também era estultícia. As luzes da razão costumão ser como as luzes do Sol, que muitas vezes não dissipão as nuvens densas, que o escurecem. Bom hé ter entendimento agudo para discorrer, mas melhor hé ter vontade deliberada para estudar. A natureza sempre foy mestra da arte, e a arte imitadora da natureza. Com tudo o ouro deve ao fogo os seus quilates, que o purifica, e o diamante ao buril as suas luzes, que o lava. Em quanto Alexandre não usou da arte, não pôde domesticar a braveza do Bucéfalo. O Duque D. Nuno avô de vossa mulher dizia judiciosamente que quem estudava muito, sabia pouco. Em que abismos de ignorância ficará quem nunca estudou? Querer supprir com o engenho e subtileza a falta dos estudos hé empreza, ou temeridade, a que se anima quem nunca os teve. Não só há de haver estudos, mas há-de haver mestres, para que aproveitem aos estudiosos. Cicero acha que hé indispensável o mestre

para o conhecimento e percepção das ciências. Deos não creou a todos com a sublime capacidade de Santo Agostinho, de quem dizem que não teve mestre para o ser de tão eminentes discípulos. Mas lembrovos que os perigos de saber não são menos em número e na sustância que os de ignorar. S. Paulo diz que a ciência incha. Porque Adão comeo da árvore da ciência, se perdeu, e nos perdeu. Tácito diz na vida de seu sogro Agripa que hé difficultosíssimo haver moderação na ciência: o Apóstolo das gentes, que convém saber com sobriedade, porque os excessos de saber são tão perigosos como todos os mais excessos. Certa religião não quer que os seus provinciais sejam os mais doutos, porque estes costumão resolver sem consultar os sábios. A independência dos entendimentos alheios não hé virtuosa, nem proveitosa para o próprio. Em quanto Salamão não teve ciência infusa, teve docilidade para pedir a Deos o que lhe faltava para reynar com acerto: tanto que soube mais que todos os reys, cahio em erros, em que não cahe o homem mais ignorante. Muitos sabem, mas poucos sabem o que devem saber. Amai, e cultivai as letras, mas não hé necessário fazer por este amor e cultura o que fizeram alguns homens amantes da sabedoria. Anaxágoras deo todo o seu património para com mais liberdade se entregar à Filosofia, e Demócrito arrancou os olhos parecendolhe que lhe servirião de obstáculo para contemplar melhor os seus mystérios. Vosso tio o discreto Conde de Atalaya disse aconselhando a hum parente seu, que se não matasse com o estudo da jurisprudência, porque eu sey mais que o cadáver de Bartholo: e a ciência de Salamão resolveo que era melhor o cão vivo que o leão morto.

Já que tivestes a fortuna de ElRey vos escolher para hum tribunal, hé preciso, que vos explique as obrigações do ministério. A principal hé a justiça, e logo o favor, porque huma justiça sempre áspera e rigorosa malquista os ministros, e o príncipe, que os elegeo. Há tanta differença de temido a respeitado, quanta há de amado a temido. Aborreção com tanto que temão não hé voz de homem christão, nem generoso. Deos quando se vio provocado a

castigar o mundo com hum dilúvio universal, prometteo logo que não repetiria semelhante castigo; porque a severidade dos castigos não se repete ainda quando se renova a culpa dos escândalos. Eu conheci a Joseph de Sousa de Castello-Branco ministro de vida exemplar, que nunca votou de morte, ainda que os reos merecessem a mais violenta. Já desempatar de morte tenho-o por indigno de hum ânimo pio, e illustre, como também me parece alheyo da benevolência de juiz castigar com pena capital hum culpado com muitos annos de cárcere. Ministro que não hé limpo de mãos não se pode lavar com quanta água tem o mar, como diz o provérbio, e para essas mãos se mancharem basta que receba qualquer presente, não hé necessário que aceite bizalhos de diamantes, nem barras de ouro. A dependência hé como a lascívia, não tem parvidade de matéria, senão pravidade. Hum ministro comprado não hé homem branco, hum homem corrupto pode apear a república, hum homem que o ganhão com as dádivas hé certo que fica perdido. Costumase dizer que dádivas quebrantão penhas, e se ellas fazem tal effeito nas penhas, que fará no barro. Confesso que nunca fiz differença de quem aceita a quem rouba, senão porque o aceitar hé hum roubar mais pacífico, e o roubar hum aceitar mais estrondoso. E bastará para ser bom ministro a rectidão, o desinteresse, e a intelligência dos negócios? Não bastará sem modo com as partes, sem cortezia com os oppositores, sem benevolência com os pertendentes. A expedição dos negócios hé requisito indispensável em quem governa. Não há cousa mais estranha, e estranhada, que serem os pertendentes mortaes, e as pertençaens eternas. Também hé falta de justiça não proporcionar o castigo à culpa. Não sey se Aureliano castigava os soldados severamente por culpas, que mais mereção o nome de descuidos. Não dilateis despacho a nenhum pertendente, porque vi malquistaremse mais os ministros pelas suas demoras, que pelas suas injustiças. A ElRey D. João o II que desenganou a hum vassallo das suas esperanças, lhe beijou a mão pela pressa deste desengano, porque nelle lhe poupava a despeza que havia

de fazer na corte. Belchior do Rego de saudosa memória nunca dilatou papel a nenhum pretendente, achouse com hum só por assignar na hora da morte, e neste estado o mandou entregar assinado a quem tocava. Diz Plinio de Trajano, que as partes logo que entravão a fallarlhe, sahião deferidas da sua presença. Esta virtude tirou Trajano de ter sido vassallo antes de ser Imperador. Por esta causa disse Virgilio que a rainha Dido como não ignorava os males, aprendera a socorrer os desgraçados. Antigamente os ministros erão respeitados, porque erão respeitosos, hoje não podem merecer o mesmo respeito, porque alguns são respectivos. O padre Vieira, que tratou com muitos, e que tratou as matérias melhor que todos, acha mais difficul-tosa a restituição dos juizes respectivos, que dos venaes. O mesmo Vieira disse, com zelo apostólico: antigamente estavão os ministros às portas da cidade, hoje está a cidade às portas dos ministros: e eu digo que não só está às portas, mas que poucas vezes entra por ellas, que ainda hé mayor culpa dos magistrados, principalmente com o religioso, paternal, e repetido exemplo dos nossos príncipes, que dão ao vulgo duas audiências em cada semana.

Querovos acautelar de hum grande damno em huma matéria, que parece que não envolve tanto perigo. Assentai comvosco não ires nunca a grades de freiras, e entendei que não estais seguro da culpa indo com boas companhias a este divertimento. Vosso avô materno não permittia que seus filhos fossem de anno em anno a huma grade, dizendo que era differente cousa buscar as occasioens do peccado, ou cahir nellas, sem as buscar. Todas as razoens, que vos ocorrerem de segurança contra este vício, entendei, que são suggeridas pelo inimigo commum, e pay da mentira. Costumão desculparse os moços com que vão ouvir cantar, e que não têm outro fim mais, que o de se recrearem com a música, como se os ouvidos não fossem instrumento para a culpa, como os olhos. Ulysses para resistir ao canto das sereas mandouse atar ao masto do seu navio, e tapar os ouvidos com cera: os que desprezarão esta prudente cautela perderão as vidas sem remédio. Lembraivos do recato, que

se usa na vossa casa, hereditário na vossa família, e logo conhecereis muito melhor o respeito que se deve à casa de Deos. Que comparação têm as pessoas illustres, e ainda as reaes, com as esposas de Christo? Está muito perto de perder a fé quem perde a fidelidade. Além de que se Deos hé defensor das nossas honras, como não há de ser conservador da sua? Elle mesmo se intitula zeloso, e quem há-de escapar de hum Deos com zelo, e com zelos, com justiça, e omnipotência? O grande Afonso de Albuquerque, porque hum soldado galanteou huma escrava sua, castigou-o com tal rigor, que escandalizou mais a pena, que o delicto. ElRey D. João o I porque hum valido seu faltou ao decoro que se deve ao paço, pareceo no castigo desta culpa mais tyranno, que justo. As virgens Vestaes, que se profanavão com alguma acção impura, erão mandadas enterrar vivas por ordem do pontífice, ou do senado. Clodio, porque foy achado em trages de mulher em huma celebridade gentílica, custoulhe muito trabalho justificarse daquelle crime, e sempre foy abominado por tal atrevimento. ElRey D. Pedro o II parecia mais o primeiro na severidade contra esta culpa, para todas tinha entranhas de pay, para esta parecia que lhe faltava a clemência de Rey, e a compaixão de homem. O único remédio deste mal hé não admittir convites, nem argumentos sobre esta matéria, e entender que se pode ser muy cortezão, discreto, e curial sem este venenoso trato. Quem colhe as flores, hé que hé mordido dos áspides: quem se chega às margens do Nilo, hé que hé devorado dos cocodrilos. Quanto mais, que não há innocência segura entre delícias, como se vio no paraíso com Adão, e Eva, e se agradou tanto aos olhos de nossos pays a formosura dos pomos, que será a seus filhos a belleza das flores? Pelo que não vades a grades de freiras nem por vontade, que hé cega, nem por rogos, que são traidores, nem por costumes, que hé abuso, nem por primor, que hé indiscreto, nem por exemplos, que os não podem dar as culpas. Vede que hé vício, que provoca a ira divina, que hé inclinação, que affemina os homens, que hé affecto, que hé delicto, que hé enfermidade, de que poucas vezes

se convalece, e que hé rayo, que sempre deixa assombrado, quando não mata.

Sobre o jogo há muito que dizer, e há pouco que esperar dos jogadores; porque elles por ganharem o dinheiro não se lhe dá de perderem a boa fama. Só não tenho paciência para ouvir dizer que se inventarão os jogos para passar o tempo. O tempo não necessita de indústria para passar, senão para que não passe. Digão o que quizerem os amantes do jogo, que o seu inventor não foy o ócio, senão a cubiça, sendo que o jogo parece mais roubar, que cubiçar o alheyo. Há perdas tão consideráveis que o perdidoso, e o ganhador ficão perdidos, o perdidoso, porque não pode satisfazer a perda, o ganhador, porque não pode cobrar a dívida. Mas como manda a ley do jogo pagar às vinte e quatro horas, o que não manda a ley de Deos, nem as leys civis, que se pague em tão pouco tempo, desta ley ninguém quer ser transgressor, porque hé posta pelo appetite: das outras ninguém quer ser observante, porque são instituídas pela razão. Atrevome a dizer que não hé amigo della, nem do crédito quem joga, porque o que muito se ama, nunca se arrisca, e que cousa mais natural, que perder a honra o jogador, porque não está na sua mão, senão nas alheyas, o dinheiro, com que há-de pagar a quem lhe ganhou? Sempre hé fatal o dinheiro, ou o ganhemos, ou o percamos, pois ganhado concorre para a afflicção, e injúria alheya, e perdido para o sentimento, e desprezo próprio. Não sei quem disse que o jogo era a pedra de toque dos quilates do coração humano, era o theatro, em que o homem representava várias figuras das suas paixoens. E de que serve, que cada hum as mostre, se humas por boas nos expoem à inveja, e outras por más nos sacrificão à censura? Feya cousa hé affligirse hum homem com a perda; mas mais torpe alegrarse com o lucro. As perdas são quasi certas, e os lucros muito duvidosos, e já passa a provérbio que o cabedal dos jogadores não fica no que ganha, senão em quem dá casa de jogo. ElRey D. João o II mandou queimar huma, e foy pena de Talião, porque o jogo tem posto fogo a muitas casas das mais opulentas. Mas se o jogo fora só prejudicial

à fazenda, ainda se lhe podia perdoar a sua iniquidade, mas elle não hé ladrão formigueiro, que se contente com furtos leves, senão salteador de estradas, porque rouba fazenda, e vida sem distinção. Nunca entendi valerem huns amigos aos outros nas suas desgraças, e despiremse os mesmos na sua fortuna. Se hé de coração grande, e fiel acudir ao amigo necessitado, como pode ser de ânimo illustre fazer necessitado o amigo? De sorte que eu não hei-de soffrer, que elle padeça a necessidade, que outrem lhe causou, mas por meyo do jogo hei-de ter por grande fortuna fazêllo pobre, miserável à sua família, e infelices aos seus successores?

Quem nasceo illustre, precisamente há de assistir no paço: quem assiste no paço, naturalmente há de fallar ao príncipe: quem falla ao príncipe, louvavelmente há de procurar o seu agrado: quem procura o seu agrado, prudentemente há de esperar o seu favor. Pois para o alcançares, e perderes com modéstia vos direy o meu parecer, e a opinião dos mayores homens. Primeiramente haveis de suppor no paço todos aquelles perigos que por mar, e terra andão espalhados no mundo. Haveis de saber que alli há labyrinthos, mas sem fio para sahir dos seus rodeyos, Scyllas, e Charybdes, mas sem piloto para escapar dos seus naufrágios, hidras, mas sem Hércules para lhe cortar as suas cabeças. Diz Tácito que o amor dos reys não hé constante, Polibio, que os que seguem o palácio, hoje são ditosos, e hoje mesmo infelices. Trazem para confirmação desta verdade a David com Saul, a Aman com Assuero, a Parmenião com Alexandre, a Seiano com Tibério, e a Belisário com Justiniano. Além destas tragédias do valimento hé necessário para o conseguir, e o conservar, que tenhais cem olhos para veres como Argos, cem mãos para servires como Briareu, dous rostos como Jano para fallares por duas bocas, a paciência de Sócrates para não responderes aos aggravos, e o desafogo de Fábio Máximo para triumphares sem contenderes. Junto do Príncipe em cada amigo tendes hum contrário, em cada inimigo hum perseguidor, em cada companheiro hum émulo, em cada

inferior hum invejoso, em cada superior hum tyranno, em cada dependente hum lisongeiro, e em cada obrigado hum desagradecido. Canta, ou chora o Poeta: o palácio prosperou a poucos, perdeu a muitos, e a esses mesmos perdeu, que prosperou. Mas não entendais que a culpa hé dos palácios, senão dos palacianos, nem dos soberanos, senão dos súbditos. Ouvi a Diocleciano, que ainda que foy hum bom príncipe, que derramou muito sangue cathólico, teve a virtude de renunciar o Império. Diz este Monarcha para desculpar a todos nos seus descuidos, que o Príncipe bom, e boníssimo tem a infelicidade de ser vendido pelas pessoas, que assistem ao seu lado, e são mais obrigadas à sua grandeza. Notáveis são as palavras de Plínio a este intento: grande injúria se fez ao século, grande ferida se deo na república. O Imperador, e pay do género humano cercado, recluso, e fechado, tirada a liberdade ao suavíssimo velho (este era Nerva) de conservar os homens, porque na verdade o rey que se deixa sitiar dos vassallos, foralhe mais decente deixarse prizionar dos inimigos. Se com estas pensoens do gosto, se com estes perigos da honra quereis as assistências do paço, e as entradas com o desconto das sahidas, o exercício hé o mais honroso, o trabalho hé o mais bem empregado, e o sacrificio hé o mais meritório. Este aviso não falla com vosco, senão com vossos filhos, e meus netos. A dança, ou o baile está hoje muy admittido em Portugal, e autorizado pelo costume de grandes famílias em todo o sentido; mas eu só para a minha, e não para as outras, hé que faço esta instrucção, pois nella represento o papel de pay, mas não da pátria. Cicero, que não só ensinou a fallar, mas a viver, que não só foy orador para defender, mas filósofo para instruir, e cônsul para governar, diz que ninguém dança sendo sóbrio, se acaso não endoudeceo. Lucio Murena de geração illustre, e muy benemérito da república, foy satirizado pelos seus competidores, porque tinha dançado. Mas como defenderia o engenho, e eloquência de Cicero a este romano? Defendeo-o confessando que a culpa era muito grave, mas que não podia ser verdadeira, senão inventada pelos seus émulos. São estas

as suas palavras: que não parecia verosímil que hum varão autorizado, parco, moderado, dotado de egrégias virtudes se esquecesse tanto do seu nome e do seu emprego que se entregasse à indecência dos bailes. Com a mesma casta de patrocínio defendeo a causa d'ElRey Deiotaro accusado nervosamente de dançador na presença de César. O mesmo Cícero informando ao senado do indigno procedimento de Aulio Gabinio, entre outras injúrias, com que o trata, lhe chama dançador. Não só Cícero malquistou os bailes, e fez huma invectiva contra os seus apaixonados com a sua facúndia, e liberdade, também Démades quando vio a Philippe rey de Macedónia dançando com os seus vassallos rompeo nestas palavras naquelle tempo zelosas, neste atrevidas: quando, ó rey, a fortuna vos deo carácter de Agamémnon, não vos envergonhais de fazer o papel de Tercites. Até Tibério, de quem se não podia esperar acção justa, e decorosa, desterrou de Roma a pueril arte de dançar. O mesmo fez Domiciano, que parecia mais dictame do acerto de seu pay Vespasiano, ou de seu irmão Tito quando privou do senado a Cílio Rufo dizendo que os bailes erão impróprios dos homens bem costumados, e prudentes. S. Basílio reprehendendo a danças do seu século, não duvidou affirmar que o vinho era o seu auctor. Também aos bailes se accomodão aquellas palavras, que os ímpios andão em circuito. Hum discreto definio a dança desta sorte: a dança hé hum círculo, cujo centro hé o demónio, que no meyo dos dançadores assopra o fogo da concupiscência. Sallustio fallando de huma mulher chamada Semprónia diz que ella dançava com mais desembaraço do que competia a huma mulher sizuda, e que tinha muitos outros dotes, que são intrumentos da incontinência. O certo hé que os saltos no baile são assaltos contra a modéstia dos que assistem neste divertimento. Em fim Michol vendo de huma janella a David seu marido dançando diante da Arca do Testamento, o desprezou no seu coração, e o increpou de se abater ao exercício de bufão sendo hum príncipe soberano. Mas que a impiedade desta censura foy castigada por Deos com a esterilidade tão injuriosa naquelle tempo.

Nenhum houve, em que os homens maduros, e pios não abominassem este passatempo, lembrados que entre todas as contenddas são as mais perigosas as batalhas da castidade, pois nella hé continua a peleja, e rara a victória, como diz Santo Agostinho.

A obrigação da cortezia, e urbanidade podera não vola lembrar por ser natural, e herdada dos Vimiosos. Este attributo os bemquistou sempre com os inferiores, que desejão o agrado, e com os iguaes, que não soffrem o excesso. Sem amor nada se consegue com facilidade, e menos com segurança, e sem benevolência, e modo hé impossível conseguir o amor; porque se funda na esperança de ser correspondido. Os generaes violentos com os soldados não os achão dispostos para se interessarem no crédito das suas victórias. Por esta causa César, e os mais capitaens que se quizerão fazer amados das suas tropas chamavão aos soldados companheiros antes de entrarem nas batalhas. Não sey quem disse, mas sey que disse bem, que com gastar no fim do anno mais dous chapeos tinha conseguido o affecto, e estimação do povo. Hé grande falta de entendimento querer domesticar os homens com rigor, quando os brutos se domesticão com destreza. Aquelle provérbio bem vulgar, e por isso mais sentencioso, que cada hum come em sua casa, devia refrear muito a arrogância de alguns senhores endeosados. Quem tem pão para comer, e pano para vestir, que foy o que só pedio a Deos o Patriarca Jacob, daselhe mui pouco da riqueza e genealogia das pessoas illustres. Não tenho por melhor ser amado, que amar, nem fazer obséquios aos grandes, que recebello dos pequenos. Deos sendo divino humanouse para nos remir, os homens sendo humanos divinizãose para nos cativar. Se nos reys hé odiosa a altivez, por força há-de ser detestável nos vassallos a elevação. Nem hé para desprezar que o humilde pela cortezia fique melhor avaliado, que o fidalgo pela soberba. Onde há virtude não há abatimento, e onde há vício, não há soberania. Hé loucura podendo merecer o amor procurar merecer o ódio. A cortezia, que se me faz, hé huma espécie de rendimento, e fica sendo tyrannia

desestimar a quem me cede, e ingratidão offender a quem me respeita. Eu ouvi a hum ministro de muita verdade que o nosso amável rey se affligia de ver em pé por muito tempo os seus criados: este mesmo Augusto Príncipe se digna de fazer cortezia às senhoras portuguezas, como se não fora seu soberano, e soffre como tão cortez, e cortezão, como tão polido, e discreto, que assim as nomeem os vassallos na sua real presença. Quem a tiver das histórias, e principalmente das nossas, verá muitas vezes os príncipes tratando os vassallos como se fossem seus filhos. Alexandre vendo huma vez hum soldado tremendo de frio, lhe deo o lugar, que occupava junto do fogo, para que elle recuperasse o calor, que perdera no seu serviço. Este mesmo modello de príncipes na falta de ataduras offereceo o seu diadema para se ligar a ferida de outro soldado, que a recebera com grande valor. ElRey D. João o I ouvindo dizer que a vida de certo fidalgo dependia de tomar huma bebida não só ingrata, mas ascorosa, foy logo visitallo, e bebeo primeiro do copo para o obrigar a tomar o remédio sem repugnância. ElRey D. Pedro dava às damas da rainha o tratamento de Senhoria, e não queria fallar por vós aos vassallos, e não consentia nas audiências a genuflexão dos sacerdotes, e das mulheres, e quando sahia em público fazia cortezia ao seu povo, e em particular mandava parar o coche para que se não atropelasse hum ribeirinho, ou huma saloya. Certamente dos nossos príncipes passados, e presentes se pode dizer o que disse Plínio do humaníssimo Trajano, que do seu palácio se levavão para as casas pequenas, e aposentos humildes os exemplos da modéstia, e concórdia.

Deixai a cubiça, e avareza para o último lugar por me parecer que estes dous vícios são tão prejudiciaes como outros, porque não têm pretextos especiosos para dissimular a sua malícia. O avaro hé mais infeliz que o pobre, porque o pobre não tem o que lhe falta, o avaro não tem o que lhe sobeja. Além desta infelicidade padece muitas mais, porque nunca vive satisfeito do que possui. Abundante deseja as riquezas de Crasso, opulento inveja as de Cresso, rico cubiça as de Alexandre, e as de Dario. O avaro

hé idólatra, e ladrão: idólatra, porque o amor, que só devia pôr em Deos, impiamente o transfere para esta creatura: ladrão, porque se furta a si o necessário para a vida, e o decente para o respeito, e ao próximo o que hé devido à sua miséria. O Padre Vieira faz huma pergunta ao avaro, a que elle se tivesse a agudeza de tal orador, não saberia responder: homem se juntas para quando juntas? O avaro vive como pobre para morrer como rico, mais thesoureiro, que senhor do seu dinheiro, hydrópico, que quanto mais bebe, mais sede experimenta. O certo hé que o dinheiro não satisfaz, augmenta a fome do avaro, por isso o meyo de fazer rico ao homem não hé accrescentarlhe a riqueza, senão diminuirlhe a cubiça. Não faltou quem chamasse ao avaro homicida, porque soffre que morrão de fome os que lhe pedem remédio para a sua necessidade, como succedeo a Lázaro com o rico avarento. Justamente são comparados os avaros às sanguessugas, que a sua fartura hé a sua morte, e às harpias, que o que não colhem com as unhas, o manchão de sorte, para que ninguém se aproveite dos seus sobejos. Por mais que o negue a cubiça, e o contradiga o costume, somos mais despenseiros, que senhores das riquezas: Deos com esta condição as entregou nas mãos dos ricos, para que podessem soccorrer o aperto dos pobres. Para exercitar esta virtude bastou a faísca da razão sem a luz da fé a Simon Atheniense, de quem se conta que nunca cercou os campos por não impedir que os pobres se aproveitassem dos seus fructos. Fiquemvos impressas na memória, e na vontade estas palavras: day o que não podeis conservar, para que recebeis o que não podereis perder. Job quando quiz mostrar aos seus amigos a sua innocência disse que fora os olhos dos cegos, e os pés dos coixos, e que era o pay dos pobres, e que desde a infância cresceo com elle a compaixão. Aqui tendes hum retrato da caridade pintado por melhor artífice que Zeuxes, e Apelles, procuray que a vossa misericórdia para o próximo seja huma parecida cópia deste original.

Agora quizera eu persuadirvos o aborrecimento da curiosidade com o exemplo de Santo Agostinho, que

perguntado por hum homem de semelhante, e imprudente génio, que fazia Deos antes de crear o mundo, lhe respondeo que estava occupado em idear o inferno para os curiosos. Isto se encaminha a dous fins. O primeiro, que não deixeis as filosofias antigas de Platão, e Aristóteles, que acreditarão os santos Padres, pelas filosofias de Descartes, e Gazendo, que seguem, e não acreditão alguns engenhosos, porque para igualar, ou vencer a hum Doutor Angélico era necessário contraporlhe hum Doutor Seráfico. Pois que comparação tem a soberba, que fez a huns inventores de novos systemas, com a modéstia, que fez a outros discípulos da verdade? O segundo, para que não percais a preciosa joya do tempo em ridículos exames de cousas, que será melhor ignorallas, que sabellas, como com que pratos se cobria a mesa de Apicio, de que raça foy o cavallo de Alexandre, e o de César, que recitados costumavão cantar as sereas. A arte hé longa, e a vida breve, e não se pode dar este barato no jogo dos livros, porque elles têm muito que entender, se quem os lê se quizer aproveitar das suas doutrinas. Trocai o estudo dos livros francezes pela lição dos auctores latinos, porque ninguém hé tão ignorante da pintura, que queira antes as cópias, que os originaes para adornar o seu museo. Ler a história romana traduzida hé querer saber os successos, mas não a eloquência, com que forão escritos pelos Lívios, e Sallústios: hé enriquecer a memória de notícias, e não de preceitos da Rhetórica, que só se aprendem dos pays da latinidade: hé desejar saber fallar nos factos, mas não compor as matérias: hé preferir huma língua, que fez geral a fortuna de poucas victórias, a outra, que fez universal o domínio de todas as naçoens, e a huma língua da cabeça do mundo, bastando para a cultivar não só com o suor, mas com o sangue das veas as máximas moraes, que communicão ao entendimento as obras de Cicero, escola mais erudita, e proveitosa para os leitores, que a Academia de Platão, e que o Peripato de Aristóteles. Diz hum discreto, que assim como o general hé o conservador do seu exército, assim a eloquência junta com a sabedoria hé a regente, ou governadora da vida

humana. Por este princípio resolveo a antiguidade que Mercúrio, e Pallas se unissem entre si com hum vínculo estreito, ou nó gordiano de amizade.

Esta hé a última advertência que vos faço, o último conselho que vos dou, o último preceito que vos ponho, a última fineza que vos peço, que sigais os costumes pátrios, que vos não aparteis das pizadas de vossos avós, que entendais que os velhos são mais para imitar que os moços, que a honra de Deos está muito primeiro que a dos homens, que o crédito do príncipe, e o serviço da pátria devem prevalecer aos vossos interesses, que na virtude não há perigo, ainda que haja combate, que o amor hé melhor que o receyo para as emprezas, que a liberdade hé mais feliz que a lisonja para os palácios, que sem independência não se hé illustre, que sem recato na família não se hé honrado, que sem cautela nos filhos não se hé pay, que sem zelo da república não se hé fiel, que sem veneração ao príncipe não se hé vassallo, que sem clemência com os inimigos não se hé cathólico, que sem justiça para todos não se hé benemérito, que sem liberalidade não se hé cavalheiro, que sem benevolência não se hé bem quisto, que sem constância nas desgraças não se hé homem, que sem aspirar à perfeição das virtudes não se conseguem as medianas, e que as medianas livrão os homens da injúria, mas não os fazem dignos da fama immortal, porque esta só alcançou David matando o gigante, Menelao vencendo a Priamo, Alexandre triunfando de Dario, César destruindo a Pompeio, Augusto debellando a Marco António, ElRey D. Affonso Henriques desbaratando cinco reys mouros, e finalmente Hércules, e Theseo despedaçando feras, e castigando homens ferinos.

Fim

XI

D. FRANCISCO DE PORTUGAL,
MARQUÊS DE VALENÇA

Instrucção que o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal dá a seu filho segundo D. Miguel Lucio de Portugal, e Castro

[Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1745]

Meu filho: Não parece justo, que fazendo eu huma instrucção a vosso irmão o Conde de Vimioso, vo la não faça a vós, que me merecis o mesmo amor, e me deveis o mesmo cuidado.

Primeiramente amay a Deos como elle nos ensina nos seus mandamentos, e para praticares este amor consideray o incomparável, que vos tem quem vos impoz este preceito, advertindo que Deos, que vos creou sem vosso merecimento, não vos há-de salvar sem as vossas obras, que se lhe não custou nada o creavos, custoulhe muito o remirvos. Mas porque a natureza corrupta de que fomos herdeiros pelo peccado do primeiro homem, necessita de muitos espeques à maneira de hum edificio, que ameaça ruina, valeivos da soberana protecção da Mãy de Deos, para que vos illustre a vontade, não querendo executar a vossa, senão a divina; porque crer em Deos, e temêllo somente até o fazem os mesmos demónios. Para teres esta poderosíssima advogada propícia ao vosso bem espiritual, e temporal obrigaya com todos aquelles respeitos, obséquios, e adorações, que são mais agradáveis à sua eminente santidade.

Seja o segundo espeque para o edificio arruinado da nossa natureza a esmola, que foy o conselho que deo o profeta Daniel a Nabucodonosor, e este mesmo conselho se repete em outros lugares da Sagrada Escritura. Job e Tobias forão grandes esmoleres, e por esta virtude hum passou da mayor pobreza à mayor abundância, e outro da cegueira à vista. O mesmo Tobias na instrucção que deo a seu filho sobre a esmola, nos ensinou como devíamos repartir com os pobres e quaes erão os seus effeitos para o misericordioso: se tiveres muito, dá com largueza, se pouco, procura dállo de boa vontade, porque enthesouras para ti hum grande prémio no dia da necessidade, e porque a esmola livra de todo o peccado, e da morte, e não soffrerá que a alma

vá para as trevas. Não soccorrais o pobre como quem faz huma acção violenta, porque diz S. Paulo que Deos ama a quem dá com alegria: imitay o nosso rey, que de nada a recebe mayor, que em remediar os necessitados.

A soberba hé vício tão poderoso, que arruinou os anjos: vede que estrago será nos homens! Mas se Deos resiste aos soberbos, e os soberbos não podem resisitir a Deos, como não somos todos humildes, principalmente dizendo o Ecclesiástico que a soberba hé aborrecida na presença de Deos, e dos homens, porque o princípio de todo o pecado hé a soberba. Alexandre, em quanto o não dominou a soberba, dominou os coraçõens dos vassallos e dos inimigos: tanto que quiz adoraçoens que lhe não competião, provocou a Clito, e a Callisthenes a que o reprehendessem da sua temeridade. Acharão os romanos que para castigarem as insolências de Tarquínio bastava que a posteridade lhe chamasse Soberbo. Diz Júlio César que os homens devião ter como por leys tudo o que elle dissesse. Domiciano não consentio que se lhe levantassem estátuas, senão de ouro e de prata. Mas o fim que tiverão estes soberbos, ninguém o ignora, e ninguém o sente em ódio da sua arrogância.

A ira, que se não contém, e refrea, hé chamada loucura breve pelos filósofos. Sócrates, que foy mestre de todos, nunca se irou com as injustiças, e desprezos que lhe fazião os seus émulos, nem com as discórdias, e desattençoens de suas duas mulheres Mirto, e Xantippe. Architas vendo-se huma vez provocado à ira por hum criado, disse: darvoshia o castigo que mereceis, se não estivera irado contra vós. Outro de semelhante prudência, e com semelhante occasião para a sua ira entregou o servo a hum amigo, para que o castigasse, não fiando de si irado o justo castigo daquela culpa. O sublime entendimento de Cícero nos aconselha que nos livremos da ira, pois com ella nada se pode fazer com acerto, e consideração.

A vingança ainda hé defeito mais abominável, porque se não acha em ânímos nobres. Júlio César perdoava facilmente aos parciaes de Pompeo seu competidor, como se lê

em várias orações de Cícero. Bem o imitou seu parente Augusto perdoando a Cina, que tantas vezes lhe maquinou a morte. O discreto Petrarca nos manda pezar aquella palavra de Adriano, e de Tibério. Foy o caso que Adriano depois de eleito Imperador encontrando hum seu inimigo, lhe disse: escapaste. E Tibério sabendo que hum inimigo seu se matara, exclamou: esse homem me escapou. Escolhey, diz o mesmo Petrarca, ou aquelle dito generoso de príncipe, ou este deshumano de algoz. Clama com indignação o Ecclesiástico: o homem guarda a ira para o homem, e espera de Deos o remédio. Diz o vingativo: eu não faço a injúria, vingome della. Responde hum engenhoso auctor: que importa que sejais o primeiro, ou o último em peccar? Lactâncio condena a Cícero de incoherente, porque diz em hum lugar que hé homem justo aquelle que hé bemfeitor, e que não prejudica a ninguém senão provocado da injúria. E em outra parte diz o mesmo Cícero que merece grande louvor o esquecimento das injúrias: que foy o conceito, com que obrigou a César as perdoasse dizendo: tu, que de nenhuma cousa costumás esquecer, senão das injúrias. Conclue o mesmo Lactâncio: em que differe o justo, e o sábio dos maos, e ignorantes, senão em que aquelles têm huma invencível paciência, que falta aos estultos, e em que sabem governarse, e moderar a sua ira, e estes não podem refreálla, porque carecem da virtude. O certo hé que os vingativos imitão os animaes, e as feras, que se as provocão, offendem com as armas que lhe deo a natureza.

Mas há outra paixão, que compete, e não sey se vence aquelle vício, que hé a inveja. Cuido que diz Plínio que sempre hé inferior o invejoso ao invejado. A inveja introduzio no mundo o primeiro homicídio. A inveja deo o péssimo exemplo de se venderem os irmãos por huma fortuna sonhada. A inveja fez que Datan, e Abiron intentassem tirar a Arão o sacerdócio. A inveja obrigou a Herodes a que mandasse matar grande número de innocentes. Dous remédios se apontão contra a inveja, que ninguém com juízo os deve tomar, a desgraça, e vida infame. Por esta causa não sey quem disse que só a desgraça carecia da inve-

ja. Sócrates respondeo a Alcibíades, que lhe perguntou de que modo poderia livrar-se da inveja: vivey como Tersites, que foy hum grego vil, e desprezado como pinta Homero no seu poema. Mas aconselha hum auctor discreto que hé melhor ser Achilles padecendo a inveja, que Tersites não a experimentando. Muitos, e grandes homens para viverem seguros deste rayo occultarão por algum tempo o engenho, e a virtude. Bruto para conservar a vida no reynado de Tarquínio fingia-se insensato. David para evitar a emulação dos palacianos fazia acçoens de louco na corte delrey Achis. Se abraçara Germânico a prudência deste conselho, fora a sua vida mais dilatada no tempo de Tibério. Se Augusto não fora tocado da inveja de ter melhor successor, poderia ser que não escolhesse a Tibério para Imperador romano. A bárbara ley do ostracismo, que desterrava os homens mais beneméritos, a inveja a instituiu, e a praticou. Disse profundamente Horácio que os tyrannos de Sicília não inventarão mayor tormento que a inveja, como se prova com muitos exemplos, bastando por todos o successo de Aias, que furioso se matou pela inveja de ver julgadas a Ulysses as armas do valeroso Achilles.

A cubiça, e avareza são irmãs gémeas no meu conceito. Vespasiano foy accusado de miserável, porque até nas immundícias punha tributo, o que seu filho Tito sentia entranhavelmente, como quem era as delícias de Roma. Lêm-se as vidas de outros imperadores com horror da natureza, a deste príncipe com desagrado da memória. Hé tão impróprio este vício da magestade, que não bastou para o desculpar a justiça de Vespasiano, nem a famosa conquista de Jerusalém, e o que hé mais, nem o bem que applicava este imperador os tributos que recebia dos vassallos. Empenhase Cícero em mostrar que o sinal mais evidente de hum ânimo estreito, e limitado hé amar as riquezas. Este amor tem feito entre os homens mayores males que o mesmo ódio. Simão Mago arrastado da sua avareza quiz comprar a S. Pedro a graça do Espirito Santo. Achilles inficionado da mesma peste vendeo o cadáver de Heitor a seu pay Príamo. Pigmalião estimulado da mesma

loucura matou a Siccheo marido de sua irmã Dido. Por esta causa disse judiciosamente o Poeta: a que não obriga aos mortaes a detestável fome do ouro? César roubou os templos, destruiu as cidades mais pela cubiça do despojo, que pela glória de guerreiro. O rico avarento negava ao pobre Lázaro as migalhas que cahião de sua mesa. Em fim lembremonos para desterrar a avareza do que diz o Sábio: quem ajunta injustamente, ajunta para os outros. Nada há peyor que o avaro, e nada hé mais pernicioso que amar o dinheiro.

A perguiça parece mal de menos consequência, e hé erro manifesto de quem assim o julga. Discretamente definio a omissão o grande Vieira, quando disse que era hum pecado que se fazia não fazendo. Muito deve à promptidão a boa fortuna de Júlio César. Os vagares só os soube fazer proveitosos a prudência de Fábio Máximo; mas que injúrias lhe não custou ao princípio esta nova indústria do seu acerto? Augusto costumava dizer: apressaivos lentamente; porque queria a pressa junta com a reflexão nas açcoens. A Sagrada Escritura nos manda imitar a providência da formiga, que no bom tempo enche os seus celeiros, prevenindose contra as inclemências do Inverno. Até no paraíso quiz Deos que Adão trabalhasse, de que se colhe que o trabalho hé compatível com as delícias, e o ócio repugnante à innocência. Sabemos que Octaviano príncipe tão celebrado dormia poucas horas, e me parece que Virgilio dava a Eneas o mesmo louvor. Hércules no berço despedaçou serpentes o que não faria, se dormisse quando ellas o quizerão devorar. Muitos chamão ao sono retrato da morte; eu não lhe chamo retrato, senão substituto. Disse bem Petrarca: chorase a perda do tempo, mas calase a culpa. E ainda melhor Séneca: hé feíssima a perda que procede do descuido. Reparou com subtileza hum discreto que a Fortuna dá, e tira muitas cousas pelo seu arbítrio: o tempo não se tira a ninguém contra sua vontade. Horácio bem desenganou os negligentes, dizendo que nada se deo aos mortaes sem grande trabalho da vida. Torpe acção até nos vícios de Domiciano gastar o tempo destinado para o

governo de huma nação tão gloriosa no ridículo exercício de matar moscas.

Grande falta em hum homem illustre hé falta de modo, e de cortezia, principalmente se ao esplendor se ajunta o mando. Trajano indo em hum triunfo, mandou parar a sua carroça para ouvir o requerimento de huma velhinha. Alexandre disse à mãy de Dario que não tinha errado quando o equivocou com seu valido Hefestião. ElRey D. João o II admittia alguns vassallos à sua mesa, e pedialhe perdão, se a sua cólera os tinha offendido. Diz Plinio no seu Panegyrico que Trajano nunca despedia as pessoas com quem conversava; que ellas, e não elle erão as que punhão o termo à sua prática. Mais fez Antonino Pio para ostentar a sua urbanidade, quando vendo a casa de hum seu vassallo ornada de excellentes colunas, lhe perguntou onde as achara. A resposta foy: quando fores às casas alheas, sede surdo e mudo. E não consta que este imperador o castigasse por tal ousadia. Augusto nunca se negou aos convites que lhe fazião. Achouse em hum tão indigno da sua pessoa, que quando se despedio de quem o tinha convidado, somente lhe disse à puridade: não cuidava que eu era tão vosso amigo. ElRey D. Pedro o I era tão honrador dos homens, que na voda de hum fidalgo dançou e deo outros sinaes de seu contentamento. O amável D. Pedro o II quando sahia em público levava a rainha à sua mão direita, e não se queria assentar diante de sua irmã, pelo haver creado a Sereníssima Rainha de Inglaterra. Seu glorioso e discreto filho em nada o imitou tanto como na cortezia, e humanidade com os súbditos, e só por este modo fez que a nossa vassallagem fosse escravidão, que por outros não parecemos vassallos, senão filhos na sua presença. Estes mesmos exemplos da attenção do nosso príncipe abraça toda a família real com grande glória de os seguir, e sem nenhuma esperança de os exceder.

O rigor não serve nem para quem serve, nem para quem manda, nem para quem obedece, nem para quem hé obedecido, que por esta causa o summo direito sempre foy julgado por summa justiça. Querer tirallas do mundo

parece amor da razão, e hé ódio da natureza, ou hé mais propriamente ignorância do mesmo mundo. Não sey de que santo se refere que antes escolhia ter culpas diante de Deos, que procedessem da sua clemência, que da sua severidade: e Séneca nos ensina que hé tão tyranno o que perdoa a todos, como o que não perdoa a ninguém. Quando Mânlio Torquato voltou para a corte deixando justicado seu filho único por desobediente de huma ley militar, nenhum romano illustre o foy gratular da sua victória. O legislador Draco foy tão rígido nas suas leys, que disserão delle que as não escrevera com tinta, senão com sangue. Deos escolheu a Moysés para governador do seu povo, hum homem a quem a Escritura chama suavíssimo. O mesmo Deos manda que todos aprendão delle; porque hé brando, e humilde de coração. Aquellas palavras do Euangelho, que os violentos arrebatarão o Reyno dos Ceos entendese dos violentos que o são comsigo, e não com os outros. D'elRey D. Pedro o I disserão os vassallos que ou não havia de nascer, ou não havia de morrer. Tal hé a justiça severa, e rigorosa, que primeiro se deseja, a quem a exercita, o mal de não existir, que o bem de não acabar. Nada acreditou tanto o princípio da regência de Nero, como desejar elle não saber escrever para não firmar huma sentença de morte. Diz Plinio que o amor hé mais poderoso para se conseguir o que se deseja, que o mesmo temor. Foy rara a subtileza de Séneca em dizer que está perto de condenar voluntariamente quem condena depressa, e perto de castigar iniquamente quem castiga com excesso. Dizia Augusto que queria antes ser porco que filho de Herodes, porque mandara matar por suspeita de traição a seus dous filhos. ElRey D. João o III quando lhe inculcavão algum homem rigoroso para administrar a justiça, sempre desprezou esta inculca como contrária ao bem da pátria, de que elle tinha tanto cuidado. Cícero instruindo a seu irmão para o feliz governo da Ásia, deolhe este conselho opposto totalmente ao rigor, que alguns ministros praticão nos tribunaes. Finalmente, diz elle, em todo o vosso governo nada seja desabrido, nada cruel, antes todas as cousas cheas de clemência, mansidão, e humanidade.

Muitos, e grandes bens tira o homem da sua docilidade. Querer saber já hé princípio de não ignorar. Sujeitarse a ser discípulo já hé disposição para ser mestre. Salamão vendose no trono não pedio à omnipotência de Deos mais que esta virtude, mas nella lhe pedio a mais necessária para governar hum reyno. Por este dictame lemos que os grandes filósofos andarão pelo mundo consultando os mayores sábios do seu tempo. Parece-me que diz Séneca que a causa porque os homens se não adiantão no saber hé porque logo se persuadem que têm sabido. O certo hé que o que se ignora hé muito mais que o que se sabe. Daqui nasceo que os sábios antigamente se intitulavão só filósofos, que vem a ser amantes da sabedoria, para mostrarem que a amavão e não que a possuem. Os melhores pintores costumavão pôr por baixo das suas pinturas este verbo: fazia, confessando assim, que ainda tinha o seu trabalho mais que polir naquellas obras. Apelles escondiase detráz dos seus painéis para ouvir a censura dos curiosos, e aproveitarse dos seus reparos para a perfeição da mesma arte. Mas como se devem escusar huns homens de aprender de outros, se quiz Deos que aprendessem dos mesmos brutos? A formiga lhes ensinou a providência, e o cão a fidelidade. A verdade hé que tudo nos hé preciso para curar a inchação que resulta da sciência, como diz S. Paulo. Os mayores erros commummente se vêm nos mayores homens, ou por fortuna, ou por entendimento. Que mayor homem que Adão, e que mayor erro que o seu, que comprehendeo toda a sua descendência? Que mayor homem que Salamão, e que mayor erro que o seu em trocar o culto do Creador pelo das creaturas? Que mayor homem que Alexandre, e que mayor erro que o seu em chamarse filho de Júpiter, sabendose que era filho de Philippe? Que mayor homem que César, e que mayor erro que o seu, que no ciúme da liberdade de huma república florente aspirar à dictadura perpétua, que só se concedia nas calamidades da pátria? Salamão pedio a docilidade, mas não a praticou, porque não seguio as pizadas de seu pay David. Quem a praticou, sem a pedir, foy Moysés, que observou os conselhos que lhe deo tão prudentemente

seu sogro Jetro. Perguntar para não seguir ainda hé mayor culpa que não perguntar para resolver e antepor o conselho dos moços ao dos velhos ainda hé mayor desacerto, que obrar sem consultar a ninguém. Roboão preferio o voto dos moços, que lhe aconselhavão o rigor, ao dos velhos, que lhe persuadião a brandura: perdeose como succederá a todos os homens que se apartarem do caminho trilhado, e estrada real das experiências.

A gula hé mayor mal do que se considera neste tempo. O antigo nos representa muitas tragédias desta paixão mais de brutos, que de homens. Se Adão não comera o pomo prohibido, não comera elle, e seus filhos o pão com o suor do seu rosto. Se o filho de Tarquínio não cuidara tanto nos banquetes, não seria seu pay o último rey dos romanos, nem Lucrécia perderia a sua honra, nem se mataria com as suas mãos para a desaggravar. Se o vinho não fora tão estimado dos homens, não seria a cabeça de Holofernes despojo da delicada mão de Judith. Se os troyanos se não entregarão tanto à delícia deste licor saboroso, não se veria Troya reduzida a cinzas pelos gregos. Para se não ter o vinho por néctar, senão por veneno, bastava dizer ao Apóstolo que nelle está a luxúria, e não era necessário outro effeito para ser desterrado das mesas que a reflexão de que elle foy a causa da desnudez de hum patriarca, da zombaria de hum filho, e da maldição de hum pay. Em quanto Alexandre foy sóbrio, foy heróe, tanto que foy delicioso, e cuidou nos regalos da Ásia, logo fez acçoens indignas de hum homem particular, e alheas de hum príncipe soberano. Quem mais sóbrios, e moderados, que Curio, Fabrício, e Catão, que colhião com as suas mãos as hortaliças, e as comião em pratos de barro, e não de ouro? Augusto César senhor do mundo só admittia na sua mesa iguarias vulgares. Diz Ovídio fallando dos tempos em que reynava a parcimónia, e não a gula: ainda o peixe nadava sem engano, e os mariscos estavam seguros nas suas conchas. A Escritura nos recommenda que não queiramos ser appetitosos de todas as iguarias, porque nas muitas está a enfermidade, e continua: pelo excesso de comer muitos morrerão, mas quem

hé parco dilatará a vida. S. Paulo exhortandonos contra os males, entre elles conta os banquetes, e os effeitos do muito vinho. O uso delle nas mulheres era crime capital, e para se examinar se ellas bebião vinho, se introduzirão os ósculos, e me parece que o primeiro repúdio em Roma se fez por esta causa, e que os maridos podião matar as mulheres se lhe constava da sua embriaguez. Não me lembra quem disse com muita discrição motejando os homens vorazes, que havia huns que comião para viver, e outros, que vivião para comer. Este dito comprehendeo a vários imperadores romanos, como Tibério, a quem chamarão Bibério, e a Cláudio Caldio em castigo da sua gula.

A prodigalidade quasi merece o mesmo ódio que a miséria, e avareza, por impedir o heróico exercício da liberalidade. Hé vício que o não parece, e por esta causa mais difficil de remediar, como são todos os que têm apparencias de virtude. Destroe a caridade bem ordenada, pois por enriquecer os outros se empobrece cada hum a si mesmo. Como hé vício proveitoso para muitos, há poucos que o condenem, e fica o vicioso sem emenda, e às vezes com a vaidade da mesma culpa. Nem se compadece com hum ânimo liberal dar de tal forma o preciso, que se venha a pedir o necessário, sendo favorável aos estranhos para ser cruel com os domésticos. Além de que a prodigalidade começa pelo desprezo das riquezas, e acaba pela idolatria do dinheiro, pois se o amor nelle cresce, quanto cresce o mesmo dinheiro, como disse o Poeta, fica fácil de entender que mais crescerá este amor na falta que na posse. O pródigo hé liberal por pouco tempo, o liberal pode ser generoso por muitos annos, e por toda a vida e a virtude, que não tem permanência, hé tão feya como a culpa, que não tem arrependimento. Accresce a todas estas razoes que o pródigo nem escolhe as pessoas para os benefícios, nem a occasião para as dádivas, confundindo o tempo da necessidade com o da abundância, e assim não faz agradecidos com o que dá, senão ingratos com o que desperdiça.

A mayor parte dos pródigos forão tyrannos, como Alexandre, Calígula, e Vitelino, porque impacientes com a

pobreza que lhe causou a sua profusão, quizerão restituir a sua antiga opulência por meyos intoleráveis ao sofrimento dos vassallos. A prodigalidade não só contaminou as mãos reaes, senão outras de bem diversa fortuna. O filho do Esopo comediante pôz em hum banquete pérolas desfeitas com vinagre. Foy tanto o luxo dos Agrigentinos em todas as suas obras, que obrigou a dizer Platão que elles edificavão como se sempre houvessem de viver, e que comião nos banquetes, como se sempre houvessem de morrer. São lastimosos os casos, que se lêem nas histórias da prodigalidade, que huns calo por modéstia, e outros por compaixão. Só apontarey dous, para que se veja que este affecto não só faz os homens viciosos, mas ridículos. Popea mulher de Nero mandava ferrar as suas bestas com ferraduras de ouro. Heliogábalo ourinava em vasos preciosos, para que se acabe de conhecer que esta inclinação não só empobrece os homens do dinheiro, mas do juízo.

A ambição dos lugares, que hé menos vil, que a cubiça das riquezas, hé mais perniciosa, quanto parece menos indigna, porque a culpa autorizada com algum nome especioso hé mais difficil de se confessar. Os candidatos, ou pertendentes em Roma mostravãose os mais humildes e lisongeiros com os senadores, de quem esperavão os seus votos, e não sey como huma república tão cuidadosa dos bons costumes consentia a vileza daquelles obséquios. Hé mau princípio para mandar com respeito o costume de pedir com indecência. Todos sentem subir para descer, e todos estimão descer para subir. A dignidade dos empregos deviasi negar à indignidade dos rogos. O verdadeiro meyo de conseguir as occupaçoens hé merecêllas, e o único meyo de merecêllas hé não procurállas. Não há mais efficaz recommendação para o ministro recto, e para o rey justo, que a modéstia do pertendente, e o silêncio nas suas virtudes. Falle, e grite por elle mudo nos seus louvores, e surdo para as suas estimaçoens a voz publica da sua notória capacidade. Compre com o talento, e não com os talentos a fortuna dos lugares; porque me esquece quem disse, que quem os comprava, também os vendia.

Siga a independência de Catão, que não quiz estátua ao seu merecimento, porque este se hoje a levanta, amanhã a vê derrubada, e a virtude de hum só homem não pode prevalecer à inveja de muitos. As lágrimas de Alexandre, e César por ambiciosas a ninguém enternecem, a todos escandalizão. Só Diógenes, e Catão souberão castigar os ambiciosos, Diógenes tirando a Alexandre com o seu desinteresse a glória de o enriquecer, Catão tirando a César com o seu esforço a vaidade de lhe perdoar. O nosso príncipe perfeito D. João o II reprehendeo a hum vassallo benemérito porque se valeo de certo padrinho, dizendolhe que se tinha mãos para servir, tivesse boca para fallar. O mesmo rey costumava escrever em hum livro os nomes das pessoas mais capazes do seu reyno para lhe offerecer os lugares primeiro que lhos pedissem, que por isso chamou discretamente o grande Vieira a este rey de boa memória, e também de bom memorial.

Sem amigos mal se pode passar a vida ou com segurança nos perigos, ou alívio nos trabalhos, mas a escolha delles não sey se hé mais penosa que os não ter. Quem há-de ser o ignorante, ou o temerário, que queira ficar por fiador da sua confiança? Contra hum inimigo pode haver muitas cautelas, contra hum amigo simulado não pode haver nenhuma prevenção. Por esta causa Séneca manda por summo cuidado na eleição das amizades. De pouca Filosofia se necessita para dar este conselho. As histórias estão cheas de muitos amigos inconstantes, e de poucos fiéis. Até os poetas, que tudo fingem, não se atreverão a fingir muitos amigos verdadeiros. A Escritura Sagrada celebra a amizade de Jonathas com David, e com muita razão, porque o amou desigual no nascimento, e perseguido por hum monarca. Contase que Alexandre amara com tal excesso a Hefestião, que mandara enforcar o médico que o não soubera livrar da morte; mas também Clito foy grande valido deste príncipe, e elle o matou com as suas próprias mãos. Várias cousas se referem das amizades recíprocas entre Hércules, e Theoseo, Pliades e Orestes, mas são fábulas, e não histórias. Nellas vemos menos número destes amigos com grande dor dos

que reputão as amizades pelo mayor bem da natureza. Pelo que quem for infeliz na escolha das amizades, aproveitese do conselho de Catão, que resolveo que as amizades que não convinhão pouco a pouco se devião descozer, e não cortar de repente por ser tão perigoso conservar hum amigo desleal, como separar do seu trato.

Os homens distinguemse dos brutos pela razão, e differençãose dos outros homens pela sabedoria. Esta hé a causa porque persuade Quintiliano que se dêem logo mestres aos mininos, e que não só sejão doutos, mas virtuosos. Nem se impugne o conselho deste grande auctor com os exemplos de Alexandre ambicioso, e de Nero cruel, porque se não fora a doutrina de Aristóteles, e o magistério de Séneca, não usaria este rey de tanta piedade com a família de Dário, nem este imperador mostraria em cinco annos do seu governo tanto amor à justiça. Sem a lição dos livros, e sem a instrucção dos mestres mal se pode amar a virtude, quanto mais praticálla, porque está cercada de muitos perigos, e sujeita a muitos desprezos. Não basta o amor da virtude desarmado para para batalhar, e se basta para batalhar, não basta para vencer. Por isso pode mais na guerra a destreza, que a valentia. Em quanto hum dos Horácios se mostrou valente, não conseguiu a victória, tanto que foy industrioso, logo alcançou o triunfo. Hércules venceu mais a Antheo com o discurso, que com a luta: com a luta prostrava aquelle gigante, com o discurso despojou-o da vida. O mesmo Hércules em quanto intrépido cortou as cabeças da hydra Lernea, e não impedio que renascessem, tanto que astuto lhe applicou o fogo, nunca mais se reproduzirão. As armas do leão são as unhas, as do usso os braços, e as do touro as pontas. As armas do homem hé a razão, e o entendimento, e o discurso. Onde se temperão estas armas, não hé na officina de Vulcano, senão na forja dos estudos. Mas a sabedoria não hé como outras artes, que necessitão de alguns annos para se aprenderem: à sabedoria não chega o homem, senão no fim da vida, e essa muy dilatada, e empregada nos livros. Sabido, e celebrado hé o dito de Platão, e muy approvedo por Cícero. Ditoso aquelle que

na velhice pode conseguir a sabedoria, e o conhecimento das opinioens sólidas. Os hebreos reconhecerão por sábio a Salamão, os romanos só avaliarão por sábios a Catão, e Léllo: os gregos confessarão que só tiverão sete sábios, e só Sócrates foy declarado por sábio pelo mesmo Apollo. Não faltou quem dissesse que não havia nenhum sábio. Eu creyo que os há, e que os houve, mas que forão poucos em todo o tempo; porque huma cousa hé fallar, outra viver, outra parecer sábio. A mayor prova de hum homem ser sábio hé dizer com Sócrates: só sey que nada sey.

A modéstia, ou por outro nome o amor da castidade hé o que nos deve merecer mayor cuidado, e vigilância, porque se perde quando parece que nem se arrisca. Quanto mais a experiência nos desengana, tanto mais nos enganamos nesta matéria com o nosso discurso, ou com a nossa fragilidade. Mas se a confessamos como homens, porque a não acautelamos como prudentes? Hé harmonioso clamor de todo os sábios, hé santa impaciência de todos os justos, que a lascívia se não vence senão fugindo. Ter medo do vício não hé fraqueza, hé valentia do coração. Disse discretamente Calderón fallando neste temor: porque es valiente la fuga, onde es covarde el delito. Nem esta fuga hé fraqueza de homem senão estratagema de soldado. A huma boa retirada se deve muitas vezes a victória. Fábio Máximo venceo a Annibal, porque nunca quiz peleijar com o seu exército. Se ninguém se pode livrar de hum inimigo encuberto, como nos havemos livrar de hum inimigo invisível? Se o nosso inimigo hé hum leão, que partido têm as nossas mãos com as suas garras? Nem todos são como David, que os despedaçava. Se o nosso contrário todo hé espírito, nem todos têm os braços de Jacob para vencer a hum anjo na luta. Somos filhos de Adão transgressor, e não innocente, de Adão não vestido, mas despido da graça, e comparado e feito semelhante aos mesmos animaes pela sua ignorância. Além de que dirá alguém, que hé mais santo, que David, sabendo, que disse Deos deste seu servo: achey hum homem conforme o meu coração. Pois este homem, que mereceo tal elogio da eloquência divina, só de ver a

Betsabé ficou adúltero. Quem dirá que hé mais sábio que Salamão dotado de sciência infusa em prémio de pedir a docilidade? Pois este sábio, que aprendeo na academia do Ceo, incensou os ídolos por comprazer com as suas concubinas. Dina foy ultrajada na honra pelo príncipe Sichem, e por que loucura mereceo esta violência feita ao seu crédito? A sua culpa foy huma curiosidade mais de ver, que de ser vista, de ver as mulheres, e não os homens. Se Sansão não pozera os olhos em Dalila, não lhos arrancarão os filistheos. Em quanto Alexandre recusou ver as filhas de Dario, conservou a sua continência. Convém para a defender imitar a Joseph não só em resistir à porfiada tentação da Egypcia, mas em deixar a capa nas suas mãos como empestada, porque as tocou. Diz S. Jerónimo a Nepociano tratando da vida dos sacerdotes: nunca disputeis sobre a formusura das mulheres. Pois se o Doutor Máximo não quer as disputas, menos quererá as conversaçoes. Quem havia suppor, que Thamar não tinha a sua honra segura na companhia de hum irmão? Mas a Escritura nos diz o contrário. Quem havia considerar, que Semiramis, e Agrippina havião ter pensamentos incestuosos para seus mesmos filhos? E as histórias nos affirmão esta barbaridade. Por horror de tal perigo não quiz Santo Agostinho viver com sua irmã no mesmo aposento, e perguntado pela razão desta nimia cautela respondeo profundamente: porque hé mau ver a mulher, peyor fallarlhe, péssimo tocálla. O certo hé que não há excesso para a prevençã da pureza, para a cautela da castidade, e para o resguardo da modéstia: perdese esta joya mais velozmente do que se murcha huma flor, e do que se quebra hum cristal.

Tende horror à ingratiidã, porque della diz Séneca que até os ingratos se queixão dos ingratos por ser vício que ninguém confessa que o tem nem com tantos exemplos de homens illustres. Mas hé cousa de notar para abominar este defeito, que tendo a mayor parte delles defensores de muita autoridade, só a ingratiidã não ache hum patrono que a defenda. Esta falta de apologia se começou a experimentar desde que a ingratiidã se começou a conhecer.

Ninguém se atreveo a desculpar a Alexandre porque matou a Clito seu collaço. Ninguém se animou a defender Justiniano porque mandou tirar os olhos a Belisário seu general. Ninguém se resolveo a justificar a Popílio de ser executor da morte de Cícero tendo-o livrado da pena de morte com a sua eloquência. Todos se scandalizão dos athenienses desterrarem Aristides, chamado o Justo pela sua grande rectidão, de Páris roubar a Helena mulher de Menelao, que o havia hospedado, de Theseo, e Jason por haver desamparado hum a Ariadne, e outro a Medea.

Não sejais defensor, e menos inventor da novidades, porque quando não seja este génio reputado por culpa grave, sempre foy avaliado por levidão manifesta. Santo Agostinho hé tanto contra as novidades, que até nas proveitosas reconhece prejuízo, e o direito civil segue tanto este dictame, que sem dar outra razão, diz, que huma cousa hé má só porque hé nova. A antiguidade infunde huma estimação nas cousas, que ainda aquellas que são de menos valor, só porque são antigas costumão exceder às de mayor preço só pelo nome de modernas. Entre os latinos são synónimos o antigo e o precioso. Segui a antiguidade e os antigos, que nella, e nelles está a mayor veneração, o melhor conselho, e a verdadeira prudência, que por isso os magistrados de Roma se intitulavão senadores.

A lisonja feita aos iguaes hé vileza, feita aos príncipes hé aleivozia. Hé melhor que me tenham por atrevido, que por lisongeiro, e por imprudente, que por adulator; porque hé ser mentiroso com injúria de quem diz a mentira, e com ruína de quem a ouve. Augusto impedia que lhe dissessem lisonjas no theatro. Tibério no princípio da sua regência, ou no fingimento da sua modéstia também não as soffria no tribunal. Não há nome horroroso, e infame, que justamente se não imponha ao lisongeiro. Huma das muitas virtudes, em que floresce o nosso monarca, hé no entranhável ódio que tem à adulação, sendo menos arriscado com a sua soberania o atrevimento, que a lisonja. ElRey D. Sebastião advertido huma vez pelo seu ayo D. Aleixo de Menezes ou com zelo indiscreto, ou com indiscrição zelosa,

achou tanto pelo contrário queixoso este grande príncipe, que tornou a buscar o ayo, de quem se tinha apartado com algum furor, a contarlhe a lisonja de certos fidalgos que approvarão o seu sentimento. A outros palacianos de tão vil natureza, e baixos espíritos, que approvavão huma ação que hum mouro estranhava, disse o mesmo rey: os christãos fallão como mouros, e os mouros como christãos.

Da justiça direy pouco pela razão de que se pode dizer muito. O padre Nuno da Cunha tio de vosso avô materno doutrinou-o assim, quando ElRey D. Pedro o elegeo para a occupação de regedor: em tudo, meu sobrinho, achareis inconvenientes, e grandes em fazer justiça, mas mayores em não a fazer. Digna sentença de hum religioso da Companhia, de hum religioso tal, com quem se aconselhava em negócios políticos o incomparável D. João o IV insigne restaurador da liberdade portugueza. A justiça hé a mayor, e a fonte de todas as virtudes não só nos reys, mas nos súbditos, não só para as repúblicas, mas para as casas. Fingirão os poetas que a justiça por não testemunhar os vícios dos homens deixara a terra, e se mudara para o Ceo. De Augusto diz Suetónio que fora dotado de tanta justiça, que nunca declarara a guerra a nenhuma nação sem precederem justíssimas causas. Também se conta de Alexandre Severo que nunca instituiria ley alguma sem o conselho de vinte juriconsultos, e de varoens da mayor sabedoria. Finalmente Fabrício amou de sorte a justiça, que offerendose o médico de Pirrho a matállo com veneno, se lhe pagasse esta traição, este justíssimo romano não só abominou a infidelidade, mas admoestou o mesmo Pirrho inimigo de Roma, que se acautelasse cuidadosamente dos seus domésticos.

Lembrovos o respeito, e obediência a vossos pays: diz a Escritura: honra ao pay, para que chegues a ser velho sobre a terra. Quem se não edifica, lendo a reverente acção de Sem e Jafet para seu pay Noé? Quem se não scandaliza, ponderando a atrevida resolução de Cão contra o mesmo patriarca? Enternece ainda sendo a história fabulosa ver a Eneas com seu pay Anchises aos hombros livrando-o do

incêncio de Troya. Nada interessa tanto como saber que Mânlio Torcato opprimido por seu pay intentou matar a hum senador, porque o queria accusar desta violência. Diz o nosso Camoens repetindo o castigo que Deos deo ao primeiro rey de Portugal por prender a sua mãy: tanta veneração aos pays se deve! Para se escusar a Alexandre de fallar em seu pay Philippe com o desprezo do seu valor o considerão farto de vinho os historiadores. Bem pagou a falta de respeito a seu pay ElRey D. Afonso o IV na desobediência de seu filho ElRey D. Pedro o I. A mais heróica acção d'ElRey D. João o II foy entregar o governo a seu pay quando voltou daquella imprudente jornada. Provoca a toda a indignação ver a Túllia para congratular a seu marido acclamado rey passar com o seu coche sobre o cadáver de seu pay. Hé motivo de piedoso assombro imaginar a hum filho mudo desatando as prizoens da língua para o avisar de huma traição. Não podia faltar a Nero para ser monstro da tyrannia a impiedade de mandar matar a sua mãy Agrippina. Hé tão atroz a rebelião de hum filho contra seu pay, que Joas vassallo de David atravessou com três lanças o peito de Absalão filho do seu rey. Não perdeu o nome de prudente Philippe II porque deo garrote a seu filho por desobediente, e revoltoso contra seu pay. Só porque se murmurava que Bruto era filho de Júlio César, ficou abominável o zelo da pátria neste illustre romano, quando para a libertar matou a César no senado. Hé tão incrível o parricídio, que Rómulo não fez nenhuma ley contra esta impiedade. Ninguém desculpa se não condena a Orestes porque matou a sua mãy em vingança de ella ter morto a seu marido Agamémnon. Se até causão horror os filhos que matarão os pays inculpavelmente, como Oedipo, e Ulysses, que tirarão a vida a seus pays por ignorância. Meu filho, matãose os pays por muitos modos. Não só se matão com o punhal, e com o veneno, também se matão com os desgostosos, e com as injúrias. Tirar a vida natural o filho ao pay hé grande desatino, mas tirar hum filho a hum pay honrado a vida da fama hé mayor impiedade. A vida natural acaba em breves annos, a vida da fama acabará com

o mesmo mundo. Imitay pois a obediência, o respeito, a submissão, o amor, a ternura, e a fidelidade, que se deve aos pays, trazendo sempre diante dos olhos, impresso na memória, estampado no coração, gravado nas palavras, esculpido nas obras a inaudita veneração, e incomparável affecto dos nossos suavíssimos príncipes para seus augustos pays, mas de taes pays taes filhos se esperavão, porque as águias não gerão pombas. Estes avisos, e documentos, meu filho, são communs para todos os homens: os que agora se seguem são particulares para o vosso estado. Quem se consagrou a Deos não satisfaz a esta sublime obrigação evitando os escândalos, se não dá bons exemplos. A vida de hum ecclesiástico hé muy pensionada, porque deve ser perfeita. Bem sey que os justos cahem sete vezes no dia, mas são quedas, de que logo se levantão, e em que não recebem ferida grave. A guarda dos preceitos toca a todos os cathólicos, a observância dos conselhos comprehende aos que abração a cruz de Christo. A verdade hé que hum sacerdote não só há-de ser virtuoso, mas parecêllo. Esqueceme o nome da virgem Vestal, que foy castigada porque os seus exteriores não concordavão com a modéstia, que professava. Lembrame que Júlio César repudiou a sua meulher depois de ella se justicar no senado, dizendo que a mulher de César não só havia de estar livre da culpa, mas da suspeita de a ter commettido. A prevenção contra o vício, que sobeja para hum secular não chega a ser bastante para hum homem dedicado à Igreja. Quem se cria para a servir deve começar este serviço desde os primeiros annos como outro Samuel. Dedicado ao templo não consiste só no hábito clerical, senão nos hábitos das virtudes. Não há cousa mais imprópria que huma vida religiosa alternada com huma vida profana. Não chamo profana a dissoltura, chamo profana a delicada. Eu me explico. Hum vestido talar não com aceyo, mas com magnificência, huma coroa na cabeça em memória de Christo, ou de S. Pedro com o cabello imitando os crespos de huma cabelleira. Huma mesa não para sustentar, mas para regalar o corpo. Huns criados não bem vestidos, mas enfeitados. Huma livreria

mais preciosa pelas encadernaçoens, e estantes que pela escolha dos livros. Huns livros mais para entreter o tempo, que para regular as paixões. Não cuideis que hé motivo de louvor, senão de censura entender se huma mesa está bem posta, e se o copeiro, e cozinheiro são os mais peritos na sua arte. Este conhecimento hé alheyo de quem passa as manhãs no coro, e vive no altar, e do altar. Não vos governeis pelo que vedes fazer a muitos, antes pelo que fazem os poucos, que costumão ser os melhores. Os poucos na língua latina valem o mesmo que os escolhidos. Há mais ferro do que ouro, há mais crystaes que diamantes. A vossa profissão só toca a modéstia nas palavras, a decência no vestido, a sobriedade na mesa, o decoro na pessoa, a escolha das companhias, e amizades. Sempre ouvi dizer a vosso avô o grande Marquez de Alegrete que os ecclesiásticos erravão os meyo de serem estimados em cuidarem na sua pompa, e luzimento. Hé muy differente o que agrada aos olhos do que agrada à razão, o que approva o vulgo do que approvão os sábios. Aparelhaivos para ouvir trocar os nomes às cousas, e não vos atemorize esta troca: assim começou o mundo, e assim há-de acabar a sua carreira. Ouvireis chamar hypocrisia à virtude, miséria à moderação, insensibilidade ao soffrimento, grossaria à temperança, altivez ao respeito, e rigor à gravidade. As virtudes em toda a parte são estimadas dos bons, e em todo o tempo odiosas aos maos. Os vícios ainda que tenham muitos sequazes, têm em público poucos defensores, e as virtudes ainda que tenham poucos sectários, têm em segredo muitos panegyristas. Se se vissem os corações, como se ouvem as línguas, seria grande o crédito da virtude, e igual a ventura do merecimento.

Mas porque os maos exemplos são mais poderosos que os bons, e a virtude hé penosa em quanto se não experimenta a sua suavidade, e o vício deleitável em quanto se não sabe o seu veneno, receitarvoshey hum effcaz remédio contra o agrado de alguns passatempos. Consideray que no baile se pedio a cabeça do Bautista, que no jogo se lançarão sortes sobre a vestidura de Christo, que nos theatros se

imprimem espécies tão nocivas à pureza que S. Jerónimo no deserto se queixava desta memória, que no ócio esperou David o ar contagioso do amor a Betsabé, que no banquete teve fatal princípio a deshonra de Lucrecia, que nos espectáculos se executou o roubo das Sabinas, que na música se perderão os companheiros de Ulysses, que no vinho naufragou a fama de Alexandre, que nos deleites perdeu Salamão a fé, e Sansão a fortaleza. Mas porque podereis responder como moço, ou como mal aconselhado com a sentença de Sócrates celebrada por todos os filósofos: que nada hé conveniente com excesso, vos digo, que também hé axioma, e não menos judicioso, que não prejudica a nimia cautela, e o transcendente juízo do padre Vieira diz: que nas matérias da salvação não basta o que basta, basta o que sobeja. O Espírito Santo nos manda cuidar do bom nome; e como pode ter bom nome hum ecclesiástico que não trata mais que de profanidades, e de faustos? Assim como hé o primeiro atributo do rey a justiça, a primeira circunstância do juiz o desinteresse, a primeira qualidade do general o valor, o primeiro dote da mulher o recato, assim hé a primeira virtude do ecclesiástico a modéstia em todas as suas acçoens.

Aconselhovos que vos aconselheis ou se hé necessário dizer isto por termos mais efficazes, peçovos como amigo e mandovos como pay que sem conselho não façais nenhuma acção pública. E quaes hão-de ser esses conselheiros? Aquelles que duvidarem de vos aconselhar, antes de serem aconselhados. Hum acerto sem conselho não o costumão louvar os sábios: hum erro com conselho não se atrevem a reproválo os prudentes. Quem para acertar desconfia de si, e confia nos outros, ainda que erre o intento, já acertou na intenção, porque a fortuna poderá perder o negócio, mas não pode perverter a docilidade, e hé melhor errar ficando com o título de modesto, que acertar merecendo o nome de presumido, principalmente quando a presumpção não só se julga por indiscreta, mas por temerária, porque temeridade hé esperar o louvor de todos quem consultou a ninguém, e só quiz ouvir o seu discurso por não admitir ambicioso

do seu applauso companheiro na sua glória. Quanto mais que hé imprudência não interessar huns entendimentos na defesa contra a crítica de outros discursos sabendose que os acertos necessitão mais de defensores que os melhores erros, por serem mais os invejosos que os capazes, e menos os indifferentes, que os apaixonados. Se Augusto quando desejou renunciar o império não se aconselhara com Agrippa, que lhe impedio a renúncia, faltaria hum dos melhores imperadores romanos. Se ElRey D. João o II não tivera o conselho de Antão de Faria, ficaria o seu nome escurecido com a injustiça de preferir a seu filho D. Jorge a seu primo D. Manoel para successor da coroa. Se Ícaro tomara o conselho de seu pay Dédalo em ir pelo meyo do ar, cortando-o com as suas azas de cera, não se derreterião com o calor dos astros em dano da sua vida. Se Faetonte abraçara os conselhos paternaes, e quizera antes que o governasse a experiênciã que governar o carro do Sol, não se abrazaria a si, e ao mundo com as suas luzes. Se ElRey D. Afonso IV resistira ao conselho dos seus ministros continuando o exercício da caça, que o separava do governo, não obraria muitas acçoens gloriosas, e empregaria a sua braveza nas feras, e não nos inimigos. Se Absalão seguira os conselhos de Achitofel, David seria o vencido, e elle o vencedor, David o dependente das ordens de seu filho, e não elle pendente dos ramos de huma árvore. Se ElRey D. Sebastião cedera aos conselhos misturados com as lágrimas dos seus vassallos, nem África se jactaria de vencer huma nação que sempre humilhou o seu orgulho, nem soffreria a Real Casa de Bragança a usurpação, e tyrannia dos três Filippes na noite escura de secenta annos, como disse o não menos zeloso que entendido Vieira.

Resta pois exhortarvos ao amor, e exercício de todas as virtudes não só com as palavras de pay, mas do pay da eloquência. Diz Cícero ao cônsul Dolabella: importa que vos imiteis, e que comvosco contendais, nem já vos hé lícito depois de tantos acertos não seres semelhante a vós mesmo. E não sendo isto lisonja, senão verdade, a exhortação hé superflua, só vos devo congratular. Mas porque não hé o

mesmo estimular à virtude hum amigo a outro amigo, que hum pay a hum filho, e a hum filho ecclesiástico, vos darey algumas razoens para a perseverança dos bons costumes. Não basta começar bem, se não continuares, e acabares melhor. Judas começou apóstolo, e acabou traidor. Alexandre começou perdoando aos inimigos, e acabou matando os vassallos. Arrepender das culpas hé o mayor acerto, degenerar das virtudes hé a mayor infâmia. Quem abraça os vícios hé frágil, quem deixa as virtudes, hélhe aleivoso. Há defeitos que durão em quanto se commettem, e há outros que se conservão para a injúria ainda depois que se emendão. Augusto bem melhorou as culpas que fez no triumvirato com o bom procedimento de imperador; mas ninguém lhe louva as aççoens de príncipe, que lhe não estranhe as de homem privado. Os cinco annos de Nero são celebrados na história romana, os mais do seu governo fez entender a muitos homens que tinha chegado o tempo do Antichristo. Calígula começou como filho de Germânico, e acabou como successor de Tibério. Perseveray pois nas virtudes que Deos vos deo para lhe seres grato, e agradecido, e para lhe mereceres a liberalidade de outras mayores, para responderes às muitas que exercitirão vossos antepassados, para servires à vossa pátria, para agradares aos nossos príncipes, para consolares a vossos pays vendo bem lograda a sua doutrina, premiados os seus trabalhos, cumpridos os seus desejos na perpetuidade da vossa boa fama.

Fim

XII

ANÓNIMO – OFICIAL DE MARINHA

Instrução particular que hum oficial de mar dá a seu filho para melhor se conduzir a bordo de huma Nao de Guerra, em que se embarca por soldado. Lisboa anno de 1761

[ADB., ms. n.º 10, fl. 43r-58r.]

Meu filho do meu coração:

Todos os homens estão obrigados a servir a sua Pátria, debaixo da obediência daquelle monarcha ou magistrado, de que nascerão vassallos, e nem ainda os príncipes estão izentos de tão inviolável ley; e a esta imitação vay principiando a obrigação pelos mayores, decorrendo athé o último indivíduo da República. Se todos tivessem iguaes talentos, e similhante inclinação para huma só profição, ou huma só arte, ficaria esta infrutífera, e as outras perdidas; por este motivo infundio a altíssima Providência diferentes génios, diferentes gostos, e diferentes habilidades nos homens.

Eu vos destinei desde a vossa primeira infância para o serviço militar, que de outra forma seria dezaprovar a eleição de nossos mayores. Achei em vós logo nos primeiros annos em que a vontade principia a declarar as paixões algum génio para o serviço do mar, em que eu estava, e ainda me acho, e essa foi a cauza por que vos fiz assentar praça na Marinha, e depois de dar tempo a fareis os vossos primeiros estudos percizos a todo o homem de bem, vos fiz embarcar na última viagem, em que fui aos portos da Bahía, e Rio de Janeiro e então achei que me não enganava, pelo que respeita à vossa índole para esta profição, e por este motivo dezejo que prosigaes o uso dos embarques; porém, como o que fizésteis foi em companhia de vosso pay, que governava a embarcação em que fósteis, será percizo que eu vos asista com algumas advertências, tiradas da longa experiência, de 31 annos de serviço, e 26 delle sobre o mar.

Embarcais prezentemente em huma nao, das que S. Magestade manda guardar dos piratas mahometanos as costas marítimas destes reinos, e as embarcações dos seus vassallos. Não vos pertence da execução desta ordem mais

que obedecer a todas que vos derem sem dúvida, controversia, ou ainda discurso sobre ellas, porque muitas vezes quem manda, sábia e prudentemente, lhe convem ocultar os dizígnios aos executores das suas determinações. Vós não levais mais carácter que o de hum soldado, pois isso hé que sois, e por consequência para a ordem do serviço vos governa até o Cabo de Esquadra, que estiver de guarda, com advertência, porém, que do que se vos encarregar por ordem legitimamente dada, o não deixareis contravir, por quem quer que for, em quanto vos não dezobrigar a mesma pessoa que juridicamente no lugar em que estiveres lhe pertencer mandarvos.

O Comandante do navio em que embarcaes, além da grandeza da sua pessoa, sempre hé naquelle lugar muito respeitável pelo seu carácter. Deve ser tratado com o mais profundo respeito, e veneração, sem [que] os actos da sua urbanidade vos abráo caminho à mais leve confiança, que como são alheyos não lhe podeis dar mais uso que o da estimação. Em consequência praticai com todos os officiaes proporcionalmente a mesma regra, de forma que entre vós e elles se veja sempre brilhar a vossa subordinação. Sobre as questões militares nunca com elle disputeis mais que quanto baste para vos instruídes, e quando o vosso discurso se não convença da sua decizão, fazei que a aceitais, sem que vos custe ceder, que pelos meynos do estudo, e mayor prática vos inteirareis da verdade.

Em nenhuma matéria deveis insistir com vigor, porque depois da vossa razão moderadamente exposta tendes satisfeito a tudo, e não sois obrigado a mais; isto se entende quando vola pedirem, porque de outra sorte será demazia nos vossos poucos annos e curtas experiências.

Aos pilotos e officiaes marinheiros tratai sempre com respeito, e atenção, como profeçores de humas artes que necessitais aprender. Aos soldados como camaradas; não como iguaes os que não forem, porém a todos com modo, e agrado, e ao resto da equipagem com afabelidade, porque hé certo que ainda sendo vossos súbditos o deveis fazer assim, quanto mais não o sendo nenhum. Prohibovos de

vos enfadardes com o vosso creado, pois até para correcção das faltas do vosso serviço, a que se obrigou, deveis recorrer ao comandante para o mande advertir, como elle o merecer.

Abstende-vos de amizades particulares no mar, porque estas ganhão-se com muita facilidade nos primeiros dois dias de viagem, e perdem-se na primeira ora de descontentamento. Entrão os homens para hum navio aonde o modo de viver hé totalmente diverso (ao menos para aquelles que não tem hum radicado uso de semelhantes lugares) e a novidade lhe faz entre o horror do trabalho e da inquietação, parecer agradáveis todos os sócios daquella mudança. Principião com os vômitos, que lhes cauza o irregular movimento do navio e a instabilidade dos objetos a soltar com imprudência os mais occultos sucessos da sua própria pessoa, da sua família, e alheios, sem atenção muitas vezes a perjuizos de crédito. Acostumãose depois dos primeiros quinze dias a viver naturalmente dentro das naos, e logo olhão para estas testemunhas da sua fraqueza, como para injustos usurpadores de hum tezoiro, que se não pode restituir, e de que vão uzando contra o mesmo, que dezacauteladamente lho confiou, trazendolhe à memória, e muitas vezes fora de tempo, aquellas indiscretas depozições. Como para defender deste damno, falta de ordinário a razão, e o artificio, principalmente entre gente mossã, recorrem aos disterios, e aos termos livres, e absolutos: ex aqui a desconfiança certa.

Também por natural aborrecimento que cauza a tristeza do mar, a saudade, o cuidado, e o dezaparecimento do projecto venturozo que cada hum forma no princípio das acções, se principião a enfadar os homens huns dos outros, e a sofrerem-se menos; por este motivo convém observar cuidadosamente os semblantes de todos para não brincar com o triste, nem zombar com o enfadado.

Não há coiza tão própria para a convivência, como a graça natural; nada há tão ariscado entre os homens como o dizer graças. No mar há poucos divertimentos e a estirilidade delles faz com que se ame, e se frequente mais

que em outra alguma parte a conversação. Quando esta não hé sustentada por homens muito eruditos, e muito discretos, ou grandes noveleiros (mais fáseis estes achar do que os outros) findão as notícias, principião as palavradadas, ou as graças picantes, humas indignas da pronunciação dos homens de bem, outras perniciosas à boa sociedade.

Se as graças se dizem geralmente reprehendendo defeitos comuns ou arremedando acções ou gestos alheyos de pessoas auzentes, mais tempo se conserva quem as diz, porque a distância, ou a insciência dos satirizados lhes serve de fiador para o socego; porém, ainda ariscandose quem diz graças, não ganha mais que fazer rir os outros homens, e ter reputação de boubo. Se se dizem as graças rosto a rosto, tocando qualquer matéria pugente, quando ella hé agradável à companhia, hé desgostante à pesoa a quem se diz, pois ninguém quer divertir o mundo à custa da publicidade ainda dos seus mais leves defeitos, e por mais que se contrafaça pelos meynos de hum dezafogado sofrimento e galantaria, tudo isto tem termo, a que se chega, e de que não passa, e ao pé deste se busca o despique, e a vingança.

Dizerem os homens graças huns aos outros, hé o mesmo que atacaremse zombando com as espadas brancas, que por mais hábeis esgrimidores que sejam, hão de ficar depreça feridos, e chegando a haver dor, passase da graça para a desgraça.

Deixemos a graça a quem Deus a quis dar, pois hé certo, que há pessoas que simplezmente são engraçadas, e que sem estudo ou ânimo de gracejar, mostrão graça em tudo o que dizem sem molestar a ninguém, e antes chamão a todos para a sua companhia desfrutando, e conhecendo nella cada hum a obra da sábia natureza, que nunca ofende, e que sempre agrada.

Se não quereis sofrer estas graças que ferem não só não as digaes a ninguém, mas nem ainda deis o menos aplauzo quando se disserem a outrem. Demaziada alegria, muitas rizadas, pouca reflexão nas palavras, e excessivo número dellas, inculca pouco talento, e são portas abertas para a dezesestimação.

De dittos de creados se não faz cazo, porque estes, como inimigos das pessoas que os dominão, folgão de as meter em empenho, esperando na água turva, ou melhorar a fortuna, ou vingar as paixões.

Os jogos de parar, ou de excessivo preço são porebidos a bordo pelo Regimento do Senhor General, e nos outros em que a civilidade ou o devirtimento próprio vos fizer entrar, mostrai que os jogais por virtude, e não por vício praticando hum meyo termo, que não pareça affectação de generosidade em coizas poucas, nem ambição de nenhuma, pois tudo igualmente aborrece, ficando sempre advertido que quando a dúvida se executa sobre este interesse, o mais bizarro hé o que mais depreça, e mais simplesmente cede, pois no cazo de se achar hum homem, que sempre questiona, e quer vencer sempre, o melhor hé fugir de jogar com elle, sem declarar a cauza, porque se evita.

A meza a que deveis comer hé de elrey; nella prezide o comandante, e em sua falta o official mais graduado, e vós ali tendes o lugar que vos for destinado, o qual poderá alterar o presidente da meza, quando lhe parecer, atendendo à melhor acomodação que julgar. Na meza, além das leis da civilidade que todo o homem de bem deve guardar, hé perciso que tinhais entendido, que a igualdade dos lugares, e dos pratos vos não izenta das difrenças do carácter. Nunca falleis à meza mais que responder moderadamente ao que vos preguntarem, e isto pode ser a todos, porém armar conversação só com o comandante se elle a quizer ter com vosco, porque com outro qualquer official não deve ser, e fazendo ambos mal, vós ficaes comprehendido. Muntas ao mesmo tempo pedem bastantes pessoas água, e não se podendo servir todas juntas, fazei por guardar a vossa se dê para o fim.

Não entreis pela câmara do comandante como quem o faz por sua caza; medi as occaziões, e não abuzeis da honra que vos fizer; porém de nenhuma forma entrareis na câmara, sem seres expressamente chamado a ella: tendo o comandante vizitas, ou havendo mandado official a bordo de outra nao, que lhe vá dar reposta da sua comissão den-

tro à câmara, nem pretendais saber segredo da expedição, nem ainda de governo intestino do navio, e se por algum cazo vos cahir na mão, guardayo, como o deveríeis fazer sendo comandante.

Se o comandante sahir à tolda, por nenhum cazo fiquéis hum só instante asentado; não pacieis na sua prezença, e se elle paccar, arrimaivos para a amurada; mas coberto elle, e os mais officiaes, podeisvos cobrir, e em todas estas coizas he melhor ser remiço, que adiantado; mas chamandovos o comandante, obray o que elle vos determinar.

Fazei muito por não ter práticas particulares com o comandante, porque ainda que ellas sejam as mais indifferentes, não faltará quem as prezuma chocalise, e neste cazo vos tratarão todos como fiscal das suas acções, e por consequência como inimigo.

Não tenhais o atrevimento de pedir ao comandante por pessoa que elle intende castigar, ou tenha em castigo: apenas se vos tocar, ou cahir a propózito desculpai o delinquente, se não poder ser deminuindo o crime, ao menos compadecendo a mizéria.

Não acozeis pessoa alguma menos que não for para evitar dano de grandes consequências, mas seja sempre servindo a necessidade, nunca excedendo os limites da precisão.

Em toda a parte devem os homens ser moderados, mas em nenhuma hé preciso que o sejam tanto como dentro de hum navio: ali se deixão ver as paixões com todo o seu tirânico império sobre os humanos. Poucos homens se cobrem ou por vontade se refreão debaixo de hum trato contínuo, e familiar com pessoas estranhas, principalmente nas horas de melancolia, e crescendo a errada concideração que muitos fazem, que porque as acções são feitas em hum navio muito longe da terra, que ficão sepultadas no mar, o que he certamente engano, pois as fábulas não derão forças para cauzar esquecimento mais que às doces aguas do Lethis, e tanto pelo contrário as salgadas do Oceano cauzão, que antes não só avivão a memória, mas ainda em muitas pessoas excitão a maledicência; medivos por esta

regra, ficando certo, que o mal que fizerdes no mar, se vos háde agravar em terra.

Fazei por guardar a vossa pobre equipagem, mas se vos furtarem alguma coiza, nunca vos queixeis, porque dahi só se tira ouvir justificar inocentes, ganhar inimigos, mas não aparecer o furto.

Cuidai de aparecer sempre limpo, e moderadamente composto, sem que o tempo que se gastar, ou o adorno que se pozer, inculque génio afeminado, ou presumido, mas ficai certo que o princípio do desprezo hé a falta de ajustamento próprio.

No modo de estar na prezença dos homens se produz huma testemunha do talento, e da criação: esparguiçar os braços, alongar muito as pernas sentado nos tamboretos, deitar sobre elle, tirar a garavata, e outras semelhantes desenvolturas dão menos cómodo a quem as pratica, que motivo de escárneo a quem as vê, e quando aparecem em sugeito, aonde os annos e o carácter lhe não tenha arrogado grande authoridade, arriscão a huma reprehensão pública, duro castigo para hum homem de bem.

Se vires alguma falta, ou esquecimento em official nunca lha digaes, e muito menos em público, exceto se for o lume sobre a pólvora, ou outra semelhante dezordem, que possa causar a roína em comum, ou a particular de qualquer humano, e que o ifeito não padeça dúvida; porem destes cazos há poucos.

Murmurar dos officiaes mayores hé crime, logo não se faz nem se ouve, e de qualquer pessoa hé peccado, e costume vil; menos que isto bastava para volo fazer aborrecer, e ficar advertido que quem governa não pode agradar a todos, e se delle ninguém diz nada, hé porque faz pouco.

Para huma descompostura última vos não advirto remédio, porque hé coiza que se não espera; se houver quem vola faça, aconselhaivos com o vosso coração, e com o vosso nascimento ficando certo, que o agressor ficará culpado das terríveis consequências da desgraça.

Quanto aos vossos estudos náuticos, creyo que o vosso comandante volos determinará pelo que só me fica a ac-

ção de vos advertir, para que vos apliqueis com cuidado, lembrandovos que a manobra hé a parte mais perciza ao oficial de mar, pois sem a possuir inteiramente não pode servir-se do seu navio para combater os inimigos, os mares, e os ventos, e nesta parte me podera alargar muito se o meu fim fosse agora exceder os limites de humas breves advertências.

Ainda que soceda a adiantarvos aos vossos condescípulos, nunca o digaes nem o deis a conhecer mais que obrando o melhor, que poderdes, porque de outra forma hé pouco para excandalizar, que para saber, e ficai certo, que não há coiza mais ridícula, que hum principiante presumido, teimozamente disputando, querendo fazer de mestre, sem mais fundamento que a vaidade e a ignorância, e como disto há muito no mundo, rigorosamente vos recomendo a moderação nesta parte.

O mar hé cheio de perigos. Todos os que se destinão para andar sobre elle, os hão de ver com ânimo constante; quazi todos os riscos costuma evitar a cautela, e vencer o trabalho. A vós por ora não toca mais que a segunda parte. Se vos achares em qualquer incidente perigozo em razão aos Elementos, nunca as vossas acções, as vossas palavras, ou o vosso aspecto o faça parecer mayor. Olhay para elle como quem o não teme, mas não como quem o despreza, porque de huma forma pareceis puzilânime, e de outra indolente, ambas perniciozas, porque causão o mesmo efeito, que hé falta de remédio, huma porque o temor o não deixa executar, e outra porque o finge desnecessário. Trabalhai da vossa parte naquillo que vos mandarem os vossos officiais; se estes vos não destinarem emprego pela confusão do successo, acodi ao que mais necessário vos parecer, fazendo muito por seres conduzido por outro mais experiente que vós (se o vires em acordo), mas sem respeitar ao seu carácter nem a vós, pois muitas vezes hum miserável marinheiro hé hábil, e proveitozo nos cazos apertados, ainda aquelles que no mar são destinados a servir com a espada, e quem acaba trabalhando, diverte mais vezes os olhos do feyo espetáculo da morte.

Para a occazião do combate: obediência, ânimo socegado, pronta execução, aspeito alegre, fero para os inimigos, e severo com os camaradas, revestir a concideração da lembrança do triunfo, fazer por infundir o mesmo espirito ainda aos homens mais baixos, a que chegar a vossa moderada jurisdição naquelle tempo, animálos para tudo com o exemplo debaixo da disciplina.

Se fores nomeado para rebater huma abordagem, ou intentála sobre o inimigo com a espada na mão, reboscar brulote, ou outra semelhante acção deste género, ahí vos solto todo o furor da mocidade, todo o ardor do sangue, toda a consideração de que sois meu filho, que saberei chorar mais lágrimas invejandovos huma morte glorioza, que pela vossa perda. Reconhecei que no mundo político não há fim mais illustre, que na defença do Rey, e do Estado, que com o próprio sangue se imprimem os caracteres da immortalidade, que os loiros da vitória se regão com o suor, que se verte nos conflitos, que nenhuma acção grande se conseguio sem huma sombra de temeridade, que a glória sempre foi filha do trabalho, e que nenhum resguardo, ou temor izentou os homens de serem mortaes.

Escrevo em último lugar o que primeiro vos devia advertir, mas como fallo em soldado, bastará que não acabe sem me lembrar que sou cathólico.

Nem huma acção pode ser bem socedida sem pureza de consciência, e inocência de costumes: estas são as principaes, e únicas bases da felicidade; hé bom trazer a vida ajustada, porque não haverá tempo, ou modo de compôla na vizinhança dos perigos. Assisti à missa todos os dias, se a vossa obrigação vo-lo não impedir: não deis mau exemplo, fugindo às oras da reza, ou pretextuando abraços a este tempo. Tende mais alguma devoção particular que as ordinárias; tratai com grande veneração os ministros da Igreja, e as coizas sagradas, sem pareceres hipócrita, ou supersticiozo podeis mostrar que sois cristão. Faltar com o respeito aos actos de religião, ou fazer alarde de certas dezenvolturas sobre elles, não hé só ser ímpio, hé também não ser honrado, porque a ley, que se profeza, pertence

como coiza própria, que se háde guardar ileza, ainda pelo preço da vida, e quem a pertende ridicular, mostra que a não defenderá depois de ter obrigação disso.

Não continuo mais estas advertências, porque quero deixar campo ao vosso discurso, para acrescentálas naquelles successos que eu não previno. Se assim o fizeres, mereceis o favor de Deus, a atenção do nosso Augustíssimo Monarcha, a estimação dos homens e a minha bênção. Deus vos guarde, etc.

Vosso pay que muito vos ama
(rubrica).

XIII

**D. FRANCISCO INOCÊNCIO
DE SOUSA COUTINHO**

[*Carta a seu filho D. Rodrigo indo para a corte*]

[AM-DS, I, 322-323]

Meu filho do meo coração:

Disse a tua May, que te mandasse à Corte na ocaziam presente, e que eu te escreveria à mesma o que me parecesse conveniente. Deves viver com modéstia, fazendo que conheçam os teus talentos, sem que pareça, que os inculcas; e como hé natural, que se provam os beneficios vagos, e tu debes ser o procurador de teus irmãos, e para este fim háde concorrer o novo Menistro o Bisconde de Ponte de Lima, que foi sempre meu antigo amigo, lhe hirás falar, lhe entregarás a carta incluza, na qual o felicito do seu despacho, e lhe mostrarás ingenuamente a necessidade em que a caza está, a pobreza em que vives, tua May, e irmãos, e feita esta pintura com as cores convenientes, e justas lhe perguntarás se quer, que tu fales à Rainha N. S., ou se quer, que fassas huma petiçam em seu nome delles, e que lha entregues, e seguirás depois o que elle te ordenare sem mais, nem menos.

Quanto a ti depois de lhe fazer ver a pobreza da Caza, lhe dirás, que estás pronto a servir em tudo o que S. Mag.e ordenar, que te empregues, e que poens a tua fortuna, e a tua vida na eleição de S. Ex.ci^a executando as ordens da Rainha N. S..

Aparecerás na Corte e nas funçoens públicas, e se vires que o Príncipe fala a alguma pessoa, procurarás falarlhe, beijarlhe a mão, e pedirlhe a sua real proteçam para ti e teus irmãos, pois tiveste a honra de ser já seu favorecido.

Em tudo o mais te portarás com decência, e com gravidade, e repara que na tua idade trabalhey com muito menos meyo a minha fortuna, e que nem meu Pay, nem nenhuma pessoa tinha por mim: trabalha tu, e considera, que do bem que fizeres, com a ajuda de Deos, háde comer. Busca também o Senhor Sá, e faze que F.^o [Francisco?] lhe escreva.

Fico para te dar gosto. Deos te guarde muitos annos.
Madrid 20 de Março de 1777
Teu Pay que muito te ama
Francisco

APÊNDICE

**CARTAS DE INSTRUÇÃO
PARA TRÊS PRINCESAS PORTUGUESAS
NAS VÉSPERAS DE CASAR**

1

Manuel I, Rei de Portugal

*Instruções de D. Manuel, rei de Portugal, a sua filha
D. Beatriz, duquesa de Saboya*¹

Señora filha:

Posto que aja por certo pelo siso que vos Noso Senhor deu e vertude, a elle sejam dados por isso muitos louvores que nam será necessário darvos lembranças do que ajaes de fazer. Por me vos pedirdes, pelo amor que vos tenho e desejo de serdes a maior acabada e prefeyta princesa que nunca foy ho faço.

Primeiramente vos peço sobre tudo teenhaes grande cuydado de por neenhuma cousa deste mundo quanto vos seja possível, nam façaes cousa com que ofendaes a Noso Señor per que elle teenha cuydado de vós pello tamto

¹ Publicada por Aníbal Fernandes Tomaz, *Cartas bibliographicas*, Segunda série, Coimbra, 1877, 15-23, que, por sua vez, como esclarece, a copiou da rara edição oferecida pelo Visconde de Alte a partir da reprodução fotográfica de um ms. do A.G. R. Itália, Turim, em 1856, onde se encontrava: *Istruzione del Re di Portogallo Emanuele, a Beatrice Duchezza di Savoya, sua figlia, in lingua portoghese, e dal medesimo sotoscritta*. Aplicando, embora, os critérios que fixamos para as anteriores, seguimos, obviamente, a lição do grande bibliófilo, assinalando em nota alguma leitura que nos pareceu duvidosa.

averdes mester, alem da necessidade e obrigaçam geeral que todos teemos.

Após isto vos rogo que sempre tenhaes muyto cuidado em amardes e comtemtardes a vosso marido e de nunca fazerdes cousa de sseu descontentamento, e em tal maneyra que amtre vós e ele se usa aver desvayro algum, e o que vos parecer que hé seu louvor e que elle deve fazer, sempre lho leenbray, e em tal modo que vosos boos conselhos e lembranças lhe façam muyto proveyto e elle conheça que lhas fazees com o muito amor que lhe temdes, fazendo sempre com aquele acatamento que hé rezam e que as molheres a seus maridos devem de ter.

Asy vos rogo e emcomendo que os irmãos e parentes chegados ao duque voso marido sejam de vós sempre homrados e favorecidos e lhe aproveytes o que beam poderdes, porque além de ser assy rezam e uso fazerdes o que devees será cousa de contentamento de voso marido e cousa pera elles mais folgarem de vós sempre e aproveitar quando se caso offerçer.

Asy meesmo nos parece que os homrrados e homrradas da terra devem receber de vós muita homrra e gasalhado segundo as pessoas foreem. E quando por elles fordes requeridos² pera os ajudardes em alguns requerymentos ou favores com voso marido e cousas que lhe cumpram, parece-nos que devees folgar de o fazer, em maneira que todos conheçam de folgardes e desejardes seu bem, e porém fazer ysto com tal temperamça que o duque voso marido se nam descontente dos requerimentos que lhe fezerdes neem tome deles importunaçam. E assy isso meesmo quando por outras pesoas fordes requerida, posto que nam sejam dos señores e omrados da terra pera por eles averdes de procurar a voso marido algumas mercês ou cousas de piedade vós folgay sempre de o fazer quando vos parecer que as cousas e pesoas forem pera yso. E porém seja tudo

² Deveria ser *requerida* como anota A. Fernandes Tomaz, mas é possível aceitar, por zeugma, a concordância.

em tal maneira que o desque não receba com yso algum nojo ou importunaçam.

As religiosas e religiosos que estiverem na conservância³ e em vertude vyverem vos encommendo que recebam de vós toda caridade e esmola que beem poderdes quando vos vierem requerer e souberdes que teem diso necessidade.

E asy folgay de os ajudardes com voso marido no que vos requererem, e ouverem mester vosa ajuda com elle.

Da onestidade e guarda e vertude de vossa casa vos peço filha que teenhães muito grande cuidado por ser cousa que tamto toca a voso louvor, e a que tamto obrigaçam teemdes.

Das vosas criadas, e criados, tende muyto cuidado pera procurardes a todos o seu boó encaminhamento e asy de os ajudardes e fazerdes mercê segundo seus serviços e necessidades, e principalmente aos que vos beem e fielmente e com amor vos servirem.

Do governo e justiça de vosas terras que a voso careguo estiverem, vos encomemdo que tenhaes muito cuidado fazeemdo tudo com conselho de voso marido. E aveemdo vós de pôr pessoas que governem a justiça e pedirdes a voso marido que vos queyra buscar e escolher pessoas que beem governem as terras em justiça e descarregue vosa conciência. E sempre trabalhares e procurares saber, quanto em vós for, como as taes pessoas ho fazem, e semdo necessário algum coregymto ou mudança de pesoa o averdes de fazer com conselho de voso marido.

De vosa fazenda filha me parece que devees trabalhar de ter boó cuidado aproveytamdo-a e olhamdo por ela quamto vós beem poderdes e asy procurando de saber de vosos officiaes dela como vos servem, pera o que for necessário averdes de emendar o remedeardes como comprir. E principalmente vos encommendo que trabalhees por que a vosa despesa seja meenos, o mais que possa ser nam leixando de compryr com o necessário a vosa onra e estado, do que for a remda que tiverdes.

³ Possivelmente *observância*.

Prazeemdo a Nosso Señor que vos dee filhos, como nelle esperamos que seja, e muy cedo, devenos⁴ de lembrar a criaçam delles seja em toda vertude e boõ emssyno como filhos vossos devem de seer e netos meus e de vossa may.

Parece-nos filha que devees sempre lembrar a voso marido quando ho caso oferecer, que queyra procurar quanto a elle seja posývel a paz y concórdia dantre o emperador e ElRey de França, porquanto serviço niso se fará a Nosso Señor e a ele e a vós tamto louvor, parecendo que por vosa parte se aproveyta nisto.

A orden do serviço da vosa capela e ouvyr os ofícios devynos segundo fostes criada vos encomemdo que tenhaes muito cuidado em tal maneira que asy neste como em todas as outras cousas de vertude e devaçam se veja que cada dia vão em vós em crescimento, e isto vos emcomemdo muito, que tenhaes muy grande cuidado, além de pelo que a vós toca, porquamto prazer e consolaçam e contentamento será pera mym ouvyr sempre estas novas de vós as quaes eu espero em Nosso Señor que eu sempre ouvirey asy como eu desejo e hé rezam que ho vós façaes.

Parece-me filha que devees hordenar uma certa cousa⁵ em vosa fazenda pera em cada hum anno despenderdes em esmolos naquelas cousas que mais caridade e serviço de Deus vos parecer e esta soma será aquela que vós beem poderdes aveemdo respeito a vosas remdas e a necessidade que teverdes, ordenamdo de ser sempre a mais carridade que poderdes avendo os respeitos sobre ditos.

Acerqua das honrras que antes vos dizemos que nos parece que debes de fazer aos irmãos e parentes do duque e aos outros señores e onrados da terra, parece-nos que debes fallar com voso marido e veer que de tudo fazerdes o que elle ordenar que lhe bem parecer.

⁴ Possivelmente *devevos*

⁵ Deverá ser *conta*

Dona Mécia filha de Dom Deniz que comvosquo vay vos encomendo que tenhaes dela muyto cuidado asy pera receber de vós toda onra e favor como seja rezam como pera a mandardes porém⁶ de todo o que lhe for necesário de vestido e de todas outras cousas asy como vos parecer que se deve fazer e que ella deve dandar. E sobre todo vos encomendo muyto que trabalhes quanto a vós seja possível por a casar e onrrar e encaminhar honradamente como ella merece por ser tam chegada a noso sangue, e ha levardes comvosquo fora de sua natureza por omde temdes a yso tanta obrigaçam.

A filha do conde dodemira me parece também que debes procurar por a casar omrradamente porque tudo que deso fezerdes será muyto louvor e avido por muyta vertude. E asy o debes procurar por esas outras damas que comvosquo levaeis.

De todas estas cousas Señora filha vos peço e encomendo muyto que tenhaes muyto cuidado e lembrança pera as averdes de fazer e compyr como merece o muito amor que vos tenho e volas digo em tal maneira que com elas primeiramente ganhes a bençam de Noso Señor, e depois de vosas avós a rainha de Casteela e minha may que tam vertuosas e eccelentes princezas foram, e asy a minha e ha de vosa mãy.

Após estas lembranças vos peço Señora filha que nõ menos teenhaes de sempre me fazerdes saber de vosa saúde e desposisam e de como vos achaes na terra, e asy todas as outras novas de vós e de todas as vosas cousas e da maneira em que estam e se fazem, porquamto prazer e consolaçam, e descanso reciberey de as sempre saber.

O que vos muito ama

Rey...

⁶ Possivelmente *prover*

2

Catarina de Áustria

*Lembranças que a Rainha, nossa Senhora, deu à Princesa, sua filha, escritas de sua mão, quando se partiu para Castella*⁷

Senhora filha:

Estas são as lembranças que elrei, meu senhor, e eu vos mostramos; e pareceu a sua Alteza bem que eu volas desse escriptas de minha mão; e vos rogo que as vejais muitas vezes, como sei vós que fareis.

Primeira couza, vontade e obras sejam sempre aderençadas a Deus, tendo muito cuidado de as fazerdes sempre taes que sejam dignas de vós.

Folgay sempre de fazerdes esmolas, segundo a possibilidade de vossa fazenda; e procurai de as fazer a pessoas virtuosas, em logar donde dellas houver maior necessidade; e as molheres religiosas e de bom exemplo honray e favorecey.

⁷ Oferecemos a lição editada por A. Costa Lobo, como apêndice de «A Infanta D. Maria, Princesa de Castella. Recomendações de seus pais por ocasião do seu casamento», *Archivo Histórico Portuguez*, 1 (1903), 131-137, 177-178.

Tende grande lembrança de ouvir sempre vossas missas e officios divinos a seus tempos, e de continuar e accrescentar vossas devações.

Occupay o tempo em boas occupações, e não o passeis em osiozidades; e procuray muito por saberdes as couzas, em que se a Imperatriz occupava e de tudo o que fazia, sendo viva, para nisso vos conformardes com ella, e tomardes exemplo de suas grandes virtudes.

Ao Emperador, meu senhor, e a vosso marido tende grande acatamento, e mostray sempre a cada um delles nas couzas de seu gosto muito contentamento; e procurareis sempre com vosso marido, que assim o faça com o Emperador seu pay, e que sua vontade em tudo seja muy conforme com a sua, porque, além de esta ser sua verdadeira obrigação, hé o que mais cumpre para todo seu descanço; e não ouçais nenhũa couza que vos for ditta, de que o Emperador possa ter escândalo de vós nem vós o receberdes delle, antes trabalhai por em tudo o servirdes; e isto hé o de que maior contentamento receberei, e o que sempre queria que fizésseis.

Os segredos de vosso marido lhe guarday mui inteiramente: em as couzas em que elle vos der parte, lhe dizei vosso parecer mui verdadeiramente, inclinando-vos sempre a fazer bem; se tiverdes descontentamento de algũa pessoa, vos inclinay à parte mais piedoza.

Não queiraes ganhar a vontade do Emperador, nem a de vosso marido, por meio de nenhũas pessoas, ainda que sejam delles mui acceytas, senão por vossas obras e virtudes, e porém aos taes folgareis de fazer honra e favor.

E, que em tudo hajais de contentar ao Emperador e ao Príncipe, vosso marido: porém será de tal maneira que, pelos muito comprazer, não percais parte algũa da grande estima em que vos devem ter, dando lhes tal razão nas couzas, e insistindo nas que forem para não conceder, de modo que eles conheção que vós entendeis todas as que fazeis pellos comprazer, e que tendes querer para não conceder as que não forem para isso, e para sentirdes não vos fazerem as justas e honestas que lhe requerdes.

Muito vos pesso que vos não lembrem ciúmes, porque vos não servirão senão de dar descontentamento ao Príncipe, vosso marido, e a vós.

A honra que haveis de fazer aos Grandes e a pessoas de Estado preguntareis ao Príncipe, vosso marido, e tereis nisso a maneira que elle vos disser.

Se souberdes algũas couzas, que vos pareça bem fallar dellas a vosso marido, fáloeis, porém, de tal maneira que elle volo receba com o amor com que lhas dizeis.

Porém, quam bom costume hé as mulheres não estarem sós, nem com hũa mulher, antes sempre acompanhadas de muitas, e às de vosso estado muito necessário, lembre-vos de o fazer assim. Vossa conversação será com as virtuozas, e folgai de as honrrar, e as que tais não forem conheção de vós que não folgais senão com a virtude e honestidade; assim o fareis com as de vossa caza, fazendo honrra e mercê às boas, e reprimendo as que o merecerem; e quando não aproveitasse, buscareis maneira de lhe dar algum honesto encaminhamento.

Quando vosso marido não dormir em vossa caza, sempre em vossa câmara dormirão quatro ou cinco molheres.

Em vossas couzas folgay sempre de vos aconselhar com aquellas pessoas que vos parecer que melhor o entenderão, e com mais amor e verdade vos dirão seu parecer; e não deis a pessoa alguma tanto crédito, que pareça que o que fazeis hé mais pello ella querer, que pela boa razão que vos disso dá, porque, pelo costume della, vos quererão levar de braço. Parece-me melhor não uzardes [...] ⁸, e se vosso marido vos fallar nisso, fazei por vos escuzardes brandamente.

Tende sempre grande cuidado da onestidade e boa guarda de vossa caza, e de vigiar sobre vossos officiaes para o fazerem melhor.

⁸ O editor anota [*Aqui faltam palavras no ms.*], falta que, aliás não assinalada pelos seus editores, as lições dos outros manuscritos conhecidos não permitem colmatar as lições dos outros manuscritos conhecidos.

Por vosa mão não me parece que deveis escrever lá a nenhũa pessoa.

Manday a vossos officiaes que olhem muito pello bom trato de vossas damas, que se fação estimar, e que se guarde o costume de cá.

Nas couzas que com rezão vos demandar paixão, tende tal temperança que não volas sinta ninguém, senão vosso marido; nem ainda ele, senão quanto cumprir para volas emmendar.

Nestes primeiros dias me parece que vos deveis escuzar com boas palavras de não aceitardes requerimentos de nenhũas pessoas para vosso marido; e ao diante serão os menos que puderdes e os mais justos e honestos, e sem importunação; e assim a Grandes e a outras pessoas não requerereis nestes dias couza algũa.

Em todas vossas couzas vos lenbre sempre guardar verdade, e fazer antes mais e dizer menos.

Tende grande cuidado da justiça em vossas terras, e de vossa fazenda, sabendo ameúde como o fazem vossos officiaes, e assim do concerto e limpeza de vossa caza.

Procurareis de cazar vossas damas honradamente; e todos vossos criados vos lenbre de encaminhar e fazer mercês, principalmente os que de cá vão com vosco.

As criadas da Emperatriz honray sempre e favorecei, porque além de ellas serem taes pessoas como são, muita obrigação tendes, sendo suas, para assim o fazerdes.

Em vossa prezença não sintaes a pessoa algũa falar palavras pouco honestas.

3

Maria Francica Isabel de Sabóia

Documentos da Raynha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, que deu à Infante D. Izabel sua filha quando houve de cazálla com o Duque de Saboya seu primo.

[BGUC., Ms. 502, fl. 162r-165r]

Argumento

Se a minha mão podera seguir ao meu coração, e apoiar o dezejo que tenho de contribuir com os meus conselhos ao estabelecimento sólido do vosso repouzo, e da fortuna espiritual, e temporal, os que vos dou neste papel, seriam tão efficazes, e persuasivos como sinceros, e affectuosos. Começarei, pois, pela primeira obrigação a que deveis atender, que hé para com Deos como principal fundamento, ou haze do edificio da vossa fortuna eterna, e temporal.

Capítulo 1º

Para com Deos

1 – Não empenheis nunca a vossa consciência por cousa nenhuma deste mundo, evitando os peccados, porque estes vos farão perder a graça de Deos mais que todos os outros males, e persuadivos que para ser ditoza ainda nesta vida hé necessário entregar de todo o coração a Deos,

porque sem isso succederão varias couzas que vos turbarão os sentidos; e, em fim, minha amada filha, o peccado hé hum tão grande mal que eu vos daria a minha vida por conservar a vossa por este mesmo princípio de verdadeiro amor, quizera antes ver que a perdieis, que vervos cometer hum só peccado que vos fizesse indigna da graça de Deos, porque hé esta morte da graça a cousa que devemos temer mais que quantos males há nesta vida, e ainda que a própria morte, não só em nós mesmos, mas nas pessoas que mais amamos.

2 – Se por desgraça vos deixardes levar de qualquer respeito humano contra a vossa consciência, e entenderdes que tendes offendido a Deos, advirtovos que não presistaes nenhum tempo neste estado, mas recorrei com a brevidade que vos for possível a pessoa com quem tiverdes confiança de espírito, para que com a sua direcção, e trato nas cousas vos animeis a sahir de qualquer peccado, e dos acontecimentos que a elle se seguem. Porque, minha amada filha, nenhũa cousa hé tão conveniente para evitar estes males, nem mais necessária ao socego da alma, e consolação espiritual, e ainda temporal, do que este recurso que vos aconselho tenhaes com o mestre do espírito, pois que sem esta diligência sempre se vive em huma perpétua dúvida, e temor; e ainda nos menores movimentos que succedem na vida, dos quaes se não pode julgar somente, nem confiar-se com segurança, senão da pessoa, cuja prudência, fidelidade, e sólida piedade tenhamos inteiramente conhecimento.

3 – Os peccados em que os grandes mais facilmente caem, e que são tanto mais perigosos, e graves, quanto menos escrúpulos fazem comettêlos, são as detrações que praticão ou que ouvem com facilidade, o ódio, a vingança, a cólera, as injustiças que se fazem, ou seja ouvindo, e crendo facilmente as mais erradas informações, ou seja condemnando as pessoas sem as ouvir, e sem huma exacta informação, seja ordenando algumas cousas, e apoiando negócios injustos, seja deixando-se persuadir ou patrocinando pessoas contra direito, e razão, as divições que se fomentão, e os desmanchos que se não remedeão

podendo, e devendo-o fazer. Os juízos temerários contra as pessoas, hé, em fim, hum abuzo que se faz ao crédito, e à authoridade.

4 – Guardai-vos sobretudo da lisonja, que hé a peste das cortes, e o contágio mais perigoso, e mais fácil de introduzir no coração das princessas moças, cuja experiência as não ajuda a fazer distinção do falso ao verdadeiro zelo daquelles que andão junto das suas pessoas. Lembrai-vos, pois, minha amada filha, que aquelles que vos lisongeão sobre vossas imperfeições, que vos não fallão mais senão daquillo que vos pode dar gosto, sem se lembrarem, que hé à custa da vossa consciência, e da vossa reputação, e que estes não vos advertirão nunca do que toca a huma, e a outra, porque taes não buscão em vós mais que a melhora de sua fortuna, e o bem de seus interesses, e não vos amão por outro respeito que o das suas conveniências, e pelo contrário aquelles que vos dicerem a verdade, ainda que correndo risco de vos desgostarem, e que temem que as vossas acçoens não sejam estranhadas, advertindo-vos das que o podem ser no público, e que pode acontecer, que os que as louvão diante de vós, sejam os primeiros que as censurem na vossa auzência. Estimai-os como aos mais fiéis e zelosos, porque he muito mais fácil lisongear aos príncipes, que dizer-lhe a verdade, e aquelles que seguem o último partido, se deve fazer toda a estimação, pois hé isto hum signal da mais pura, e mais desinteressada fidelidade. Hé necessário, com tudo, distinguir o génio dos que dizem, porque há pessoas tão inclinadas à censura, e tão difíceis de contentar que achão que contradizer ainda nas cousas de menos consideração, e se prezão muito de ser tidos por taes, e de fallar livremente dos príncipes para serem mais louvados, e estimados no público; e na boca destes taes perde a verdade a sua virtude, porque além de ser alterada ordinariamente na boca destes taes, hé tal o seu interesse que lhe faz perder a estimação, porque a ostentação que fazem de verdadeiros lhe tira todo o merecimento. Há outros que a dizem com espírito de vingança, ou inveja contra as pessoas que os príncipes favorecem, e nestes

deve ser tão suspeitosa a verdade como nos primeiros, porque sendo fementidos os intentos, os fins não devem ser puros, nem firmes; mas depois de haveres examinado o desinteresse, e sinceridade dos que volo dicerem, e o bom fim da sua tenção, e affeição que os obriga, animaivos a continuar este zeloso procedimento, mostrando-lhes agrado, porque os príncipes devem abrir a boca à verdade, e fechálla à lisonja, mostrando que ouvem hũa com gosto, e outra com dissabor. Tenhome alargado muito neste ponto, que parece que presentia mais as obrigações que entre nós devemos mutuamente observar, do que as que se devem dirigir a Deos, ainda que as consequências deste argumento demonstrão alguma similhança, além de que o julguei por acertado praticar este ponto a huma princesa moça de tamanha suposição que está sempre cercada de admiradores, e que todas as horas estará ouvindo repetir, soar, retumbar, retenir de seus louvores, e o que o meu zelo me levou mais distante do que eu havia determinado chegar. Mas tornemos ao argumento de que me apartei, e ordenemos, minha amada filha, a vossa jornada de maneira que seja agradável desde o princípio athé ao fim àquelles a quem nos as devemos todos consagrar, não obstante as diversas occupaçoens, e divertimentos que embarração hũa grande parte.

5 – Em primeiro lugar, a primeira cousa que fareis em acordando pela manhã, fareis algũa elevação de coração a Deos, e alguma breve oração, levantando-vos; depois de vestida retirar-vos-eis ao vosso gabinete hum quarto de hora, e ali depois de adoraes a Deos, e de pedir-lhe a sua protecção para aquelle dia, lereis qualquer discurso cathólico, ou algum capítulo da Imitação de Jesus Christo, ou da Introdução à vida devota, ou outra qualquer breve consideração, fazendo reflexão nella, perguntando a vós mesma como a praticaes no exercício, e o proveito que della podeis tirar; e, em fim, acabando por hũa boa resolução de não offender a Deos naquelle dia, e prevendo em geral, e em particular, se poder ser, algũa boa obra que possaes fazer.

6 – Ouvi logo a missa com respeito, e tenção sem fallares, e dizei durante este tempo as orações, e actos interiores de fé, e de amor de Deos, e em pezar dos peccados que houvéreis commetido.

7 – Tomai tempo determinado depois de jantar em que tenhaes meia hora de lição espiritual de algum livro que acheis mais proporcionado à vossa commoção interior, e rezareis as vossas contas, ou Officio da Virgem N. Senhora devotamente.

Fazei todas as noites a vossa costumada oração, e exame antes de vos recolheres a dormir, vendo em que podereis haver offendido a Deos naquella dia, e se haveis guardado o que haveis determinado, pedindo-lhe logo perdão de coração, e propondo emmendar-vos ao diante.

8 – Confessai-vos, e commungai todos os quinze dias, e na véspera do dia em que commungares, tende huma hora de conferência espiritual com o vosso confessor para vos dispores melhor.

Capítulo 2º

Para comsigo mesma.

1 – Não vos enfadeis exasperando-vos por cousas ordinárias. Não vos deixeis dominar de certas paixões fortes, e violentas; e se vos sentires enfadada, deixai para outra hora, ou para outro dia aquillo que naquella occasião quereis dizer, ou fazer, porque a ância, ou moléstia vos não obrigue fazer cousa do que vos hajais de arrepender depois.

2 – Para vos reportares com moderação razonável, reprimi cada dia três, ou quatro movimentos dos que no ânimo costumão levantar a cólera, a impaciência, a tristeza, e a prontidão oppondo-vos à vossa vontade, e ao vosso génio, e offerendo-os a Deos logo pela manhã, persuadindo-vos ser este o sacrificio mais agradável que possaes fazer ao mesmo Senhor, e o meio mais efficaz de lhe fazer a vontade, e de alcançar a sua graça.

3 – O excessivo desejo de contentar, e de ser louvada, a ambição demasiada, a presumpção que se tem de si mesmo,

ter⁹ cada hum a liberdade de fazer tudo, e de dizer tudo, as pressas immoderadas, e muitas vezes importunas para tudo o que se apetece, enfadar-se facilmente das menores cousas que os domésticos, e inferiores não fazem à nossa vontade, são vícios ordinários, e jornaleiros nos príncipes, ao que deveis attender particularmente, e evitállos quanto vos for possível.

Capítulo 3º

Das cousas domésticas

Hé de tanta importância este ponto, que não posso deixar de me dilatar muito na ponderação delle, porque do modo com que o praticaes, depende a boa, ou má fortuna de toda a vossa vida, e por consequência de vossos pays, e de todo este reyno, do qual deveis sempre conservar o respeito, digo, deveis compor toda a felicidade delle.

1 – Deveis conservar sempre o respeito, a obediência, e amor àquelles que vos derão o nascimento, porque aquelle mesmo respeito que vós deveis depois de cazada ao príncipe que Deos vos der por marido, se conforma bem com o respeito que deveis a vossos pays, advertindo que deveis formar a união, e a liga entre toda a família, de maneira que depois dos motivos da obrigação, e virtude que vos persuadem a fazer dar o gosto possível a este príncipe, hum dos motivos que vós particularmente deveis considerar hé unilo quanto podéreis a vossos parentes, e elles a ella, e a esta concórdia vos deveis applicar mais que a nenhũa outra cousa. Para o havêreis de conseguir, evitar todos os mexericos, ou dixeimes, ainda que tenham semblante de verdadeiros; todos os conselhos, e tudo aquillo que vós podereis imaginar, poderá inquietar esta boa intelligência, porque hum interesse secreto, huma paixão dissimulada, a imprudência, ou zelo indiscreto das pessoas assistentes aos príncipes moços, hé o que ordinariamente perturba os fa-

⁹ No original *tem*

miliares da corte, e a sociedade dos príncipes. Applicai-vos tãobém cuidadosamente a conhecer o génio de S. A. R. para concorrerdes em tudo o que poder dar-lhe gosto, ainda que seja violentado o vosso. Condescendei com a sua vontade, e segui as suas inclinações em tudo o que não encontrar a vossa consciência. Relevai com brandura os seus defeitos, porque não há ninguém neste mundo que se izente delles, e não digaes nunca cousa que o possa desgostar, ou enfadar, particularmente quando o vires com algum pezar, e quando o sentires de mau humor, e não lhe accrescenteis o enfado com respostas desabridas, e secas; porém, depois de passada esta tromenta, se elle houver dito, ou feito algũa cousa contra a razão procurareis quanto vos for possível com brandura, e carícias dar-lha a conhecer, para que seja reportado, porque desta maneira lhe ganhareis mais facilmente o ânimo em poucos annos, do que por qualquer outro modo em muitos. Tãobém deveis não fazer reparo em muitas palavras, e acções de pouca consideração, que muitas vezes succede dizerem-se sem segundas tenções, e que não trazem comsigo consequências que hajão de temer-se; e com esta indústriã evitareis querer-se averiguar algũas cousas que na frequêcia dellas se vem a alterar o espirito, o ânimo que talvez estará com propensão a alterar-se, ou enfadar-se, quanto mais que estas cousinhas não são capazes de causar-vos enfado, e menos de que o demos a outrem. E sobre tudo o desprezar estas cousas faz que a mocidade se passe com gosto, e que se estabeleça no ânimo hũa mansidão que faça suave o discurso de toda a vida; e hé escusado embaraçar-se ninguém com pezares inúteis, e por este meio adquirireis estimação, e confiança de vosso marido, porque quando¹⁰ elle reparar que sofreis brandamente as paixões do seu ânimo, e que tolleraes, e dissimulaes o seu ânimo, digo os seus defeitos, e que, em fim, estudaes na sua inclinação o modo de conformarvos a ella, ainda que seja contrária à vossa, infalivelmente senhareareis com

¹⁰ No original repetido *porque quando*

esta indústria o seu coração, e estabeleceréis solidamente entre ambos huma ditosa vida, e cumprireis perfeitamente todas as obrigações que Deos vos encomenda, tanto para com vosso marido, como para com vossos pays. E assim o amor, e união que este methodo de viver estabelecerá entre vós ambos, vos facilitará aquelles mesmos meios, de que deveis usar com os parentes que vos amão ternamente, e inspirão em vosso marido os mesmos sentimentos, e, em fim, procurareis unir de maneira o seu coração com o vosso, e com os nossos, que sendo quatro, parecerão hum pela conformidade; e assim espero da vossa inclinação, da vossa docilidade, do vosso júzo, e sobre tudo da graça de Deos, a quem deveis particularmente pedir vos encaminhe neste modo de vida, que hé a mais importante para a vossa conservação, e pedir-lhe que vos inspire o que for mais conveniente para glória sua, e para a vossa fortuna eterna, e temporal. Empenho-me com tantas veras em huma, e outra felicidade destas, que querendo dar-vos breves os documentos para facilitar-vos a prática delles nas occasioens que se offerecerem, e para vos haverem de servir somente de despertar a memória de tempo em tempo, me alarguei demasiadamente sobre huma matéria que de succeder vos enfastie, e vos fatigue, mas pareceo-me tão necessária, que julguei por prejuizo não deixar passar¹¹ sem advertência hũa cousa que dezejo efficasmente gravar na vossa memória, e quis antes alargar o discurso, que deixando de dizer-vos huma palavra, que pode ser útil em matéria tão importante. Porém, tornemos ao fio do discurso que fazíamos sobre os domésticos inferiores, entre os quaes se passa a maior parte da vida, e com os quaes hé muito necessário saber-se governar com prudência.

2 – Nesta matéria vos recatareis dos domésticos em quem haveis reconhecido espírito inquieto, e turbulento, e capazes de violentos conselhos, e de cauzarem suspeitas levemente, e trazerem ditos perigosos debaixo do pretexto de zelo.

¹¹ No original repetido *não deixar passar*

3 – Não fiareis nunca sem necessidade segredos importantes aos domésticos, e particularmente a mulheres, cujo sexo tem pouca prudência para callar, e hé fácil de se deixarem persuadir de qualquer engano, porque com a menor occasião de enfado, e ainda sem elle, se deixão persuadir, e poderão revelar o segredo com grande prejuizo de vossos interesses, e de vossa reputação. Há poucos príncipes, que na sua adolescência não commetão seus erros nesta matéria, dos quaes ordinariamente se arrependem depois, e são raros os que não tem junto de si pessoas que costumão ser infieis de sua confiança, e são estes aquelles de que communmente se fião mais.

4 – Não seja o vosso empenho secretamente em recompensares a estas, ou aquellas com promessas consideráveis, dilatadas, e futuras, mas somente lhes fareis entender, que attendereis, e agradecereis ao seu serviço, e fidelidade, e de nenhum modo lhes prometais cousa alguma, que vos seja necessário guardar exactamente a palavra, em cazo que vós, e elles vinhaes a mudar de parecer, ou que o estado presente das cousas vos não permitissem cumprir.

5 – Não consintireis que entre os vossos criados haja discensões, e quando a nenhum delles se favorece, todos vivem descontentes, mas quando se patrocinaõ huns contra os outros, aquelles que conhecem o nosso desagrado, são os inimigos domésticos, que vão revelar tudo quanto se passa na caza, e os que convertem veneno da triaga, e destes taes se colhe muito mau serviço, e hé gente que muito facilmente se compra contra seus amos em havendo necessidade delles.

6 – Tereis particular cuidado em que Deos seja bem servido de vossa família, e não soffrereis nella desordens, e o fareis de modo que se conheça favoreceis, e estimais a virtude naquelles em que a conheceres sincera, e bem ordenada, porque além de ser serviço de Deos, o que devemos sempre attender com preferêcia ao nosso, vós sereis sempre melhor assitida daquelles que lhe forem mais tementes.

Capítulo 4º

Para com os vassallos

1 – Trabalhereis com todo o cuidado de vos fazeres amável de vossos vassallos, tratando-os com huma doçura, e bondade que se não abata a magestade no tratamento, nem os chegue demasiadamente a ella, mas que lhe infunda respeito, e amor, contentando com palavras aquelles que não podem satisfazer, fazendo-lhes o que pedem, não offendendo nunca a ninguém com desprezo, zombaria, nem palavra picante, porque isto será grangear inimigos, que com difficuldade tornão a reconciliarse; e estas cousas são muito mais para estranharmos nos príncipes, que nos particulares, cujas offensas não offendem tão sensivelmente, porque as suas acçoens não estão tão expostas à censura pública; e, em fim, lhe emcobrireis os seus defeitos, e não permitireis que se fação públicos em presença vossa.

2 – Ouvireis brandamente o que se vos quizer dizer, seja para vos pedirem qualquer mercê, ou para se justificarem de qualquer accusação, porém não vos resolvais a crer, nem a conceder o que vos pedirem, se não depois de o havêreis bem examinado a pertinção, e, em fim, mostrareis a todos clemência, e compaixão, e sobre tudo fareis por que conheção grande moderação, e igualdade em todas as vossas acçoens, porque he isto o que mais atrahe o amor, e estimação dos vassallos.

Ex aqui, minha querida filha, o que me ditou o amor que tenho à vossa glória, à vossa reputação, e à vossa preciosa pessoa, e espero que estes documentos vos sejam de maior utilidade para o futuro, que para o presente, porque a vossa boa inclinação, e a luz clara que reconheço no vosso entendimento com as mais prendas que nascerão com vosco, me fazem persuadir a esperar (dando-me Deos vida) que heide vevros praticar não somente os documentos que vos escrevo neste papel, mas que heide vevros exceder ainda as clausulas da perfeição que nelle vos insinuo, e que heide ter o gosto de vos ver amada, e admirada, assim destes reynos, e de Sabóya, mas de toda a Europa, como a mais cathólica, e a mais perfeita princesa do mundo. Deos

o permita assim, mas estai certa, primeiro que tudo, que
hé Deos somente a quem deveis esta glória, esta ventura,
pois que a vossa depende unicamente da divina bondade,
e do amor que deveis ao seu serviço.

Este
livro
Pais e Nobres,
editado pelo CIUHE.
da Universidade do Porto
sob os auspícios da Fundação
para a Ciência e Tecnologia,
foi composto por Mário Brito
e impresso pela Gráfica
Maia d'ouro,
dando-se por acabado
no dia 25 de Maio
de dois mil e nove,
festa de S. Beda, o Venerável

